



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

ANA CÁTIA SILVA DE LEMOS COLARES

**O CARÁTER AUTÔNOMO DOS DÊITICOS SOCIAIS EM MISSIVAS DOS
SÉCULOS XVIII A XX: UM ESTUDO EM TRADIÇÕES DISCURSIVAS**

FORTALEZA

2021

ANA CÁTIA SILVA DE LEMOS COLARES

O CARÁTER AUTÔNOMO DOS DÊITICOS SOCIAIS EM MISSIVAS DOS SÉCULOS
XVIII A XX: UM ESTUDO EM TRADIÇÕES DISCURSIVAS

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Margarete Fernandes de Sousa.

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- C649c Colares, Ana Cátia Silva de Lemos.
O caráter autônomo dos dêiticos sociais em missivas dos séculos XVIII a XX: : um estudo em
Tradições Discursivas / Ana Cátia Silva de Lemos Colares. – 2021.
190 f. : il. color.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação
em Linguística, Fortaleza, 2021.
Orientação: Profa. Dra. Maria Margarete Fernandes de Sousa.
1. Referenciação. 2. Dêixis social. 3. Tradição Discursiva. 4. Atos de fala. I. Título.

CDD 410

ANA CÁTIA SILVA DE LEMOS COLARES

O CARÁTER AUTÔNOMO DOS DÊITICOS SOCIAIS EM MISSIVAS DOS SÉCULOS
XVIII A XX: UM ESTUDO EM TRADIÇÕES DISCURSIVAS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em: 29/09/2021.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Margarete Fernandes de Sousa (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Lucineudo Machado Irineu.
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Profa. Dra. Mariza Angélica Paiva Brito
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Profa. Dra. Jammara Oliveira Vasconcelos de Sá
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

Profa. Dra. Mônica Magalhães Cavalcante

A Deus.

Aos meus Samuel e Sofia Laura.

AGRADECIMENTOS

Quando comecei o percurso desta tese, imaginei a defesa com uma grande comemoração ao lado das pessoas que mais me apoiaram para que esta tese se tornasse real. Imaginei-me defendendo ao lado dos meus queridos amigos e apoiadores do Grupo de pesquisa que me acolheu no distante ano de 2010, todos iríamos tomar o delicioso café da minha amiga Lucineide, acompanhado de uma generosa fatia de bolo, trazido por uma das amigas, como a Meyssa ou a Cilânia, todos iríamos rir e agradecer a Deus por ter nos colocado no caminho da nossa mestre Margarete e por termos a felicidade de compartilharmos conhecimento ao lado de professoras que hoje são também nossas amigas, como a Abniza, a Ednilza.

Na comemoração da minha imaginação, não poderia deixar de contar com a presença ilustre e com o humor da querida professora Mônica Magalhães. Certamente, suas palavras, o aprendizado nas suas aulas, a alegria da sua pesquisa me motivaram a escrever e a persistir com este trabalho. Assim, como a leitura da professora Mariza e do professor Lucineudo, que foram força motriz para quem já sentia o peso dos 6 anos de pesquisa (somando doutorado e mestrado). Aliás, na festa da minha imaginação, está Lucineudo com sua xícara de café me perguntando sobre Master Chef e trocando figurinhas da vida paterna comigo. Obrigada por acolher a mãe pesquisadora que nasceu com esta pesquisa!

Na festa que desenhei para agradecer a todos, o momento mais especial é o da leitura do parecer da banca, momento em que chamaria para ficar ao meu lado, no “palco” da sala de defesa do Programa de Pós-graduação em Linguística, meu companheiro de jornada, Samuel, e minha companheira de escrita, Sofia Laura. As pessoas que viveram de perto o “rasgar-se e remendar-se” que é escrever uma tese. Esta pesquisa não existiria sem os questionamentos e as conversas com você, Samuel. Esta pesquisa não existiria sem a minha vontade de ser melhor para você, Sofia Laura.

Ao imaginar minha defesa, também incluía os sorrisos e a presença dos meus amigos de tese, Jorge e Jaqueline. Hoje, como gostaria de dar um abraço em vocês e dizer obrigada! Assim como, não poderia deixar de guardar um pedaço de bolo e agradecer aos funcionários do PPGLing, que são sempre tão importantes.

A descrição da festa que sonhei ficará registrada em meus agradecimentos, para marcar o tempo de dor, sofrimento e perdas que vivemos nos últimos dois anos. Não houve festa para minha defesa, pois 569 mil brasileiros, muitos dos quais custearam esta pesquisa, por meio de alta taxa tributária, perderam a vida para uma doença que foi menosprezada pelo Governo Federal deste país. O mesmo governo que cortou investimentos na ciência e que contribuiu para o aumento do desemprego e da inflação, ainda assim, boa parte desta pesquisa foi custeada por intermédio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES que me forneceu bolsa de estudos.

Fique registrado em meus agradecimentos que o povo brasileiro pagou meus estudos desde a 5ª série do ensino fundamental, o povo brasileiro bancou minha graduação, meu mestrado e meu doutorado. À figura do povo marcada no rosto cansado de minha mãe, ao povo brasileiro, o meu agradecimento! E que o povo brasileiro saiba reconhecer-se como sujeito autônomo no campo da linguagem. E meus maiores agradecimentos a Deus, por me salvar e me guiar em cada lauda.

/

“Não há você sem mim e eu não existo sem você”
MARIA BETHÂNIA, 2003.

“....Mas se quer ficar, saiba: vou tá contigo, amor, no fim da caminhada”
Daniel Groove.

Aos meus, Samuel, Sofia Laura, Dominique
Ao futuro seja João Sêneca, seja Teodora.

RESUMO

Os estudos em Linguística Textual retomam alguns pressupostos de Saussure ([1916], 2003). Assim, como consequência desse pressuposto saussuriano e adotando o pensamento defendido por Mondada e Dubois (2003), acreditamos que as categorias criadas para descrever o mundo ao nosso redor vão se alterando conforme os enunciados, permitindo, portanto, que se possa concluir que as categorias são mutáveis e plurais. Dentre esses elementos, que constroem os processos referenciais, destacam-se as relações referenciais dêiticas. Nosso objetivo geral nesta investigação é caracterizar os dêiticos sociais como uma categoria dêitica independente, instituída por aspectos *panlinguísticos* que refletem as relações sociais hierárquicas na linguagem, a partir dos pressupostos teóricos da Linguística de Texto e da teoria das Tradições Discursivas. A fim de cumprimos esse objetivo, apoiamos nos estudos de Cavalcante (2000, 2011, 2013), Ciulla (2002, 2008), Benveniste (1976), Lahud (1979), Lyons (1979), Filmore ([1984],1997), Mondada e Dubois (1995), Apothéloz (2003), dentre outros. Tomando como referência os estudos basilares sobre Tradição Discursiva, serão considerados os trabalhos de Coseriu (1980, 2006, 2007), Koch (1997, 2008), Oesterreicher (2001, 2008), Kabatek (2001, 2004, 2005), dentre outras pesquisas que retomem as bases epistemológicas da TD. Esta pesquisa tem caráter indutivo e está classificada sob o ponto de vista descritivo, além disso, inscrevemos este estudo numa perspectiva, majoritariamente, qualitativa. Com o intuito de comprovarmos a autonomia do dêitico social, analisamos 59 cartas, das quais 42 foram do gênero oficial, 12 dos gêneros carta ao redator/leitor e 5 classificadas como cartas pessoais, todas retiradas de corpus com acesso informatizado a partir do banco de dados do Projeto Para História do Português Brasileiro (PHPB). A coleta de dados foi realizada no ano de 2020 e avaliou 59 cartas dos séculos XVIII, XIX e XX, compreendendo um período temporal de 259 anos ao todo, divididos em períodos temporais menores de 35 anos que intercalam duas gerações de cada século. Como conclusão, podemos apontar que os dêiticos sociais estabelecem processos de mudança e permanência discursiva em atos de fala que contribuem para instaurarem as pessoas do discurso, apontando não apenas para o enunciador como também para o enunciatário, marcando a autonomia do campo dêitico dos dêiticos sociais, ademais relações de poder construídas ao longo do tempo e institucionalizadas por esses dêiticos podem colaborar para a manutenção de uma hierarquia social cristalizada por meio da língua.

Palavras-chave: referenciação; dêixis social; tradição discursiva; atos de fala.

ABSTRACT

Studies in Textual Linguistics take up some of Saussure's assumptions ([1916], 2003). Thus, as a consequence of this Saussurean assumption and adopting the thought defended by Mondada and Dubois (2003), we believe that the categories created to describe the world around us will change according to the statements, thus allowing us to conclude that the categories they are mutable and plural. Among these elements, which build the referential processes, the deictic referential relations stand out. Our general objective in this investigation is to characterize social deictics as an independent deictic category, instituted by panlinguistic aspects that reflect the hierarchical social relations in language, from the theoretical assumptions of Text Linguistics and Discursive Traditions theory. In order to fulfill this objective, we rely on studies by Cavalcante (2000, 2011, 2013), Ciulla (2002, 2008), Benveniste (1976), Lahud (1979), Lyons (1979), Filmore ([1984], 1997), Mondada and Dubois (1995), Apothéloz (2003), among others. Taking as reference the basic studies on Discursive Tradition, the works of Coseriu (1980, 2006, 2007), Koch (1997, 2008), Oesterreicher (2001, 2008), Kabatek (2001, 2004, 2005), among other researches will be considered. that take up the epistemological bases of DT. This research has an inductive character and is classified under the descriptive point of view, in addition, we inscribe this study in a mostly qualitative perspective. In order to prove the autonomy of the social deic, we analyzed 59 letters, of which 42 were of the official type, 12 of the letter to the editor/reader and 5 were classified as personal letters, all taken from a corpus with computerized access from the database. data from the Project for the History of Brazilian Portuguese (PHPB). Data collection was carried out in 2020 and evaluated 59 letters from the 18th, 19th and 20th centuries, comprising a time period of 259 years in total, divided into time periods of less than 35 years that intersperse two generations of each century. In conclusion, we can point out that social deicts establish processes of change and discursive permanence in speech acts that contribute to establish the people of discourse, pointing not only to the enunciator but also to the enunciatee, marking the autonomy of the deictic field of social deictics , in addition to power relations built over time and institutionalized by these deictics can contribute to the maintenance of a social hierarchy crystallized through language.

Keywords: referencing; social deixis; discursive tradition; speech acts.

RÉSUMÉ

Les études en Linguistique Textuelle reprennent l'hypothèse de Saussure ([1916] 2003). Ainsi, en conséquence de cette hypothèse saussurienne et en adoptant la pensée défendue par Mondada et Dubois (2003), nous pensons que les catégories affectées pour décrire le monde qui nous entoure changeront en fonction des énoncés, permettant ainsi de conclure qu'en tant que catégories ils sont mutables et pluriels. Parmi ces éléments, qui construisent les processus référentiels, se détachent les relations référentielles déictiques. Notre objectif général dans cette enquête est de caractériser les déixis sociales comme une catégorie déictique indépendante, instituée par des aspects pan-linguistiques qui reflètent les relations sociales hiérarchiques dans le langage, à partir des hypothèses théoriques de la théorie de la Linguistique Textuelle et des Traditions Discursives. Pour remplir cet objectif, nous nous appuyons sur les travaux de Cavalcante (2000, 2011, 2013), Ciulla (2002, 2008), Benveniste (1976), Lahud (1979), Lyon (1979), Filmore (1984, 1997), Mondada et Dubois (1995), Apothéloz (2003), entre autres. Prenant comme référence les études fondamentales sur la Tradition Discursive, seront pris en considération les travaux de Coseriu (1980, 2006, 2007), Koch (1997, 2008), Oesterreicher (2001, 2008), Kabatek (2001, 2004, 2005), entre autres recherches qui reprennent les bases épistémologiques de la DT. Cette recherche a un caractère inductif et est classée sous le point de vue descriptif, de plus, nous inscrivons cette étude dans une perspective essentiellement qualitative. Afin de prouver l'autonomie de la déixis sociale, nous avons analysé 59 lettres, dont 42 de type officiel, 12 de type lettre au genre éditeur/lecteur et cinq que nous avons considérées comme des lettres personnelles, toutes issues d'un corpus avec accès informatisé à partir de la banque du *Projeto Para História do Português Brasileiro* (PHPB). La collecte de données a été réalisée en 2020 et a évalué 59 lettres des XVIIIe, XIXe et XXe siècles, comprenant une période de 259 ans au total, divisée en périodes de moins de 35 ans qui entrecoupent deux générations de chaque siècle. En conclusion, on peut signaler que les déixis sociales instaurent des processus de changement et de permanence discursive dans les actes de parole qui contribuent à établir les gens de discours, en désignant non seulement l'énonciateur, mais aussi l'énoncé, marquant l'autonomie du champ déictique de la déixis, en plus des relations de pouvoir, construites dans le temps et institutionnalisées par ces déixis peuvent contribuer au maintien d'une hiérarchie sociale cristallisée par le langage.

Mots-clés: référencement; déixis sociale; tradition discursive; acte de parole.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Esquema de apresentação dos recursos teóricos reivindicados pela pesquisa	30
Figura 2 - Níveis da linguagem de Coseriu (1980)	33
Figura 3 - Esquema de Kabatek (2005).....	38
Figura 4 - tripé de categorias para análise.	48
Figura 5 - Esquema de Jungbluth.	50
Figura 6 - processo de autorreferencialidade do EU e de referência ao TU.....	67
Figura 7 - Caracterização dos dêiticos sociais proposta por Colares (2019).....	73
Figura 8 - Relação de cargos e pronomes de tratamento usados pelo Governo Federal.	96

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Proposta de análise	86
Quadro 2 - Análise.....	87
Quadro 3 - Procedimentos de análise	90
Quadro 4 - Condicionantes pragmáticos e ocorrências dêiticas	108
Quadro 5 - Condicionantes pragmáticos e ocorrências dêiticas	113
Quadro 6 - Condicionantes pragmáticos e ocorrências dêiticas	118
Quadro 7 - Condicionantes pragmáticos e ocorrências dêiticas	120

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..	14
2 PERCURSO INTRIGANTE – RELAÇÕES REFERENCIAIS EM ESTADO DE MUDANÇA E PERMANÊNCIA.....	20
3 SOBRE TRADIÇÕES DISCURSIVAS, REFERENCIAÇÃO E CONDICIONANTES PRAGMÁTICOS EM INTERFACE.....	31
3.1 Tradições discursivas: a construção de um percurso com o uso de dêiticos sociais.	31
3.2 Processos referenciais dêiticos: o uso de dêiticos sociais como processos de mudança e permanência.....	49
3.3 Condicionantes pragmáticos: o uso de dêiticos sociais na construção de uma tradição discursiva.....	66
3.4 Interface: dêiticos sociais, tradições discursivas e condicionamentos pragmáticos para uma análise diacrônica	72
3.4.1 <i>Condicionantes pragmáticos: Atos de fala</i>	74
3.4.2 <i>Condicionantes pragmáticos: Teoria da polidez</i>	76
3.5 Aspectos panlinguísticos e a função dêitica social.....	78
4 SOBRE TRAJETOS METODOLÓGICOS.....	81
4.1. Caracterização da pesquisa (orientação epistemológica, tipo e natureza).....	81
4.2 A construção do <i>corpus</i>	83
4.2.1 <i>Caracterizando o gênero analisado</i>	84
4.3 Procedimentos analíticos: categorias e etapas	89
5 PROCESSOS DÊITICOS: INFLUÊNCIAS PRAGMÁTICAS E PANLINGUÍSTICAS	91
5.1 A autonomia dos dêiticos sociais inter-relacionada com os condicionantes pragmáticos e panlinguísticos: análise da função dêitica num processo diacrônico.	91
5.2 O propósito comunicativo das cartas e o uso de dêiticos sociais.	93
5.3 Procedimento textual e caracterização dos dêiticos: mudança e permanência na função dêitica	101
5.4 Procedimento pragmático: traços de mudança e permanência nas escolhas dos dêiticos sociais	112

5.5 Procedimento sociocultural: traços de mudança e permanência na orientação panlinguística.....	121
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: finalizando um percurso.....	131
REFERÊNCIAS.....	134
ANEXOS – CARTAS ANALISADAS.....	141

1 INTRODUÇÃO

A maneira como a língua é utilizada para fazer referência aos objetos do mundo é um dos temas mais intrigantes da Linguística Textual, pois muitas perspectivas foram adotadas a fim de se buscar uma definição para a forma como fazemos referência ao que está posto no mundo. Atualmente, a visão adotada por Mondada (1997) é a mais aceita, pois considera que construímos as referências aos objetos do mundo de maneira colaborativa, envolvendo ações que são produzidas coordenadamente. Assim, acredita-se que a nossa prática social é regente da construção referencial dos textos.

Nesse processo de construção de sentidos, uma noção se faz importante: a de marcas de referência no discurso. Sabemos que, conforme Benveniste (1976), a partir da interação, os participantes da enunciação constroem marcas para se referir a porções discursivas. Logo, os elementos referenciais emergem de situações sociais, construídas por sujeitos que estabelecem esses processos referenciais, a partir do universo sociocultural em que estão inseridos. A Linguística Textual, nesse ínterim, compreende a área da Linguística que aborda o estudo desses elementos referenciais nessa perspectiva.

Dessa forma, os estudos em Linguística Textual retomam o pressuposto de Saussure de que: “bem longe de dizer que é o objeto que precede o ponto de vista, diríamos que é o ponto de vista que cria o objeto” ([1916], 2003, p.23). Assim, como consequência desse pressuposto saussuriano e adotando o pensamento defendido por Mondada e Dubois (2003), acreditamos que as categorias criadas para descrever o mundo ao nosso redor vão se alterando conforme os enunciados, permitindo, portanto, que se possa concluir que as categorias são mutáveis e plurais.

Dentre esses elementos que constroem os processos referenciais, destacam-se as relações referenciais dêiticas, cuja referenciação atualiza essa *re-construção* do mundo de que os sujeitos fazem uso. Nesse sentido, dêiticos são elementos referenciais que recuperam informações do enunciado em um plano que, nesta tese, denominamos de panlinguístico.

Justamente por agregar coordenadas que orientam toda a organização discursiva dos enunciados e, por, não caber mais nas discussões da atual Linguística Textual a expressão *extralinguístico*¹, uma vez que esse termo marca a construção de um espaço além texto o qual não concordamos, dado que toda expressão comunicativa pode estar configurada por um texto (HANKS, 2008), optamos por usar o vocábulo panlinguístico para designar as relações culturais, sociais e históricas que permeia a linguagem, especificamente, em relação ao uso

¹ Justificamos melhor nossa opção pelo termo panlinguístico posteriormente.

dos dêiticos sociais.

No subtópico: *O extralinguístico, a linguagem e as Tradições Discursivas* (doravante TD), expomos melhor as ideias que embasam nossa decisão pelo uso da expressão panlinguístico e relacionamo-las com os pressupostos das Tradições Discursivas, outro importante pilar que sustenta os pontos de vistas resguardados nesta pesquisa, no intuito de analisar o percurso de mudança e permanência do uso de elementos referenciais dêiticos sociais.

A respeito das características dos dêiticos, Ciulla (2008, p.56) defende que os dêiticos se caracterizam por dois traços específicos: a *ostensão*, que marca os limites do objeto referido, e a condição de *subjetividade*, que estabelece os vínculos entre os participantes do discurso.

No entanto, a principal característica enunciativa desses elementos reside no fato, segundo Apothéloz (2003, p.66), de que os dêiticos devem se apoiar nos “parâmetros de lugar, de tempo e na pessoa da situação enunciativa”. Com isso, compreendemos que as principais categorias de dêiticos são: pessoais, temporais e espaciais. Os primeiros por inserirem o sujeito na enunciação, os segundos por delimitarem o tempo em que ocorre o ato comunicativo e os últimos por identificarem o espaço onde a enunciação é constituída.

Essa característica marca, segundo Bühler (1982), as coordenadas discursivas nas quais os interlocutores se baseiam para guiarem sua enunciação. Para o autor, essa característica dos dêiticos é a sua principal diferença em relação a outros processos referenciais, como a anáfora. O autor compreende que as relações referenciais da linguagem são estabelecidas mediante dois campos: o campo simbólico e o campo mostrativo.

Ao primeiro, Bühler (1982) designava as relações anafóricas, ao segundo, atribuía as relações dêiticas, pois as classificava conforme os contextos e os falantes que estabeleciam o *origo* do discurso, marcando relações “egóticas” na linguagem, nas palavras de Marcuschi (2007).

Mesmo que, dependendo do contexto de uso, os mecanismos dêiticos carreguem sempre uma ou mais de uma dessas características “espácio-temporais”, conforme pontua Benveniste ([1976], 2006, p. 84), “Estas condições iniciais [pessoa, tempo e espaço] vão reger todo o mecanismo da referência no processo de enunciação, criando uma situação muito singular e da qual ainda não se tomou a necessária consciência”.

Os mecanismos dêiticos têm, portanto, estreita dependência com aspectos pragmáticos, estabelecidos na enunciação, bem como, com a esfera social, tão cara para Benveniste ([1976], 2006), por exemplo, pois esses elementos estão diretamente relacionados

com o processo enunciativo e têm por base o posicionamento dos sujeitos, que estão inseridos nesse processo. Por isso, nosso interesse de pesquisa recai sobre a construção de sentidos atribuída aos dêiticos sociais diacronicamente.

Tendo em vista que qualquer falha na localização dos elementos ou na identificação da subjetividade, marcada por esses mecanismos, pode ocasionar uma interpretação duvidosa, como podemos observar em estudos anteriores, uma vez que desde 2011 temos investigado esses elementos, em pesquisas no âmbito da graduação, a pesquisa sobre dêiticos contribui com o avanço das pesquisas sobre enunciação.

Ainda no tocante à categoria dos dêiticos, é importante salientar que as categorias de pessoa, tempo e espaço, mencionadas anteriormente, ganham destaque na literatura da área, pois, como esclarecemos, marcam as instâncias discursivas que orientam todo o processo enunciativo.

No entanto, essas categorias não são as únicas a orientarem nossas práticas enunciativas. Além dos três tipos já indicados, Leal (2015) elenca a dêixis textual², a dêixis de memória e a dêixis social, esta última tomada como nosso objeto de pesquisa. Trabalhos mais recentes, como os de Ciulla e Martins (2017), fazem referência, ainda, à dêixis modal descrita por Fonseca (1989/1996).

Partindo de toda essa panorâmica de pesquisas e requisitos conceituais, a presente pesquisa tematiza a dêixis social e seu caráter autônomo, pois esse tipo de dêixis é caracterizado como detentor da propriedade que orienta o discurso a partir “do grau de intimidade, dos propósitos comunicativos, bem como de outros aspectos contextuais” dos participantes da instância enunciativa (LEAL, 2015, p.122).

Diante dessas considerações, nosso objetivo geral nesta investigação é caracterizar os dêiticos sociais como uma categoria dêitica independente, instituída por aspectos *panlinguísticos* que refletem as relações sociais hierárquicas na linguagem, a partir dos pressupostos teóricos da Linguística de Texto e da teoria das Tradições Discursivas

Secundariamente, como objetivos específicos, propomos:

a) Caracterizar o uso dos dêiticos sociais, marcados por condicionantes pragmáticos, como atos de fala, nas relações enunciativas epistolares em cartas oficiais, ao redator e ao leitor dos séculos XVIII a XX.

b) Caracterizar traços de permanência e mudança discursiva nas formas dêiticas sociais em cartas oficiais, ao redator e ao leitor dos séculos XVIII a XX.

² Para Cavalcante (2000), os dêiticos textuais são denominados dêiticos discursivos, pois apontam para porções do discurso em sua totalidade e não apenas para porções textuais.

c) Compreender, diacronicamente, os aspectos panlinguísticos (culturais e históricos) de usos de dêiticos sociais encontrados em cartas oficiais, ao redator e ao leitor entre os séculos XVIII a XX.

Para a elaboração desses objetivos, realizamos uma criteriosa busca de trabalhos que uniram questões discursivas com os pressupostos diacrônicos da Tradições Discursivas, além de nos embasarmos em autores fundamentais como Coseriu (1980, 2006, 2007) e Koch (1997, 2008) e demais trabalhos da Linguística de Texto. Nossa investigação, culminou com uma análise mista de olhar metodológico diacrônico sobre um objeto enunciativo, o dêitico social, pois acreditamos que dessa forma poderemos demonstrar que há aspectos funcionais dos dêiticos sociais que só a diacronia mostra.

Diante disso, tomamos como corpus um conjunto de textos epistolares, através dos quais analisamos o uso das formas dêiticas sociais em cartas oficiais, ao redator e ao leitor dos séculos XVIII a XX. Para isso, partimos dos seguintes questionamentos:

- Como o uso dos dêiticos sociais é modificado conforme se alteram os condicionantes pragmáticos que organizam atos de fala?
- Quais os traços de mudança e permanência influenciaram alterações nos usos dos dêiticos sociais em cartas oficiais, ao redator e ao leitor dos séculos XVIII a XX?
- Quais aspectos culturais e históricos, chamados de panlinguísticos, orientam os usos dos dêiticos sociais em cartas oficiais, ao redator e ao leitor?

Em busca das respostas para essas perguntas, realizamos uma investigação diacrônica, baseada na Teoria das Tradições Discursivas, uma vez que observamos que houve mudança no comportamento discursivo no uso das formas dêiticas sociais, ao longo do tempo. Além disso as mudanças no comportamento discursivo refletiram no modo como utilizamos atualmente as formas dêiticas sociais, sedimentando, por meio da linguagem, uma hierarquia social que estabelece atos de fala orientados pelo campo dêitico de pronomes de tratamento.

Visando atingir esses objetivos, embasamos nossa pesquisa, além dos teóricos ligados à Linguística de Texto, na seara dos estudos da T.D, nos estudos da Filologia Românica, referidos no parágrafo a seguir, uma vez que, concordamos com Kabatek (2005, p.159), para quem os falantes precisam apreender mais do que aspectos lexicais ou gramaticais para se fazerem compreender, pois é necessário que apreendam a finalidade comunicativa e entendam que “qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) evocam uma

determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos”.

No tocante aos pressupostos sobre estruturas referenciais dêiticas, no que refere à LT, este trabalho consideramos os estudos de Cavalcante (2000, 2011, 2013), Ciulla (2002, 2008), Benveniste (1976), Lahud (1979), Lyons (1979), Filmore ([1984],1997), Mondada e Dubois (1995), Apóthélos (2003), entre outros. Tomando como referência os estudos basilares sobre TD, foram considerados os trabalhos de Coseriu (1980, 2006, 2007), Koch (1997, 2008), Oesterreicher (2001, 2008), Kabatek (2001, 2004, 2005), dentre outras pesquisas que retomem as bases epistemológicas da TD.

É importante salientar que nosso interesse pela temática surgiu, ainda na graduação, a partir dos estudos desenvolvidos no Projeto de Pesquisa Gêneros Textuais e Processo de Construção dos Sentidos do Texto³, sob a orientação da Professora Doutora Maria Margarete Fernandes Sousa, quando pudemos observar que os elementos dêiticos são muito importantes para a compreensão da formação dos sentidos dos textos.

Devido a essa pesquisa, questionamo-nos sobre o modo como esses mecanismos são abordados pelos manuais de ensino do nível Médio da educação básica, no que resultou na Dissertação de Mestrado⁴. Nessa oportunidade, pudemos encontrar ainda mais variações dessas formas dêiticas, dentre elas nos dêiticos sociais, sobre os quais nos debruçamos atualmente, os quais são essencialmente dependentes da organização social construída pelo campo dêitico.

Por isso, é preciso problematizar o próprio conceito de contexto além de considerar que os estudos sobre os critérios definidores da dêixis foram objeto de pesquisa de inúmeros estudiosos desde Benveniste (1976), Bühler (1982), que contribuíram para a definição e para a caracterização do espaço do campo mostrativo⁵ do fenômeno, respectivamente.

Dito isso, finalizamos este capítulo apresentando a organização retórica de nossa tese, que está organizada em 4 capítulos, além da introdução onde explicamos sobre a importância da união dos estudos em TD e Referenciação para avanços na Linguística textual. Posteriormente, apresentamos as bases teóricas em Tradições Discursivas, Referenciação a

³ Mais informações sobre o projeto e seus resultados podem ser conferidos no artigo [LEMOS, A. C. S.](#); SOUSA, M. M. F. . A dêixis como estratégia persuasivo-argumentativa nos e-mails promocionais. In: **XXIV Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste**, 2012, Natal. Anais da Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste.. Natal: EDUFRN, 2012. v. 1. p. 71-81.

⁴ Maiores considerações acerca de nossa pesquisa de mestrado foram publicadas em: COLARES, A.C.S.L. **Referenciação dêitica em livros didáticos do Ensino Médio brasileiro**. 1. ed. Latvia, European Union: Novas edições acadêmicas, 2018. 81p.

⁵ O autor definiu campo mostrativo o espaço da enunciação em que se dão as coordenadas que situam os participantes da enunciação. Para ele, o campo mostrativo se opõe ao campo simbólico que marca a ausência do fenômeno dêitico.

fim de encontrarmos os condicionantes pragmáticos que orientam os usos dos dêiticos sociais.

No primeiro capítulo desta tese, “Percurso intrigante – relações referenciais em estado de mudança e permanência” apresentamos postulados que colaboram para a defesa da autonomia dos dêiticos sociais, marcada diacronicamente, bem como relacionamos esse referencial teórico a trabalhos anteriores que organizam conceitos importantes sobre dêixis e tradição discursiva, apresentando-os de maneira mais geral-

No segundo capítulo da tese intitulado “Sobre Tradições Discursivas, Referenciação e condicionantes pragmáticos”, apresentamos a construção de um percurso discursivo no uso dos dêiticos sociais, bem como os processos referenciais dêiticos, enfatizando o uso dos dêiticos sociais como processos de mudança e permanência, além disso, destacamos a importância que condicionantes pragmáticos têm nas escolhas e nos usos de dêiticos sociais. Por fim, neste capítulo, apresentamos uma relação entre mecanismos dêiticos sociais, Tradições Discursivas e condicionantes pragmáticos a partir de uma análise diacrônica.

No terceiro capítulo, intitulado “Sobre trajetos metodológicos”, apresentamos a metodologia adotada em nosso trabalho. Nesse capítulo, apresentamos a orientação epistemológica utilizada, bem como, o tipo e a natureza da pesquisa; a construção do corpus e os procedimentos analíticos usados, delineando as categorias e as etapas utilizadas.

Em seguida, no capítulo de análise dos dados, “Processos dêiticos e influências pragmáticas e panlinguísticas”, apresentamos a análise das cartas a partir de cada um dos objetivos definidos e, por fim, um arrazoado da análise no subitem “Síntese do observado”. Nesse capítulo, apresentamos, ainda, as tabelas com dados sobre os atos de fala relacionados ao uso de dêiticos sociais nas cartas analisadas, demonstrando, portanto, como ao longo da história, aspectos panlinguísticos e pragmáticos contruíram uma tradição discursiva com o uso dos dêiticos sociais, marcando processos de desigualdade e uma hierarquia social pela linguagem.

Por fim, apresentamos nossas conclusões, retomando os resultados e relacionando-os com os campos teóricos utilizados, onde defendemos nosso ponto de vista de que a união do aporte teórico da TD auxilia na compreensão das alterações encontradas nos usos de dêiticos sociais diacronicamente.

A seguir, abordamos os fundamentos teóricos que embasam nossa pesquisa, enfatizamos o caráter transdisciplinar do trabalho e, por isso, a necessidade de se compreender a união das perspectivas da referenciação, da filologia românica na investigação do caráter autônomo dos dêiticos sociais.

2 PERCURSO INTRIGANTE – RELAÇÕES REFERENCIAIS EM ESTADO DE MUDANÇA E PERMANÊNCIA

Acreditamos que esta pesquisa pode trazer importantes contribuições para a Linguística Textual, mormente para a área de estudo em Referenciação, uma vez que pretende estabelecer um novo paradigma para os estudos sobre elementos dêiticos sociais, observando,

sobretudo, seu caráter funcional, a fim de demonstrar que esses elementos, mais do que formas derivadas dos dêiticos pessoais, estabelecem o sujeito da enunciação, centro de coordenadas do discurso, mediante relações hierárquicas sociais construídas diacronicamente.

Diante disso, em nossa atual investigação, buscamos comprovar que a dêixis social é um tipo de fenômeno dêítico com características próprias que o diferencia dos demais. Nossa comprovação desse teor autônomo dos dêiticos sociais envolveu a análise da configuração pragmática no percurso de mudança e permanência nos usos desses elementos referenciais diacronicamente.

A fim de asseverar essa postura, encontramos o suporte teórico das Tradições Discursivas em autores como, Coseriu (1980, 2006, 2007), Koch (1997, 2008), Oesterreicher (2001, 2008), Kabatek (2001, 2004, 2005), Zavam (2009), Rodrigues (2011), Irineu (2014), dentre outras pesquisas, que retomam as bases epistemológicas da TD no intuito de investigar o fenômeno dêítico ao longo de dois séculos, buscando encontrar condicionantes pragmáticos que orientam os usos sociais e organizam a funcionalidade desses elementos referenciais dêiticos, com o fito de desenvolver nesses elementos um caráter autorreferencial em cartas.

Como é possível notar, o tema investigado é bastante inquietante, o que reforça a necessidade de mais investigações, uma vez que, a literatura ainda admite o postulado de que os dêiticos sociais são elementos referenciais meramente associados aos dêiticos pessoais, fato que não enfatiza o papel dos elementos referenciais dêiticos sociais nos processos enunciativos, bem como sua importância na construção de referentes em gêneros específicos, como as cartas, que buscamos investigar.

Assim, precisamos encarar que a relação dos elementos dêiticos deve submissão ao contexto “espácio-temporal” mantido pelo ato da enunciação; outra peculiaridade desses elementos é o objetivo que eles têm em deslocar o campo da atenção para um referente, essa característica, inclusive é apontada por Bosh (1983 *apud* APOTHÉLOZ 2003, p.68) como uma das principais diferenças entre os processos referenciais da dêixis e da anáfora. Enquanto esta mantém a atenção sob um referente, aquele desloca o campo da atenção para um referente. O fato de elementos dêiticos sociais deslocarem o campo da atenção nas cartas que analisamos é preponderante para defendermos que a dêixis social aponta para o enunciador no momento da enunciação, isso é fundamental para associarmos a esses elementos dêiticos um caráter autônomo marcado no campo dêítico e admitido nas relações pragmáticas investigadas.

O ponto de vista de Bosh (1983) colaborara para a compreensão do fenômeno

marcado pelas coordenadas da enunciação, como denota Benveniste (1976), que defende a ordenação do sistema linguístico a partir da obediência a normas sociais determinadas pela comunicação intersubjetiva, através das quais os falantes consideram os usos da língua em seus contextos sociais e culturais.

Com isso, a realidade, inerente no processo dialógico dos falantes, reflete uma troca de informações na qual a linguagem não reproduz a realidade e pela qual os objetos do mundo são referidos (BENVENISTE, 1976, p.26).

Dessa forma, diante da constante atualização de informações trocadas pelos falantes, sobretudo no contexto informatizado atual, a recuperação de informações, bem como sua introdução nos diálogos, são marcadamente caracterizadas por processos referenciais, como a dêixis, tornando sua compreensão essencial para o sucesso das práticas interativas dos falantes.

Em meio a tais variações encontradas, destacou-se o caráter autorreferencial das formas dêiticas sociais, uma vez que Cavalcante (2000) considera que esses elementos compõem um subgrupo dos dêiticos pessoais, considerados autorreferenciais por excelência.

No entanto, podemos notar que o estabelecimento dos sujeitos enunciativos ocorre de forma diferente com o uso de dêiticos pessoais e sociais, uma vez que, enquanto aqueles localizam e instituem as pessoas do discurso, instaurando um processo autorreferencial, estes nos parecem marcar, além do próprio sujeito que instaura o discurso, conexões sociais estabelecidas mediante relações de poder instituídas hierarquicamente mediante uso de condicionantes pragmáticos. Ou seja, os dêiticos sociais além de instituírem o *eu* do discurso também demarcam o *tu*, mediante relações de poder⁶ construídas socialmente ao longo do tempo, uma vez que a construção pragmática para o uso de formas de tratamento fornece uma escala com padrões sociais delimitados e que só permite o uso de determinadas formas para sujeitos socialmente marcados por sua classe e importância social. Acreditamos que essa indicação pragmática, além de marcar o *tu* com o qual o *eu* enunciativo se relaciona, denota para esse *eu* uma posição de inferioridade, construindo um efeito de sentido peculiar na situação enunciativa.

Apesar de termos construído essa hipótese durante nossa pesquisa de mestrado, não desenvolvemos esse ponto de vista por questões metodológicas; naquela ocasião, assumimos o pensamento de Cavalcante (2000) e analisamos os dêiticos sociais a partir de suas

⁶ É importante ressaltar que não investigaremos nesta pesquisa os tipos de relações de poder encontradas nos usos dos elementos dêiticos investigados, nosso propósito é demonstrar que essas relações colaboram para a afirmação do teor autorreferencial desses dêiticos tão somente. No entanto, acreditamos que um trabalho futuro poderá se debruçar nessa temática diante da importância do assunto.

características comuns aos dêiticos pessoais, uma vez que, para Cavalcante (2000), ambos direcionam o discurso e marcam os sujeitos da enunciação.

Por acreditarmos ser a dêixis social não só um marcador das pessoas do discurso, mas um organizador das relações sociais estabelecidas hierarquicamente, defendemos que esses mecanismos referenciais podem interferir e direcionar o discurso enunciado, levando o enunciador a alterar o seu comportamento discursivo, conforme o uso do dêitico social que ganha destaque no discurso, contribuindo para a construção de um efeito de sentido próprio.

É importante salientar que admitimos o conceito de discurso defendido por Maingueneau (2008, p.138), para quem discurso é “concebido como a relação de um texto com o seu contexto”, uma vez que defendemos que as relações hierárquicas estabelecidas pelos dêiticos sociais refletem uma organização social que se materializa no texto, mediante escolhas lexicais e certos condicionantes pragmáticos que identificamos neste trabalho.

Acreditamos o comportamento discursivo adotado no uso de formas dêiticas sociais foi-se alterando, diacronicamente, fato que pode ter modificado, ainda, no funcionamento de algumas formas desses dêiticos sociais e que nos motivou a desenvolver essa temática, envolvendo as relações dos dêiticos sociais, cuja lacuna a Linguística Textual demonstra necessidade teórica. Além disso, aspectos pragmáticos que se relacionam com esses elementos referenciais e a metodologia da teoria da TD para auxiliar na compreensão das mudanças discursivas no processo de uso dos dêiticos sociais.

A fim de investigar o caráter autônomo desses elementos no processo enunciativo nesta pesquisa do Doutorado, recorreremos, portanto, ao uso dessas duas bases teóricas: Linguística Textual e Tradições Discursivas para comprovar que os traços de mudança e permanência influenciaram alterações nos usos dos dêiticos sociais em cartas oficiais, ao redator e ao leitor dos séculos XVIII a XX.

Dessa forma, para compreensão do nosso objetivo principal, bem para a descrição do nosso objeto de pesquisa, faz-se necessário um breve recorte do estado da arte que colaborou para esta investigação. Um dos primeiros autores a tratar do funcionamento das formas dêiticas sociais foi Fillmore (1984). O autor define os dêiticos sociais como elementos que [...] refletem ou estabelecem ou são determinadas por certas realidades da situação social em que o ato de discurso acontece.⁷ (FILLMORE, 1984, p.295, tradução nossa).

É importante destacar que o próprio autor credita às formas pronominais pessoais essa característica da dêixis social, quando indica que elas são “puramente dêiticas”,

⁷ [...] reflect or establish or are determined by certain realities of the social situation in which the Speech act occurs.

conforme mencionado. Lyons (1979, p.295), outro importante teórico que se debruça sobre esse fenômeno, pontua que existe, em alguns elementos dêiticos, uma “dimensão honorífica”.

Para ele, há uma “diferenciação dos pronomes pessoais em certas línguas, não quanto à sua referência aos *papéis* dos participantes da situação do enunciado, mas quanto ao seu *status* ou grau de *intimidade*” (Grifos do autor). O autor acredita que o traço mais relevante nas formas sociais está nas relações honoríficas, que são dependentes dos aspectos culturais da sociedade. Nesse ponto, concordamos com o autor e ainda acrescentamos que as relações honoríficas mencionadas por Lyons (1979) organizam o campo dêitico dos elementos dêiticos sociais, apontando tanto para o enunciador, quanto para o enunciatário.

Essas formas de referenciação são reconhecidas pelos falantes e pelas gramáticas de diversas línguas, incluindo o Português, como pronomes de tratamento, em contextos mais formais, ou, segundo Leal (2015, p.122), através de “formas mais comuns” como: “Senhor” e “você”, para contextos mais casuais.

Essas marcas básicas dos dêiticos sociais foram o ponto inicial de estudos sobre dêiticos mais atuais que avançaram, consideravelmente, nas últimas décadas do contexto acadêmico brasileiro.

Estudiosos como, Cavalcante (2000) e Ciulla (2002), contribuíram para a evolução nas pesquisas da área, ainda assim, o desenvolvimento de investigações que se dediquem ao fenômeno dêitico são necessárias para uma melhor compreensão das práticas de linguagem em que esses elementos estão inseridos, uma vez que, ainda hoje, parece haver um apego na compreensão desses elementos relacionados, muitas vezes, à sua forma.

Mais recentemente, essas pesquisadoras demonstram posicionamento diferente, uma vez que Ciulla e Martins (2017) já primam em suas análises de elementos dêiticos pela funcionalidade desses processos referenciais em usos correntes. Uma vez que as autoras apresentam as classificações de diversas formas dêiticas a partir das funções estabelecidas enunciativamente.

Na dissertação defendida, Martins (2019) asseverou esse posicionamento. Em seu trabalho, ela organiza a classificação das formas dêiticas, em sua pesquisa, além dos tipos clássicos de dêiticos já denominados nesta tese, a autora apresenta os dêiticos modais e fictivo classificados por Fonseca (1989). A dêixis modal, conforme Fonseca (1992), “permite apontar para movimentos corporais” e pode ser exemplificada por usos como: “Após a junção das cores primárias, dê leve pinceladas na tela, assim” (Exemplo nosso).

No que diz respeito à a dêixis fictiva, Martins (2019) a define como um tipo de dêixis que cria um ponto de orientação baseado na memória ou na imaginação, conforme denota

Foneca (1992) esse tipo de dêixis se destaca em contextos “referenciais criados no e pelo texto”, para Cruz (2016), a dêixis fictiva auxilia na criação de espaços em que o homem pode se mover ficcionalmente, a autora defende que esse tipo de elemento referencial desloca os espaços da enunciação transportando o aqui-agora da enunciação para um outro aqui-agora instaurado pela narração (CRUZ, p.24,25).

A pesquisa de Cruz (2016) apresentou importantes considerações sobre essa temática, demonstrando como os processos enunciativos criam espaços específicos em textos narrativos com o fito de transportar o leitor e, assim, criar um universo único para a assunção de um tempo e de um espaço próprios, reconhecidos no texto por autor e leitor. Com o objetivo de investigar esse processo de criação de espaços fictivos, a autora aprofundou os conceitos de dêixis de memória, apresentado por Apothéloz (1995) e de dêixis fictiva, trazido por Fonseca (1992).

O trabalho de Cruz (2016) é, para nós, importante, pois demonstra como os processos referenciais dêíticos estão envoltos em questões enunciativas relevantes para a Linguística Textual e para outras áreas, como a Literatura, quanto aos processos de criação literária. No caso específico da tese defendida pela autora, destacamos seu empenho em definir e discutir as funções de dêíticos de memória e ficcionais nos processos que envolvem a escrita literária, abrindo caminho para outras pesquisas sob esse viés.

Especificamente para esta tese, a pesquisa de Cruz (2016) foi importante por destacar o funcionamento diverso das duas formas dêíticas destacadas pela autora, além do fato de Cruz (2016) assumir uma postura diferente diante do funcionamento dessas formas dêíticas, o que nos fez questionar outros elementos referenciais dêíticos, como os sociais, bem como suas funções em ambientes incomuns.

Diante disso e de nossos conhecimentos sobre o uso de dêíticos adquiridos em pesquisas anteriores, mormente nossa dissertação de Mestrado, levantamos nossas questões de pesquisa, já apresentadas, sobre o funcionamento de dêíticos sociais em cartas, a fim de averiguar se há possibilidade de mudanças e/ou permanências no uso desses mecanismos em contextos formais.

Outros importantes trabalhos que julgamos relevantes para nossa pesquisa são a tese de Leal (2015), que também investiga processos referenciais dêíticos relacionando-os com gêneros de predominância narrativa, e a dissertação de Martins (2019), que faz um importante levantamento das formas dêíticas relacionando-as com as funções estabelecidas enunciativamente.

O primeiro trabalho a que nos reportamos, o de Leal (2015), assim como o trabalho

de Cruz (2016), busca relacionar gêneros narrativos e o uso de processos dêiticos. No entanto, enquanto Cruz (2016) limita-se ao estudo da construção temporal-espacial a partir do uso de dêiticos de memória e fictivos, Leal (2015) analisa os processos referenciais dêiticos como processos recategorizadores em gêneros predominantemente narrativos.

A autora enfatiza as diversas funções dos elementos dêiticos e busca fugir dos quadros categorizadores que engessam determinadas formas linguísticas como dêiticos de categoria A ou B. Para nós, esse é um importante passo, pois julgamos que os dêiticos, como processos referenciais, são definidos essencialmente por suas funções e não por suas formas. A autora faz uma vasta pesquisa bibliográfica, que também muito nos auxiliou, mas, provavelmente, por defender a função dos mecanismos dêiticos, não organizou a função desses elementos de forma a “didatizar” o ensino desses processos, o que não era o intuito de Leal (2015), salientamos.

A tarefa de reorganizar as categorias dêiticas a partir de suas funções foi assumida por Martins (2019), que apresenta em sua dissertação importantes considerações a fim de que se ultrapasse o uso de expressões como “extralinguístico” nas definições de elementos referenciais dêiticos, cujo ponto foi por nós admitido e, como mencionamos, buscamos superar essa nomenclatura, por isso, apresentamos o termo (panlinguístico) que, para nós, abarca o conceito e, principalmente, as funções dêiticas de forma a considerar o universo enunciativo que essas formas instauram no discurso.

No entanto, o cerne do trabalho de Martins (2019) é a reorganização das categorias dêiticas conhecidas na literatura da Linguística Textual. A autora seleciona trabalhos diversos que se ocuparam do estudo dessas formas referenciais e discute as similaridades e diferenças apresentadas nos conceitos encontrados. Como resultado, Martins (2019) apresenta um quadro classificatório que considera traços de homogeneidade nos critérios classificatórios, traços que auxiliam a sobreposição de tipos de dêiticos e situações que se encaixam nos critérios que definem o uso de dêiticos nos processos enunciativos.

Uma conclusão relevante para nós, quanto à pesquisa de Martins (2019), diz respeito à definição dos elementos dêiticos a partir de suas funções. Esse fator é especialmente decisório para esta Tese, pois indica que os usos de elementos dêiticos se modificam, alterando, portanto, a função desses tipos dêiticos. Dessa forma, notamos como a classificação desses elementos está atrelada a processos enunciativos que se modificam, à medida que as necessidades sociais se alteram.

Acresce que os fenômenos dêiticos estão assumindo características novas, fazendo emergir a necessidade da continuidade de seus reflexos para os estudos da linguagem, dessa

forma, este trabalho pretende investigar algumas dessas alterações no processo de apreensão dos dêiticos sociais, especificamente, pois acreditamos ser este tipo de dêitico um exemplo das mudanças nos usos desses elementos.

Diante das características das formas dêiticas sociais mencionadas, questionamo-nos até que ponto a história, o uso dessas formas honoríficas, como pontua Lyons (1979), pode influenciar no comportamento dos falantes e na tradição cultural e enunciativa envolvida em seu uso, refletindo, portanto, no funcionamento desses elementos dêiticos, tornando-os, não apenas instituindo os participantes da cena enunciativa, mas conferindo a eles um poder social através da linguagem. Acreditamos que esse poder está marcado no uso de estratégias de condicionantes pragmáticos que foram construídas ao longo de uma tradição discursiva.

Os estudos de TD remontam às pesquisas de Coseriu (1980), que buscava uma opção para os estudos linguísticos com perspectiva histórica. Coseriu propõe uma releitura dos aspectos estruturalistas e estipula uma tripartição para os estudos da linguagem, em três níveis: Universal, Histórico, Individual. A intenção do autor era ligar, aos estudos linguísticos de ordem estrutural, aspectos funcionais da linguagem.

Conforme Coseriu (1980), “a linguagem é uma atividade humana *universal*, que se realiza *individualmente*, mas sempre segundo técnicas *historicamente* determinadas” (grifos do autor). A partir das palavras do autor, notamos que, para ele, a linguagem está resguardada por um sistema que se concretiza pela fala, mas apenas se instaura pela norma social que rege o sistema e que pode se modificar diacronicamente.

Seguindo os preceitos coserianos, Oesterreicher (2002, p.359) estabelece sua definição de TD e afirma que seus estudos devem ser orientados por situações comunicativas determinadas historicamente. Para o autor, os discursos individuais são formados por conjuntos comunicativos que controlam as especificidades dos discursos (OESTERREICHER, 2002)

O autor define esses conjuntos comunicativos como “constelações comunicativas” que embasam relação entre as funções dêiticas e os modelos discursivos das cartas. Assim, acreditamos que as funções de dêiticos sociais podem modificar o uso de operadores lexicais que se estabelecem no discurso, como os dêiticos sociais.

Como julgamos que a análise de elementos dêiticos sociais está, essencialmente, vinculada às práticas discursivas, será importante considerar ainda o que aponta Kabatek (2001), para quem as tradições discursivas não comportam apenas as pesquisas de evolução textual, mas de “uma possível evolução linguística”.

Muitos trabalhos têm buscado articular esses pontos, abordando não apenas o teor

coseriano da Tradição Discursiva, mas observando pontos de interseção entre aspectos discursivos, conforme as relações estabelecidas por Osterreicher com os níveis da linguagem estabelecidos por Coseriu. Um desses trabalhos que embasam nossa fundamentação teórica é a tese de Zavam (2009), a qual institui o percurso de mudança e permanência com os gêneros do discurso. A pesquisa da autora é importante ponto de partida para este trabalho, pois estabelece uma tradição textual assumida por uma determinada intenção comunicativa.

O trabalho de Zavam (2009) despertou nosso interesse, pois buscou identificar um percurso de marcas textuais que constroem mudanças e permanências nos propósitos comunicativos de gêneros jornalísticos, cujo ponto de vista nos inquietou, notadamente em relação ao uso dos dêiticos sociais e, por isso, acreditamos ser possível observar um percurso de alterações e permanências discursivas nos usos de dêiticos sociais, diacronicamente, configurando um processo que altera os usos atuais desses mecanismos referenciais.

Nas palavras de Zavam (2009), sua busca por marcas que configurem uma tradição discursiva nos gêneros do ambiente jornalístico a levou a “recorrer ao tradicionalmente instituído, quer do ponto de vista do idioma, quer das sucessivas atualizações de uma mesma forma discursiva” (p.67). A essas sucessivas mudanças, a autora denominou transmutação, conceito que ela dividiu em quatro modalidades, a fim de que abarcassem todos os fenômenos textuais discursivos encontrados no recorte histórico investigado.

Outra pesquisa que abordou diacronicamente o processo de evolução de estratégias de comunicação que colaboraram para a afirmação da Tradição Discursiva de gêneros jornalísticos foi a tese de Gomes (2007). Em seu trabalho, a autora abordou a metodologia da TD a fim de construir um percurso histórico da língua e do texto do gênero editorial. Seu trabalho nos fez compreender melhor os processos metodológicos utilizados no escopo teórico da TD.

Outro importante trabalho que colaborou para nossa decisão de investigar os dêiticos sociais a partir da perspectiva da Tradição Discursiva, foi a tese de Irineu (2014), que investigou o percurso do ethos de enunciadores em editoriais de jornais brasileiros e argentinos, a fim de identificar a configuração da latinidade nos povos desses países.

A pesquisa de Irineu (2014) é essencialmente importante para este trabalho, pois aborda de forma mais incisiva a questão da evolução de aspectos discursivos a partir de traços de mudança e permanência nos editoriais latino-americanos. O ponto que mais nos interessa de sua pesquisa é justamente a defesa de uma tradição discursiva em elementos discursivos, como a evolução do ethos nos editoriais. De maneira semelhante, demonstramos um retrato discursivo do uso dos dêiticos sociais, a partir de traços de mudança e permanência desses

elementos nas cartas analisadas.

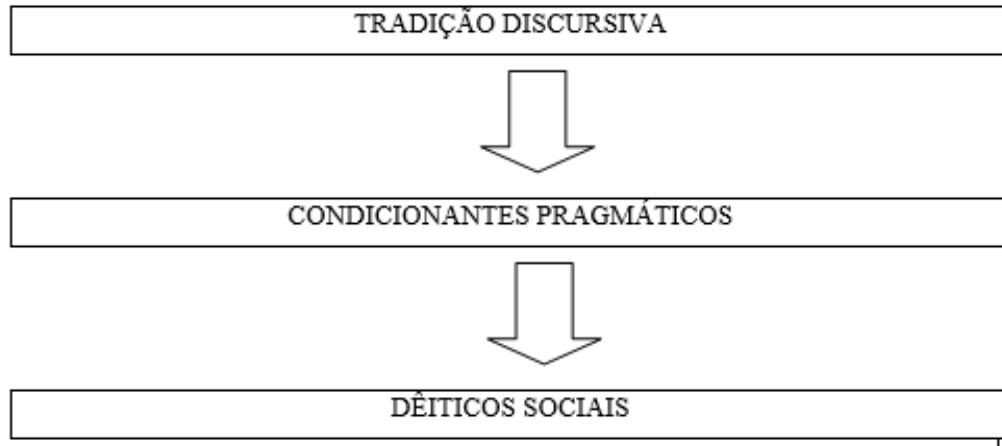
O aspecto discursivo abordado por Irineu (2014) é essencialmente importante para esta pesquisa, uma vez que buscamos investigar um elemento referencial (dêiticos sociais) que é regido pela ordem enunciativa que emana dos discursos. Em nossa pesquisa, além de investigarmos os traços de mudança e permanência que guardam reminiscências com aspectos discursivos do uso dos dêiticos, buscamos observar como os condicionantes pragmáticos podem ter mudado ou permanecido no tocante às alterações do contexto.

O trabalho de Irineu (2014) é importante por marcar a pesquisa em TD de objetos que não estão no léxico, abrindo margem para nossa pesquisa que investiga os dêiticos sociais a partir da reconstrução dos condicionantes pragmáticos que orientam seu uso discursivo.

É importante destacar que, um desses condicionantes pragmáticos, é o uso de estratégias pragmáticas no funcionamento dessas formas dêiticas sociais, uma vez que Fillmore (1984) já mencionava essa característica. Dessa forma, nossa investigação avalia como formas dêiticas sociais influenciam em situações em que reverberam a força de condicionantes pragmáticos, ao longo do tempo, a fim de destacar o caráter autônomo dos dêiticos sociais e categorizá-los não como um subgrupo da dêixis pessoal, mas como um tipo de dêitico específico que galgou esse estatuto mediante o estabelecimento de uma hierarquia social direcionada por condicionantes pragmáticos, instituídos ao longo de uma tradição linguística.

Com isso, defendemos que o espaço temporal influencia funções pragmáticas que, por sua vez, regem os usos dos dêiticos sociais; fato que evidencia o seguinte esquema teórico:

Figura 1 - Esquema de apresentação dos recursos teóricos reivindicados pela pesquisa



Fonte: elaborado pela autora, 2021.

Diante disso, seguimos nosso percurso argumentativo demonstrando, a partir de considerações teóricas, como os dêiticos sociais podem ter seu uso modificado ao longo de processos diacrônicos que podem, inclusive, manter funções específicas a fim de garantir um propósito enunciativo.

É importante destacar que os estudos em TD no Brasil estão em expansão e que muitas outras pesquisas fazem parte de nossa lista de referências na área, no entanto, para não nos prolongarmos demais, neste aspecto, julgamos relevante destacar aquelas que mais influenciaram nossa escolha metodológica pela TD.

A seguir, apresentamos mais algumas considerações sobre os fundamentos teóricos que embasam nossa pesquisa. Defendemos o caráter transdisciplinar do trabalho e, por isso, faz-se necessário compreender como unimos as perspectivas da referenciação, da filologia românica na investigação do caráter autônomo dos dêiticos sociais.

3 SOBRE TRADIÇÕES DISCURSIVAS, REFERENCIAÇÃO E CONDICIONANTES PRAGMÁTICOS EM INTERFACE

Neste capítulo, buscamos apresentar nossas bases teóricas a fim de defender a importância de assumirmos o caráter autorreferencial dos dêiticos sociais. Para tal, apresentamos, inicialmente, as bases teóricas da tradição discursiva associadas ao conceito de dêiticos sociais, a fim de facilitar a defesa de uma trajetória discursiva atualizada pelos usos dos dêiticos sociais em situações enunciativas.

Posteriormente, apresentamos um percurso teórico sobre a noção de dêiticos sociais, associando-os aos postulados estabelecidos pela formação de traços de mudança e permanência no uso desses elementos, colaborando para a construção de uma tradição discursiva no uso dos dêiticos sociais. Por fim, demonstramos como os condicionantes pragmáticos estão associados aos usos dos dêiticos sociais, facilitando a construção de um efeito de sentido durante o ato enunciativo que envolve os dêiticos sociais.

Acreditamos que, ao associarmos as bases e conceitos sobre referenciação e dêixis, tradição discursiva e dêixis, condicionantes pragmáticos e dêixis, torna-se mais fácil compreender nossa análise e nossa proposta, para comprovar que o caráter autorreferencial dos dêiticos sociais é factível e compatível com os conceitos em que nos baseamos. Dessa forma, finalizamos este capítulo, apresentado um tópico que une essas bases teóricas e nosso ponto de vista.

3.1 Tradições discursivas: a construção de um percurso com o uso de dêiticos sociais.

Ferdinand de Saussure impulsionou os estudos linguísticos no século XX e foi o responsável pela consolidação da Linguística como ciência. Um aspecto muito importante para isso, atribuído a Saussure, diz respeito aos estudos da linguagem sob uma perspectiva sincrônica, até então, mantida na obscuridade, uma vez que trabalhos de base comparativa e histórica eram mais comuns nos estudos da linguagem que antecederam Saussure. Um exemplo disso são os estudos de W. Jones, F. Schlegel, F. Bopp, que buscaram, cada um a seu modo, averiguar pontos históricos de línguas como o sânscrito ou de origem germânica a fim de encontrar parentescos entre as línguas.

Essa forma de pesquisa linguística consolidou o ramo de estudos que Saussure, em 1916, denominou diacrônicos e que fizeram o autor genebrino buscar contribuir para o avanço da Linguística e para seus estudos que passaram a encarar a linguagem sob um novo prisma, diacrônico.

No entanto, as pesquisas estruturalistas dedicaram particular atenção a uma base científica rigorosamente formal, deixando em segundo plano aspectos importantes para a compreensão da linguagem, como o caráter discursivo desse campo. Apesar de reconhecermos a importância dos estudos sincrônicos no âmbito da Linguística, a perspectiva diacrônica, presente na dicotomia saussuriana sincronia-diacronia, colaborou para uma nova visão da linguagem que antes era estudada com ênfase nos aspectos históricos.

É relevante destacar que observar as alterações de uma língua do ponto de vista histórico pode ser bem mais do que elencar modificações lexicais, conforme pontuavam os antecessores de Saussure. Por isso, defendemos, embasados em Koch (1997), que a língua é o reflexo social de comportamentos instituídos e admitidos em grupo. Dessa forma, os estudos diacrônicos da linguagem não podem ser esquecidos e foi com o intuito de recuperar essa perspectiva de pesquisa que surgiram os estudos em Tradições Discursivas (TD).

Os pressupostos dessa teoria da linguagem surgiram com os estudos de Coseriu (1980), que propôs a tripartição do fenômeno linguístico, em sistema, norma e fala. Para ele, o sistema representa as oposições funcionais da língua, a norma apresenta aquilo que é repetição do falar concreto, sendo, portanto, uma norma social e não prescritiva; e a fala que representa os atos linguísticos concretizados, como, a seguir, demonstramos.

De maneira sucinta e objetiva, podemos identificar o sistema como um código comum para uma comunidade, cujo sistema apresenta as possibilidades que os elementos do código detém; a norma diz respeito a exigências impostas a uma comunidade, apresenta peculiaridades próprias de uma cultura, de um espaço geográfico, etc; a fala é a porção mais individual desse tripé, relaciona-se a todas as variações que o falante pode encontrar diante das estratificações sociais e culturais a que está sujeito.

Essa tripartição do fenômeno linguístico permite a compreensão da linguagem em interdependência com elementos considerados, além da língua, como aspectos sociais e culturais. É, portanto, essencial compreender esses elementos para que possamos aceitar os estudos de elementos que mudam e permanecem em contextos sociais distintos, separados por décadas, como propõe os estudos da TD.

Por isso, Coseriu (1980) abriu caminhos para a compreensão da língua enquanto fenômeno histórico e social, aspecto que, na perspectiva saussuriana, não teve tanto destaque. Dessa forma, Coseriu (1980) encara a atividade linguística a partir de três níveis: Universal, Histórico e Individual, como já mencionamos.

O nível Universal diz respeito à capacidade comum a todos os seres humanos que podem se diferenciar dos demais seres vivos por seu dispositivo de comunicação. O segundo

nível, Histórico, trata das línguas como sistemas de significação, dispostos historicamente, mediante hábitos instituídos socialmente. O último nível, Individual, corresponde aos discursos concretos, ou seja, à atividade do falar atualizada, expressa na fala, propriamente dita, ou em textos.

A esse respeito, Santos (2014, p.69) exemplifica de forma didática os níveis coserianos ao afirmar que:

[...] o falante reconhece a língua no plano universal quando [...] afirma que os animais não têm linguagem. [...] percebe no plano histórico o falar como manifestação em uma língua determinada ao proferir afirmações como: “ele fala português” [...] Quanto ao plano individual, o falante demonstra capacidade de identificação do falar quando distingue um falante do outro pela fala ou compreende diferentes intenções em situações diversas.

Conforme Kabatek (2010), Coseriu buscou, a partir da criação desses níveis, criar uma linguística integral: uma linguística do falar em nível universal, uma linguística do nível histórico e uma linguística do nível individual.

Podemos notar, em seus trabalhos, que Coseriu (1980) não considera a linguagem um produto em si mesmo, acabado, mas algo em constante processo, dando um novo olhar aos escritos saussurianos no que diz respeito aos aspectos históricos da língua. Assim, Coseriu (1980) retoma a discussão sobre a historicidade das línguas, apresentando algumas inconsistências na dicotomia de Saussure.

Para isso, ele estipula os níveis da linguagem e assevera que “a língua funciona sincronicamente e é constituída diacronicamente” (p. 21). Dessa forma, para o autor, a linguagem é a relação entre sincronia e diacronia, que podemos observar nos níveis citados, dado que precisamos encarar a linguagem não como um produto acabado, mas como algo em constante modificação, sempre relacionando os três níveis, por isso, ele enfatiza o teor histórico da língua. Para melhor compreendermos sua proposta, o autor apresenta o seguinte quadro:

Figura 2 - Níveis da linguagem de Coseriu (1980)

pontos de vista níveis	ἐνέργεια atividade	δύναμις saber	ἔργου produto
nível universal	falar em geral	saber elocucional	totalidade do “falado”
nível histórico	língua concreta	saber idiomático	(língua abstrata)
nível individual	discurso	saber expressivo	“texto”

Fonte: Coseriu (1980, p. 93).

A importância que Coseriu (1980) atribuiu à dinâmica da linguagem expressa, nesse quadro, enfatiza a relevância de se considerar os planos sincrônico e diacrônico em conjunto, pois, para ele, os estudos linguísticos da época davam maior atenção ao nível histórico, por isso, o autor assevera que “junto à linguística das línguas há lugar para uma linguística do falar e uma linguística do discurso” (COSERIU, 1980, p. 93). Com isso, o autor defende que a linguagem é uma construção estabelecida em comunidade, dado que o homem é um ente social e, portanto, a linguagem não pode ser desvinculada desse aspecto.

É por isso que acreditamos no caráter autorreferencial dos dêiticos sociais e, conseqüentemente, em sua autonomia frente à classificação de elementos dêiticos, pois julgamos que as coordenadas dêiticas desses elementos apontam para falante e ouvinte da situação discursiva justamente devido a articulação dos níveis estabelecidos por Coseriu (1980), uma vez que esses níveis designam uma referência recíproca que acreditamos existir entre os sujeitos do discurso que fazem uso de pronomes de tratamento, ainda que uma estrutura social hierárquica envolva o uso desses elementos e estabeleça normas específicas de uso para esses dêiticos.

Dessa forma, o autor ratifica que não podemos pensar uma língua de forma estática, como algo pronto e acabado em algum espaço temporal, seja no presente, seja no passado, mas como um sistema em constante atualização que nos permite enxergar apenas em parte o “já realizado” (COSERIU, 1982, p.23), por isso, julgamos que as contribuições do autor, bem como as da TD para esta pesquisa podem ser essenciais, posto que nossos dados indicam transformações no uso dos dêiticos sociais que repercutem na forma como os utilizamos atualmente, como demonstramos mais adiante.

Diante disso, o linguista romeno salienta que “o que é propriamente linguístico deve ser explicado em cada caso pela função e não pelo material” (COSERIU, 1982, p. 24). Nesse ponto, defendemos a conceituação dos dêiticos sociais a partir de suas ~~em~~ funções e como o uso dessas funções permaneceram em alguns aspectos, enquanto em outros apresentam importantes alterações, sobretudo na esfera social.

Dessa forma, a ênfase na função atribuída às formas da língua confirma nosso interesse em investigar os dêiticos sociais à luz de critérios estabelecidos pela TD, uma vez que essa classe de elementos referenciais está essencialmente marcada por sua porção material junto ao sistema e, mesmo reconhecendo que a característica material é uma marca muito forte no uso desses elementos, acreditamos que sua função discursiva foi estabelecida por intermédio de relações sociais, intercambiadas por traços de mudança e permanência

linguística que organizam a função atual desses dêiticos.

Apoiada em Coseriu (1980), Schlieben-Lange (1993) discute os pressupostos sociais a que as atividades linguísticas estão associadas. Para a autora, essas atividades se desdobram em Fala, Língua Histórica e Texto, pois, conforme defende, é necessário seguir algumas técnicas sociais que se repetem historicamente na língua. Para ela: “em situações históricas determinadas, falamos em formas de texto, orientados par uma determinada finalidade” (SCHLIEBEN-LANGE, 1993, p.19). Por isso, a autora sugere o desdobramento dos níveis coserianos apresentando a seguinte reformulação:

Proposta de Schlieben-Lange

Universal

Universal

Universal

Histórico

Histórico

Individual

(SCHLIEBEN-LANGE, 1993, p.19)

A autora defende que, em cada um dos níveis, o problema da significação é tratado de forma diversa; no plano universal, é abordado o modo como o falante se refere ao mundo, a objetos e às coisas; no plano histórico, observa-se como se constrói a historicidade dos textos e do seu sentido; no plano individual, aborda-se como a construção discursiva é construída contextualmente.

A partir dessa proposta, já podemos identificar uma maior preocupação dos estudos em Tradição Discursiva na consideração dos aspectos discursivos na historicidade das línguas, pois passa-se a considerar que não apenas textos guardam singularidades ao longo do tempo, mas também toda prática discursiva pode permitir a identificação de Tradições Discursivas específicas examinando aspectos universais das línguas sob o prisma do discurso, aspectos que ratificamos em nossa análise, comprovando o que Schlieben-Lange afirma quando diz:

A universalidade é preservada também no nível da língua e do texto. Sabe-se como uma língua deve ser para poder funcionar como tal. Sabe-se como os textos são constituídos. Também no nível do texto, a historicidade se faz presente na forma de tradições textuais historicamente transmitidas (SCHLIEBEN-LANGE, 1993, p.19).

Assim como a autora, acreditamos que não apenas os textos, materializados em gêneros discursivos, mas todos os eventos discursivos apresentam a capacidade de recuperar e/ou renovar uma situação histórica a fim de cumprir uma finalidade comunicativa. Por isso, acreditamos na renovação e manutenção de condicionantes pragmáticos, como atos de fala, que orientam o uso de pronomes de tratamento, criando uma hierarquia linguística e social.

Por isso, elegemos os estudos em TD para nossa pesquisa, pois julgamos que, ao se utilizar dêiticos sociais em cartas, uma tradição discursiva foi criada, impondo o uso de determinados pronomes a classes sociais específicas, demarcando um contexto social desigual, refletido discursivamente, uma vez que compreendemos discurso como uma prática discursiva e compreendemos prática discursiva como um exercício intersemiótico que integra enunciados a outros eventos discursivos (MUSSALIM, 2016, p.60), tais como a organização enunciativa que o campo dêitico enseja nos discursos, a partir de relações sociais instauradas panlinguísticamente.

A respeito do conceito de prática discursiva, citado anteriormente, associamo-lo com o que defende Cavalcante (2018), que concebe discurso “como um conjunto de práticas languageiras que evidenciam os posicionamentos discursivos e ideológicos de todos os [sujeitos] que comungam pontos de vista semelhantes” (CAVALCANTE, 2018, no prelo).

No tocante aos aspectos de mudança e permanência da função dêitica social, concordamos com Irineu (2014), para quem uma TD se constitui não apenas com traços textuais, mas refletem aspectos culturais que recuperam hábitos religiosos, políticos, artísticos etc., presentes nas práticas discursivas.

Por isso, julgamos que observar a repetição e a permanência nos usos dos pronomes de tratamento em cartas podem nos levar a compreender seu funcionamento, atualmente, uma vez que esses elementos referenciais são usados em determinados gêneros, principalmente em gêneros epistolares, como elementos obrigatórios ao se referir a um enunciatário de maior prestígio social, marcando um processo dêitico que demarca o campo dêitico em que se localizam enunciatário e enunciador ou, no caso das cartas, remetente e destinatário.

Acreditamos que tal caráter obrigatório motiva o surgimento de uma hierarquia social de poder que privilegia antes de uma comunidade linguística e, principalmente, privilegia falantes que conhecem as regras discursivas, que organizam essa hierarquia, uma vez que quem desconhece ou viola as normas do falar, que regulam o uso desses pronomes de tratamento, sofre uma sanção linguístico-social por não ter reconhecido o seu valor como falante. Nesse ponto, concordamos como Schleben-Langen (1993, p.22) quando afirma:

Quem as viola [normas do falar] não se coloca fora de uma comunidade linguística, mas sim, em certa medida, fora da comunidade humana, é considerado perturbado e perigoso. As normas de correção idiomática fundam comunidades linguísticas (ou dialetais). Pode-se violá-las, mas ao preço de ser considerado “bárbaro”.

Dito de outra forma, para a autora, é necessário pensarmos na organização das normas do falar e do discurso. Estas, mais relacionadas ao plano individual e à forma como os sujeitos

estabelecem suas referências no mundo. Aquelas, relacionadas aos mundos “discursivos que necessitam ser consentâneos entre si e uma vez construídos precisam ser mantidos” (SCHILEBEN-LANGEN, 1993, p. 23), estabelecendo, dessa forma, uma linguística do falar e dos discursos que apresentam marcas históricas importantes.

Justamente pensando nessa linguística do falar e do discurso, contempladas historicamente, Koch (1997) retoma o quadro de Coseriu (1980) e propõe uma bipartição do nível histórico, considerando não apenas aspectos normativos comuns a todas as línguas como também tradições textuais instituídas discursivamente. Dessa maneira, podemos pensar que todo enunciado, seja falado seja escrito, pode ser analisado historicamente, mediante as particularidades socioculturais de uma comunidade.

Nesse ponto, nossa investigação encontra algumas de suas categorias analíticas, especificamente, traços de mudança e permanência discursiva que influenciam os aspectos panlinguísticos nos usos dos dêiticos sociais, uma vez que nosso corpus investiga traços de mudança e permanência linguística nos usos de pronomes dêiticos sociais que reverberam em nossas práticas discursivas atuais.

Nosso objeto, os mecanismos referenciais dêiticos sociais, é analisado mediante uma tradição discursiva que deixa *vestígios de condicionantes pragmáticos no valor de signo desses elementos referenciais*, restringindo-os a usos em situações que demarcam poder e desigualdades sociais.

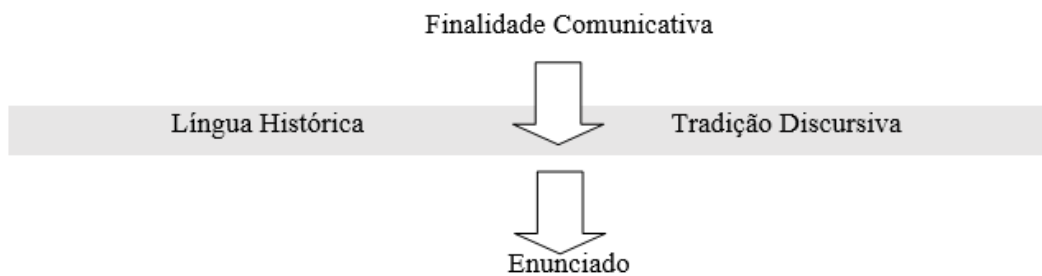
Assim, podemos compreender a construção de sentido dos enunciados a partir das características biológicas e universais, inerentes ao ser humano; dos aspectos históricos que compõem regras do falar e de regras discursivas que orientam o comportamento da comunidade linguística e, finalmente, de aspectos individuais que, sozinhos, não alteram o sistema da linguagem, mas perante a aceitação e/ou recusa da comunidade podem modificar um dos níveis anteriores.

Desses três níveis, é importante salientar as modificações sugeridas por Koch (1997) no nível histórico, instituindo regras que orientam a produção de sentido dos enunciados historicamente. Com isso, o nível histórico passa a ser compreendido mediante duas ramificações: uma que estipula normas da língua, tais como distinções fonológicas, aspectos morfológicos, lexicais e sintáticos; outra que estabelece normas discursivas que “organizam o linguístico em unidades maiores, texto ou discurso concreto, em termos de conteúdo temático ou domínio mais amplo de sentido, composicionalidade e estilo” (LONGHIN, 2014, p.17).

Para melhor exemplificar o ponto de vista de Koch (1997), Kabatek (2005) propõe o seguinte esquema, que contempla a finalidade comunicativa de um enunciado, passando pela

historicidade de uma língua e pela historicidade de uma tradição linguístico-cultural. Vejamos o esquema do autor, representado na figura 3:

Figura 3 - Esquema de Kabatek (2005)



Fonte: Kabatek (2005, p. 17).

Sob esse viés, acreditamos que o uso de dêiticos sociais nas cartas analisadas estabelecem um comportamento discursivo nos falantes que precisam cumprir um passo retórico do gênero carta, utilização de vocativo. No entanto, ao realizarem esse passo, os enunciadorees estabelecem um campo dêitico com o uso dos pronomes de tratamento que aponta para o destinatário da carta, tendo em vista que a comunidade discursiva estabelece um pronome adequado para o contexto. Nesse ponto, defendemos o surgimento de uma tradição discursiva que condiciona os falantes ao uso de pronomes de tratamento apropriados para uma situação discursiva específica, comprovando o esquema apresentado na figura idealizada por Kabatek (2005).

De maneira análoga, Oesterreicher (1997) também argumenta a favor da duplicidade do nível histórico coseriano. Para o autor, somente observando regras discursivas ao longo da história seria possível identificar regularidades textuais que marcam uma orientação sobre um comportamento social, por isso, reafirmamos nosso interesse em investigar traços de mudança e permanência linguística no uso de elementos dêiticos sociais, pois acreditamos que esses elementos colaboram para regular comportamentos sociais, condicionando nossas práticas discursivas.

Assim, concordamos com Oesterreicher (1997), para quem “todas as regularidades que podemos identificar em um determinado gênero podem ser consideradas aspectos discursivo-tradicionais, isto é, são características de um gênero textual/discursivo/de uma tradição discursiva” (OESTERREICHER, 1997, p. 322), como demonstramos no capítulo de análise. Apoiados no autor, defendemos que o uso de elementos dêiticos sociais estabelece uma tradição discursiva em nossas práticas sociais, condicionando e regulando comportamentos,

historicamente situados, que solidificam posturas anti-igualitárias.

Ampliando a proposta de Koch (1997) e Oesterreicher (1997), chegamos à proposta de Kabatek (2005), para quem as manifestações culturais e linguísticas estabelecidas pelas regras discursivas garantem um caráter histórico aos estudos linguísticos e refletem a manutenção e/ou renovação de formas textuais, estabelecendo, assim, tradições discursivas. Nas palavras do autor, tradições discursivas são caracterizadas pela “repetição de um texto ou de uma forma textual ou de um modo particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio” (KABATEK, 2005, p. 161).

O autor define que uma Tradição Discursiva (TD) estabelece uma relação entre o novo e a tradição; e a partir desse ponto sustentamos que o estudo dos dêiticos sociais, sob esse viés teórico, pode enriquecer as pesquisas sobre referenciação, contemplando tanto as normas da língua que estipulam os pronomes de tratamento quanto as regras do discurso que orientam o comportamento discursivo de aplicação desses elementos na enunciação.

Esse posicionamento colabora para a defesa de que a função dêitica não deve ser compreendida sempre associada a uma forma linguística, conforme defende Martins (2019):

[...] os usos dêiticos se dão não necessariamente por formas dêiticas convencionadas, mas por traços extremamente diversos que, em contexto de uso, pressupõem a marcação do ponto de origem do locutor (instauração de uma *origo*), a partir da criação de um campo dêitico. Assim, todas as formas dêiticas cumprem função dêitica, mas tem toda função dêitica corresponde a uma forma gramaticalmente convencionada de dêixis, mas, de alguma maneira apresentam (*sic*) duas características fundamentais da dêixis: a subjetividade e a ostensividade (MARTINS, 2019, p.25)

Assim, pretendemos observar os traços que compõem a função referencial desses elementos dêiticos sociais, ou seja, as marcas de subjetividade e ostensividade, diacronicamente, a fim de comprovar como os comportamentos orientados pelas regras do discurso, marcadas por permanência e mudanças linguísticas, enfatizam os usos desses pronomes estabelecendo regras da língua rígidas que fortalecem um sistema social desigual em nossa sociedade.

Quando demosntramos a relevância dos estudos em TD para nosso objeto, é importante demonstrar como tais estudos evoluíram nos últimos anos, auxiliando na inovação de trabalhos que apresentaram categorias de análise diferentes das propostas por suas bases teórica, assim como propomos também. Para tanto, iremos apresentar a perspectiva de trabalho de objetos presentes na língua, no discurso e nos gêneros do discurso que foram explorados à luz da TD e resultaram em pesquisas de bastante relevância.

Inicialmente, reportamos nossa atenção para a tese de Bastos (2016), que analisou os

aspectos orais presentes em anúncios de escravos fugidos em jornais pernambucanos. A autora analisa as marcas de oralidade, diacronicamente, a partir de pontos de vista pragmático, sintático e semântico, sempre buscando marcas de mudança e permanência que levassem à construção de um processo informativo sobre a oralidade presente no gênero.

A autora embasa-se na TD para a análise das marcas de oralidade e, assim, consegue, posteriormente, uma análise que reflete o campo social brasileiro, tanto na época de divulgação dos anúncios quanto na atualidade, comparando-as com anúncios de foragidos divulgados recentemente.

Um aspecto interessante das marcas de oralidade encontradas pela pesquisadora, diz respeito à autoria dos anúncios, escritos, na maioria das vezes, por semicultos, pessoas de escasso domínio da modalidade escrita. Essa definição é defendida em Oesterreicher (1994) e auxiliou-nos na análise das cartas selecionadas para esta pesquisa, na medida em que o grau de escolaridade, no Brasil, na época da escrita dessas cartas, relaciona-se com o nível social pesquisado por nós.

O trabalho de Bastos (2016) propõe uma abordagem intrigante das marcas de oralidade em anúncios de fugas de escravos, pois acaba estabelecendo um paradigma social entre ricos e pobres no contexto brasileiro da época. Isso indica, para nós, que os traços de mudança e permanência no uso de determinadas partículas da língua refletem a condição social do falante e pode, inclusive, ser modificada desde que exigida como modo de falar na norma linguística.

Esse fato dá-nos ainda mais interesse em investigar as relações hierárquicas estabelecidas pelo uso de pronomes de tratamento em nossa sociedade, pois se marcas de oralidade em anúncios escravagistas demonstraram uma barreira social crescente, talvez, apontando para nossa atual cena social racista, o uso de dêiticos sociais pode contribuir para a demarcação da desigualdade social refletida na língua, como vimos defendendo.

Outro importante trabalho em TD que modificou o tratamento de estudos de um objeto foi a tese de Zavam (2009) que propôs uma análise diacrônica dos gêneros discursivos, a partir de editoriais cearenses. Sua pesquisa foi um marco para as investigações em TD, no Brasil, pois considera os gêneros do discurso a partir do percurso histórico em que estão inseridos, fato até então pouco investigado nos estudos sobre gêneros no país.

Dessa forma, Zavam (2009) propõe uma nova análise diferenciada das categorias composicionais do gênero editorial, avaliando como essas categorias constituem signos próprios a partir de um percurso diacrônico que observa traços de mudança e permanência no gênero. Com isso, a autora assevera que não podemos estudar os gêneros dissociando-os de

aspectos considerados “extralinguísticos”, como a cultura, a sociedade, a economia e a política.

Em trabalho mais recente, Zavam (2018) afirma que “o reconhecimento dessa história subjacente à história dos gêneros do discurso é que nos leva a considerar o extralinguístico constitutivo do linguístico [...]”, para nossa pesquisa essa consideração é muito importante, pois, a partir desse ponto de vista, defendemos que os critérios “extralinguísticos” utilizados para conceituar o uso de dêiticos sociais, são, conseqüentemente, formados pela porção linguística e, como corolário, constituem um critério apenas, o qual estamos denominando de critério panlinguístico⁸, pois julgamos que, as marcas históricas de que fala a autora, estão dentro do aspecto linguístico, tanto quanto os aspectos linguístico estão dentro da formação histórica que compõe um contexto social, econômico e cultural.

Por isso, apoiados na TD, bem como nos estudos mencionados, concentramos nosso olhar para essa importante categoria que ajudou na análise de nosso objeto, os dêiticos sociais. Diante disso, destacamos um ponto essencial que diz respeito ao uso da expressão *extralinguístico* muito usada por autores já citados anteriormente como Coseriu (1980), Koch (1997), Oesterreicher (1997) e Kabatek (2005).

Inicialmente, é importante mencionar que acreditamos que tal expressão na Linguística Textual, campo de estudos da referenciação, pode gerar conflitos no aporte teórico, uma vez que já está consolidado, para esse ramo de pesquisa, que os objetos do discurso, que configuram a significação dos sujeitos do mundo, não estão preestabelecidos ou preexistentes no plano real, mas são construídos e estabelecidos mediante convenção social entre os falantes, conforme pontuam Ciulla e Martins (2017):

o saber se constitui na linguagem e não pode ser visto separadamente do homem que fala. De fato, a questão não é a de que o “contexto situacional não é exterior à linguagem”, a questão é que, quando nos referimos ao mundo, nós o fazemos do ponto de vista da língua. Os objetos a que nos referimos são construtos, são fruto das noções que formulamos sobre eles e expressamos na língua. Trata-se, sempre, portanto, do modo como representamos o mundo na língua e pela língua, e não do mundo físico. Diante disso, acreditamos que o termo *extralinguístico* pode gerar confusões metodológicas e teóricas, dado que consideramos os objetos do mundo estabelecidos a partir de um ‘acordo’ social entre os falantes que admitem ou não a construção de uma representação referencial no texto (2017, p.86-87, grifos das autoras).

Esse posicionamento vai ao encontro do pressuposto estabelecido já há muito tempo pelas teorias que pesquisam os processos de Referenciação, conforme percebemos em Mondada e Dubois (2003):

⁸ Posteriormente, apresentamos os motivos que nos levaram a optar por esse novo termo relacionado à confluência de critérios linguísticos, sociais e culturais.

não se pode considerar [...]nem que a palavra ou a categoria adequada é decidida a priori ‘no mundo’, anteriormente a sua enunciação, nem que o locutor é um locutor ideal que está simplesmente tentando buscar a palavra adequada dentro de um estoque lexical (2003, p.34).

Ou seja, os processos referenciais se atualizam no contexto e não podemos pensar em categorizar os objetos do mundo como se estes fossem preexistentes, porque eles só existem de fato a partir da enunciação, também por isso, não acreditamos que a linguagem estabelece coordenadas num plano exterior, pelo fato de defendermos que não existe esse plano denominado *extralinguístico*.

Com isso, são pertinentes as indagações: Qual é o espaço para o termo *extralinguístico* na atual Linguística Textual? Como podemos pensar em algo que esteja “fora da linguagem” se os objetos do mundo são constituídos na linguagem, na enunciação, e não são considerados elementos que antecedem o momento enunciativo? Essas perguntas são importantes para nossa pesquisa, uma vez que pretendemos esclarecer como os dêiticos sociais estabelecem uma estrutura hierárquica na sociedade que ressalta um quadro de desigualdades sociais, posto que o uso de expressões como V^a. Ex^a., por exemplo, instaura um padrão discursivo, marcando uma relação hierárquica entre ouvinte e falante, estabelecida em textos, mas refletida nos comportamentos sociais.

Essa “obrigatoriedade discursiva” pelo uso de certos pronomes, cria comportamentos sociais apropriados ou adequados, surgindo um contexto de uso, dessa forma, podemos notar uma interferência entre o plano linguístico, denominado *intralinguístico* por alguns, no chamado plano *extralinguístico*, levando-nos a defender que ambos os termos não fazem sentido na aplicação de conceitos da Linguística de Texto, uma vez que os objetos do mundo são constituídos na enunciação e que, conforme Antunes (2017, p.30), “só nos comunicamos através de textos”, o uso de dêiticos sociais em cartas pode estabelecer que o *extralinguístico* nada mais é do que a própria linguagem, além dos aspectos essencialmente linguísticos.

Porém, desenvolveremos melhor essa temática posteriormente; neste momento, queremos apenas salientar que, no campo de estudos da TD, o termo em questão é entendido de forma diferente do que concebemos adequado para a Linguística de Texto. Muitos autores, como Coseriu (1982), utiliza o termo para especificar um espaço além da linguagem, ainda que possamos encontrar certo desconforto do autor com o uso do termo:

O signo *não* está POR “outra coisa”, por algo extralinguístico, mas só *pode* se dirigir para a designação do extralinguístico. Por outro lado, o emprego do termo *signo* produz a impressão de que antes da linguagem haveria um *signanadum*; e dessa maneira chega-se muito facilmente a conceber a linguagem como mero sistema de designação (“nomenclatura”) para “coisas” já dadas como tais. Se se adota essa concepção, ao domínio da linguagem só resta o signo material, ao passo que o

conteúdo é considerado como algo extralinguístico (COSERIU, 1982, p.25-26, grifos do autor).

Como podemos notar, Coseriu apresenta precaução ao usar o termo *extralinguístico* por acreditar que não podemos dissociar o conteúdo e a expressão que compõem o signo linguístico. Dessa forma, o autor preocupa-se com os estudos que concebem o conteúdo como parte além do signo linguístico, fato que nos leva a concordar com o autor e defender que o *extralinguístico* é um termo usado por tempos como tentativa didática de se estudar e perceber os fenômenos da linguagem, no entanto, acreditamos que, atualmente, diante da evolução dos estudos pragmáticos, é preciso superá-lo. Ainda assim, o termo *extralinguístico* fez-se presente na teoria de muitos autores usados como suporte teórico desta pesquisa no âmbito das Tradições Discursivas, por isso, reiteramos que o uso do termo por autores desta área não compreende o que buscamos desenvolver e defender no tocante ao uso de elementos referenciais dêiticos.

Dito isso, e retomando o percurso dos estudos em TD, é possível notar, pelas propostas apresentadas por Koch (1997), Oesterreicher (1997), Kabatek (2005) e Coseriu (1980) que os aspectos históricos, que guardam as regras do discurso, estabelecem uma relação não apenas com normas linguísticas, mas vão além de regras da língua propriamente dita e cruzam-se com aspectos sociais e culturais que também compõem a linguagem. Por isso, é comum nos textos dos autores citados a presença de termos como *intra-linguísticos* (para se referir a regras da língua) e *extralinguísticos* (em referência a aspectos culturais e sociais encontrados no discurso).

No entanto, em nossa pesquisa, admitimos que o termo *extralinguístico* contraria nosso ponto de vista, pois defendemos que as relações de sentido construídas com os dêiticos sociais diacronicamente não estão marcadas por elementos fora da linguagem como remete o termo em questão. Acreditamos que tudo está na linguagem, sejam as regras de aspecto essencialmente linguístico, que marcam as normas particulares de uma língua, sejam as regras discursivas que marcam comportamentos que orientam a disposição dos textos e dos discursos.

Dessa forma, adotamos a concepção de Oliveira (2015) para embasar nosso ponto de vista de que o termo *extralinguístico* pode confundir nossa análise e, conseqüentemente, interferir em nossos resultados. Consoante o autor:

[...] não há mais a dicotomia radical entre linguagem e realidade, pois **a linguagem é o espaço de constituição do sentido da realidade para nós**. O sentido não mais se constitui na interioridade de uma consciência transcendental, mas num contexto de

regras e convenções de um contexto social determinado. O sujeito capaz de falar e agir só se entende a partir de um processo social, que emerge como condição de possibilidade de suas ações simbólicas. Portanto, sua linguagem só se compreende a partir da organização institucional da forma de sociabilidade na qual ele está situado, que é a raiz de seu comportamento no mundo (2015, p.166. Grifos nossos).

De modo semelhante, Coseriu (1982, p.38) já afirmava:

A linguagem é originalmente criação de significados (e expressões) que podem ser empregados depois no convívio prático do homem com outros homens e em suas ações no mundo [...] a linguagem como falar é produção linguística, uma vez que o linguisticamente novo se apresenta sempre e necessariamente no falar [...] todo ato de falar contém algo “inédito”, algo que nunca foi dito antes. Finalmente, também a linguagem como compreensão do falado (ou escrito) deve ser entendida como produção, uma vez que também a compreensão linguística ultrapassa o que já foi experimentado.

Assim, percebemos que o próprio Coseriu (1982), em alguma medida, elaborou seu pensamento e a divisão dos níveis da linguagem considerando as marcas que vão além do essencialmente linguístico, concebendo aspectos históricos e culturais, por exemplo, como atividades “extralinguísticas criadoras da linguagem”, fato importante para nossa pesquisa e preponderante para nossa decisão de considerar o *extralinguístico* a própria linguagem, tendo em vista a impossibilidade de disassociação entre linguagem e aspectos culturais e históricos.

Isso posto, salientamos a importância da bipartição do nível histórico coseriano realizada por Koch (1997) e assegurada por Oesterreicher (1997), para nossa investigação sobre a construção de sentido estabelecida pelos dêiticos sociais, diacronicamente, uma vez que esses elementos apresentam um uso estabelecido por regras discursivas que se fortalecem mediante aspectos que extrapolam o campo de normas idiomáticas.

No entanto, em nosso trabalho, defendemos que a orientação do comportamento social estabelecida pelo uso de dêiticos sociais ao longo do tempo não ocorre em função de aspectos *extralinguísticos*, já que regras da língua e regras do discurso constituem a linguagem, dessa forma, tudo é linguagem!

Em nossa pesquisa consideramos que as regras do discurso abarcam elementos linguísticos e ações sociais, que também fazem parte da linguagem, consoante pontuam Ciulla e Martins (2017). As regras do discurso, estipuladas por Koch (1997), constituem comportamentos sociais que reverberam escolhas e padrões delineados nas regras da língua, assim, acreditamos que não é possível dissociar regras da língua e regras do discurso, o que demonstramos com a análise dos dêiticos diacronicamente, razão por que salientamos, nosso posicionamento quanto ao uso do termo *extralinguístico*.

Assim, defendemos que as regras do discurso, tais quais estipuladas por Koch (1997), existem porque a linguagem permite e também porque uma comunidade humana fez uso

dessas regras, a partir de elementos “essencialmente linguísticos”, como oposições fonológicas, paradigmas lexicais, regras sintáticas que se concretizam no discurso, instaurado e assumido por uma comunidade; o que nos leva a defender que a expressão *extralinguístico* deve ser evitada no contexto de uso para análise de elementos referenciais, sobretudo, no contexto diacrônico de dêiticos sociais.

Dessa forma, admitimos que escolher pelo uso de determinados pronomes de /tratamento em uma Tradição Discursiva reflete uma hierarquia social estabelecida por uma divisão de uma comunidade que enseja privilegiar algumas classes sociais em detrimento de outras, utilizando os dêiticos sociais para marcar esses privilégios. Por isso, analisar o fenômeno dêitico a partir dos pressupostos teóricos da TD é importante para a compreensão desses elementos como marcadores de limites sociais impostos pela linguagem.

Diante disso, reforçamos que o uso da expressão *extralinguístico* não se efetiva, dado que, a linguagem é utilizada no contexto de usos dos dêiticos sociais, para demonstrar autoridade e a autoridade é efetivada pela linguagem, no caso do uso desses elementos, portanto, não há algo “fora da linguagem”, conforme a expressão designa.

Com isso, em consonância com Bazerman (2015, p.150), acreditamos que “A linguagem e suas ordens são tão pervasivas que se tornam invisíveis, perdidas dentro das próprias atividades”, ou seja, o caráter autoritário implícito no uso dos dêiticos sociais aplicados, obrigatoriamente, em alguns gêneros, como os epistolares, é tão usual que já nos esquecemos da motivação que nos leva a utilizá-los.

Por isso, recuperar esse contexto diacronicamente pode auxiliar a compreender as funções dos dêiticos sociais e suas aplicações no panorama da referenciação, colaborando, não apenas para sua caracterização, como também para a compreensão do cenário social em que esses elementos referenciais estão inseridos.

Assim, acreditamos que unir os estudos sobre referenciação e TD no tocante aos elementos dêiticos sociais pode enriquecer o debate sobre esses elementos referenciais. Por isso, justificamos nosso interesse em aliar essas duas perspectivas, retomando os três níveis da linguagem a partir da reconfiguração proposta por Koch (1997) e Oesterreicher (1997), na bipartição do nível histórico com normas da língua e normas do discurso, realizadas a partir de traços de mudança e permanência, esclarecendo que as normas do discurso, em nosso trabalho, não são consideradas *extralinguísticas*, mas compostas por funções que vão além dos aspectos essencialmente linguísticos caracterizados pelas normas da língua⁹, como

⁹ Pretendemos sugerir o uso de outro termo o qual julgamos melhor englobar o sentido que pretendemos construir neste trabalho. Mas acreditamos que tal justificativa será melhor exposta no capítulo referente ao

defendemos ser o uso dos mecanismos dêiticos sociais.

Por isso, julgamos que os estudos em TD são importantes para nossa pesquisa, pois auxiliam na recuperação de contextos de uso de dêiticos sociais que retomam traços de mudança e permanência das funções discursivas dos mecanismos dêiticos. Nesse ponto, é importante recuperar o conceito de dêiticos sociais defendido por Levinson (2007, p.76): “a dêixis social diz respeito à codificação de distinções sociais relativas aos papéis dos participantes, particularmente a aspectos da relação social entre o falante e o(s) destinatário(s) ou entre o falante e algum referente”.

Diante disso, é relevante salientar que o centro dêítico dos elementos dêiticos, conforme o mesmo autor, estabelece coordenadas com o centro das pessoas do discurso, com o centro do tempo da enunciação e com o centro social que “é a posição social e o grau hierárquico do falante” (LEVINSON, 2007, p. 77).

Esses pontos são essenciais para compreender como a realidade cultural e social de um contexto influencia nos usos de mecanismos dêiticos sociais, o que nos mostra que o campo dêítico dos mecanismos dêiticos sociais não é orientado apenas pelas marcas mencionadas por Levinson (2007), como pode indicar o centro social, citado pelo autor, orientado por questões sociais estabelecidas diacronicamente e que podem refletir em práticas desiguais de comportamentos sociais.

Por isso, acreditamos necessária a nossa discussão em torno do termo “extralinguístico” que defendemos ser inadequado, pois o próprio contexto de uso dos mecanismos dêiticos sociais já engloba aspectos culturais e sociais que precisam ser considerados pela cena pragmática em que estão inseridos e que vai se modificando, conforme a evolução social.

Assim, o centro dêítico dos elementos dêiticos sociais é orientado não apenas por aspectos gramaticais ou enunciativos, pois, conforme Levinson (2007), os dêiticos sociais também devem ser orientados a partir do “grau hierárquico dos falantes”, o que acreditamos ser esse grau hierárquico é alcançado mediante mudanças sociais temporais que marcam a postura dos sujeitos em seus discursos e refletem diferenças sociais na língua, mediante o uso dos dêiticos sociais.

Essas mudanças sociais englobam um grupo de aspectos que, para muitos, compõem características “extralinguísticas”, o que nos leva a defender o uso de outro termo para

postulado sobre referenciação que usamos neste trabalho. Ainda assim, expusemos previamente algumas considerações neste momento do trabalho, pois o termo extralinguístico também é relevante para a compreensão dos níveis da linguagem apresentados por autores do campo da TD.

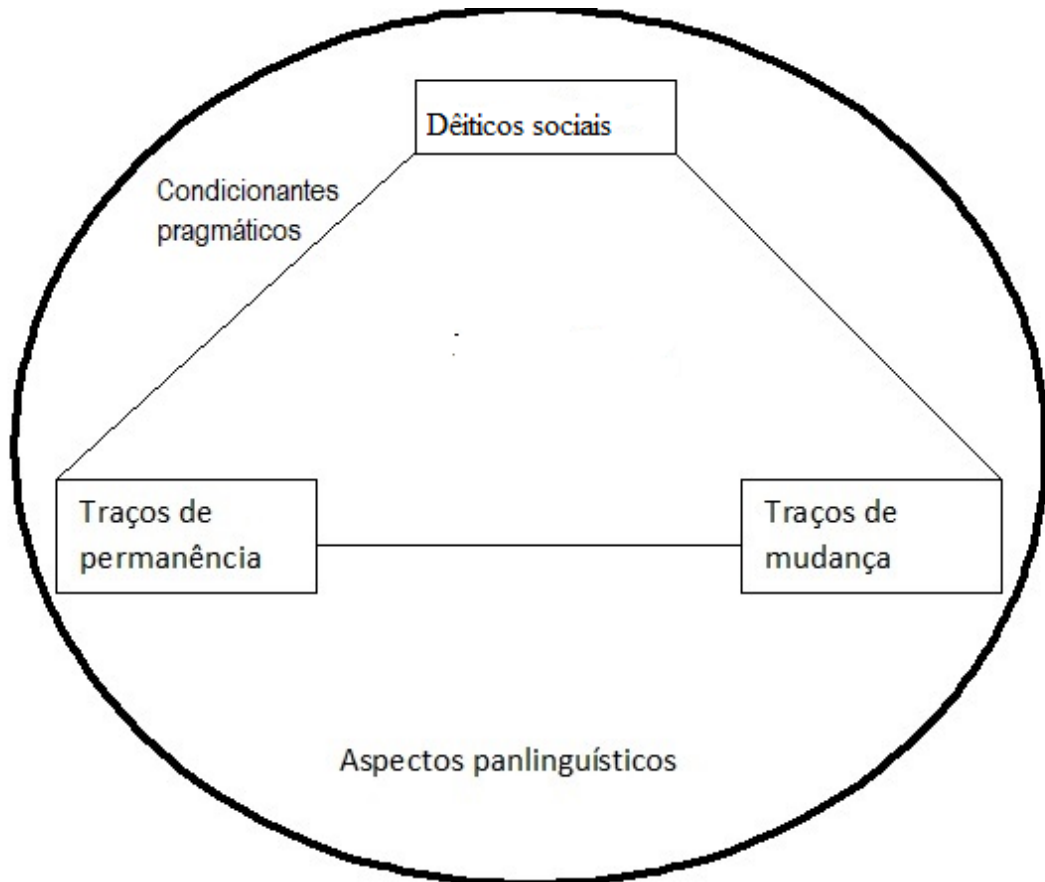
conceituar o grupo de marcas sociais e culturais que apontam modificações pragmáticas, no uso dos dêiticos sociais, o termo *panlinguístico*.

Para nós, esse termo é adequado, pois o prefixo *pan* exprime a universalidade de marcas que orientam o uso dos mecanismos dêiticos sociais, sejam marcas estritamente linguísticas, sejam marcas de orientação social, que refletem condicionamentos pragmáticos de uma sociedade, uma vez que o campo dêitico desses elementos é construído com apoios nesses fatores. Ademais, a união do prefixo *pan* com o substantivo linguístico agrega ao novo termo o valor de universalidade que buscamos passar, em relação à junção das marcas de orientação social, cultural e histórica com os aspectos relacionados à língua.

Por isso, ao recuperar nossas categorias de análise (os dêiticos sociais, os traços de mudança e permanência, os valores panlinguísticos), pensamos em apresentá-las conforme o esquema, a seguir, (Figura 4), que se insere como nosso objeto, os dêiticos sociais, que podem ser analisados a partir de um conjunto de categorias que formam um tripé para análise de nosso corpus.

Apoiados nesse esquema, apresentamos o tripé de nossa análise que inclui traços de mudança e permanência nos usos de dêiticos sociais ao longo do tempo, causando modificações ou não no centro dêitico social, e podendo alterar a hierarquia social que orienta o uso desses mecanismos. Essa hierarquia pode ser modificada mediante condições pragmáticas que reconhecem valores normativos e culturais, os quais denominamos de aspectos panlinguísticos.

Figura 4 - tripé de categorias para análise.



Fonte: elaborado pela autora, 2020.

É importante ressaltar que, para nós, o funcionamento dos dêiticos sociais está associado a regras estabelecidas, tanto diacronicamente e, por isso, defendemos nossa abordagem apoiada nos estudos da TD, quanto sincronicamente, apoiados no funcionamento pragmático desses mecanismos dêiticos que articula condicionantes pragmáticos para orientar seu uso, por isso, nosso esquema de categorias visa demonstrar a articulação desses dois aspectos, recuperando, sobretudo, marcas diacrônicas, pois defendemos que elas podem apresentar traços de mudança ou permanência de usos que reverberam em nossas práticas atuais, refletindo a estratificação social de nossa comunidade.

Ademais, esse esquema estrutura, para nós, a base de organização em tradição discursiva para o estabelecimento de uma tradição discursiva com objeto de pesquisa enunciativo, conforme menciona Irineu (2014).

O autor desenvolve um estudo diacrônico do ethos discursivo em editoriais jornalísticos da América Latina. A pesquisa do autor trouxe para os estudos em TD uma relevante contribuição, pois realizou a análise de um aspecto discursivo a partir de traços de mudança e permanência encontrados nos textos dos editoriais selecionados.

Para nós, o trabalho de Irineu (2014) apresenta uma das inúmeras possibilidades de pesquisa que os estudos em TD podem desenvolver, muito além da base essencialmente histórica ou lexical que permearam os estudos da área inicialmente. Uma abordagem diacrônica sobre um objeto discursivo, o *ethos* dos editoriais, abre margem para pesquisas que investiguem o percurso de usos de elementos tão ligados ao discurso quanto os dêiticos.

Especificamente, os dêiticos sociais que, como sabemos, apresentam forte relação com aspectos não apenas discursivos, mas também pragmáticos, pois não apenas orientam as coordenadas do discurso, como também seu uso baseia-se em condições sociais, estipuladas pragmaticamente.

Dessa forma, julgamos que os fenômenos pragmáticos que constituem o uso dos dêiticos sociais fazem parte de um grupo de fenômenos discursivos dos quais Irineu (2014) lança mão para a análise de seu *corpus*, de maneira análoga, esperamos revelar com esta tese uma nova perspectiva nos estudos em TD, a partir da investigação diacrônica de condições de uso de dêiticos sociais pragmaticamente estipuladas.

Acreditamos que isso é algo viável sob a perspectiva de estudos da TD, pois, como ressalta Irineu (2014, p.40):

O conceito de tradições discursivas pode lançar luz à investigação diacrônica do *ethos* discursivo, pela descrição de seus vestígios de mudança e de seus traços de permanência, na história [...] através da análise de suas evidências linguístico-textuais na história.

Como dissemos anteriormente, pretendemos, investigar os traços de mudança e permanência que condicionaram os aspectos pragmáticos para o uso dos dêiticos sociais. Assim como a pesquisa de Irineu (2014) que prova ser possível o estudo de um aspecto discursivo sob esse enfoque, analogamente, propomos, nesta investigação, a partir de critérios pragmáticos seguindo essa abordagem também.

3.2 Processos referenciais dêiticos: o uso de dêiticos sociais como processos de mudança e permanência.

Observar o processo de alteração ou permanência no uso de aspectos discursivos a partir da perspectiva da TD pode contribuir para compreensão dos usos dos dêiticos sociais em nossas práticas atuais. Irineu (2014) demonstrou como podemos utilizar esse processo para verificar vestígios de mudança e permanência no *ethos* do discurso latino, observando

também como os elementos dêiticos se comportam ao longo dos anos de construção desse processo. O autor afirma que

os elementos dêiticos estão no plano da enunciação para revelar “as coordenadas do falante no âmbito dos espaços físicos textuais” (CAVALCANTE, 2000, p. 03). Sobre estes elementos, Maingueneau (2008c) destaca que as imagens de si se expressam nas cenografias em termos de cronografia, topografia e participantes, em função dos dêiticos expressos na cena de enunciação. Os elementos dêiticos que se repetem com valor de signo próprio, ou seja, para indicar o ponto de vista enunciativo (dêiticos pessoais), as coordenadas cronográficas e topográficas (dêiticos temporais e espaciais), bem como as circunstâncias, os papéis sociais dos enunciadores e a referência metalinguística a porções do discurso (dêiticos modais, sociais e discursivo-textuais, respectivamente) (IRINEU, 2014,p.195).

Para Irineu (2014), os elementos dêiticos colaboram na construção de um papel social estabelecido no discurso que nós acreditamos refletir uma estratificação social, por isso ao reconhecermos a proposta de Koch (1997) e Oesterreicher (1997), buscamos delinear um *continuum* nos usos dos dêiticos sociais que marque as exigências sociais instauradas na língua e expressas no discurso, estabelecendo uma aproximação ou distanciamento entre os falantes, mediante aspectos pragmáticos organizados historicamente.

No tocante ao desenvolvimento de um *continuum* discursivo, recuperamos a ideia de Jungbluth (2004), que apresentamos a seguir, pois acreditamos que o uso dos dêiticos sociais, assim como o desenvolvimento dos textos, ocorre sincronicamente, aproveitando a contextualização discursiva, restaurada diacronicamente. Logo, o uso dos dêiticos sociais está situado numa sequência de tradições discursivas, que ocorre nos dois eixos (sincrônico e diacrônico) da língua:

Figura 5 - Esquema de Jungbluth.



Fonte: Jungbluth, 1993, apud Gomes, 2007, p.48.

Desse modo, acreditamos que, mais do que produções textuais, os usuários da língua precisam conhecer o ambiente sociocultural em que está inserido, bem como, as relações pragmáticas admitidas nesse ambiente. Por isso, no caso dos dêiticos sociais, reconhecer o interlocutor e sua função no meio social assume uma postura que faz grande diferença nos

usos desses mecanismos, uma vez que a não admissão de determinada função pode gerar falhas na compreensão da mensagem.

Faz-se, portanto, necessário o reconhecimento de modelos de realizações discursivas produzidos anteriormente e o uso de mecanismos referenciais dêiticos que é essencial para que haja esse reconhecimento, posto que a função indicial desses elementos contribui para a construção do mundo dos falantes, construindo os contextos de práticas linguísticas, conforme denota Mondada (2015, p. 662 tradução nossa): “A indexicalidade juntamente com a indeterminação é o que torna a linguagem adaptável de forma flexível a uma variedade de contextos [...]”¹⁰.

Julgamos que os dêiticos sociais apontam para modelos contextuais que reconhecem as funções sociais dos interlocutores, dessa forma, os dêiticos sociais indicam uma hierarquia construída socialmente e admitida pela linguagem mediante a capacidade desses mecanismos referenciais de construir sujeitos e objetos (HANKS, 2008).

Logo, o reconhecimento, pelos falantes, dos contextos construídos na função dêitica, demonstra como esses elementos estabelecem padrões sociais e apontam, não apenas para o *eu* da enunciação, mas também para o *tu*, pois há a contínua preocupação com o outro ao inserir um dêitico social na comunicação, uma vez que é preciso associar ao uso desses elementos a função estabelecida pelo outro nas práticas sociais.

Ou seja, para alcançar o sucesso comunicativo, os falantes precisam compartilhar tradições da norma discursiva instituídas diacronicamente. Isso ocorre também com elementos dêiticos, especialmente, com os sociais, cujo caráter assume um teor ainda mais instigante, já que estes marcam posições sociais construídas linguisticamente, assim:

[...] podemos dizer que toda produção textual requer o conhecimento, por parte dos usuários da língua, de modos de realizações discursivas (orais ou escritas) anteriormente produzidos pela sociedade denominados *Tradições Discursivas*. Tais modelos revelam a recorrência a certas fórmulas, atos de fala, estilos, que estabelecem, na constituição de um texto ou discurso, uma relação entre o momento atual e a tradição (ANDRADE; GOMES, 2018, p. 30. Grifos das autoras.).

Com isso, acreditamos que o uso dos dêiticos sociais, ao longo do tempo, instituiu traços de subserviência, uma hierarquia discursiva, que reflete uma estratificação na sociedade, instaurando um *continuum* que estabelece traços de mudança e permanência linguística que marcam uma desigualdade social a partir do uso desses elementos referenciais, garantido a estes a continuidade do uso em contextos de demarcação de poder, como em

¹⁰ “Indexicality, along with indeterminacy, is what makes language flexibly adaptable to an infinite variety of contexts [...]”.

missivas institucionais, tais como, as cartas, gênero escolhido para nossa análise.

Dessa maneira, podemos perceber que as escolhas dos falantes empregadas em atos efetivos da linguagem, previstos na cadeia enunciativa, estão ligadas a finalidades mais complexas que são determinadas por razões culturais que permeiam contextos, tanto no que consideramos essencialmente linguísticos, quanto no que é reputado além do caráter linguístico.

Ou seja, as alterações sociais e culturais exercem influência na finalidade comunicativa dos textos, levando os falantes a seguirem certos padrões linguísticos que assim se firmam por estarem associados a determinadas “regras culturais”, que estão intrincadas por critérios panlinguísticos e efetivam uma relação mutualística na língua, pela qual não podemos dissociar o que é linguístico e o que é social, uma vez que essa construção é estabelecida concomitantemente. Este pensamento é endossado por Longhin (2014), para quem

A historicidade da língua é, então, a historicidade do homem social, entendendo social aqui não apenas em termos da coletividade das classes sociais, mas, sobretudo, em termos dos papéis sociais assumidos e das relações sociais entre o eu e o outro que, juntamente com as finalidades comunicativas e demais condições de produção, determinam o que dizer e como dizer, produzindo sentido (2014, p.19).

Acreditamos que o uso dos dêiticos sociais está associado a condições pragmáticas que orientam as condições de produção no decurso do tempo, construindo a historicidade de sua função. Com isso, ao fazermos uso desses elementos, estamos relacionando-os a sucessivas posições sociais atualizadas pelas formas dêiticas, processo orientado por condicionantes pragmáticos, ao longo do tempo. Assim, defendemos que não seja adequado para o estudo dos dêiticos sociais desconsiderar as categorias pragmáticas que constituem e orientam o uso desses elementos em instituições sociais.

O estudo desses elementos dêiticos deve considerar o caráter histórico defendido pelas TD, dessa forma, essa teoria se apresenta como fundamental em nossa pesquisa, posto que, o conceito de TD apresentado por Kabatek (2005) nos permite pensar nessa associação entre as relações dêiticas referenciais construídas diacronicamente, uma vez que, para o autor uma tradição discursiva é

A repetição de um texto, de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire o valor de signo próprio (é, portanto, significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos empregados (KABATEK, 2005, p.7).

A fim de apresentar melhor esse conceito, utilizamos as palavras de Longhin (2014, p.24, grifos da autora), para quem “as mudanças nos *modos de fazer* e nos *modos de viver*, nas tantas esferas de atividades sociais, levam a mudanças nos *modos de dizer*”. Acreditamos, conforme Kabatek (2005), que esses modos de dizer não podem ser considerados isoladamente, sob pena de retrocedermos ao relativismo vericondicional da semântica formal que não considerava os aspectos referenciais da linguagem.

Por isso, defendemos que a função dêitica social é construída mediante o reconhecimento de condicionantes pragmáticos que ocorrem sequencialmente na linha do tempo, indicando uma hierarquia na linguagem que se reflete no plano social dos falantes.

Dessa forma, reforçamos que é preciso pensar nos modos de fazer e viver imbricados nos modos de dizer, como denomina Longhin (2014), como um *continuum* em que não podemos separar esses modos, fato que acarretaria a perda de sentido no plano do enunciado. É sob essa ótica que acreditamos estar fundamentada a função dêitica dos elementos sociais e, por isso, enfatizamos a união da abordagem teórica da TD com a Linguística Textual, tendo em vista que essa junção fundamenta adequadamente nossa pesquisa, em razão da pertinência das categorias selecionadas para a análise de nosso corpus.

As relações estabelecidas pela linguagem com o comportamento social humano são tão fortes que extrapolam limites gramaticais; a linguagem é a régua que determina onde e como os sujeitos podem manifestar seus comportamentos; são as marcações de orientação dêitica, feitas pelo uso universal das formas *eu-aqui- agora*, que indicam isso. Afinal, todas as línguas fazem uso dessas coordenadas para marcar os espaços enunciativos e demarcar o tempo e os sujeitos do processo de enunciação.

Certamente por isso, os tipos mais comuns de elementos dêiticos pesquisados são os que representam esse paradigma de pessoa, espaço e tempo. No entanto, a pesquisa direcionada para o funcionamento de outros tipos de dêiticos, como os sociais, pode colaborar na compreensão da instauração de marcas de subjetividade na linguagem, por isso, nosso foco recai sobre esses mecanismos.

Porém, antes de continuarmos nossos apontamentos, faz-se necessário reconhecer a função dos elementos dêiticos de pessoa, espaço e tempo, para o que recorremos a Sousa e Lemos (2012), que apresentam o seguinte resumo:

- a) Dêixis Pessoal: esse tipo de dêitico, segundo Castro (2010), trata especificamente da inscrição do sujeito no ato comunicativo. Para o autor, os dêiticos pessoais tratam diretamente da codificação do papel dos participantes no evento de fala, no momento da enunciação.

b) Dêixis Temporal: Segundo Filmore (1971, *apud* Castro, 2010), o tempo dêítico é o tempo em que se dá o ato comunicativo, compreender esse tempo, significa compreender o tempo de envio da mensagem, o “*encoding time*” e o tempo de recepção dela, o “*decoding time*”, os dois tempos juntos compreendem o tempo dêítico [...]

e) Dêixis espacial: Consiste na codificação do lugar da enunciação é constituída a partir da posição física que o falante ocupa no momento da execução do enunciado (SOUSA; LEMOS, 2012, p.13).

Diante disso, os processos referenciais, destacadamente, a dêixis, colaboram para a construção dos sentidos dos textos que compõem as relações humanas e, conseqüentemente, os processos sociais que estas estabelecem na sociedade. Por isso, as pesquisas sobre dêixis sempre ocuparam um lugar de importância nos estudos da linguagem, ainda que em debates que não discutiam a relação desse processo referencial com relações pragmáticas, restringindo-o a uma possível relação semântica verocondicional.

No entanto, como demonstrou Parret (1988), a importância da dêixis para a compreensão dos efeitos da comunicação efetiva não pode se restringir a tentar amarrar o significado desses elementos a um objeto referencial do mundo, dado que o mundo não é o reflexo usado como marco para o encontro da significação dos processos referenciais, uma vez que, atualmente, com a evolução das pesquisas que defendem o caráter sociocognitivo-discursivo dos processos referenciais, “a referência não consiste apenas em uma questão de convencionalidade linguística” (CORTEZ; KOCH, 2013, p.10).

É, preciso, porém, buscar compreender o funcionamento dos elementos dêíticos, que estão sempre marcando as coordenadas enunciativas de todo e qualquer texto, por isso, não podemos parar as investigações da área com essa afirmação de que a convencionalidade dos signos não é resguardada pelos processos referenciais.

A fim de ampliar essa perspectiva, é preciso compreender como os elementos dêíticos estabelecem coordenadas na linguagem que orientam os processos enunciativos imbricados por ela. Para isso, faz-se mister apresentar a noção de campo dêítico apresentada por Bühler (1982), que nos diz muito acerca desse processo de orientação espacial mediante uso de dêíticos.

A noção de campo dêítico de Bühler (1982) dita que a função dêítica é acessada mediante o estabelecimento de um campo que marca “o momento dêítico”, que se opõe ao momento de ausência dessa função. O autor propõe, dessa forma, um campo em que a função dêítica é estabelecida e um campo em que ela se ausenta; este é chamado de campo simbólico, aquele de campo mostrativo.

O campo mostrativo, por sua vez, é composto por duas funções: a primeira, Bühler

(1982) chama de *Ad oculos*, marcadora de espaços, lugares e pessoas; a segunda, ele denomina de *Am phantasma* e que trata de um campo fictício, embora esteja situado em uma enunciação, mesmo que criada para determinado fim, como o literário, por exemplo.

Para o autor, a ostensividade é a principal característica que demarca a função dêitica e também a divisão entre as funções *Ad óculos* e *Am phantasma*, pois o pronome dêítico aponta para um objeto presente no campo de percepção, no caso da função *Ad óculos*, como exemplo:

Sou eu o pai deste menino (FONSECA, 1996, p. 439).

É nesse campo mostrativo *ad óculos*, como demonstramos no exemplo, que Bühler (1982) ancora os pressupostos estabelecidos em seu trabalho, uma vez que, para ele, é neste espaço que ocorrem situações enunciativas reais, nas quais se estabelecem usos dêíticos situados na interação e em aspectos sócio-históricos.

No entanto, como sabemos, a enunciação, baseada nos pressupostos de Benveniste, é instaurada no ato discursivo estabelecido entre os falantes que podem recorrer a instrumentos acessórios para construir o referente compartilhado na conversação, tais instrumentos só ganham sentido no ato enunciativo e para os enunciadores em questão, mesmo que eles não vivenciem o momento na prática o ato referido é composto de sentido pela compreensão dos falantes.

Por isso, é preciso pensar que processos referenciais como os dêíticos colaboram na própria instauração de relações sociais que, para muitos estudiosos, extrapolam os horizontes da língua, mas, para os filósofos da linguagem, as relações que os sujeitos constroem na língua são a continuação de relações que a sociedade estabelece, de maneira análoga, pensamos que a sociedade e a linguagem são faces inseparáveis dos estudos dos dêíticos.

Por isso, não é possível estipular uma fronteira para o que está dentro e fora da linguagem, pois não podemos conceber o “fora” da linguagem, como sugere o termo *extralinguístico*. Quando apontamos para um objeto e enunciamos: “quero este” estamos diante de um grande exemplo de fusão dessa relação da linguagem com o mundo ao seu redor, portanto, defendemos que não há *o extralinguístico*; a linguagem constrói o mundo e ele é feito de linguagem, assim, defendemos o uso da expressão panlinguístico para a substituição do termo anterior, tendo em vista ser um vocábulo que abarca a real situação discursiva.

O uso de elementos referenciais dêíticos corrobora esse posicionamento, fazendo-se essencial que as pesquisas sobre esses processos referenciais os considerem matéria-prima para a construção da significação. Diante disso, é necessário compreender o funcionamento desses elementos nos processos enunciativos e como os avanços nos estudos sobre dêíticos

podem contribuir para que eles possam ser compreendidos como elementos que constroem o significado refletido nas relações sociais.

Estudiosas como Cavalcante (2000) e Ciulla (2002, 2008) contribuíram para a evolução nas pesquisas da área, ainda assim, o desenvolvimento de investigações que se dediquem ao fenômeno dêitico são necessárias para uma melhor compreensão das práticas de linguagem em que esses elementos estão inseridos. Apesar dos esforços e empenho das pesquisadoras e de demais estudiosos da área, ainda hoje, parece haver um apego na compreensão desses elementos relacionado, muitas vezes, a sua forma.

Necessitamos problematizar os critérios que caracterizam a dêixis social, pois reforçamos que é preciso compreender esse fenômeno como uma prática de linguagem caracterizada, muito mais do que por uma forma pronominal. Por isso, defendemos que a dêixis social, assim como o fenômeno dêitico em si, deve ser encarado como uma ação de linguagem definida por um contexto em que se reconhecem os sujeitos inseridos. Ademais, julgamos que o uso de dêiticos sociais reflete posicionamentos assumidos em comportamentos encontrados nas relações sociais, ao longo do tempo, e que encontram apoio na linguagem mediante o uso dessas formas referenciais.

Para isso, é preciso problematizar o próprio conceito de contexto, aspecto debatido por Martins (2019), que defende ter o contexto, no uso de processos dêiticos, uma significação ampla que abarca não apenas a situação enunciativa restrita, mas também os processos enunciativos que compõem todas as relações sociais (MARTINS, 2019, p. 61).

Concordamos com a autora, pois a compreensão de formas dêiticas sociais não se dá a partir da apreensão de um momento único no plano enunciativo, pelo contrário, compreender o uso dessas formas depende de relações construídas em um campo maior chamado de campo social (HANKS, 2008), nesse ponto, é necessário considerar ainda o que assevera Mondada (2015, p. 663-664): “ O contexto é uma construção sociocultural, portanto, não é estático nem homogêneo para todos os falantes: é constantemente negociado” ¹¹ (tradução nossa).

Hanks (2008, p.78) corrobora com esse posicionamento ao afirmar que “a interpretação emerge somente na união entre forma e contexto”. Assim, acreditamos que as trocas comunicativas nos atos enunciativos que envolvem elementos referenciais estabelecem mais do que apenas aspectos linguísticos, constroem atos sociais assumindo uma postura refletida na sociedade.

Além de considerar o conceito de contexto, necessário para a compreensão do

¹¹ “[...] contexto is a sociocultural constructo, and therefore it is neither stactic nor homogenous for all speakers: it is constantly negotiated”

fenômeno dêitico, é preciso buscar autores que debatam sobre os critérios definidores da dêixis, neste ponto, é impossível não citar Benveniste (1976) e Bühler (1982), que contribuíram para a definição e para a caracterização do espaço do campo mostrativo¹² do fenômeno dêitico, respectivamente.

Esses autores colaboraram para a compreensão do fenômeno marcado pelas coordenadas da enunciação, como denota Benveniste, que menciona que a ordenação do sistema linguístico obedece a normas sociais determinadas pela comunicação intersubjetiva, através das quais os falantes consideram os usos da língua em seus contextos sociais e culturais. Com isso, a realidade, inerente ao processo dialógico dos falantes, reflete troca de informações na qual a linguagem reproduz a realidade e pela qual os objetos do mundo são referidos (BENVENISTE, 1976, p.26).

Antes, porém, de tratar desse fenômeno específico, faz-se necessário compreender o próprio fenômeno dêitico como processo referencial. Para tanto, valemo-nos das palavras de Geraldi (1996, p.13), que afirma:

O fato de que, depois da enunciação, a língua efetua-se numa instância do discurso;
 O fato de que, uma vez se declare locutor e assumo a língua, o locutor implanta o outro diante de si;
 O fato de que, na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo;
 O fato de que a mobilização e a apropriação da língua se dão pela necessidade de o locutor referir, pelo discurso e para o alocutário, a possibilidade de co-referir identicamente, “no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor” (1996, p.13).

Acreditamos que essas características mencionadas por Geraldi (1996) estão imbricadas nos processos de referir e na apropriação desses processos pela linguagem como uma prática de negociação intersubjetiva frente à construção de sentidos pelos indivíduos.

Essa definição, aproxima-se do que defende Cavalcante (2011) no tocante à construção do significado de expressões referenciais que admite ser [na] “interação, mediada pelo outro, e na integração de nossas práticas de linguagem com nossas vivências socioculturais que construímos uma representação - sempre instável – dessas entidades que se denominam *referentes*” (p.15-6, grifo da autora).

Essa dependência da interação para apreensão e compreensão do mundo instaura processos enunciativos mencionados por Benveniste (1976), que os considera essenciais para a ordenação do sistema linguístico o qual obedece a normas sociais determinadas pela

¹² O autor definiu campo mostrativo como o espaço da enunciação em que se dão as coordenadas que situam os participantes da enunciação, para ele o campo mostrativo se opõe ao campo simbólico que marca a ausência do fenômeno dêitico.

comunicação intersubjetiva, através das quais os falantes consideram os usos da língua em seus contextos sociais e culturais. Com isso, a realidade, inerente ao processo dialógico dos falantes, reflete uma troca na qual a linguagem não reproduz a realidade e pela qual os objetos do mundo são referidos (BENVENISTE, 1976, p.26).

Nesse ponto, é importante salvaguardar as palavras de Benveniste sobre a ordenação do sistema linguístico seguir orientações sociais, pois, para o autor, a marcação da autorreferencialidade é um ponto crucial para a compreensão da função dêitica. Nesse ponto, compartilhamos esse posicionamento e buscamos demonstrar que os dêiticos sociais também detêm de potencial autorreferencial, uma vez que defendemos que esses elementos podem abrigar uma carga autorreferencial evocada por marcas sociais hierárquicas trazidas diacronicamente mediante o uso de estratégias de condicionantes pragmáticos.

Dessa forma, o sistema da linguagem insere, no processo de se referir a algo, um filtro nas mentes de seus usuários, através do qual cada indivíduo reflete sua experiência com o mundo: “A referência passa a ser considerada uma relação ligada ao enunciado [...] aplicada às expressões em contexto” (LYONS, 1977a, p.171). Esse processo é denominado por Mondada e Dubois (1995) como referencialização; com essa definição, os estudos sobre essa temática evoluíram e superaram a perspectiva lógico-filosófica anterior de que os objetos estão postos no mundo e que têm uma significação pré-definida.

De acordo com Mondada e Dubois (2003), os processos referenciais são práticas que envolvem aspectos de ordem cognitiva, social e discursiva. Esses processos estão relacionados com todo sujeito incluído em um universo de linguagem. Afirmam as autoras:

Estas práticas não imputáveis a um sujeito cognitivo abstrato, racional, intencional e ideal, solitário face ao mundo, mas a uma construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo (MONDADA; DUBOIS, 2003, p.20).

Atualmente, Mondada (2015, p. 664) propõe que

mobilizando esses recursos [elementos de referencialização dêitica] os participantes fazem muito mais do que apenas se referir: eles se envolvem em ações sociais que adquirem inteligibilidade no decorrer da interação em ambientes sequenciais específicos¹³ (tradução nossa).

Além disso, a autora considera que a função dos elementos referenciais, que habitualmente assumem formas pronominais, ultrapassa o uso simplório para referir aos objetos do mundo, assumindo uma postura social frente ao mundo: “[...] a seleção do

¹³ [...] by mobilizing these resources, participants do much more than just referring: they engage in social actions that acquire their intelligibility in the course of interaction, and in specific sequential environments.

pronome faz muito mais do que apenas se referir: *realiza outras ações sociais* e exibe (des)alinhamentos e (des)afiliações”¹⁴ (MONDADA, 2015, p.668. Tradução nossa, grifo nosso).

Esse posicionamento assevera nossa hipótese de que o uso de dêiticos sociais constrói uma hierarquia social, diacronicamente, apoiando-se nas coordenadas dêiticas próprias desses elementos, contribuindo para fixar relações de poder e processos de desigualdade no campo social.

Acreditamos que no uso específico dos dêiticos sociais o envolvimento dos participantes ganha maior destaque, uma vez que o uso de pronomes considerados “adequados” para situações de fala específicas condiciona os comportamentos dos falantes, mediante uso de estratégias pragmáticas definidas ao longo do processo diacrônico que exclui e inclui classes sociais em uma hierarquia marcada por um quadro de desigualdade social refletido na língua e nos recursos pragmáticos da linguagem.

Dessa forma, os processos referenciais são vistos, nesta pesquisa, como recursos que ditam mais do que significações inscritas na língua, pois colaboram para a construção de barreiras sociais que refletem processos de desigualdade do mundo na linguagem. Ousamos dizer que esse processo ocorre mediante atos pragmáticos que colaboram para a organização social, como apresentamos em nossa análise.

Por isso, acreditamos que os processos referenciais são construtos que elaboram práticas sociais, dessa forma, não podemos encará-los apenas como elementos meramente linguísticos, dado que eles constroem versões do mundo de acordo com aspectos discursivos e sociais. Por outro lado, também consideramos que olhar esses elementos sob um prisma denominado *extralinguístico* também seja inadequado, posto que esses elementos constroem seu significado na interação com o mundo.

Por isso, propomos que os elementos sociais e culturais que colaboram na organização do campo dos dêiticos sociais funciona como elementos panlinguísticos que funcionam na organização dos condicionantes pragmáticos que orientam os usos dos dêiticos sociais, ponto de vista demonstrado e defendido no capítulo de análise.

Uma vez que uso do termo *extralinguístico* está associado a processos referenciais dêiticos, na medida em que o conceito desses processos se filia a uma situação discursiva que apontaria para “objetos da situação extralinguística” (CIULLA, 2008, p. 7), nesse sentido, o termo teria a finalidade de indicar que as regras que orientam o uso de processos referenciais

¹⁴ [...] the selection of the pronouns does much more than just referring: it performs other social and displays (dis)alignments and (dis)affiliations.

dêiticos agregam elementos linguísticos e ações sociais. A expressão foi, por vezes, usada ou associada aos termos *cotexto* e *contexto*; o termo *extralinguístico* ganhou espaço nas discussões em *Linguística Textual*, mas também foi alvo de críticas recentes em Martins (2019, p.61), que defende que “a dêixis ajuda a formar o próprio contexto em ato comunicativo, visto que é a integração entre a ocorrência dêitica e o contexto que faz com que ela se classifique como um dos tipos de referenciação”.

De maneira análoga, acreditamos que o valor de signo *extralinguístico* constitui o próprio ato comunicativo, não tendo, portanto, necessidade de uso dessa palavra, visto que a linguagem é a atividade criadora não sendo possível distinguir algo que estaria fora dela, conforme denota a morfologia da expressão destacada. Consideramos, ainda, o que coloca Hanks (2008), que considera que todas as relações linguísticas, inclusive os usos de dêiticos, ocorrem mediadas por textos.

Dito isso, Hanks (2008, p. 84) assevera que “a interpretação emerge somente da união entre forma e contexto”, analogamente, consideramos que a interpretação de elementos dêiticos sociais advém do estatuto meramente linguístico, instaurado pela forma, somado ao contexto de uso e todas as suas particularidades que envolvem condicionantes pragmáticos de uso.

Dessa forma, a dêixis aponta para situação comunicativa contextualizada ou, segundo Levinson (2007, p.65, grifos do autor), “diz respeito às maneiras pelas quais as línguas codificam ou gramaticalizam traços do **contexto da enunciação** ou do **evento de fala** e, portanto, também diz respeito a maneiras pelas quais a interpretação das enunciações depende da análise desse contexto de enunciação”.

Considerando, portanto, que a dêixis constrói o próprio contexto a partir do estatuto de atividade criadora instaurado pela linguagem, concordamos com Martins (2019) e salientamos que às noções dêiticas de pessoa, tempo e espaço devem-se incorporar as coordenadas sócio-históricas das quais pressupõem o contexto.

Com isso, o significado dos usos dêiticos deve ser construído a partir da situação ímpar instituída pela enunciação, logo, o funcionamento dos dêiticos deve ser compreendido a partir dos contextos de uso que incluem situações ditas *extralinguísticas*, mas que, na verdade, não poderiam existir sem o uso da linguagem, o que é explicado pelo caráter Panlinguístico.

Assim, novamente, reforçamos a importância da teoria das Tradições Discursivas para esta tese, uma vez que, a fim de esclarecermos os contextos de uso e, portanto, de funcionamento dos dêiticos sociais, faz-se necessário reconhecer os usos desses recursos nas situações enunciativas que emanam tais processos referenciais em seus contextos sócio-

histórico marcados, dos quais provêm as relações com os objetos do mundo que constroem o significado da função referencial.

Assim, reafirmamos a perspectiva de referenciação que adotamos, a qual considera a construção dos processos referenciais um conjunto no qual estão inseridos os aspectos cognitivos, sociais e discursivos. Apenas com a atuação interdependente desses elementos é possível acessar o sentido dos processos referenciais, que é construído por meio dessa relação que, por sua vez, é estabelecida por sujeitos sociais.

Dessa forma, o fenômeno dêitico é reconhecido por Benveniste (1988) por sua subjetividade, ao que Cavalcante (2000, p.33) descreve como “pronomes de valor demonstrativo e circunstancial, que mensuram as noções de proximidade/distância no tempo e no espaço a partir da instância discursiva que contém o *eu*, explicitamente ou não” (grifo da autora).

Outro traço importante que caracteriza os dêiticos, mormente os classificados como temporais e locativos, é abordado por Bühler (1982) e retomado por Ciulla (2008). Dêiticos são elementos referenciais que recuperam informações do enunciado. Segundo a autora, dêiticos caracterizam-se por dois traços específicos:

- 1) Os dêiticos são indicadores de ostensão, isto é, indicam os limites do objeto referido no tempo e no espaço, tomando como base o posicionamento do falante no momento do ato comunicativo; 2) e também apresentam uma condição de subjetividade, que é manifestada pelo vínculo entre os participantes do discurso e a situação enunciativa (CIULLA2008, p.56).

Assim, como referido pela autora, esses elementos mantêm estreita relação com os aspectos enunciativos, pois são construídos a partir da posição dos sujeitos envolvidos no momento da comunicação, bem como esses mecanismos participam do processo de interação desses indivíduos com o mundo, com a cultura e com a sociedade em que estão inseridos.

A marca da ostensividade mencionada por Lyons ([1995], 1997) é compreendida por Ciulla (2008) como uma característica que coloca os elementos dêiticos em uma fronteira delimitada pelo contexto da enunciação e as marcas não verbais, expressas na oralidade. O autor define a ostensão como: “[...] A referência não verbal, gestual, destinada a cumprir uma função essencial na definição das expressões linguísticas que, quando têm êxito, assim são compreendidas.¹⁵” (LYONS, [1995], 1997, p.328. Tradução nossa).

Podemos, assim, compreender os dêiticos, conforme Cavalcante (2000), em uma

¹⁵ “[...] la referencia no verbal, gestual, destinada al cumplimiento de una función esencial em la definición de las expresiones linguísticas, y, cuando tiene êxito, entendida así”

escala de orientação cujas espécies dêiticas de pessoa, local e tempo exercem uma orientação maior no campo dêitico mostrativo, por isso, a autora propõe uma reorganização em escala dos tipos dêiticos que respeite o modo como esses elementos se referem aos objetos do discurso e ao modo como eles se referem ao próprio sujeito.

Porém, a proposta da autora classifica os dêiticos sociais como: “funcionalmente menos produtiva” (CAVALCANTE, 2000, p.41), fato que discordamos por julgarmos que os dêiticos sociais ocupam função discursiva extremamente orientadora do discurso, sobressaindo-se em alguns gêneros, como as cartas, e que marcam processos de desigualdades sociais que são alicerçados na linguagem.

Acreditamos que o posicionamento da autora também foi devido a própria concepção de dêiticos sociais estipulada por Fillmore (1984, p. 71, tradução nossa): “as relações sociais por parte dos participantes de um ato de comunicação, as quais determinam, por exemplo, a escolha de níveis de fala honoríficos, polidos, íntimos ou insultuosos, que podem agrupar-se sob o termo de dêixis social”.¹⁶

A proposta de Cavalcante (2000) foi ousada e buscou apresentar características fundamentais a cinco tipos de dêiticos, em contextos de uso variados. A autora propôs uma escala de subjetividade no uso de mecanismos dêiticos a fim de diferenciá-los dos usos de mecanismos anafóricos; talvez pela análise de tantos tipos de dêiticos a autora classificou uns mais relevantes para a marcação das coordenadas do campo dêitico, caso dos dêiticos pessoais, na concepção defendida.

Esse fato, como mencionamos anteriormente, levou Cavalcante (2000) a considerar os dêiticos sociais uma “sub-espécie” dos dêiticos pessoais, opinião da qual discordamos por acreditar que os dêiticos sociais direcionam o centro dêitico do falante tanto quanto a própria dêixis de pessoa, tendo em vista que as relações sociais imbricadas no uso dos dêiticos sociais orientam o posicionamento subjetivo tomado no momento da enunciação.

Cavalcante (2000) considera, por isso, os dêiticos sociais um subgrupo dos dêiticos pessoais. Nas palavras da autora, são uma espécie “diretamente definida a partir do centro dêitico do falante”. No entanto, considerando o que nos diz Benveniste (1976) sobre a ordenação do sistema linguístico obedecer a normas sociais e a divisão do universo significativo em dois campos feita por Bühler (1934), advogamos que os dêiticos sociais não são definidos apenas em consideração ao centro dêitico do falante, mas do ouvinte também,

¹⁶ the social relationships on the part of the participants in the conversation, that determine, for example, the choice of honorific or polite or intimate or insulting speech levels, etc, which we can group together under the term social deixis. (FILLMORE, 1984, p.61)

uma vez que a escolha lexical por determinada forma pronominal de tratamento considera a escala hierárquica refletida na sociedade e em funções pragmáticas estabelecidas por elementos que condicionam isso.

A respeito do que pondera Cavalcante (2000) sobre os dêiticos sociais constituírem uma subcategoria dos dêiticos pessoais, Ciulla e Martins (2017) demonstram pensamento em consonância com o que defendemos nesta pesquisa. Tais autoras afirmam que

não nos parece adequado considerar a dêixis social um subgrupo da dêixis pessoal, pelo menos por um motivo – mas que é essencial quando se trata de dêixis – a autorreferencialidade. Um pronome de tratamento não institui a relação fundamental e organizadora da língua *eu-tu/você*, como os pronomes de pessoa, mas está ligado às relações sociais e de poder que se estabelecem culturalmente (CIULLA; MARTINS, 2017, p.87).

Apesar de defenderem que a dêixis social não deveria ser considerada um subgrupo da dêixis pessoal, as autoras argumentam, em consonância com Cavalcante (2000), que a dêixis social não organiza a instância discursiva do modo como a dêixis pessoal, em função daqueles elementos estarem mais vinculados a fatores sociais.

No entanto, podemos nos questionar, inicialmente, qual ação inscrita na língua não estabelece alguma relação com um aspecto social, dado que Benveniste (1976) defende que “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui” (p.288).

Outro aspecto que buscamos comprovar em nosso trabalho diz respeito à autorreferencialidade que é considerada pelas autoras como um caráter nulo na dêixis social. No entanto, acreditamos que os sujeitos, ao utilizarem dêiticos sociais, apontam para si e para o outro ao fazerem suas escolhas pelas formas de tratamento mediante uma tradição discursiva presente, por exemplo, no gênero epistolar, conforme uma hierarquia social que aponta tanto para o posicionamento do falante na sociedade quanto do ouvinte. Assim, investigamos como esse caráter indicial dos dêiticos sociais está presente em estratégias pragmáticas utilizadas em cartas.

Dessa forma, defendemos que, concomitantemente, o falante “opta” por determinada forma pronominal em seu discurso; ele também localiza seu interlocutor, apontando para uma hierarquia social respaldada pela linguagem, por uma tradição discursiva organizada por condicionantes pragmáticos que orienta o uso de uma forma pronominal de tratamento adequada para contextos diferentes.

Com isso, acreditamos que a instância social que tanto Cavalcante (2000) quanto Ciulla e Martins (2017) defendem como separadas da dêixis social, na realidade, compõe esse tipo de dêitico, demarcando a própria autorreferencialidade desses elementos, mediante estratégias pragmáticas, fato que se desenvolve diacronicamente e é respaldado pela esfera

social.

Ressaltamos, porém, que a construção social de uma hierarquia que estabelece valor mais ou menos importante ao uso de determinado pronome de tratamento sofre alterações, conforme a cultura estabelecida. Por isso, o tratamento a uma mesma profissão, por exemplo, varia conforme o país, pois é estabelecido de acordo com sua própria tradição linguística, fato esse que nos leva a considerar que os dêiticos sociais podem estabelecer relações de poder, dependendo da cultura assumida.

Nesse ponto, apoiamo-nos nas palavras de Hanks (2008, p.91), para quem “a regulação da linguagem é uma questão de privilégio social, de controle, de disputa, de convenção e de ideologia. Isto é, ela é uma questão de histórias socioculturais”. Com isso, podemos considerar o contexto de uso de dêiticos sociais um espaço para representações hierárquicas da sociedade. O uso desses mecanismos referenciais fortalece tradições discursivas que enfatizam relações de poder marcadas no campo social.

Além disso, no tocante à marcação do centro dêitico, aspecto designado como característica essencialmente dos dêiticos pessoais, podemos nos questionar, diante do postulado por Benveniste (1976) e Bühler (1982), qual espécie dêitica não depende da ordenação do centro dêitico do falante?

Uma vez que, para se estabelecer um espaço e/ou um tempo na instância discursiva, partimos do ponto de vista da relação intersubjetiva instituída na relação eu-tu. Sobre isso nos fala Silva (2003): “*Os indicadores de instância de discurso* são signos que se tornam “plenos” quando um falante os assume em cada instância de discurso e cujo papel é fornecer a esse falante o instrumento para a conversão da língua em discurso” (grifos do autor. p.27).

No tocante ao estudo da dêixis social, não pretendemos demonstrar apenas alterações no sistema de tratamento pronominal, como fez Lopes (2011), mas averiguar como os dêiticos sociais constituem uma categoria com características próprias, podendo ser considerado um tipo de dêitico independente, na medida em que mais do que apontar para o *origo* da enunciação estabelece uma fronteira social demarcada por padrões culturais hierárquicos estabelecidos diacronicamente por uma relação de mudança e permanência linguística que orienta a competência comunicativa dos falantes, fato que nos fará valer dos postulados da Tradição Discursiva para nossa análise.

No tocante ao conceito de competência comunicativa abordado nesta pesquisa, será útil o que define a própria TD, um conceito próximo ao que Habermas ([1989], 2002) relaciona à teoria dos atos de fala, restaurando-a com o conceito de “mundo vivido”, cunhado por Husserl (1952). Para Habermas ([1989], 2002), o “mundo vivido” é o local onde os

falantes constroem a compreensão, portanto, ele é uma condição no processo comunicativo. Oliveira (1996) define o “mundo vivido” em Habermas como:

[...] o horizonte de possibilitação no qual já sempre se situam os que agem comunicativamente: ele é o pano de fundo não explicitado do agir comunicativo e, enquanto tal, o depósito cultural de convicções de uma comunidade humana, o lugar onde se movimentam os que agem comunicativamente. Portanto, as estruturas do mundo vivido estabelecem as formas de intersubjetividade (OLIVEIRA, 1996, p. 335).

Oliveira ainda esclarece que o mundo vivido de Habermas é composto por dimensões que estabelecem e dão razão à sua existência; essas dimensões fazem parte do aspecto cultural, social e cognitivo da linguagem, características que marcam os critérios da análise dos elementos dêiticos sociais.

Destacamos que o mundo vivido mencionado por Habermas (1989) encontra sua realização nas relações estabelecidas por processos intersubjetivos, assim como ocorre com a instância da enunciação e, somente por essa característica citamos esse postulado do autor, uma vez que as dimensões cultural, social e cognitiva mencionadas por ele podem nos ajudar a compreender o funcionamento dos dêiticos sociais e de sua relação com aspectos que vão além do campo meramente linguístico.

Assim, acreditamos que os dêiticos sociais podem contribuir para a composição dessas dimensões, dado que esses elementos funcionam como pistas textuais que orientam a ação dos sujeitos, tanto do falante quanto do ouvinte. Dessa forma, podemos considerar que esses elementos referenciais apontam para modos de leitura/ compreensão dos processos enunciativos, indicando como o momento enunciativo deve ser compreendido e apontando para um espaço social que é construído apoiado na linguagem.

Com isso, nosso objeto de pesquisa, os dêiticos sociais, deve ser encarado mediante contextos de uso estabelecidos por condicionantes pragmáticos que se modificam ou permanecem de acordo com o período histórico-social em que estão inseridos, indicando, conseqüentemente, um processo de autorreferencialidade dos mecanismos dêiticos sociais que apontam para o enunciador e para o enunciatário concomitantemente.

A autorreferencialidade dos dêiticos sociais aponta para um EU que se coloca em situação social inferior, igual ou pode, ainda, marcar sua posição social mais forte sempre visando uma estratégia de convencimento do TU que é marcado referencialmente também pelo uso de um mesmo dêitico social que aponta, nesse caso, para a posição social do indivíduo, enfatizando uma estratificação social e cultural na língua, por meio dos dêiticos sociais.

Acreditamos que o estabelecimento de estratégias pragmáticas no uso dos dêiticos

sociais altera a percepção de competência comunicativa dos sujeitos, fornecendo autonomia aos falantes para se posicionarem e dominarem “adequadamente” as formas linguísticas em diversos contextos ou “mundos vividos”.

Diante da importância dos processos pragmáticos estabelecidos em nossa pesquisa, torna-se crucial compreender que (quais) tipo(s) de condições pragmáticas indicam um processo de autorreferencialidade no uso dos dêiticos sociais e como essas condições se fortalecem por traços de mudança e permanência de modos de falar/fazer construídos diacronicamente.

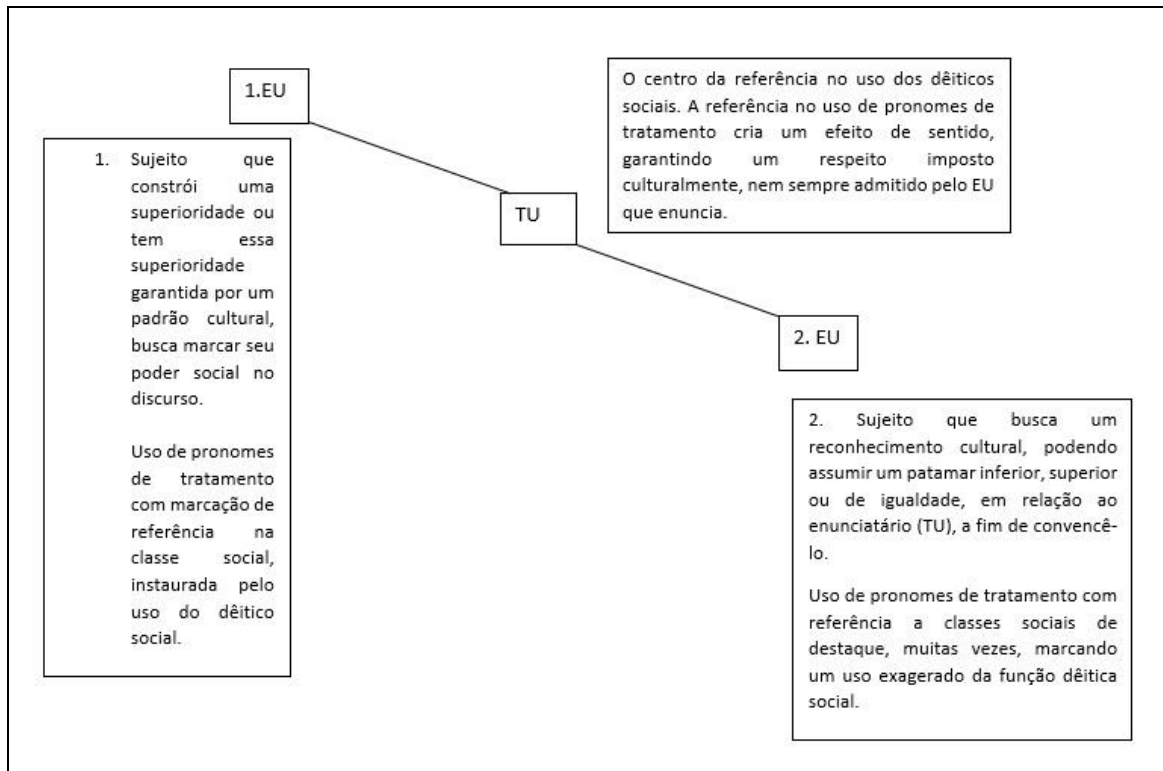
Por isso, apresentamos a seguir algumas considerações sobre como condições pragmáticas podem influenciar na seleção lexical de dêiticos sociais em diversos contextos de uso ao longo de um período histórico, repercutindo as práticas sociais dos sujeitos.

3.3 Condicionantes pragmáticos: o uso de dêiticos sociais na construção de uma tradição discursiva.

Quando mencionamos a presença de condicionantes pragmáticos nos contextos de uso dos dêiticos sociais, salientamos que essas condições contribuem para a indicação do campo autorreferencial nos dêiticos sociais, com isso, ao enunciar *Senhor*, por exemplo, tanto enunciador quanto enunciatário criam expectativas quanto ao discurso enunciado, além de que o uso desse dêitico instaura o eu, que, ao dizer *Senhor*, pode se reconhecer com a forma de tratamento ou com o reconhecimento de uma classe social mais importante que a sua; e o tu que também pode ou não se reconhecer como tal.

Acreditamos que nosso ponto de vista sobre o processo de autorreferencialidade do EU no uso dos dêiticos sociais pode ser melhor compreendido a partir do esquema apresentado na figura 6, listada a seguir, que busca demonstrar como o uso desses elementos referenciais apontam para o EU que os enuncia de forma, muitas vezes, velada, quase apagada, como estratégia para obter sua finalidade comunicativa. Ainda assim, acreditamos que o EU que usa pronomes de tratamento em determinada situação enunciativa, busca essa marcação referencial “camuflada”, destacando o centro referencial para o TU que deve ser colocado em posição de superioridade, de igualdade ou de inferioridade, dependendo do objetivo quem tem o poder da palavra.

Figura 6 - processo de autorreferencialidade do EU e de referência ao TU.



Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

De qualquer forma, o que contribui para que haja esse reconhecimento referencial é o que denominamos aqui de condicionantes pragmáticos, organizados por critérios panlinguísticos e definidos diacronicamente, os quais podem ser estratégias de polidez, atos de fala ou, ainda, outro tipo de condicionante, a depender do gênero textual analisado. Em nossa pesquisa, detivemos nossa investigação sob o olhar da polidez e dos atos de fala que acreditamos orientam os usos dos dêiticos sociais nas cartas pesquisadas.

A esse respeito é importante recuperar que os estudos sobre o significado e suas relações com a linguagem demandam reflexões filosóficas que suscitam a curiosidades de pensadores desde a Grécia antiga. No entanto, o uso moderno do termo pragmática, conforme Levinson (2007), pode ser atribuído ao filósofo Charles Morris que estava interessado em definir uma ciência dos signos e para quem a pragmática é uma “relação dos signos com os intérpretes”. Nesse sentido, portanto, notamos que o estudo do significado não pode ser efetivado de acordo com uma perspectiva não-referencial, nas palavras de Batista (2011).

Conforme este autor, as práticas de linguagem intermediadas por abordagens não-referenciais consideram que a “representação linguística é feita mediante unidades lexicais” (BATISTA, 2011, p. 35), que, por sua vez, possuem representação linguística por elas mesmas e, consoante Humboldt (2016, p. 47), representam uma “visão de mundo”, sendo, portanto, reconhecidas por uma comunidade de falantes específica.

No entanto, esse ponto de vista passou a ser modificado desde que Wittgenstein (1967) propôs uma perspectiva contextualista da linguagem, defendendo a importância do contexto para apreensão do significado. Para ele, não é possível sistematizar o tratamento do significado, pois isso levaria à perda da diversidade da linguagem, característica mais marcante dela. Assim, não é possível tratar de modo sistemático o que é considerado tão heterogêneo, no entanto, isso não se caracteriza essencialmente como uma limitação, nos termos de Wittgenstein (1967), pois essa sistematização do significado não seria necessária para fins de elucidação filosófica.

As observações de Wittgenstein (1967) colaboraram, posteriormente, com o desenvolvimento da Teoria dos Atos Performativos da linguagem, cuja autoria da primeira proposta é devida a Austin (1990). Austin fez isso, propondo categorias que tratam a linguagem como ação, dessa forma ele delineou os chamados Atos de fala a fim de sistematizar as ações intermediadas pela linguagem, com isso as práticas de linguagem passam a ser representadas por sentenças que descrevem um estado de coisas.

Para Austin (1990), as afirmações não têm um status puramente referencial, seguindo regras semânticas para adquirirem um valor de verdade, a afirmação é considerada um ato de fala, que obtém sucesso no trato discursivo mediante a força ilocucionária do que é dito, cuja força, para Austin (1990), é o próprio ato transposto pelo léxico em forma de ordem, pedido, promessa etc.

Nesse ponto, notamos a importância do contexto enunciativo para a recuperação de um significado, sobretudo no que diz respeito a elementos que só se preenchem de significado no próprio ato da interação, como é o caso dos dêiticos, conforme mencionamos anteriormente. Posto que a compreensão desses elementos deve ocorrer mediante uma correlação da situação “espácio-temporal” orientado pelas coordenadas dos processos enunciativos.

À guisa de ilustração, apresentamos a seguir um exemplar do corpus investigado nesta pesquisa. Trata-se de uma carta transcrita pelos pesquisadores do Projeto de História do Português Paulista que compõe o Projeto para a História do Português Brasileiro (PHPB). A carta que selecionamos nesta amostra foi escrita por Fernando Prestes de Albuquerque, em julho de 1911. Fernando foi o pai de Júlio Prestes e governador do estado de São Paulo, sendo figura de importância política e social para a comunidade paulista.

A seguir apresentamos a carta com o texto na íntegra, conforme transcrição do PHPB:

Itapetininga, 1.º de Julho de 1911
Presado Amigo e Veneravel Doutor Washington

5

Saudades

Peço-lhe que não se es_
queça , desta ves, do *Doutor*

10

Arthur Mihich¹⁷. Rogo _

lhe a finesa de falar
a respeito ao nosso *Excelentissimo*
Amigo Veneravel Doutor Lins.

15

Não sou mais extenso
por desconfiar da serie_
dade do correio.

Aguarda as suas ordens
quem é com muita esti_
ma e affecto seu *Amigo Obrigadissimo*

20

Fernando Prestes¹⁸

No tocante ao uso de pronomes de tratamento, podemos observar o uso de termos como prezado, excelentíssimo e doutor associados a figuras que ocupavam cargos políticos ou relacionados a estância judiciária, cujo aspecto repete-se em outras cartas do mesmo remetente direcionadas ao mesmo destinatário.

Esse fato ajuda na construção de uma hierarquia social, a partir de condicionantes pragmáticos, que institui o uso de excelentíssimo e doutor, até hoje, fato relacionado a traços de mudança e permanência no uso das formas de tratamento e associado a sujeitos ocupantes dessas esferas sociais, ainda que, no caso de doutor, o termo só se justifique a indivíduos que defendem tese de doutorado. Isso, para nós, fortalece nossa categoria analítica de marcas contextuais construídas a partir de aspectos panlinguísticos, pois o fato de essas formas de tratamento serem associadas a cargos de poder social demonstra como a força cultural,

¹⁷ Doutor Arthur Mihich, mencionado no Diário Oficial do Estado de São Paulo como promotor público da comarca de Tatuí em 16/12/1909 e em 29/03/1910. Fontes: <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/3686228/pg-948-diario-oficial-diario-oficial-do-estado-de-sao-paulo-dosp-de-29-03-1910> e <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/3734136/pg-3815-diario-oficial-diario-oficial-do-estado-de-sao-paulo-dosp-de-16-12-1909>. É também mencionado como Juiz da Comarca de Santa Cruz do Rio Pardo no Blog de Celso e Junko Sato Prado dedicado à história da cidade. Fonte: <http://satoprado-ebook.blogspot.com.br/2013/07/presbiterianismo-o-advento-republicano.html>. Todos os acessos em jul/2015.

¹⁸ **Projeto de História do Português Paulista (Projeto Caipira II)**

Século XX / 1 – Documento 05

Remetente: **Fernando Prestes de Albuquerque**

Destinatário: Washington Luís

Data: 1 de julho de 1911

Local de origem: São Paulo

Local de depósito: Arquivo do Estado de São Paulo; Fundo Washington Luís

Localização do documento: 194.2.77

Imagem: 0219

Número de páginas: 1

Edição: ALBUQUERQUE, Cássio (2015)

Revisão: Verena Kewitz (2015)

histórica e social está imbricada na língua, caracterizando essa marca *panlinguística*.

Além disso, os condicionantes pragmáticos que destacamos nessa missiva associam-se a atos de fala da esfera do solicitar, pedir; conforme fica claro nesses trechos da carta: “[...]peço-lhe que não esqueça” “[...] rogo-lhe a finesa”. Essa característica pragmática revela, para nós, um uso comum dos dêiticos sociais nas cartas analisadas: a preocupação do enunciador em sempre realizar um tratamento com muita honraria ao enunciatário, em cartas, cujo teor dos atos de fala versavam sobre solicitar, evidenciando a intenção do enunciador de levar o enunciatário a realizar uma vontade pessoal.

Já com relação ao termo excelentíssimo, alguns países, como a Suécia (WALLIN, 2014), já aboliram o uso desse pronome direcionado a políticos. No Brasil, no entanto, o termo é utilizado com obrigatoriedade em correspondências oficiais direcionadas ao presidente da república, conforme institui o Manual de Redação da Presidência da República, edição 2018. A respeito das formas de tratamento oficiais que devem ser empregadas, a redação oficial brasileira estabelece

[...] certa formalidade de tratamento. Não se trata somente do correto emprego deste ou daquele pronome de tratamento para uma autoridade de certo nível, mais do que isso: a formalidade diz respeito à civilidade no próprio enfoque dado ao assunto do qual cuida a comunicação. A formalidade de tratamento vincula-se, também, à necessária uniformidade das comunicações (BRASIL, 2018, p. 21).

Esse fato, para nós, é bem revelador de como o processo de usos de dêiticos sociais está imbricado nas situações de convivência social que estão além do “essencialmente” linguístico, mas que são construídas nas (e pelas) relações da linguagem, mediante processos enunciativos.

No Brasil, a tentativa de se reduzir os efeitos do uso de pronomes de tratamento no Poder Executivo foi iniciada apenas em 2019 com o decreto número 9.758 que “dispõe sobre a forma de tratamento e endereçamento nas comunicações oficiais dos agentes públicos federais”. A lei proíbe o uso das seguintes formas de tratamento por funcionários do Poder Executivo: Vossa Excelência ou Excelentíssimo; Vossa Senhoria; Vossa Magnificência; doutor; Ilustre ou Ilustríssimo; Digno ou Digníssimo e Respeitável”.

Salientamos que algumas dessas formas de tratamento foram muito utilizadas nas cartas analisadas em nosso corpus, fato que reitera a grande tradição linguística no uso desses pronomes com a finalidade referencial de que se propõem: criar um efeito de sentido que marque as relações hierárquicas sociais. É importante compreender que uma tradição tão antiga, marcada por aspectos panlinguísticos e orientada por condicionantes pragmáticos, não é apagada do uso real apenas com a sanção de uma norma jurídica, isso demonstra que a norma linguística está imbricada nos aspectos culturais, sociais e históricos que aqui nesta

tese chamamos de panlinguísticos.

É essa tradição discursiva que guarda os traços de mudança e permanência da finalidade referencial no uso dos dêiticos sociais a qual nos referimos anteriormente e que busca criar um efeito de sentido nos processos enunciativos que utilizam esses pronomes de tratamento. Outro ponto importante que, para nós, reafirma nosso posicionamento, é o fato de que a lei sancionada em abril de 2019 retira a proibição do uso das formas de tratamento destacadas para categorias do Poder Judiciário.

Isso é importante, pois, no Brasil, há uma tradição cultural construída em torno dos profissionais dessa categoria que, embora muitas vezes não tenha sequer um diploma de especialização, exigem o chamamento de Doutor, instaurando-se uma categoria de tratamento que busca criar um efeito de sentido sobre o interlocutor e marcar a enunciação com uma hierarquia social que, nesse momento, é instaurada na língua também.

Como sabemos, o título de doutor é conferido a profissionais que defendem tese de doutorado e são aprovados em programas de pós-graduação, ainda é conferido em titulação *honoris causa* concedido por universidades a personalidades eminentes que tenham respeito da sociedade de que fazem parte. No entanto, a cultura brasileira aceita que esse chamamento seja, muitas vezes, exigido por algumas categorias profissionais, como a dos médicos e a dos magistrados.

Essa tradição cultural, como esperamos comprovar em nossa análise, não se estabeleceu à toa, é fruto de um longo processo histórico-linguístico em que o tratamento “doutor” era conferido a pessoas nobres, ricas e reconhecidamente importantes para a sociedade, estabelecendo uma hierarquia social que modificou o uso do tratamento.

É importante salientar, ainda, com relação a esses usos de dêiticos sociais, que as coordenadas dêiticas que orientam os sujeitos da enunciação são instauradas pelo reconhecimento que remetente e destinatário têm de suas funções sociais, estabelecendo uma hierarquia no uso desses pronomes, isso ocorre mediante uso de condicionantes pragmáticos que estabelecem qual pronome deve ser mais adequado a cada situação de uso e para cada destinatário.

Além das formas de tratamento destacadas, que são mais comuns em missivas, enfatizamos também o uso do substantivo amigo, nas cartas analisadas, que foi usado para salientar uma relação pessoal com finalidade de colaborar no processo de aceitação de atos de fala que se associam a pedir, requerer algo no corpo do texto.

Esse fato é relevante, tendo em vista que corrobora nosso ponto de vista de que a função dêitica social não deve ser encarada como uma forma, sempre relacionada aos mesmos

mecanismos lexicais. A função dos dêiticos sociais é refletir uma hierarquia na enunciação, cuja relação tem um viés que se apoia em padrões culturais e também em processos intersubjetivos, como nesse caso, no uso do termo amigo. Defendemos que a construção dessa relação é realizada diacronicamente, como está demonstrada em nossa análise, e está ancorada em processos mutualísticos entre funções linguísticas, mediante o uso de dêiticos sociais e condicionantes pragmáticos, e o estabelecimento de relações de poder estipuladas por uma comunidade de fala.

Diante disso, analisamos o uso de mecanismos dêiticos sociais em contextos de uso específicos a fim de estabelecer que o funcionamento desses elementos estabelece uma orientação nas coordenadas subjetivas dos processos de enunciação, que fortalece processos de desigualdade social ao longo de um percurso histórico que altera o uso da função dêitica social em movimentos de mudança e permanência de algumas formas de tratamento, mas sempre demarcando uma hierarquia de poder, marcada por condicionantes pragmáticos, que enraíza na sociedade a desigualdade através da linguagem.

Reconhecemos os condicionantes pragmáticos (atos de fala e estratégias de polidez) como auxiliares do processo de configuração do funcionamento dos dêiticos sociais, pois defendemos que as escolhas por determinados pronomes de tratamento em contextos específicos sofrem influência de condições pragmáticas que podem ser estratégias de polidez, atos de fala.

3.4 Interface: dêiticos sociais, tradições discursivas e condicionamentos pragmáticos para uma análise diacrônica

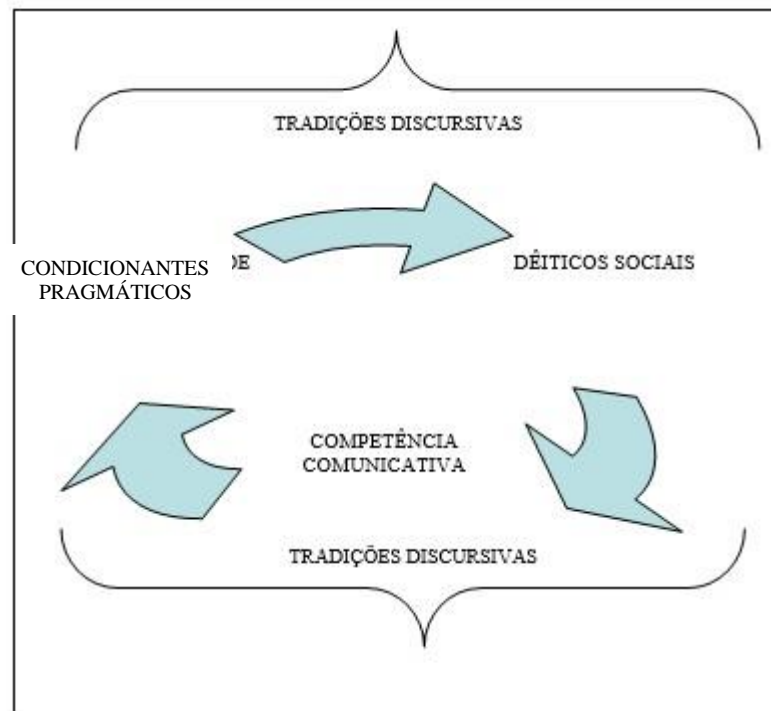
Ao fazermos uso de pronomes de tratamento em cartas, valemo-nos de uma regra discursiva que, por sua vez, tem seu uso orientado por condicionantes pragmáticos, como atos de fala e estratégias de polidez, que condenam (ou não) a preservação de face dos sujeitos do discurso, fato que nos leva a defender a autorreferencialidade das formas dêiticas sociais, uma vez que podemos localizar na efetivação dos enunciados o centro dêitico do falante, apontado para si e realizando-se por meio de categorias pragmáticas.

Dessa forma, atribuir aos dêiticos sociais uma função demarcada apenas por padrões sociais significa, ao nosso ver, dissociar o caráter idiomático da função dêitica, desconsiderando que esses padrões sociais são construídos também com o apoio da linguagem e da demarcação de um campo dêitico centralizado em processos enunciativos, confirmando, portanto, a postura que assumimos anteriormente de que o termo *extralinguístico* não traduz adequadamente a configuração que essa relação transmite, dado que ela é e se realiza na

linguagem.

Por isso, admitimos que a função dêitica social, associada à forma gramatical dos pronomes de tratamento, é regulada por regras pré-estabelecidas e convencionalizadas diacronicamente, ação que julgamos ser orientada por condicionantes pragmáticos que regulam o uso social desses dêiticos, dessa forma, a função dêitica social não é estabelecida *extralinguisticamente*¹⁹, como defende Cavalcante (2000), mas através de processos linguísticos, que incluem relações pragmáticas, que acreditamos serem demarcadas por processos de mudança e permanência indicados pelas TD. A fim de esboçarmos nossa ideia de forma mais didática, desenvolvemos a figura 7 que resume nosso ponto de vista:

Figura 7 - Caracterização dos dêiticos sociais proposta por Colares (2019)



Fonte: Elaborada pela autora.

Com isso, acreditamos que o estudo dos dêiticos sociais pode ser efetivado a partir de uma perspectiva diacrônica, considerando, portanto, seu uso um modo de dizer construído mediante modos de fazer consolidados socialmente por meio de condicionantes pragmáticos, posto que a tradição no uso dessas formas atualiza práticas sociais as quais acreditamos serem efetivadas por tais condicionantes, instituídos perante movimentos de mudança e permanência linguística realizados ao longo da história.

¹⁹ Termo usado pela autora.

Outro aspecto que reafirma nosso interesse em unir as perspectivas teóricas da TD e da pragmática para estudar os dêiticos sociais, diz respeito a relação entre TD e referência salientada por Kabatek (2006):

No exemplo simples da saudação, esta relação é clara: existe uma constelação referencial ou situacional associada com um texto (a saudação). Mas também existem textos não situacionais, textos independentes de uma inserção pragmática concreta, p. ex. textos escritos, que criam a sua própria constelação discursiva. Na evolução das culturas podemos observar frequentemente como as línguas vão criando textos autônomos, textos que eles mesmos criam os seus contornos extralinguísticos com meios textuais, internalizando assim a evocação acima descrita, fazendo-a inseparável de um segundo elemento: no interior do texto, superfície textual e criação da realidade extralinguística fundidas (KABATEK, 2006, p.505-506).

Podemos notar que o autor utiliza a expressão *extralinguístico*, mas enfatiza que o teor essencialmente linguístico, demarcado pela “superfície textual”, está incorporado de tal forma aos aspectos socioculturais que chegam a fundir-se. Com isso, enfatizamos que a expressão em destaque efetivamente está perdendo significado no campo dos estudos da linguagem e, especialmente, em nosso estudo, não atribui sentido a nosso modo de ver e defender o uso dos dêiticos sociais, uma vez que a construção de sentido desses elementos incorpora-se com normas da língua e do discurso de tal forma que não podemos pensar em separá-los, ainda que seja de forma didática, para melhor compreensão, pois a própria compreensão de suas funções ficaria prejudicada.

A seguir voltamos nosso olhar para o debate em torno dos condicionantes pragmáticos, a fim de identificar as formas pragmáticas que englobamos nesse sintagma, quais sejam: atos de fala, polidez linguística e termos condicionados pelo contexto cultural e social das cartas em análise, o qual estamos chamando de panlinguístico.

3.4.1 Condicionantes pragmáticos: Atos de fala

Buscamos nesta seção apenas identificar o que estamos chamando até então de condicionantes pragmáticos, a fim de auxiliar nossa análise na identificação de estratégias pragmáticas usadas em contextos de uso de dêiticos sociais. Sabemos que a escolha de pronomes de tratamento sofre influência direta do contexto social e cultural em que os enunciadores estão inseridos, nesse processo dialógico o conflito pode surgir nos discursos, favorecendo o uso de estratégias pragmáticas que condicionem a opção por formas de tratamento específicas.

Em seu livro, *Quando dizer é fazer: palavras em ação*, Austin (1990) apresenta sua discussão a respeito do que denominou como atos de fala, salientando “a realização de um ato ao dizer algo, em oposição à realização de um ato de dizer algo” (p.89), sua famosa frase “Minha palavra é o meu penhor” ficou conhecida como lema dessa nova visão conferida à linguagem, pois, quando nos expressamos linguisticamente, nos 'comprometemos' não só com o que é dito, como também, 'feito' por meio das palavras. Ainda discutindo os fundamentos de sua teoria, Austin (1990) assevera que

a linguagem deve ser tratada essencialmente como uma forma de ação e não de representação da realidade. [...] o conceito mesmo de significado se dissolve, dando lugar a uma concepção de linguagem como um complexo que envolve elementos do contexto, convenções de uso e intenções dos falantes. (p.11)

Desta maneira, Austin contrapõe teorias anteriores que se baseiam na análise de declarativas e classifica os proferimentos de um locutor no momento de interação em dois tipos de sentenças: constatativas e performativas. As primeiras são assim denominadas, pois descrevem um estado-de-coisas e estão sujeitas ao critério de verificabilidade de sua autenticidade (noções de verdadeiro/falso), expressas por afirmações, descrições e relatos. As sentenças performativas são aquelas que, ao proferi-las em primeira pessoa do singular e no modo indicativo, o locutor não declara ou descreve nada, mas realiza uma ação, como é o caso dos verbos apostar, declarar, nomear, batizar, condenar, perdoar, dentre outros.

Armengaud (2006, p.100) afirma que "a teoria dos atos de fala é um estudo sistemático da relação entre os signos e seus intérpretes" e, sendo assim, a abordagem proposta por Austin propõe um estudo pragmático de como os interlocutores e o contexto interferem na expressão linguística. Acreditamos que, no caso dos dêiticos sociais, a identificação de contextos com a presença de atos de fala pode direcionar a escolha das formas de tratamento pelo falante. Apesar das frases performativas não estarem sujeitas a condições de verificabilidade, Austin (2004) afirma que estas necessitam cumprir algumas regras para que sua realização seja eficaz: estas seriam as condições de felicidade de sentenças performativas.

A primeira delas é que o procedimento a ser realizado ao proferir um performativo deve ser aceito convencionalmente, desta maneira, a ação é compreendida e legitimada socialmente. Os participantes do ato comunicativo devem ser adequados para tal evento performativo, o que também teria que ser algo socialmente convencional, o procedimento deve ainda ser executado em sua totalidade e corretamente, a conduta dos participantes deve ser condizente com o ato que realiza, ou seja, deve estar moralmente predisposto a cumprir

todas as etapas do procedimento. Seguindo todos estes passos, o performativo seria executado eficazmente.

Mais adiante, em seus estudos, o autor questiona-se se tais condições seriam demasiadamente rígidas para serem aplicadas ao discurso e conclui que “a linha divisória entre "pessoas inadequadas" e "circunstâncias inadequadas" não é necessariamente rígida e inflexível” (AUSTIN, 1990, p.44), pois os “[...]performativos enquanto ações estarão sujeitos às mesmas deficiências que afetam as ações em geral.” (idem, p.44) e é preciso entendê-los e se fazer entender no momento da interação.

A partir dessa nova reflexão, o autor propõe uma distinção entre performativos explícitos e implícitos: estes seriam uma forma reduzida do performativo explícito, pelo fato de não possuir o verbo performativo em primeira pessoa e flexionado no modo indicativo, mas que é possível identificar sua função pela construção discursiva.

Austin (1990) designou, ainda, três âmbitos linguísticos específicos nos atos de fala: o ato locucionário, ato ilocucionário; e, por fim, o ato perlocucionário. Estes estariam relacionados dialeticamente, mas o autor confere mais foco ao ato ilocucionário, em vista de que é neste que se realiza o ato de fala em si.

A inquietação em avaliar os contextos de fala e em como eles poderiam interferir nos significados dos enunciados não ficou estagnada nos estudos de Austin (1990), outras perspectivas voltaram-se para a preocupação com a adequação social dos enunciados, surgindo os estudos em polidez linguísticas, teoria que mencionamos no próximo tópico.

Em nossa análise, estabelecemos a construção de condicionantes pragmáticos, atos de fala, mais comuns em contextos de cartas oficiais, de leitor e de redator, a fim de demonstrar como esses condicionantes colaboram na construção de traços de mudança e permanência discursiva.

3.4.2 Condicionantes pragmáticos: Teoria da polidez

Conforme Paiva (2008), as ideias de harmonia e adequação social inspiraram teóricos como Brown e Levinson (1978) a ampliarem concepções pragmáticas desenvolvidas a partir de autores como Austin (1990), citados anteriormente, com isso, surgiu a necessidade de se estudar os aspectos mencionados como adequação social, mediante uma organização linguística, a qual os autores denominaram Polidez linguística.

Conforme Brown e Levinson (1978), a polidez linguística é um sistema complexo de estratégias que auxiliam no distanciamento de atos ameaçadores de face, que podem

desenrolar conflitos sociais nos processos interativos. Podemos notar, a partir desse conceito, que a proposta dos autores está construída sobre base pragmáticas, como a teoria dos atos de fala de Austin (1990) e Searle (1998), bem como o princípio de cooperação comunicativa estipulado por Grice (1982), além da noção de face organizada por Goffman (1967).

Para Brown e Levinson (1978), um ato ameaçador de face não seria uma ação em si, mas a efetivação dessa ação, que pode ser realizada através dos atos de fala, com isso os autores unem as duas teorias a fim de constituir categorias que representem estratégias de polidez comuns na sociedade. Por isso, para os autores, cada interlocutor teria duas faces, uma positiva e outra negativa, cada uma sendo utilizada conforme o propósito comunicativo do interlocutor.

Assim, os autores definem duas categorias de polidez: uma positiva e outra negativa. A primeira orienta para a face positiva do ouvinte, ou seja, o desejo de exposição e compartilhamento de seus interesses. A segunda orientada para que o falante conheça e respeite a face negativa do interlocutor. Com isso, em um processo enunciativo, falante e ouvinte tendem a resguardar suas faces negativas e expor suas faces positivas, dessa forma, a face positiva e a face negativa podem ser ameaçadas conforme ações verbais realizadas pelo falante.

Julgamos que os contextos de uso dos pronomes de tratamento são fator indicativo de nossos hábitos linguísticos e no fortalecimento de regras linguísticas que estabelecem uma relação entre papel social do falante e determinado pronome de tratamento, ocasionando o reflexo das desigualdades sociais nas práticas linguísticas que colaboram para a autorização de uma tradição discursiva que sedimenta relações de poder na sociedade a partir dos usos dos dêiticos sociais.

Além desses condicionantes pragmáticos que acreditamos colaboram para que os dêiticos sociais assumam uma ação, uma atividade ou um comportamento no contexto enunciativo, acreditamos que a própria influência estabelecida por aspectos que estão à margem da língua, como a cultura e quesitos sociais também exercem essa influência nas escolhas do falante e ajudam na organização de uma hierarquia social que estabelece aproximação ou distanciamento do ouvinte, favorecendo uma estrutura de poder no enunciado.

Anteriormente, tornou-se comum chamar esse aspecto de *extralinguístico*, no entanto, acreditamos que essa terminologia não colabora para a compreensão do fenômeno que identificamos neste trabalho, por isso, estamos nomeando esse critério de panlinguístico e nos aprofundaremos mais nesse termo que propomos a seguir.

3.5 Aspectos panlinguísticos e a função dêitica social

Em nossos estudos, a busca pela caracterização dos elementos dêiticos sociais, bem como nosso olhar sobre os aspectos diacrônicos que poderiam auxiliar na definição desses elementos referenciais nos levou ao encontro do termo extralinguístico que permeou a relação e a conceituação com os dêiticos sociais. A própria definição de Levinson (2007) associa os dêiticos sociais a características demarcadas *extralinguisticamente* por papéis sociais: “a dêixis social diz respeito à codificação de distinções sociais relativas aos papéis dos participantes, particularmente a aspectos da relação social entre o falante e o destinatário [...]” (2007, p.76).

O termo *extralinguístico* é ligado ao que não pertence ao sistema da língua, mas a ele associado na produção e na compreensão enunciativa e está sempre muito arraigado nas teorias que utilizamos em nossa pesquisa, tanto do ponto de vista dos estudos em Referenciação, quanto na perspectiva filológica da Tradição Discursiva, uma vez que um estudo diacrônico certamente perderia muito conteúdo se não considerasse aspectos como cultura e história que refletem diretamente na produção da linguagem.

É justamente a relação de fatores sociais como cultura e história que permeiam o significado do termo *extralinguístico*, que considera esses aspectos na produção de sentido de um vocábulo em uso. Essa relação estabelece o próprio significado de expressões referenciais, como os dêiticos sociais, que apresentam seu significado apenas no momento de uso da linguagem (LEVINSON, 2007).

Com base nisso, acreditamos que a expressão *extralinguístico* não apreende os componentes da compreensão enunciativa apropriadamente, tendo em vista que a produção e compreensão de um enunciado envolve, não apenas os elementos do sistema linguístico, deixados de lado pela expressão, como também o conhecimento de aspectos culturais e históricos que reverberam nas escolhas linguísticas dos falantes.

No tocante ao uso dos dêiticos sociais, deixar de lado o conhecimento sobre a influência de um panorama cultural e histórico é arriscado, tendo em vista que esses elementos refletem processos sociais que são embasados por essas características. Dessa maneira, defendemos que os aspectos culturais e históricos que se relacionam a demais aspectos sociais e se articulam para a significação de um enunciado, não pode ser considerado como além da língua, como propõe o vocábulo extralinguístico.

Assim compreendemos que aspectos culturais e históricos compõem a própria escolha dos falantes, sobretudo no caso dos dêiticos sociais, em que acreditamos que os fatores

extralinguísticos são preponderantes para a escolha da designação por um pronome de tratamento. Defendemos que aspectos culturais e históricos não estão além da língua, como designa o termo em destaque, mas ampliam o repertório de fatores que moldam os processos linguísticos que levam ao uso de dêiticos sociais. Nesse sentido, concordamos com Araújo (2004, p.111): “O que uma pessoa expressa não depende só do que ela diz, mas das circunstâncias [...]”.

Dessa forma, em nosso trabalho, propomos uso da expressão panlinguístico para substituir o uso do vocábulo extralinguístico, pelo menos em situações de uso como as que apresentam dêiticos sociais, em que esses elementos são fortemente demarcados por aspectos culturais, históricos e sociais de maneira geral. Nesses contextos, aspectos associados ao termo extralinguístico, não estão fora da linguagem, mas ampliam as escolhas dos falantes determinando, muitas vezes, essas escolhas.

Por isso, o “fora linguístico” a que remete a expressão destacada anteriormente não compreende o sentido que de fato direciona as escolhas por determinados pronomes de tratamento em situações específicas, dessa forma, propomos o termo Panlinguístico nesta pesquisa para abrigar a significação que aspectos culturais, históricos e sociais de maneira mais ampla, resguardando o uso de dêiticos sociais em contextos das missivas analisadas.

A escolha pelo termo panlinguístico deve-se ao prefixo pan- que significa “todo, inteiro”, com isso, pretendemos englobar os aspectos sociais como elementos importantes na compreensão dos enunciados, mormente aqueles em que nosso objeto, os dêiticos sociais, está presente. Para nós, o termo panlinguístico considera que aspectos mais amplos da linguagem e aspectos estritamente linguísticos não podem ser dissociados em determinados contextos, sob a pena de prejuízo para a compreensão dos falantes.

Em nossa pesquisa, a proposta pelo uso de panlinguístico se deve ainda por buscarmos caracterizar os dêiticos sociais como elementos dêiticos autônomos a partir de pressupostos teóricos da Tradição Discursiva, que considera sobremaneira aspectos históricos, culturais e sociais como elementos preponderantes na identificação de componentes de uma tradição discursiva.

Por fim, acreditamos que tanto os elementos que estamos aqui chamando de condicionantes pragmáticos, quanto os aspectos que compõem o vocábulo que instituímos como panlinguístico colaboram para que os dêiticos sociais assumam um valor significativo de ação nos enunciados em que se apresentam, refletindo, portando, uma atividade ou um comportamento enunciativo importante.

No próximo capítulo, apresentamos como esses elementos, que compõem nossas

categorias de análise, são organizados a favor de nossa abordagem. Ainda nesse capítulo, abordamos os fundamentos metodológicos, desde a caracterização da pesquisa à organização do *corpus* e procedimentos de análise.

4 SOBRE TRAJETOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, propomo-nos a expor as orientações de procedimentos e escolhas metodológicas que realizamos para guiar nossa análise, objetivando justificar nossa opção por uma abordagem diacrônica na investigação das funções pragmáticas dos dêiticos sociais em cartas oficiais dos séculos XVIII a XX.

Dessa forma, o percurso que pretendemos percorrer neste tópico diz respeito à apresentação do recorte temporal realizado para nossa análise, à descrição do corpus utilizado, à caracterização do gênero cartas oficiais; mediante definição encontrada no corpus, além de definirmos o tipo de pesquisa, bem como, os métodos de investigação empregados nesta pesquisa.

Salientamos que concordamos com Goldenberg (2004) ao defender que o modo de escolha dos procedimentos, tipos e métodos de pesquisa emergem dos dados. A autora afirma: “o que determina como trabalhar é o problema que se quer trabalhar: só se escolhe o caminho quando se sabe aonde se quer chegar” (p.14).

4.1. Caracterização da pesquisa (orientação epistemológica, tipo e natureza)

Esta pesquisa tem caráter qualitativo-descritiva, pois, para observar as peculiaridades do fenômeno da dêixis no percurso histórico em que se situam as cartas do corpus, partimos de constatações particulares, fornecidas pela teoria de base, e buscamos averiguar, no corpus selecionado, como os dêiticos sociais podem constituir uma categoria dêitica autônoma, no decorrer da história linguística, podendo ser identificado mediante condicionantes pragmáticos que direcionam a função discursiva dos dêiticos, por meio de aspectos panlinguísticos, ocasionando, portanto, uma evolução linguística das formas dêiticas sociais em uso.

Consideramos, ainda, esta investigação sob o ponto de vista descritivo, pois, segundo Triviños (1987), a pesquisa descritiva é caracterizada por ser um estudo pormenorizado de fatos e fenômenos de determinada realidade, além disso, inscrevemos este estudo numa perspectiva, majoritariamente, qualitativa, pois o autor acrescenta que uma pesquisa qualitativa tem por objetivo produzir informações novas sobre determinado assunto, como pretendemos e propomos fazer.

Goldenberg (2004), ao apresentar seu posicionamento sobre a pesquisa qualitativa,

assevera que: “a representatividade dos dados na pesquisa qualitativa em ciências sociais está relacionada à sua capacidade de possibilitar a compreensão do significado e a ‘descrição densa’ dos fenômenos estudados em seus contextos e não à sua expressividade numérica” (2004, p.50).

Apesar de localizarmos nossa pesquisa na abordagem qualitativa, não descartamos o uso da abordagem quantitativa utilizada para sintetizar as marcas de aspectos panlinguísticos que podem influenciar os usos dos dêiticos sociais identificados nas cartas analisadas. Admitimos essa possibilidade apoiados nas palavras de Goldenberg (2004):

Nenhuma pesquisa é totalmente controlável, com início, meio e fim previsíveis. A pesquisa é um processo em que é impossível prever todas as etapas. O pesquisador está sempre em estado de tensão porque sabe que seu conhecimento é parcial e limitado – “o possível” para ele (2004, p.13).

Por isso, esta pesquisa propõe uma análise definida como majoritariamente qualitativa e descritiva de cunho histórico-discursiva, pois observamos o fenômeno da dêixis social no percurso histórico, elencando prováveis alterações que, defendemos, podem ser encontradas no comportamento discursivo dos participantes da enunciação, mediante estabelecimento de condições pragmáticas.

Assim, conforme Santos (2008), os conhecimentos que construímos com este trabalho “não são superáveis com maiores quantidades de investigação ou maior precisão de instrumentos” (p.53). Ressaltamos, conforme Goldenberg (2004), que “na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória, etc. (p.14)”.

É importante salientar que nossa orientação histórico-discursiva deve-se à análise e produção de informações para o campo de estudos da referenciação, a partir de categorias de mudança e permanência e de valores dos elementos dêiticos mediante uso de condicionantes pragmáticos. Com isso, nossa pesquisa se vale de métodos e técnicas qualitativas, uma vez que, nas palavras de Martins (2004):

A pesquisa qualitativa é definida como aquela que privilegia a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados, e caracterizada pela heterodoxia no momento da análise [...] a variedade de material obtido qualitativamente exige do pesquisador uma capacidade integrativa e analítica que, por sua vez, depende do desenvolvimento de uma capacidade criadora e intuitiva (p. 289-292).

Podemos, dessa forma, considerar nosso trabalho, também, como uma pesquisa de cunho histórico-discursiva, uma vez que, por utilizarmos, critérios das Tradições Discursivas, mormente os níveis coserianos que norteiam as investigações como esta, que são: o princípio

da historicidade, o princípio do falar e o princípio da tradicionalidade discursiva. Tendo em vista que privilegiamos, na análise dos dêiticos sociais os traços de mudança e permanência, que esperamos encontrar no recorte temporal realizado, esses traços, acreditamos, serão essenciais para compreendermos os dêiticos sociais como elementos autorreferenciais das pessoas discursivas, essa característica demarcada mediante o uso de condicionantes pragmáticos orientados por aspectos panlinguísticos.

Nesta etapa da pesquisa, buscamos identificar elementos que justificam o uso de cartas na busca por alterações no campo dêitico dos elementos sociais a fim de apontar mudanças diacrônicas que colaboram para o uso atual desses elementos referenciais associados a papéis sociais.

Inicialmente realizamos um breve resumo sobre o gênero carta e buscamos justificar nossa escolha, a princípio, pelo gênero cartas oficiais na busca por traços de mudança e permanência nos contextos de uso dos dêiticos sociais, em seguida descrevemos a organização do nosso corpus, bem como a alteração no gênero analisado, tendo em vista que o repertório de cartas oficiais disponibilizado pelo Programa Para História do Português Brasileiro (PHPB) não satisfaz nossos critérios de seleção e análise; e posteriormente apresentamos as etapas de nossos procedimentos analíticos.

4.2 A construção do *corpus*

Nesta etapa da pesquisa, buscamos identificar elementos que justificam o uso de cartas na busca por alterações no campo dêitico dos elementos sociais a fim de apontar mudanças diacrônicas que colaboram para o uso atual desses elementos referenciais associados a papéis sociais.

Inicialmente realizamos um breve resumo sobre o gênero carta e buscamos justificar nossa escolha, a princípio, pelo gênero cartas oficiais na busca por traços de mudança e permanência nos contextos de uso dos dêiticos sociais, em seguida descrevemos a organização do nosso corpus, bem como a alteração no gênero analisado, tendo em vista que o repertório de cartas oficiais disponibilizado pelo Programa Para História do Português Brasileiro (PHPB) não satisfaz nossos critérios de seleção e análise; e posteriormente apresentamos as etapas de nossos procedimentos analíticos.

4.2.1 Caracterizando o gênero analisado

A princípio, o gênero escolhido para a análise da configuração enunciativa dos elementos dêiticos ao longo dos anos, havia sido a carta oficial, devido às marcas sociais hierárquicas, mas fortemente presente, porém, conforme Bazerman (2005), a carta, em geral, é um gênero que apresenta uma:

[uma] comunicação direta entre dois indivíduos dentro de uma relação específica em circunstâncias específicas (tudo que podia ser comentado diretamente), parece ser um meio flexível no qual muitas funções, relações e práticas institucionais podem se desenvolver – tornando novos usos socialmente inteligíveis, enquanto permite que formas de comunicação caminhe em novas direções (BAZERMAN, 2005, p. 83).

Por denotar, como demonstra Bazerman (2005), aspectos de relações específicas e por se vincularem a circunstâncias específicas, mostrou-se um campo interessante para investigarmos como as relações sociais atravessadas pelo uso de dêiticos sociais podem ser modificadas em um percurso diacrônico.

É importante notar que o gênero epistolar²⁰ permite uma variedade de tipos de comunicação, relacionados a eventos pragmáticos, como os Atos de fala: agradecimento, informações, desculpas, conselhos etc. Cada propósito comunicativo envolvido na escrita desse gênero configura um subgênero epistolar, que Lopes (2013) denomina de constelação de gêneros. Diante disso, nossa opção metodológica, inicial, pelo gênero carta oficial devia-se às relações institucionais imbricadas nos discursos dessas missivas, além disso, pode-se observar que as correspondências oficiais são acompanhadas por um discurso oculto²¹, o qual as escolhas lexicais pelas formas dêiticas podem auxiliar o enunciatário a compreender.

No entanto, ao nos depararmos como o espaço temporal exigido para a análise a partir dos pressupostos basilares da Filologia Roma, que direcionam a orientação dos estudos em Tradição Discursiva, percebemos que não haveria material suficiente nos corpora disponibilizados pelo PHPB que satisfizesse esse critério de seleção. Dessa forma, nosso corpus precisou abrir espaço para outros gêneros pertencente à constelação epistolar: Carta ao redator e Cartas ao leitor, trocadas entre o público e o redator do jornal baiano Folha do Norte.

Nossa opção por esse novo nicho epistolar, deveu-se, principalmente, pela forte presença de recursos dêiticos de cunho social, nosso segundo critério de seleção para a

²⁰ Conforme Araújo (2006), o gênero carta compreende uma constelação de cartas que compreende um mesmo agrupamento, por esse motivo adotamos o uso do sintagma gênero epistolar para nos referir não apenas a um gênero específico dessa constelação, mas a própria constelação.

²¹ O termo discurso oculto foi empregado aqui para marcar as características subjetivas que as cartas oficiais apresentam, tais características podem influenciar a compreensão do discurso.

escolha do corpus. Essas cartas apresentam um forte apelo social marcado por propósitos comunicativos que buscam agradecer, solicitar, saudar, diferenciando-se do propósito central das cartas oficiais que é, basicamente, de ordenar²².

Acreditamos que, a depender do assunto tratado, bem como da pessoa social a quem a carta é direcionada, pode haver alterações enunciativas evocadas pelo tratamento e pelo uso dos pronomes dêiticos sociais. Essas modificações, de cunho panlinguístico, podem ocasionar mudanças no uso dessas formas dêiticas as quais estamos investigando, mudanças que indicam a influência do teor autorreferencial que acreditamos também estar presente nos dêiticos sociais. É importante, ainda, ressaltar que nossa escolha também foi embasada pelo nível de organização e avanço nos estudos dos corpora do projeto PHPB.

O *corpus*, portanto, é composto por missivas que fazem parte do Projeto de História do Português Paulista II, que compõe os estudos de TD do Projeto PHPB (Para a História do Português Brasileiro)²³ e também do Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão, disponibilizados na internet para acesso gratuito de pesquisadores da língua portuguesa. Justificamos nossa escolha metodológica por esse material tratar-se de pesquisas de grande respaldo para os estudos de TD nacionais e por observamos uma grande variedade tanto de cartas oficiais, como de cartas ao redator e ao leitor.

O projeto Para História do Português Brasileiro (PHPB) surgiu em 1997 sob orientação do professor Ataliba de Castilho e foi criado com objetivo de explicar a origem e os rumos das diversas variedades do Português brasileiro, atualmente se divide em equipes por todo o país, que catalogam, organizam e codificam documentos que registram a história de nossa língua. Devido a grande quantidade de material disponível na página do projeto, aberta para pesquisadores que desejam pesquisar a língua portuguesa, e devido ao caráter diacrônico que pretendemos oferecer ao estudo dos dêiticos sociais, optamos por selecionar nosso material de análise desse corpus.

Diante da rica diversidade de textos já catalogados pelo projeto, pretendemos construir nossa análise a partir do corpus organizado e catalogado pelo pesquisador José da Silva Simões que, desde 2007, desenvolve pesquisa com corpus histórico do gênero carta. O pesquisador disponibiliza na página do projeto PHPB as cartas que organizou e catalogou as quais compreendem o intervalo temporal dos séculos XVIII a XX, um dos critérios pelos

²² Salientamos que encontramos outros propósitos nas cartas oficiais, que não apenas ordenar, bem como nas demais cartas analisadas, no entanto, nesse trecho, fazemos menção ao que predominou no corpus.

²³ O corpus analisado está disponível para pesquisas em: http://phpp.fflch.usp.br/sites/phpp.fflch.usp.br/files/CAP%20WL%20Julio%20e%20Fernando%20Prestes_FINALE.pdf

quais optamos por investigar esse período. Além disso, julgamos pertinente analisar esse período para comparar as relações sociais que estavam sendo sedimentadas em nossa sociedade, aspecto que esperamos refletir na escolha e no uso de elementos referenciais dêiticos.

Já os dados disponibilizados pelo Corpus de Documentos Históricos do Serrão (CE-DOHS) representa uma base documental quase totalmente inédita e, por isso, chamou nossa atenção no tratamento de textos históricos que servem para pesquisas em Linguística Histórica, além disso, a organização do corpus por períodos de anos auxiliou nosso trabalho, facilitando que encontrássemos rapidamente os textos que representassem os períodos que faltavam para preencher nossa análise²⁴

Como mencionamos anteriormente, optamos por pesquisar o uso dos dêiticos sociais no gênero carta, pois acreditamos ser um gênero propício ao uso de condicionantes pragmáticos, intermediados pela utilização de dêiticos sociais, uma vez que defendemos que esse gênero é propício para o desenvolvimento de ações que refletem aspectos panlinguísticos e condicionam o campo dêitico no uso dos dêiticos sociais.

Além disso, concordamos com Marcotulio e Sousa (2007) para quem o uso de pronomes de tratamento em missivas constitui uma Tradição Discursiva, uma vez que os traços de mudança e permanência no uso dos dêiticos sociais se constituem discursivamente, modificando as escolhas do falante. Acreditamos que essa modificação nas escolhas do falante se dê mediante condicionantes pragmáticos, fato que investigamos nas cartas selecionadas.

Diante disso, pretendíamos analisar 60 cartas oficiais, das quais 30 cartas dos séculos XVIII a XX separadas pelo intervalo de 35 anos, compreendendo duas gerações. D essa forma, o recorte temporal que pretendíamos investigar abrangeria um espaço de 70 anos, em cada um dos séculos abordados. A fim de exemplificar nossa proposta, elaboramos o seguinte quadro com a exposição resumida de nosso corpus para análise:

Quadro 1 - Proposta de análise

SÉCULOS A ANALISAR	1ª GERAÇÃO	CARTAS A ANALISAR	2ª GERAÇÃO	CARTAS A ANALISAR
XVIII	1721-1756	10	1757-1792	10
XIX	1819-1854	10	1855-1890	10
XX	1909-1944	10	1945-1980	10

²⁴ O corpus do CE-DOHS está disponível em: CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais; LACERDA, Mariana Fagundes de Oliveira (Org). CE-DOHS - Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (2012-2025). URL: <http://www.uefs.br/cedohs>. Acessado em: 07/07/2020.

FONTE: Elaborado pela autora, 2018.

No entanto, devido à dificuldade de encontrar no corpus cartas oficiais que respeitassem o intervalo temporal estipulado, acabamos por analisar 59 cartas, das quais 42 foram do gênero oficial, 12 dos gêneros carta ao redator/leitor e 5 consideramos classificar como cartas pessoais, pois, embora o teor da carta mesclasse informações pessoais dos enunciadores, essas missivas também debatiam assuntos de interesse institucional²⁵. Mesmo encontrando essa dificuldade na dimensão do corpus, foi possível respeitar o intervalo de 35 anos que separa as cartas em gerações, por século, conforme demonstramos no quadro a seguir:

Quadro 2 - Análise

SÉCULOS ANALISADOS	1ª GERAÇÃO	TOTAL DE CARTAS ANALISADAS	2ª GERAÇÃO	TOTAL DE CARTAS ANALISADAS	CARTAS OFICIAIS	CARTAS AO REDATOR	CARTAS AO LEITOR	CARTAS PESSOAIS
XVIII	1721-1756	10	1757-1792	9	19	0	0	0
XIX	1819-1854	10	1855-1890	10	5	0	0	5
XX	1909-1944	10	1945-1980	10	8	2	10	0

FONTE: Elaborado pela autora, 2020.

A fim de esclarecer melhor sobre as mudanças necessárias que precisamos realizar para a conclusão da análise, acrescentamos mais quatro colunas a essa tabela, pois, dessa forma, fica notável a quantidade de cartas analisadas por gênero, especificando os espécimes do corpus que compunham o gênero oficial e os demais gêneros analisados.

A respeito do espaço temporal que selecionamos, justificamos essa opção metodológica, pois julgamos que o espaço temporal de uma geração de vida pode influenciar no uso de condicionantes pragmáticos empregados para o funcionamento das formas dêiticas pesquisadas, além disso, o uso desses condicionantes pragmáticos pode refletir nas escolhas de um falante influenciado por aspectos culturais e históricos que reverberam em nossa categoria de aspectos panlinguísticos, fatores que podem ser modificados no espaço temporal, definido como uma geração de vida.

As cartas que analisamos versam sobre temas diversos que preocupavam o ordenamento social dos séculos mencionados ou, ainda, sobre assuntos específicos de uma comunidade que repercutiam no jornal local, de qualquer forma, a grande maioria, apresenta, como enunciadores, pessoas que ocupavam algum cargo político e/ou de influência

²⁵ As cinco cartas que compreendem essa categoria analisada por nós compreendem dados importantes sobre o uso de dêiticos sociais, pois, embora os enunciadores marquem o tom de proximidade com os enunciatários, aqueles não desprezam o uso de formas pronominais próprias de textos oficiais, como demonstrou nossa análise.

econômica, refletindo preocupações sobre problemas de ordem social do Brasil imperial e republicano.

Isso reflete a publicação no jornal Folha do Norte de cartas de leitores e ao redator, pois, a grande maioria reverbera sobre personalidades cuja hierarquia social “exige” um tom enunciativo e a escolha cuidadosa das palavras, sobretudo, das formas de tratamento.

No tocante ao tamanho, as cartas são de extensão diversificadas, mas percebemos, preliminarmente, que as missivas do século XVIII são um pouco mais extensas do que as dos demais séculos, atribuímos esse fato ao processo de escrita do português ainda arcaico, em muitas cartas desse período. Já as cartas dos séculos XIX e XX apresentam extensão em número de linhas em torno de 20 a 30, consideramos, também, preliminarmente, que há mais objetividade nesses textos quanto aos temas tratados, isso deve-se também ao gênero ter outro propósito comunicativo, bem como um direcionamento ao redator/leitor do jornal Folha do Norte, ou ainda um tom pessoal.

Dessa forma, analisamos 59 cartas de cada um dos séculos mencionados, respeitando o intervalo de 35 anos, a fim de identificar, comparar e observar como os pronomes dêiticos sociais estão empregados. Nossa análise visa, sobretudo, comprovar que as escolhas lexicais no discurso das cartas são influenciadas por condicionantes pragmáticos, fato que corrobora para nosso posicionamento de que os dêiticos sociais não são categorias dêiticas pertencentes a uma subclasse dos dêiticos pessoais, como defendeu Cavalcante (2000).

Ademais, percebemos que as formas de tratamento consideradas gramaticalmente canônicas, como os pronomes, não são as únicas expressões utilizadas com o mesmo propósito dos dêiticos sociais, como exemplificaremos em nossos resultados, tendo em vista que, à medida que a indicação de condicionantes pragmáticos se modificava, alterava-se também as formas linguísticas utilizadas com função “honorífica” (LEVINSON, 2007).

Nesse ponto, ratificamos nossa opção metodológica pela pesquisa transdisciplinar na análise dos dêiticos social diacronicamente, tendo em vista que quaisquer alterações no discurso repercutem na vida social dos falantes, que está imbricada por costumes e hábitos linguísticos. A seguir, apresentamos, detalhadamente, os caminhos e métodos que percorremos para a análise do nosso corpus, uma vez que, ao investigarmos o uso de um mecanismo dêitico que está essencialmente vinculado à subjetividade dos processos enunciativos, acreditamos que estamos contribuindo, não apenas para o enriquecimento da pesquisa em Linguística de Texto, como também para fortalecer o trabalho dos pesquisadores em tradição discursiva no Brasil.

4.3 Procedimentos analíticos: categorias e etapas

Neste espaço de nossa pesquisa, buscamos apresentar a sistematização das categorias que organizam nossa análise e que revelam como o campo dêitico dos elementos referenciais sociais pode ser afetado por condicionantes pragmáticos, associados a aspectos panlinguísticos, revelando que os dêiticos sociais podem ser considerados uma categoria dêitica autônoma e direcionada por critérios sociais que colaboram para a construção de um efeito de sentido nas hierarquias sociais, refletido diretamente na linguagem.

Nesse sentido, nossos procedimentos de análise envolvem a identificação e a caracterização dos dêiticos sociais, aspecto em que nos apoiamos nas definições e nos critérios da Linguística Textual para reconhecer os elementos que funcionam como dêiticos sociais nas cartas analisadas, além disso, verificamos, nesses elementos, se houve alguma mudança diacrônica significativa na forma desses dêiticos que afetou em alguma maneira a função deles nas cartas analisadas.

Um outro procedimento importante para nossa análise é o de cunho pragmático em que nos detemos na caracterização e síntese dos condicionantes pragmáticos que julgamos direcionar as escolhas lexicais dos falantes, influenciando as ações dos enunciadores nos contextos de uso dos dêiticos sociais, defendemos que o uso desses condicionantes pragmáticos orientam as coordenadas dos dêiticos sociais e apontam para o TU sem deixar de indicar o EU da enunciação, essas coordenadas podem sofrer modificações de acordo com traços de mudança ou permanência apontados pelos estudos filológicos, podendo manter as condições pragmáticas que organizam essas escolhas, a partir de aspectos diacrônicos, observados pela abordagem da Tradição Discursiva utilizada em nossa tese.

Nosso terceiro e último procedimento analítico é o de natureza sociocultural que busca sintetizar os contextos culturais, históricos, sociais e políticos que orientam o uso de dêiticos sociais, a junção desses contextos é o que chamamos de aspectos panlinguísticos por caracterizar um conjunto de ambientes sociais que influenciam as escolhas lexicais dos falantes, dessa forma, esses ambientes instituem uma relação intrínseca com a linguagem, influenciando escolhas lexicais e ações pragmáticas que, acreditamos, podem repercutir nas normas linguísticas, condicionando os usos dos dêiticos sociais em uma escala diacrônica.

É importante salientar que todos os nossos procedimentos analíticos se relacionam com nossas categorias de análise e mantêm um fio condutor guiado pelos traços de mudança e permanência instaurados por uma Tradição Discursiva, tendo em vista que defendemos que os usos dos dêiticos sociais instauraram uma hierarquia de poder não apenas na língua, mas

também colaboram para demarcação de um espaço de poder na sociedade, ocupado por figuras de prestígio que condicionam o enunciador a selecionar formas polidas de falar.

É por isso que os aspectos de mudança e permanência instituídos pela Tradição Discursiva permeiam nossos procedimentos de cunho textual, pragmático e sociocultural, pois defendemos que tanto textual quanto pragmática e socialmente o uso dos dêiticos sociais instaura uma tradição que permite a ascensão de categorias de prestígio ou não na sociedade, alterando o posicionamento do enunciador e do enunciatário, levando-os a assumir uma ação, uma atividade e/ou um comportamento enunciativo condicionado pelo uso dos dêiticos sociais, tornando-os uma categoria dependente dos dêiticos pessoais, tendo em vista que os elementos referenciais sociais apontam não apenas para o enunciador e o enunciatário do discurso como também indicam as funções sociais de ambos em uma cultura pré-estabelecida.

A seguir apresentamos um quadro resumidor de nossos procedimentos analíticos com a caracterização de cada procedimento e também com a apresentação de cada procedimento utilizado em nossa análise.

Quadro 3 - Procedimentos de análise

Procedimento textual	Caracterização e identificação de traços de mudança e permanência nos dêiticos sociais.
Procedimento pragmático	Relação dos traços de mudança e permanência no uso de condicionantes pragmáticos que influenciam as escolhas dos dêiticos sociais.
Procedimento sociocultural	Síntese dos traços de mudança e permanência condicionados por aspectos panlinguísticos que orientam as opções pelos dêiticos sociais.

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

Os procedimentos mencionados nesse quadro refletem as principais práticas textuais e pragmáticas encontradas nas cartas que analisamos, as quais apresentamos no capítulo posterior.

5 PROCESSOS DÊITICOS: INFLUÊNCIAS PRAGMÁTICAS E PANLINGUÍSTICAS

Neste capítulo, apresentamos como o uso dos dêiticos sociais é influenciado por condicionantes pragmáticos, sobretudo atos de fala e por contextos de uso que compõem a estrutura organizacional da dêixis, como os chamados aspectos “extralinguísticos”, os quais denominamos aspectos panlinguísticos.

Nesta etapa da pesquisa, mais do que apresentar como as escolhas dos falantes estão orientadas por esses aspectos, buscamos demonstrar como cada procedimento analítico estipulado por nós influencia nas escolhas enunciativas dos falantes e vai construindo uma tradição no discurso para o uso dos dêiticos sociais.

Ressaltamos que a observação focada em cada um dos procedimentos analíticos é um retrato meramente ilustrativo da função dêitica social, tendo em vista que separar a função referencial, a influência pragmática e os condicionantes histórico-sociais no funcionamento de um dêitico não é fácil, tampouco útil no uso desses dêiticos. No entanto, com a finalidade de atingir nossos objetivos e comprovar as hipóteses foi que construímos essa “fotografia”, em nossa análise, de cada um dos elementos que contribuem para a construção de sentido dos dêiticos sociais.

5.1 A autonomia dos dêiticos sociais inter-relacionada com os condicionantes pragmáticos e panlinguísticos: análise da função dêitica num processo diacrônico.

A coleta de dados foi realizada no ano de 2020 e avaliou 59 cartas dos séculos XVIII, XIX e XX, compreendendo um período temporal de 259 anos ao todo, divididos em períodos temporais menores de 35 anos que intercalam duas gerações de cada século. Inicialmente, havíamos pretendido analisar apenas cartas, cuja finalidade fosse a troca de informações em ambiente público, chamadas de cartas oficiais.

No entanto, devido ao intervalo de 35 anos²⁶ entre as produções por século, encontramos dificuldades em encontrar cartas dessa esfera, por isso, mesclamos as cartas oficiais, inicialmente analisadas, com outros tipos de cartas: cartas pessoais, cartas ao leitor e ao redator. Nossa opção metodológica por essas classificações deveu-se pela maior facilidade em encontrarmos missivas referentes aos períodos temporais indicados, anteriormente, e

²⁶ Tivemos dificuldades em encontrar cartas oficiais que correspondessem a esse intervalo, por isso, surgiu a necessidade de utilizarmos cartas de outras esferas genéricas, como as pessoais, ao leitor e ao redator. A despeito dessa mudança, nossa análise seguiu todos os critérios estabelecidos no projeto e já descritos no capítulo anterior.

também ao fato de que encontramos um vasto uso dos dêiticos sociais nessas cartas, aspecto que despertou nosso interesse, sobretudo, por associarmos o uso desses mecanismos referenciais a aspectos culturais, históricos e sociais, aos quais chamamos de aspectos panlinguísticos.

A respeito das cartas analisadas, torna-se pertinente avaliar as subcategorias genéricas as quais cada uma faz parte, tendo em vista que, para Bhatia (2004), a hierarquia entre gêneros ocasiona um dinamismo próprio a cada espécime relacionada a um “supergênero”²⁷. Embora não tenhamos interesse em investigar essas subcategorias das cartas, reconhecemos que cada uma dessas categorias se relaciona com um propósito comunicativo único, modificando, inclusive, o uso dos elementos referenciais dêiticos sociais e, portanto, influenciando nossa análise.

Diante disso, admitimos que a cada um dos tipos das cartas analisadas está associado a um propósito comunicativo próprio, que modifica o contexto de uso dos dêiticos sociais e interfere nos aspectos panlinguísticos que repercutem no campo social, cultural e histórico. Ademais, conforme Lopes (2013):

os propósitos estão intimamente relacionados com o percurso evolutivo de um gênero, assim se modificam de acordo com a dinamicidade dos gêneros em meio social. Essa modificação ocorre para atender as necessidades sociais, bem como são frutos das interações humanas, permitindo a transmutação de gêneros (LOPES, 2013, p.50).

Como é possível perceber, há uma associação entre o propósito comunicativo das cartas e os aspectos contextuais que compreendem os aspectos panlinguísticos. Ainda que tenhamos consciência de que o propósito comunicativo de um gênero é algo muito peculiar a cada gênero, optamos por não analisar, pormenorizadamente, a influência dos propósitos comunicativos das cartas analisadas, em vez disso, avaliamos a relevância dos propósitos comunicativos das cartas impulsionando o uso dos dêiticos sociais e como a mudança de propósito alterou os condicionantes pragmáticos que influenciam no uso desses dêiticos.

Por isso, na próxima seção, apresentamos três gráficos em que organizamos as ocorrências dêiticas sociais encontradas por gênero. O primeiro diz respeito às ocorrências encontradas nas cartas oficiais, o segundo às ocorrências dêiticas encontradas em cartas de leitor e, por fim, o terceiro em que apresentamos as ocorrências de dêiticos encontradas em cartas pessoais.

²⁷ “A maioria desses supergêneros podem ser, mais apropriadamente, vistos como “colônias” de gêneros relacionados com membros que não necessariamente respeitam as fronteiras disciplinares e as fronteiras de domínios” (BHATIA, 2004, p.57).

5.2 O propósito comunicativo das cartas e o uso de dêiticos sociais.

Nossa intenção neste subtópico é apresentar uma relação das ocorrências dêiticas que encontramos ao ampliarmos a constelação do gênero cartas analisadas, tendo em vista que percebemos, durante nossa análise, uma implicação nas escolhas dos falantes, diretamente, relacionada com o gênero e, conseqüentemente, com seu propósito comunicativo.

Gráfico 1 - Ocorrências dêiticas encontradas em cartas oficiais



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

Ressaltamos que os dados demonstrados nesse gráfico dizem respeito a todo o intervalo temporal de 259 anos, cujo objetivo é demonstrar como a mudança de propósito comunicativo do gênero repercute nas escolhas lexicais dos falantes, indicando como aspectos panlingüísticos, que orbitam a língua, exercem forte influência no uso de dêiticos sociais.

Nos documentos oficiais as formas de tratamento mais encontradas, listadas a seguir, exercem forte influência na marcação discursiva, direcionando a enunciação e marcando enunciador e enunciatário. Por isso, apresentamos a seguir os mecanismos dêiticos mais comuns nesse gênero, como pode ser observado no gráfico 1, incidiram as formas de tratamento Vossa Excelência (160 ocorrências), Excelentíssimo (34 ocorrências); Senhor (51

ocorrências), em maior escala. Em escala menor, encontramos Excelência (8 ocorrências); Majestade (13 ocorrências); Vossamercê (20 ocorrências).

Consideramos que esses números refletem as influências pragmáticas e panlinguísticas que as escolhas dos falantes refletem ao escolher um desses pronomes, ademais o propósito comunicativo do gênero também exerce influência nessas escolhas, atuando como um índice que direciona as escolhas do falante, tendo em vista que, no caso das cartas oficiais, marcar o enunciatário com o pronome de tratamento apropriado, indica honra e respeito de quem enuncia. Como é possível conferir pelo excerto retirado de uma carta da nossa análise:

Enselentísimo meu Senhor (sic) (Carta nº 1, séc. XVIII, período: 1721-1756).

O trecho destacado revela a marcação hierárquica ao indicar a relação política existente no restante do trecho da missiva. Isso é significativo em nossa cultura, tendo em vista que o uso dessas formas, e similares, consta no manual de redação oficial do país até hoje. Apenas em 2019 um decreto do Poder Executivo coibiu o uso das formas Vossa Excelência ou Excelentíssimo; Vossa Senhoria; Vossa Magnificência; doutor; Ilustre ou Ilustríssimo; Digno ou Digníssimo e Respeitável em documentos oficiais do país.

Isso revela que a construção de uma tradição no uso discursivo desses pronomes foi estabelecida, diacronicamente, indicando uma hierarquia social, marcada por formas de tratamento na língua; ademais, o uso desses pronomes reflete uma relação de poder entre enunciador e enunciatário, marcada também pela linguagem e reconhecida, inclusive, pelo próprio Poder Executivo brasileiro, que buscou proibir o uso dessas formas em documentos oficiais no ano de 2019.

Ainda assim, como sabemos, a língua não conhece barreiras, sobretudo, imposições colocadas à margem do sistema linguístico, organizado pelos falantes. Dessa forma, ainda é comum o uso desses pronomes de tratamento em gêneros direcionados a personalidades políticas, comprovando uma tradição institucionalizada no uso desses pronomes, que organizam não apenas uma hierarquia no texto, como também tornam arraigadas relações de poder que extrapolam o papel, comprovando que a língua é fator fundamental para marcar a força de um sistema político.

No intuito de demonstrar como o uso de pronomes como Excelência e Vossa excelência ainda são comuns no texto de gêneros oficiais, retiramos as imagens a seguir da última edição do Manual de Redação da Presidência da República. Essas imagens fazem parte de um quadro, elaborado pela própria equipe de profissionais do Planalto, para “ensinar” como devemos usar formas de tratamento ao direcionarmos para o alto-escalão do governo.

Ressaltamos que, embora o Decreto 9.758 de 11 de abril de 2019 tenha instituído que

“Senhor” é o único pronome de tratamento adequado para a referência a qualquer membro de cargo público no Brasil, o próprio Manual de Redação da Presidência não sofreu modificação no direcionamento dos procedimentos para o tratamento de autoridades políticas com grande poder, caso do Presidente e do seu corpo de Ministros. A respeito da lei mencionada, os artigos 2º e 3º do decreto afirmam

Art. 2º O único pronome de tratamento utilizado na comunicação com agentes públicos federais é “senhor”, independente do nível hierárquico, da natureza do cargo ou da função ou da ocasião.

Parágrafo único. O pronome de tratamento é flexionado para o feminino e para o plural.

Art.3º É vedado na comunicação com agentes públicos federais o uso das formas de tratamento, ainda que abreviadas:

I - Vossa Excelência ou Excelentíssimo;

II – Vossa senhoria;

III – Vossa magnificência;

IV – Doutor;

V – Ilustre ou Ilustríssimo;

VI – Digno ou digníssimo;

VII – Respeitável.

§ 1º O agente público federal que exigir o uso dos pronomes de tratamento de que trata o **caput**, mediante invocação de normas especiais referentes ao cargo ou carreira, deverá tratar o interlocutor do mesmo modo.

§ 2º É vedado negar a realização de ato administrativo ou admoestar o interlocutor nos autos do expediente caso haja erro na forma de tratamento empregada (BRASIL, 2019, grifo do autor).

Sobre essa legislação, é importante destacar que o legislador prevê a instauração de uma hierarquia social, a partir do uso de pronomes de tratamento e indica que o enunciatário deverá ser tratado com o mesmo recurso pronominal. Para nós, isso comprova que o uso dos dêiticos sociais aponta para um posicionamento social do enunciador instaurado panlinguísticamente.

Para nós, isso demonstra como a tradição discursiva marcada pelo uso de pronomes de tratamento está arraigada na sociedade brasileira, levando-nos sempre a buscar uma forma de tratamento “adequada” para situações mais formais ou que denotem a força e o poder social do enunciatário, instaurando um campo dêitico com um EU que aponta para um TU marcado socialmente por seu poder político.

Figura 8 - Relação de cargos e pronomes de tratamento usados pelo Governo Federal.

Autoridade	Endereçamento	Vocativo	Tratamento no corpo do texto	Abreviatura
Presidente República	da A Sua Excelência o Senhor	Excelentíssimo Senhor Presidente da República,	Vossa Excelência	Não se usa
Presidente Congresso Nacional	do A Sua Excelência o Senhor	Excelentíssimo Senhor Presidente do Congresso Nacional,	Vossa Excelência	Não se usa
Presidente Supremo Tribunal Federal	do A Sua Excelência o Senhor	Excelentíssimo Senhor Presidente do Supremo Tribunal Federal,	Vossa Excelência	Não se usa
Vice-Presidente da República	A Sua Excelência o Senhor	Senhor Vice-Presidente da República,	Vossa Excelência	V. Exa.
Ministro Estado	de A Sua Excelência o Senhor	Senhor Ministro,	Vossa Excelência	V. Exa.
Secretário-Executivo de Ministério e demais ocupantes de cargos de natureza especial	A Sua Excelência o Senhor	Senhor Secretário-Executivo,	Vossa Excelência	V. Exa.

Autoridade	Endereçamento	Vocativo	Tratamento no corpo do texto	Abreviatura
Embaixador	A Sua Excelência o Senhor	Senhor Embaixador,	Vossa Excelência	V. Exa.
Oficial-General das Forças Armadas	A Sua Excelência o Senhor	Senhor + Posto,	Vossa Excelência	V. Exa.
Outros postos militares	Ao Senhor	Senhor + Posto,	Vossa Senhoria	V. Sa.
Senador República	da A Sua Excelência o Senhor	Senhor Senador,	Vossa Excelência	V. Exa.
Deputado Federal	A Sua Excelência o Senhor	Senhor Deputado,	Vossa Excelência	V. Exa.
Ministro do Tribunal de Contas da União	de A Sua Excelência o Senhor	Senhor Ministro do Tribunal de Contas da União,	Vossa Excelência	V. Exa.
Ministro dos Tribunais Superiores	A Sua Excelência o Senhor	Senhor Ministro,	Vossa Excelência	V. Exa.

Os exemplos acima são meramente exemplificativos. A profusão de normas estabelecendo hipóteses de tratamento por meio do pronome "Vossa Excelência" para categorias específicas tornou inviável arrolar todas as hipóteses.

Fonte: Manual de Redação da Presidência da República, p. 86, 2020.

Salientamos, ainda, a ressalva apresentada pela própria equipe que produziu o Manual mencionado: “A profusão de normas estabelecendo hipóteses de tratamento por meio do pronome ‘Vossa Excelência’ para categorias específicas tornou inviável arrolar todas as hipóteses” (BRASIL, 2020, p.24). Isso indica que o uso do pronome Vossa Excelência se popularizou com tantos cargos de poder que nem mesmo o próprio manual pode estabelecer um critério para seu uso. Assim, consideramos que os critérios pragmáticos e panlinguísticos contribuíram para a ampliação da tradição discursiva que estabelece a cultura de associar cargos de poder ao pronome de tratamento “vossa excelência, por exemplo, ampliando a função dêitica social, que passa a criar um efeito de sentido indicativo de honra e respeito.

No gráfico a seguir, comprovamos que o uso das formas mencionadas estabelece uma relação de poder com forças políticas, tornando-as distantes das classes minoritárias do país, tendo em vista que em outras cartas analisadas, como nas cartas de origem de leitor, o uso desses pronomes foi completamente nulo. O gênero cartas de leitor apresenta um propósito comunicativo semelhante ao que encontramos em seções de algumas revistas semanais brasileiras, como *Veja* e *Istoé*, por exemplo. Porém, as cartas de leitor catalogadas pelo corpus analisado foram escritas em jornais que disponibilizam essa seção ao leitor e, ao contrário das cartas que conhecemos hoje, o objetivo de um leitor ao escrever para um jornal no século XIX variava desde comunicar a sociedade o restabelecimento da saúde de uma personalidade conhecida socialmente a cobrar uma dívida muito antiga.

Gráfico 2 - Ocorrências dêiticas encontradas em cartas de leitor



Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Nas cartas de leitor, verificamos mais ocorrências de pronomes de tratamento comuns em contexto de informalidade, à exceção das formas exímio e ilustríssimo, que foram encontrados em menor número. Acreditamos que as ocorrências “senhor” e “vossamercê” refletem um tratamento mais informal, que repercute no uso da tradição dessas formas até hoje, como é possível observar na carta número 9 analisada por nós, referente ao período temporal de 1944 a 1980, correspondente a 2ª geração de cartas do século XX.

Carta 9, 2ª geração – século XX (1944 - 1980)

Estado/Cidade: BA/Feira de Santana

Tipo de texto: Carta de Leitor

Título do Jornal: Folha do Norte

Data/Edição: Feira de Santana, 01 de setembro de 1973, p.01

Fonte/Cota: Biblioteca do Museu Casa do Sertão

Família Falcão Agradece | Recebemos a seguinte carta do **sr. José da Costa** | Falcão: || <Feira de Santana, 29 de agosto de 1973. || À <Fôlha do Norte> - Nesta. || **Prezados Senhores:** || Em meu nome e de toda a família Falcão, apre-|sento a êsse conceituado jornal e ao seu colunista, | Luiz Rogério Nogueira, os nossos sinceros | agradecimentos, pelo destaque na secção <Vultos No-|táveis de Feira>, edição do dia 11 de agosto, do nosso | inesquecível e saudoso chefe João Marinho Falcão. || Aproveito a oportunidade, para apresentar a êssel jornal os nossos votos de pleno êxito na sua brilhante | trajetória, ao tempo em que subscrevo-me, mui | atenciosamente, | JOSÉ DA COSTA FALCÃO. |

As cartas de leitor analisadas são textos produzidos por leitores do jornal Folha do Norte, direcionados a personalidades das cidades onde o jornal circula. Como textos produzidos por pessoas mais simples, o uso de formas de tratamento mais rebuscado também é reduzido. Novamente, ratificamos a força do propósito comunicativo do gênero, qual seja: debater assuntos de interesse do público do jornal fato que, certamente, influencia nas escolhas sobre as formas de tratamento mais usadas.

Nesses textos, as formas dêiticas sociais mais requisitadas são de uso corriqueiro na fala, Senhor e Vossamercê que, a depender do momento temporal analisado, já havia se transformado em Você, na carta 9 referida, destacamos as ocorrências de pronomes de uso comuns nesse gênero, como Senhor. Ainda assim, encontramos algumas ocorrências mais rebuscadas, como o uso de Exímio, essa forma foi utilizada em contextos mais formais, direcionados a vereadores ou personalidades de grande importância na região, como médicos, demonstrando que, quanto maior a classe social a que pertence o enunciatário, mais rebuscada tende a ser a forma de tratamento buscada pelo enunciador, comprovando uma de nossas hipóteses de que esse fato confirma que o uso de formas dêiticas sociais marca uma hierarquia estabelecida socialmente e arraigada pelo uso da linguagem. A seguir demonstramos nossa análise com um exemplar do nosso corpus:

Carta 10, 1º geração – século XX (1909 – 1944)

Agradecimento | Cumpr-me o grande dever | de vir pela imprensa agradecer | ao humanitario clinico, Exmo. | Sr. Dr. João Campos de Oli-|veira, meu medico em Tan-|quinho, os cuidados e desvel-|los a mim despensados sob a | sua orientação medica, sendo | incansavel em procurar com-|bater o mal de que fui ata-|cado. || Graças a Deus e á sciencia | desse senhor acho-me fora de | perigo, apresentando a este, a | minha perenne gratidão. || *Eradilho Moreira de Freitas.* || Tanquinho, 31 de Maio de | 1930. | 2777—1—1

O gráfico 2, que apresentamos acima, aponta para o uso das formas dêiticas em cartas pessoais e, nesse ponto, fazemos uma ressalva: as cartas que estamos chamando de pessoais não foram catalogadas oficialmente pelo corpus como tal, estavam catalogadas como cartas oficiais, pois o critério adotado pelo CE-DOHS é o de que cartas oficiais precisam ter timbre de repartições públicas, porém o conteúdo desses cinco exemplares analisados apresenta caráter pessoal, com troca de informações particulares entre os enunciadores. Por isso, optamos por considerá-las pessoais, pois julgamos que o propósito comunicativo delas não apresenta similaridade com as cartas oficiais analisadas anteriormente.

Gráfico 3 - Ocorrências dêiticas encontradas em cartas pessoais



Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Essas cinco cartas que encontramos nos *corpora* mencionado, apesar de terem o timbre de repartições e também de mesclarem em seus conteúdos assuntos de interesse institucional, apresentam um outro direcionamento em seu conteúdo e também no uso de formas pronominais. Tratam de assuntos de interesse pessoal de ocupantes de cargos públicos, denunciando uma prática comum em nosso país, o patrimonialismo²⁸.

É imperativo justificar nossa categorização dessas cartas como sendo pessoais pela forte presença, não apenas de vocábulos que remetem a um tom de coloquialidade, mas, sobretudo, pelos assuntos tratados, que não apresentam relação com o interesse público, comum de um representante político, conforme se nota em:

Carta 1, 1º geração – século XIX (1819 -1854)

Illustrissimo e Excelentissimo Coronel Manoel Ignacio daCunha eMenezes|

Rio 13 de Dezembro de 1829.|

Meu amigo e coronel. A sua carta de 6 do mes *proximo passado*| me deo grande saptisfação por trazer-me não só| a noticia da sua feliz viagem, como a de ter| achado com saúde toda a sua Familia, á quem| rendo os meus respeitos, *que igualmente são derigi=|dos por minha mulher, a qual*

²⁸ Segundo Max Weber, o patrimonialismo é uma forma de dominação política em que a esfera pública e a esfera privada inexistem, favorecendo a autoridade política e seus poderes individuais (2004, p.307).

agradece os cumprimentos| de *Vossa Excelência*, dando-lhe o paraben de se – achar| restituído ao seio da sua cara Família, sendo| n'estes sentimentos acompanhada por meu sogro, e| sogra²⁹, *que muito se – recomendão.*|

Dezejando á *Vossa Excelencia* saúde, e ventu=|ras passo á sollicitar com instancia *que me-*| empregue no seu serviço, pois sempre me – acha|rá prompto por ser|

Rogo á *Vossa Excelência* me–recomende| aos *Excelentissimos Senhores Telles, e Antonio* [?]| Augusto.|

De *Vossa Excelencia*.

A carta mencionada foi catalogada como correspondência oficial, pois é a troca de informações entre um então deputado. No entanto, notamos que apesar de algumas marcações pronominais mais formais, como “Vossa excelência” e “ilustríssimo”, há a presença de um assunto em tom particular.

Notamos que essa amostra é salutar para demonstrar como, ao longo dos anos, o uso da função dêitica social é utilizado para demarcar uma hierarquia social que estabelece práticas patrimonialistas, que vêm tornando-se corriqueiras pelo uso da linguagem, nesse caso particular, o uso da função dêitica social demonstra que a língua desempenha função crucial no estabelecimento de forças políticas, ampliando o espaço entre as classes sociais e a distância da desigualdade social no Brasil.

Como é possível perceber, pela análise do gráfico 3, ainda que se trate de cartas com conteúdo de teor pessoal, há forte presença de pronomes dêiticos sociais encontrados nas cartas oficiais, como “vossa excelência” e “excelentíssimo”, acreditamos que isso se deve pelo local em que julgamos que as cartas foram escritas: repartições públicas, tendo em vista que esses documentos possuem timbre oficial.

Ainda assim, nessas missivas, a forma de tratamento mais usada foi a forma “Vossa excelência”, encontrada, como vimos, em contextos mais informais e associados a uma proximidade entre os falantes, conforme apontamos no exemplo da Carta 1, 1º geração – século XIX (1819 -1854).

Para nós, isso evidencia a mistura de interesses público e privado entre os interlocutores, demonstrando como os aspectos panlinguísticos (históricos e culturais)

²⁹ Borrado.

exercem forte influência na escolha lexical dos falantes.

Nessa análise sobre a importância do propósito comunicativo nas relações com os dêiticos sociais, é possível notar como a tradição discursiva no uso dos dêiticos sociais vai se estabelecendo ao longo dos anos, demonstrando que, conforme o propósito do gênero muda, alteram-se também as formas pronominais dêiticas para o tratamento entre os enunciadores, a esse respeito, mencionamos os quadros de relações dêiticas e condicionantes pragmáticos ao longo do período temporal.

A seguir iniciamos a apresentação dos dados encontrados em nossa análise em relação a cada um dos procedimentos analíticos descritos no capítulo 3 (Procedimento Textual, Procedimento Pragmático e Procedimento sociocultural). O primeiro a ser apresentado diz respeito à caracterização e à identificação dos dêiticos sociais e sua função “honorífica” (LEVINSON,2007) com traços de mudança e permanência discursiva.

5.3 Procedimento textual e caracterização dos dêiticos: mudança e permanência na função dêitica

A linguagem, já afirmava Benveniste ([1976] 2006), é a única maneira de alcançar o outro, dessa forma, o uso de dêiticos sociais nos hábitos brasileiros ultrapassa a barreira da exigência genérica, ganhando importância discursiva, no momento em que são estabelecidas classes sociais associadas ao uso de determinados pronomes de tratamento, como já mencionamos anteriormente.

Porém, o que nossos dados revelam é que o uso dos dêiticos sociais é uma estratégia discursiva de persuasão e aproximação enunciativa que reflete uma hierarquia social, marcando atitudes antissociais a fim de alcançar um propósito que, nem sempre, será relacionado com o gênero textual analisado.

Ademais, a caracterização dos dêiticos sociais encontrados nas análises indicam um processo de mudança na forma linguística de uso da função dêitica, sempre associada, majoritariamente, aos pronomes de tratamento. Isso demonstra que há uma tradição discursiva no uso dos dêiticos sociais em relação a sua forma, que marca uma mudança nas formas linguísticas associadas à função dêitica em destaque, demarcando um processo de mudança discursiva, caracterizado como uma tradição discursiva, pois se repete em contextos e espaços temporais distintos.

Dessa forma, acreditamos que o uso de vocábulos que determinam patentes militares e graus de proximidade com os interlocutores são utilizados com função honorífica, traço

característico da função dêitica, a fim de alcançar um objetivo pessoal, nem sempre explícito nos textos analisados, demonstrando, portanto, que a função dêitica social pode ser encontrada em outros elementos linguísticos, como sintagmas nominais e adjetivais.

Em cartas de caráter oficial, o vocábulo “amigo” aplicado para indicar um posicionamento discursivo, no campo dêitico, foi verificado 38 vezes em todas as cartas oficiais analisadas. Número expressivo se comparado com as cartas de cunho pessoal, que acreditávamos apresentar mais ocorrências, dado o teor dos assuntos de maior proximidade entre os interlocutores, que possibilita aproximação. No entanto, apenas 10 ocorrências foram encontradas com essa função.

É importante destacar que, quando nos referimos à função dêitica do termo “amigo”, queremos enfatizar que, nos contextos abordados, o substantivo funcionou como um indicador discursivo, apontando para um dos enunciadores e atribuindo-lhes um papel social “entre falante e destinatário” (LEVINSON, 2007). Vejamos dois exemplos desse fenômeno em cartas oficiais e em cartas pessoais que demonstram como a função dêitica social pode ser atribuída a outros elementos diferentes dos pronomes de tratamento.

Carta número 1, 1º período – século XX (1909-1944)

Itapetininga, 19 de janeiro de 1910

Excelentíssimo Amigo Veneravel Doutor Washington Luis

Cumprimentos affectuosos

Si o *Excelentíssimo Amigo* quiser autorisar o subdelegado de Gramadinho³⁰, districto policial deste municipio, a alugar, alli, uma casa para servir de posto policial, prestará mais um serviço a nossa causa, pois que temos naquelle districto um grande numero de eleitores, e, oche_ fe está muito interessado nesse grande melhoramento, que, não excederá de 25 \$ mensaes .

___ Permitta-me que lhe apresente [p.2] apresente uma carta intima do nosso bom correligionario *Coronel* Cornelio Vieira³¹, submettendo-a ao seu conhecido criterio.

___ *Dom* Lucio³², Bispo de Botucatu, in -

³⁰ Distrito de Itapetininga, criado pela Lei Estadual n.º 1.410, de 30-12-1913 e anexado ao município de Itapetininga. Fonte: www.cidades.ibge.gov.br. Acesso jul/2015.

³¹ Cornélio Vieira de Camargo, político de Tatuí, colaborou com a elevação de Cesário Lange (município paulista, próximo a Tatuí e Botucatu) a Distrito de Paz de Tatuí em 1908. Fonte: www.cidades.ibge.gov.br, na seção sobre Cesário Lange. Acesso jul/2015.

teressando-se pelo *Doutor Leite Moraes*³³,
delegado de Campos Novos Par[a]napanema³⁴
deseja sua remoção para comar_
ca de classe superior. Será possível?
Sempre seu
Amigo *Obrigadissimo*

Fernando Prestes

Neste primeiro exemplo, retirado do corpus que analisamos, pode-se compreender melhor o uso de dêiticos sociais no grupo de missivas da primeira geração do século XX. A carta é um documento oficial assinada pelo então vice-governador³⁵ de São Paulo, Fernando Prestes, que solicita a presença de um destacamento policial na localidade de Gramadinho, distrito do município de Itapetininga. A carta é destinada ao então Secretário da Justiça e Segurança Pública do estado, Washington Luís, figura pública de grande relevância e prestígio nacional, posteriormente eleito presidente do Brasil, em 1926, participando do movimento conhecido como “Política Café com Leite” (GALVÃO, 2018, p.30).

Destacamos que o resgate histórico de alguns fatos é crucial para compreendermos a função dos elementos dêiticos sociais, tendo em vista que, conforme Hanks (2008, p.15, grifo nosso), “A ocupação de posições num campo é um processo *diacrônico* que pode ser visto através das lentes do localismo, mas o campo em si é um espaço de posições e tomadas de posições mais amplo, mais do que uma estrutura radial, organizada ao redor do ator”. Dessa forma, compreender o contexto de uso das estruturas dêiticas destacadas nesta pesquisa é compreender o campo social em que o uso de estruturas sintagmáticas, por exemplo, ganhou função dêitica social.

Dessa forma, conforme Hanks (2008), a posição dos sujeitos num contexto enunciativo em que prevalece a força do poder político de figuras públicas com grande relevância e, portanto, influência social, deve ser avaliada cuidadosamente, pois o uso de expressões simples, como “amigo”, acompanhadas de termos vocativos que expressam o potencial honorífico desses sujeitos, é um indicativo de uso da função dêitica social associada a outros elementos linguísticos, conforme notamos em: “se o excelentíssimo amigo

³² Dom Lúcio Antunes de Sousa (1863 - 1923) foi o primeiro bispo da diocese de Botucatu – SP.
Fontes: https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%BAcio_Antunes_de_Sousa e <http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2008/12/aquino-mauricio-de.pdf>. Acesso em jul/2015.

³³ Não foram encontrados dados sobre essa pessoa.

³⁴ Campos Novos de Paranapanema, emancipada de Santa Cruz do Rio Pardo em 1885, atualmente Campos Novos Paulistas, é um município paulista próximo às cidades de Assis e Marília. Fonte: www.cidades.ibge.gov.br. Acesso jul/2015.

³⁵ Então chamado “Presidente de Estado”.

autorizar...” (Conferir na carta citada).

Acreditamos que a expressão “amigo”, no trecho: “Si o *Excelentíssimo* Amigo quiser autorisar” antecedida por vocábulos de cunho honorífico, como venerável e excelentíssimo, a exemplo do que encontramos em nosso corpus, não apenas no exemplar mencionado, colabora para a construção de um campo dêitico autorreferencial que aponta para o enunciatário, mas também para o papel social do enunciador, que se posiciona como ente próximo de um enunciatário a quem se deve maior respeito e honra. Afinal, um sujeito que ocupa posição social de destaque num governo não aceita, pelas convenções sociais, ser chamado de amigo por “qualquer” pessoa. A respeito dessa relação enunciativa contruída no discurso, é importante ressaltar que a dêixis aponta para a própria instância discursiva, como denota Benveniste ([1976], 2006, p.279) “a dêixis é contemporânea da instância de discurso que contém o indicador de pessoa”.

Essa construção do campo dêitico de mecanismos dêiticos sociais, desde o início da carta mencionada, retirada de nossa análise, tais como, “Si o *Excelentíssimo* Amigo quiser autorisar” aponta para a inclusão de contextos pragmático bem particular os quais inclui atos de fala que demandam “solicitação”, “pedido”; indicando que o enunciador vale-se de um recurso linguístico a fim de aproximar-se do enunciatário, demonstrando maior familiaridade e solicitando não apenas uma demanda social, que irá beneficiar uma comunidade, como um destacamento policial em um distrito, mas um favor; tornando uma solicitação social em um favor pessoal, construindo uma prática de clientelismo e protecionismo político a partir da linguagem. Como fica claro no trecho da carta referida anteriormente em que, agora, destacamos a passagem que aponta para as solicitações e interesses na correspondência:

Si o *Excelentíssimo* Amigo quiser autorisar

o subdelegado de Gramadinho³⁶, dis -
tricto policial deste municipio,
a alugar, alli, uma casa para
servir de posto policial, prestará
mais um serviço a nossa causa, pois
que temos naquelle districto um
grande numero de eleitores, e, oche_
fe está muito interessado nesse
grande melhoramento, que, não
excederá de 25 \$ mensaes .

Essa função, atribuída à função dêitica, fica clara no decorrer do texto selecionado como exemplo, em que o enunciador menciona os potenciais votos que o enunciatário, então

³⁶ Distrito de Itapetininga, criado pela Lei Estadual n.º 1.410, de 30-12-1913 e anexado ao município de Itapetininga. Fonte: www.cidades.ibge.gov.br. Acesso jul/2015.

Secretário da Justiça e Segurança e futuro candidato à presidência, poderia conseguir se atendesse o “pedido” do “amigo” Fernando Prestes. Nesse ponto, associamos ao vocábulo ‘amigo’, no trecho: “Excelentíssimo amigo venerável Doutor” a função dêitica social, tendo em vista que o uso do termo amigo, nesse trecho, aponta para a função social do enunciador, realizando um ato de referência dêitica, dado que ocupa uma posição dêitica social.

Sob esse aspecto é importante mencionar que os dêíticos sociais, mais do que agregar valor honorífico, como pontua Levinson (2007), são o resultado de uma relação social entre sujeitos e contextos históricos, como quer Hanks (2008), formando o que o autor chama de caráter ubíquo (língua e sociedade), indicando que o campo dêítico deve ser associado a campos sociais mais amplos, que sofrem mudanças ao sabor dos fatos históricos e culturais, alterando também os vocábulos que podem funcionar como dêíticos sociais.

Nesse sentido, condicionamos à mudança de forma linguística atribuída ao uso do dêítico social, nesse caso específico a palavra “amigo”, uma mudança linguístico-discursiva marcada por “diferentes heranças culturais” (KABATEK, 2008, p. 23) expressas tanto no âmbito pragmático do uso da função dêitica social quanto no âmbito essencialmente linguístico, já que o termo “amigo” não é considerado um pronome de tratamento em sua essência, embora defendamos que isso não o impeça de cumprir essa função, pois a função dêitica social não deve ser associada a formas linguísticas que limitem seu usos, como as formas pronominais de tratamento.

Ainda no que se refere a traços discursivos que permanecem e se alteram no uso de elementos da função dêitica, destacamos os traços de permanência de uso dos dêíticos sociais, pois, em nossas análises, notamos que os contextos pragmáticos e históricos configuram importantes marcos na escolha de formas de tratamento em cartas oficiais, pessoais, ao leitor, ao redator.

No tocante às cartas, cuja temática versam sobre assuntos de ordem mais pessoal entre os enunciadores, a função dêitica social com o vocábulo “amigo” é mais difícil de se identificar, tendo em vista a própria classificação do gênero. No entanto, percebemos que, em alguns contextos, o termo é utilizado para evidenciar o papel do enunciador, como para demonstrar que o enunciatário lhe deve a confiança e a familiaridade de um “amigo”. Assim, o termo também é associado a contextos pragmáticos que envolvem pedidos, porém, nesse caso, com um tom mais penoso, quase uma súplica, como pode ser visto na carta a seguir.

Carta número 1, 1º geração – século XIX (1819 – 1854)

Caro Amigo, e Compadre doCoração

Rio 1º de Abril

1828.|

Doente desde Dezembro³⁷, muito se me agravou o mau mas| desde Fevereiro, com hu) ataque de cabeça, do qual não estou| ainda escasso, Vosmice fará idea do meu estado, quando eu lhe di|ga que nem assignar o meu nome eupodia, hoje mesmo| eu não posso ainda fazer applicaçam, e por isso não sou ex| tenso. Tenho sempre ouvido por Vosmice sobre hu)ma noticia á| respeito de escravos, noticia, á que aqui se deu o mais| feio aspecto, bem que das cartas não consta coisa que| faça medo. Como está Vosmice todós os seus, meu Affi-|lhadinho, e minha Comadre? Estimo que muito bons de saude,| e de fortuna. Minha Mana Maria está agora com migo,| e á Vosmice, e á todos os seus se recomenda. Vosmice vem áo Rio?! Bem sabe³⁸ que tem casa para estar, e que nisto dará áo| seu fiel Amigoe tão obrigado o maior gosto, minha Mana| lhe pede este favôr, e lhe manda dizer que agora n'esta| casa há mais ordem, por que ella a governa. Olhe,| eu muito o desejo vêr para ter hu) desabafo de coraçam| Ah! Nunca eu sahisse da Bahia, ou pelo menos não| visse a cara áo pão d'assucar !!! Adeus. Se Vosmice| poder mande-me somente o conto e duzentos das Dia|rias deDeputado, em lettras mesmo, ou como poder ser,| por que preciso. Recomendacoes á todos, e creia que doCoraçam| sou seu|

Amigo fiel, Compadre eobrigado|

Basto

Já a carta pessoal que usamos nesse exemplo foi retirada do corpus que compõe as missivas da 1ª geração do século XIX. De teor extremamente pessoal e familiar, o assunto da carta revela também um teor pragmático relacionado ao ato de “pedir” (*Se Vosmice| poder mande-me somente o conto e duzentos*), porém é bem marcada pelo enunciador a proximidade com o enunciatário, mediante o uso do termo “compadre/comadre”, em: “Caro Amigo, e Compadre doCoraçao|”, o que nos autoriza afirmar que essa estratégia busca assinalar o grau de familiaridade com o destinatário da carta. Assim como na carta oficial, anteriormente analisada, o vocativo “excelentíssimo” da carta pessoal também é associado com a palavra amigo, no entanto, o uso desse termo ao lado do vocativo “caro amigo” nesse último exemplo denota uma afirmação dos laços fraternos dos enunciadores.

Por outro lado, o trecho “que tem casa para estar, e que nisto dará áo| seu fiel Amigoe tão obrigado o maior gosto, minha Mana” (grifo nosso) o termo “amigo” aponta para o enunciador do discurso, aquele que escreve a carta, função afirmada pelo uso do dêitico “seu”. Associamos o vocábulo “amigo” ao dêitico “seu”, que aponta para o participante da enunciação, pois admitimos que é uma estratégia discursiva, que marca o enunciador no campo dêitico buscando aproximá-lo do enunciatário, a fim de alcançar o objetivo pragmático

³⁷ Borrado.

³⁸ Corroído.

que envolve o ato de fala de “pedir”, nesse caso, uma quantia em dinheiro emprestada.

Essa relação estabelecida pela associação do vocábulo “amigo” e do dêitico “seu” contribui para a construção de um processo autorreferencial dos dêiticos sociais, conforme estabelece Ciulla (2020) a partir dos pressupostos de Benveniste (1976); organizados por marcas hierárquicas reconhecidas socialmente, relacionadas a algumas classes sociais, como médicos, políticos e pessoas com cargos de poder, tendo em vista que, mesmo em contextos de alguma proximidade entre os falantes, o objetivo pragmático de “pedir”, condiciona o enunciador a mencionar um posto de inferioridade, superioridade ou igualdade, conforme salientamos na figura 6 desta pesquisa.

A indicação da função dêitica social fica, a nosso ver, ainda mais evidente na saudação de despedida do enunciador que enfatiza sua postura em relação ao enunciatário “*Amigo fiel, compadre, obrigado*”, apontando para a relação socialmente estabelecida que “quase” obriga o enunciatário a ceder ao pedido de empréstimo.

~~Acreditamos que~~ Isso se deve também ao efeito de sentido produzido a partir do uso dos vocábulos “seu” e “amigo”, que ajudam a construir uma relação hierárquica com o enunciatário, marcando um valor de proximidade social, reconhecido culturalmente e inserindo nos termos mencionados, traços da função dêitica social, embora, linguisticamente, essas palavras não sejam classificadas como tal. Além disso, o uso dos termos destacados também contribui para a marcação autorreferencial da função dêitica encontrada no sintagma “amigo”, pois denota um caráter reflexivo ao eu do discurso, mediante uma estratégia de aproximação.

Esse recurso linguístico também foi utilizado em outras cartas analisadas nesta pesquisa e elencadas em nossos anexos, que se valeram do uso de termos militares, denotando patentes, a fim de marcar certa aproximação ou distanciamento dos enunciadores. As cartas mais antigas, que compreendem as cartas das primeira e segunda gerações do século XVIII até a primeira geração do século XIX, conforme nossa organização, são as que apresentam maior índices de uso de patentes militares com função honorífica³⁹, similar à função dos dêiticos sociais, configurando também uma mudança discursiva amparada pelo escopo teórico da Tradição Discursiva.

Destacamos, ainda, que o uso dos termos “amigo” ou de patentes militares em nosso corpus relaciona-se com atos de fala produzidos com a intenção de “pedir”, “solicitar”, “convocar”, “convidar”, aumentando, ainda mais, o caráter honorífico dos termos, levando-

³⁹ O período mencionado coincide com a instauração da chamada “República da espada” no Brasil, momento em que presidentes de origem militar chegaram a ocupar o cargo máximo do país (HOLANDA, 1995, p.161).

nos a crer que realmente o uso dessas palavras em contextos com a intenção de pedir garante um caráter de honra, empregado no intuito de alcançar uma solicitação pessoal, mesmo em cartas oficiais, como demonstram os dados a seguir:

Quadro 4 - Condicionantes pragmáticos e ocorrências dêiticas

ATOS DE FALA	Ocorrências	Quantidade
Solicitar, pedir.	Exmo	1
	Ilmo	3
	Excelentíssimo	6
	Venerável	2
	V. Excelência	3
	Presidente	1
	Coronel	2
	Doutor	4
	Amigo	9

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

É importante destacar que a presença do termo “amigo” em contextos de atos de fala que envolvem pedido, solicitação, sobrepõe-se ao uso de pronomes de tratamento consagrados como “Exímio”, “Excelentíssimo” e “Vossa excelência”, fator que condiz com nossa hipótese de que, nesses contextos pragmáticos, a função dêitica social condiciona um processo enunciativo que marca hierarquias sociais, facilitando o uso dessa função dêitica a partir de um efeito de sentido com termos que não são propriamente dêiticos sociais, como as palavras “amigo”, “doutor” e “coronel”.

No que se refere ao termo coronel, associamos essa relação ao contexto histórico cultural brasileiro, tendo em vista que, conquanto o Brasil tenha se tornado uma república em 1889, os primeiros presidentes foram militares, marcando uma “exigência” social em tratar com honra e respeito o chefe da nação, usando patentes militares; assim, uma das formas de marcar esse respeito, devido a quem ocupava a cadeira da presidência, era usar tratamentos formais, um dos quais, a patente militar devida ao homem que fosse o presidente e acumulasse a função militar.

Esse “hábito” de usar a patente militar no discurso para indicar honra e respeito, para nós, é um outro indício de que os dêiticos sociais podem apresentar sua função honorífica em outras formas além dos tradicionais pronomes de tratamento, tendo em vista que as patentes militares, no caso das cartas analisadas, cumprem a mesma função honorífica e marcam as coordenadas discursiva do enunciado, cumprindo também um papel de manutenção discursiva no uso das funções honoríficas, caracterizadas pelos dêiticos sociais, evocando, no contexto brasileiro, uma tradição discursiva no uso de patentes militares associadas à função honorífica

devida aos pronomes de tratamento⁴⁰.

A fim de demonstrar como o uso de patentes militares em cartas oficiais pode apresentar função dêitica social, destacamos o seguinte texto do nosso corpus:

Carta número 10, 1º geração – século XVIII (1819 -1854)

Excelentíssimo Senbor Conde General

Por avizo *que* tive de minha consorte acharse *mu*ito mal *para* morrer sahÿ dos Matos Sem ter achado Ribeiro de ouro de ma yor conveniencia *que* o antigo, e deyxey continoando-se com as mesmas experiencias, *para* em ella melhorando logo tornar; porem como a enfermidade foSse em tal aumento *que* por ora se lhe não julga avida prohybio-me ohir, e mandey Recolher os *que* la tinha deyxado, os quais chegaraõ-me sem effey-to de melhor noticia. [espaço]

[espaço] Pello dezerto de Remedios humanos nesta ter ra, eestar eSsa *Vila* infestada de bixigas Semepreciza levar aditta emferma a Goratinguetâ emproucura de Domingos Rodrigues por me dizerem hê de bom com ceyto, quando Deus permitta dar-lhe mais alguns dias de vida fazendo termo amolestia *que* mais prompta mente amata *para* paSsar ocaminho porque Sam duas quey xas; e como não poSso conseguir Sem faculdde deVossa Excelencia peço seja Vossa Excelencia servido permittirme attenden[sic] a neSsecidade em*que* me acho. [espaço]

[espaço] Deus *guarde* aVossa Excelencia felices annos, edilatados.

Sam Sebastiam 14 de Septembro de1734 annos

[espaço] DeVossa Excelencia

[espaço] Humilde Subdito

[espaço] Manoel Alvarez deMoraes

Essa carta, catalogada pelo PHPB, foi selecionada para compor o corpus desta pesquisa, pois apresenta caráter oficial, foi remetida por um subordinado que solicitava ajuda a um General do exército brasileiro. Como podemos notar, no texto, a intenção do autor era solicitar permissão para cuidar da esposa doente, com varíola, conferido no seguinte trecho: “por aviso que tive de minha consorte achar-se muito mal para morrer [...] levar a dita enferma a Guaratinguetá em procura de Domingos Rodrigues. O uso da patente militar no vocativo da carta (“Excelentíssimo Senhor Conde General”), assim como a postura de “servo” adotada na despedida da missiva (“humilde súdito”), indicam a postura submissa do enunciador que, praticamente, clama pela permissão solicitada.

Essa postura submissa, ressaltada pelo tom de despedida da carta, bem como pelo uso

⁴⁰ Salientamos que no atual contexto político brasileiro, por exemplo, o uso de patentes militares retorna ao discurso de apoiadores do 38º presidente eleito no Brasil, ex-capitão do Exército Brasileiro. Esse fato repercute traços de mudança e permanência em fórmulas lexicais, configurando uma tradição discursiva.

da patente de “general” no vocativo, é um indício do tom honorífico que é exigido pela hierarquia militar; o uso do termo general, logo no início, marca esse posicionamento, destacando para o enunciador uma postura inferior, que ele mesmo ratifica na despedida da carta. Essa função apresenta semelhanças com a função dêitica social, tendo em vista que o uso do termo “general”, mais do que uma exigência militar, estabelece uma relação discursiva, indicando quem tem mais poder social na enunciação mencionada, fortalecendo uma hierarquia que vai além dos muros do quartel⁴¹.

É mister destacar que o uso de algumas patentes militares extrapola o ambiente citado, sendo, muitas vezes, usadas por civis para caracterizar pessoas de poder em determinados contextos sociais, como a patente “coronel”, que passa a ser utilizada em cartas pessoais, conforme o exemplo a seguir, a fim de garantir o grau de “respeito” e “honra” que o enunciador julga ideal para o enunciatário.

Carta 1, 1º geração – século XIX (1819 -1854)

Illustrissimo e Excelentissimo Coronel Manoel Ignacio daCunha eMenezes|

Rio 13 de Dezembro de 1829. |

Meu amigo e coronel. A sua carta de 6 do mes *proximo passado*| me deo grande saptisfação por trazer-me não só| a noticia da sua feliz viagem, como a de ter| achado com saúde toda a sua Familia, á *quem*| rendo os meus respeitos, *que igualmente* são derigi=|dos por *minha* mulher, a *qual* agradece os cumprimentos| de *Vossa Excelência*, dando-lhe o paraben de se – achar| restituído ao seio da sua cara Familia, sendo| n’estes sentimentos acompanhada por meu sogro, e| sogra⁴², *que muito* se – recomendão. |

Dezejando á *Vossa Excelencia* saúde, e ventu=|ras passo á sollicitar com instancia *que me-*| empregue no seu serviço, pois sempre me – acha|rá prompto por ser|

Rogo á *Vossa Excelência* me–recomende| aos *Excelentissimos Senhores Telles, e Antonio* [?]|

⁴¹ A Constituição Federal de 1988 estabelece que as Forças Armadas brasileiras, bem como Polícia Militar e Corpo de Bombeiros devem submeter-se à hierarquia e à organização de suas instituições, conforme prevê os artigos 42 e 142 da Carta Magna.

Art. 42 Os membros das Polícias Militares e Corpos de Bombeiros Militares, instituições organizadas com base na hierarquia e disciplina são militares dos Estados, do Distrito Federal e dos Territórios. (...)

Art. 142 As Forças Armadas [...] são instituições nacionais permanentes e regulares, organizadas com base **na hierarquia e na disciplina**, sob a autoridade suprema do Presidente da República.

(BRASIL, 1988, on-line, grifo nosso).

⁴² Borrado.

Augusto.

Este é um exemplo retirado dos *corpora* do Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão. A carta pessoal indicada acima foi selecionada para nosso corpus por apresentar o uso de patente militar fora do contexto hierárquico militar, ainda assim, nota-se que o enunciador usa o termo “coronel”, logo no início da carta: “meu amigo e coronel”, a fim de demonstrar respeito e honra, como a função de um dêitico social.

É importante ressaltar, ainda, que o uso de patentes militares em cartas oficiais pode ser considerado comum, porém, para nós, a importância desse corpus levanta uma importante questão: a influência do contexto histórico na linguagem, demonstrando marcas de mudança e permanência na função dêitica social, de acordo com os aspectos panlinguísticos, tais como a influência cultural e histórica, admitidos por nós, nesta tese.

Nesse caso, o uso da patente “coronel⁴³” é um exemplo disso, tendo em vista que, embora seja um recurso linguístico militar, foi encontrado em outros contextos menos formais com a finalidade no exemplo da carta pessoal selecionada, o uso da patente cumpre uma função social desligada das obrigações hierárquicas comuns nas relações militares de marcar um posicionamento hierárquico, demonstrando honra, tal qual um dêitico social, ainda que seu uso não encontre correspondência com o contexto militar.

Outrossim, a função dêitica também é configurada pela organização do campo dêitico, marcado no uso dessas patentes, na medida em que o enunciador, ao apontar para o enunciatário, estabelece uma posição de origo, configurando sua posição de inferioridade no discurso e marcando um posto de superioridade ao enunciador, denotando uma marcação autorreferencial diferente daquela comumente encontrada no uso de dêiticos pessoais, por exemplo.

Ademais, o uso da patente, em algumas regiões do Brasil, como o Nordeste, por exemplo, pode ser encontrado até nos dias atuais e relacionado a pessoas que nunca pertenceram ao exército, mas que detêm poder político e/ou econômico nessa região (GALVÃO, 2018), indicando que a função dêitica social apresenta uma tradição discursiva que apaga e preserva algumas funcionalidades dêiticas, conforme o período histórico e o

⁴³ O termo em destaque deu origem à expressão “coronelismo”, a qual designa uma estrutura de poder estabelecida, muitas vezes, em âmbitos municipais e que se configurava com a prática de apoio político. Nessa relação, um político se beneficiava das relações de amizade construídas entre os ditos “coronéis” e seu povo, por meio do voto de “cabresto”; enquanto os coronéis mantinham sua força política na região, inaugurando uma prática comum até os dias atuais do Brasil (GALVÃO, 2018).

contexto cultural, aspectos que pretendemos discorrer melhor na próxima seção.

Ressaltamos que não é o objetivo desta tese demonstrar como o uso de patentes militares fora do contexto militar influencia as coordenadas dêiticas do discurso, por isso, nossa afirmação de que o uso de patentes, como “coronel” para designar o uso da dêixis social será restrito às análises e ao percurso histórico que selecionamos. Ainda assim, não descartamos que o uso de patentes ocupe um posicionamento dêitico em contextos de usos atuais, tendo em vista o passado militar do atual presidente do país, no entanto, esse fato ~~que~~ requer outras investigações.

5.4 Procedimento pragmático: traços de mudança e permanência nas escolhas dos dêiticos sociais

Este tópico da nossa pesquisa visa demonstrar como o uso de condicionantes pragmáticos, como Atos de fala, orientam o uso de dêiticos sociais, tendo em vista que uma das funções dos dêiticos sociais no discurso é orientar a posição indicial dos falantes, denotando o poder destes na instância discursiva, tornando as pessoas do discurso particularizadas, mediante seus posicionamentos sociais.

Nesse sentido, o uso de condicionantes pragmáticos pode alterar o sentido dos dêiticos sociais, levando os falantes a utilizarem dêiticos sociais a partir das suas intenções particulares, dando aos dêiticos sociais um caráter não apenas honorífico, como denota Levinson (2007), mas um efeito de sentido modificado que segue uma intenção pessoal, conforme apontam nossos dados.

Essa construção de sentido admite o que afirma Parret (1988, p.148): “A interpretação e a compreensão do sentido das categorias dêiticas depende do evento da enunciação e dessas categorias [...]. Somente podemos diferenciá-las relacionando-as à enunciação do enunciado”. Dessa forma, a ligação que existe entre o uso dos dêiticos sociais e as funções estabelecidas pelos atos de fala da linguagem é fundamental para compreensão do sentido atribuído a essas formas dêiticas, por isso consideramos essa relação em nossa pesquisa.

Nas cartas analisadas, os principais condicionantes pragmáticos encontrados foram atos de fala, destes os mais relevantes atos de fala que encontramos estavam ligados as seguintes ações: “agradecer”, “informar”, “parabenizar”, e “pedir”, os quais já mencionamos na seção anterior, tendo em vista que nos atos de fala que versavam sobre pedidos ou solicitações houve grande número de ocorrências com termos que apresentavam função dêitica social, embora não reconhecidos por essa função, como termos citados anteriormente,

a exemplo de “coronel”, “amigo”. A fim de retomarmos a discussão iniciada anteriormente, recuperamos o quadro 4, com a relação de atos de fala e os dêiticos a eles relacionados:

Quadro 4: Condicionantes pragmáticos e ocorrências dêiticas

ATOS DE FALA	Ocorrências	Quantidade
Solicitar, pedir.	Exmo	1
	Ilmo	3
	Excelentíssimo	6
	Venerável	2
	V. Excelência	3
	Presidente	1
	Coronel	2
	Doutor	4
	Amigo	9

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Salientamos que atos de fala com propósitos semelhantes foram unificados em nossa análise a fim de tornar os dados mais objetivos, assim, atos de fala como “felicitar” ou “estimar” foram contabilizados na tabela de atos de fala “parabenizar”. Consideramos que esse procedimento tem uma finalidade metodológica, também, pois a construção discursiva de um enunciado não é restrita a apenas um ato de fala, sobretudo quando analisamos cartas de variadas extensões, dessa forma, consideramos que unir os atos de fala com relação pragmática semelhante poderia facilitar a análise dos dêiticos. O Quadro 5, a seguir, sintetiza esse procedimento.

<i>Quadro 5 - Condicionantes pragmáticos e ocorrências dêiticas</i>	Ocorrências	Quantidade
ATOS DE FALA Parabenizar/ Felicitar/ Desejar/ estimar	Exmo	2
	Ilmo	1
	Senhor	3
	Excelentíssimo	2
	Vossa Excelência	1
	Venerável	2
	Prezado	1
	Coronel	1
	Doutor	3
	Amigo	3

	Vosmicê/ Você	2
--	---------------	---

Fonte: Elaborado pela autora, 2021.

No tocante a atos de fala do âmbito das “felicitações”, destacamos a presença do pronome “vosmicê”, que, posteriormente, evoluiu para a forma “você”, sempre utilizado em contextos informais, em que o enunciador denota maior intimidade com o enunciatário (PERES, 2007.). Acreditamos que a baixa incidência desse pronome em nosso corpus se deve ao caráter mais formal de grande parte das cartas analisadas, ainda assim, a presença de duas ocorrências em contextos de atos de fala que marcam “felicitações” é, para nós, um indício de que o pronome designa uma relação de hierarquia social mais baixa, além disso, o contexto pragmático do ato de fala mencionado abre espaço para o uso de formas mais próximas do ouvinte, como na passagem: “todos se recomendão affectuosamente| a *Vosmice* á Emilia, e as meninas, e á todos os nossos”.

Carta número 7, 1º geração - século XIX (1819-1854)

Rio 16 de Março, 1853|

Jose de Goes|

Recebi pelo vapor Ingles, e pelo Mucury as suas duas ultimas| cartas, e estimei saber, que o seo passeio ao Reconcavo fô-|ra a causa da falta que senti de cartas suas.|

Acho-me ha 4 dias recluso por uma forte carga de| defluxo, agravada por ter sahido no dia 14 à abrir o no-|vo Asylo de Santa Theresa: estou melhor, e não tive febre,| felizmente. Sua Tia fica vigorosa,⁴⁴ e os meninos de Petro-|polis em boa saude: todos se recomendão affectuosamente| a *Vosmice* á Emilia, e as meninas, e á todos os nossos.|

Nada há de novo. Muita chuva por cá, e por la nenhu-|ma. Estimarei, que venha o meo Sobrinho Jose, embora| acabasse de morrer o Conego Marinho, á cujo Collegio o| destinava: irá para o mesmo, se continuar, como d’antes; se não, para o de Petropolis. Muitas saudades minhas, e da Vis-|condessa ao Chico, á Prima Constança, e meninas, ao Senhor Dr.| Jose, e á Senhora Dona Judith. Tão bem saudades ao Innocencio|

Adeos, do seo|

Tio e amigo doCoração/
Miguel|

N.B. Fará mal se vier tarde:|

⁴⁴ Manchado.

os Deputados do Norte promettem vir cedo;|
 e isso convem muito; por que a futura sessão|
 promete muito O Bahianna, em que foi o Penna para/
 o Pará, está como novo, e o Segundino heo que sabe[&]⁴⁵|
 1v.

Illustrissimo Sr. Dr. |

Joze de Goes de Siqueira |

Deputado á Assembleia Geral |

Embora acreditemos que o condicionante pragmático do ato de fala possa colaborar no uso de formas pronominais mais informais, percebemos a recorrência de termos “não pronominais”, como “doutor”, em “ *Illustrissimo* Sr. Dr.” usados com função dêitica social a fim de buscar marcar uma distanciamento social entre falante e ouvinte, como o uso da forma “doutor”, encontrada em 3 cartas sempre servindo para designar respeito e reverência ao enunciatário, ainda que este não possua a exigência social (exercer a medicina, exercer cargo judiciário⁴⁶ ou possuir título de doutorado) para a utilização do título.

Para nós, essa marca denota o quanto os usos de formas dêiticas interferem nas relações sociais, mormente as estabelecidas por cartas, tendo em vista a exigência do gênero no uso de vocativos, cuja relação acaba gerando um “efeito cascata” na linguagem, levando o enunciador a marcar o grau de respeito e reverência ao enunciatário em todo o texto da carta, não apenas com o uso de uma forma pronominal dêitica, mas também com o uso de outros recursos linguísticos, como sintagmas nominais (casos das ocorrências “amigo” encontradas relacionadas ao ato de fala “felicitar”) e adjetivais (“venerável”, “estimado”) que funcionam como extensões dêiticas e estabelecem a função dêitica social, marcando, no discurso, as distâncias sociais ou o grau de proximidade social hierárquica entre um EU e um TU, conforme demonstrado na figura 6 deste trabalho. Demosntrado no trecho:

Tio e amigo doCoração/

Miguel |

N.B. Fará mal se vier tarde;|
 os Deputados do Norte promettem vir cedo;|
 e isso convem muito; por que a futura sessão|

⁴⁵ Conferido no arquivo.

⁴⁶ Ressaltamos que, como o corpus corresponde a um período social longínquo, consideramos avaliar o caráter social e cultural que permite a utilização do termo “doutor” a profissionais da medicina e do direito.

promette muito O Bahianna, em *que* foi o Penna para/
o Pará, está como novo, e o Segundino heo que sabe[&]
1v.

Illustrissimo Sr. Dr

O grau de reverência ao enunciatário, marcado pelas relações hierárquicas estabelecidas por sintagmas, foi encontrado nas cartas em que houve relação dêitica social com os termos “exímio” (2 ocorrências), “ilustríssimo” (1 ocorrência), “excelentíssimo” (2 ocorrências), “prezado” (1 ocorrência). Destacamos que essas ocorrências foram encontradas em contextos de condicionantes pragmáticos que envolviam atos de fala de “felicitações”, em conformidade com o exemplo citado acima, marcadas por elementos linguísticos que denotam uma hierarquia social entre falante e ouvinte, como demonstram os contextos em que encontramos a forma “amigo” associada a ocorrências com relações sociais mais altas ou associada a ocorrências com grau de proximidade maior. Como em: “*Illustrissimo e Excelentissimo* Coronel Manoel Ignacio daCunha eMenezes [...] Meo amigo e coronel...”

Atribuímos isso ao fato de que em contexto cujos enunciatários apresentam grau de destaque na sociedade o enunciador busque manter uma igualdade social, marcada pela língua, por meio da construção do efeito de sentido criado com a junção de termos honoríficos, como Vossa **Excelência**, e termos que marcam a proximidade entre ouvinte e falante (como amigo), ainda que essa proximidade só exista no âmbito linguístico, não representando a realidade cultural estabelecida. Em contextos, cujo termo “amigo” realmente denota uma proximidade real entre os enunciatários, percebemos a maior presença de pronomes de tratamento mais comuns, que marcam essa proximidade em todas as instâncias linguísticas, como “vosmicê/você” e “senhor”, por exemplo, ao longo do tempo, como notamos em:

Carta número 6, 1º geração – século XVIII (1819 – 1854)

Rio, 8 deDezembro de1853.|

Excelentissimo Amigo eSr. Conselheiro,|

Esta politica cada vez se embrulha| mais. É tudo balburdia, e ninguem sa-|be com quem está . OSaldanha, que| apoiou o gabinete até ser servido, fez-lhe| todos os dias uma careta mais feia.|

O Octavio é mais magico. Quando mor-|de assopra logo. Com quem estarão elles| na camara? Provavelmente com os exalta-|dos, embora affectem ainda o contrario.| O que é mais para admirar é a| conducta doCansansão. Desconfio *que*| está fazendo agora ao Olinda, o mesmo *que*| fez a *VossaExcelência* em relação ao Rio Grande.|

Parece que apoia surdamente a elei-|[cão]

1v.

do Urbano, e combate a do Feitosa, o que| é questão quasi vital para os progressistas| de Pernambuco. Que alcance pode ter para| elle o triumpho do Urbano e dos exaltados,| e a derrota do Paes Barreto e dos seus?| Provavelmente nenhum, e é justamente nisto que| está o principal defeito do Cansansão| para quem as pessoas valem mais do que| os principios.| O Jacobina esmurrou em pleno dia| o Firmino, por causa das descomposturas| do Constitucional. Tem sido um| caso feio, e de que o Firmino saiu bastan-|te enxovalhado, por que dizem todos que| apanhou cobardemente.| 2r.

O imperador saiu ha dias na Nitheroy,| com a qual está-se fazendo aqui tanto ba-|rulho quanto fizeram os portuguezes com| a rua Bertholomeu Zé Dias, como a cha-|mavam os gaiatos. Disseram os jornaes| que o rei foi fazer certos estudos nas costas| da provincia! Por isto é que muita gente| o chama Charlatão. Isto faz-me lem-|brar o celebre espicha de que tanto se doeu| o Monte-Alverne.|

Desejo-lhe saúde e venturas. O| que não desejo é que mantenha o seu propo-|sito de deixar a politica militante.|

Recommendações do Julio e da mulher, e| do Alfredo.

As

mesmas, quem muito gratas,| do

De Vossa

Excelência|

amigo attencioso e vosso criado|

Adolpho de Barros

Essa relação não é apenas condicionada por aspectos pragmáticos, como o ato de fala citado, mas também por características culturais e históricas, apresentadas no tópico posterior, em que analisamos os aspectos panlinguísticos como outros condicionantes para o uso dos dêiticos sociais, na medida em que, conforme Araújo (2014, p.106), “O significado de uma palavra é seu uso na linguagem”.

Frisamos, no entanto, que estes condicionantes, pragmáticos e panlinguísticos, não podem ser dissociados no ato de uso dos dêiticos sociais, explicando, portando, uma das dificuldades de nossa análise: avaliar o retrato pormenorizado do instante em que o falante faz uso de um dêitico social. Isso significa considerar muitas pequenas conjunturas imbricadas na língua e amalgamadas a ela, por isso, separamos essas três características tão somente com fins científicos para comprovarmos nosso objetivo, tendo em vista que, no plano de uso da língua, não pensamos nesses condicionantes separadamente.

Dessa forma, é importante considerar as ocorrências pragmáticas em contextos, por isso, delineamos um quadro relacionando os condicionantes pragmáticos e as formas dêiticas encontradas nas cartas analisadas.

Quadro 6 - Condicionantes pragmáticos e ocorrências dêiticas

ATOS DE FALA	Ocorrências	Quantidade
Agradecer	Exmo	2
	Ilmo	3
	Senhor	4
	Excelentíssimo	2
	Venerável	2
	Prezado	2
	Coronel	1
	Doutor	3
	Amigo	3

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

Em relação ao ato de fala “agradecer”, notamos que as ocorrências mais comuns foram o pronome de tratamento “Senhor”, seguido pelo também dêitico social “ilustríssimo”, cuja relação denota associação do condicionante pragmático com uso de dêiticos sociais mais formais, buscando demonstrar respeito e gratidão por um favor alcançado. Concorre para essa finalidade o uso dos sintagmas nominais “doutor” e “amigo”, ambos utilizados para criação de efeitos de sentidos distintos. Doutor sempre associado à honra e, muitas vezes, ao agradecimento, conforme aponta a carta a seguir, sobretudo pelas passagens que grifamos:

Carta número 3, 1º geração – século XX (1909 – 1944)

Agradecimento Não só pelas columnas do jornal irá o meu agradecimen-|to ao delicado, cuidadoso e| competetissimo medico como| no meu coração, no coração de| minha família será immor-|redora a nossa gratidão.|| Como não hei de elevar a| sua clínica medica, o seu ta-|lento, e o seu modo delicado| para com os seus doentes?! **E’ o Dr. um destes** predica-|dos que a Natureza deu a| terra.|| Durante os muitos dias que| estive guardando o leito, qua-|si sem esperança de tornar á| vida, tive como meu medico| este delicado e **cuidadoso Dr.** que exforçando-se com maior| interesse pelo meu restabel-|lecimento, procurava não dei-|xar estinguir os ultimos mo-|mentos de vida que me res-|tavam.|| Cumprida a sua missão, sal-|vando-me **não foi o Dr.** Ho-|norato Bomfim um destes in-|teressados, e sim um luctador| que esperou a victoria hoje| alcançada e laureada de glo-|rias. Elle sempre provando| quanto é bom, competente| e extremo. Não tem sido| innumeradas as victorias deste| grande luctador. A Feira deve| julgar-se feliz tendo um tão| bom clinico como é o Dr. |

Bomfim.|| Sinto não ter maneiras cap-|tivantes, não ter expressões| para agradecer-lhe, nem di-|zer o que merece esse digno| clínico. Aos seu pés deposi-|to o meu humilde coração.|| Aproveito também para a-|gradecer às pessoas amigas| e a todos que me visitaram,| e se prestaram com tão gran-|de generosidade durante o| tempo que estive acamada.|| A todos, a minha gratidão.|| Feira, 20-8-1926.|| *Theresa Franco.*|

Enquanto os contextos com o termo “doutor” são marcados para demonstrar respeito e honra por uma personalidade médica, como indica a carta acima, pelos fragmentos grifados, que felicitam o médico que cuidou da saúde da enunciativa, indica um distanciamento social, marcado pela forma nominal utilizada com função dêitica social; o uso do nome “amigo” busca estreitar laços entre enunciatador e enunciatário, ainda que eles não se considerem realmente amigos e que o enunciatário não seja de fato merecedor da denominação “doutor”.

Os motivos dessa relação encontram respostas na tradição discursiva criada para o uso desses termos em contextos de atos de fala que sugerem pedido ou agradecimento, por exemplo, como afirma Kabatek (2005, p.7): “A repetição de um texto, de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire o valor de signo próprio (é, portanto, significável)”.

Além disso, o efeito de sentido criado é sustentado pelo ato de fala que indica a gratidão, o agradecimento por um favor cedido ao enunciatador, para o que podemos até sugerir que o uso do efeito de sentido na forma “amigo” como dêitico social seja um demonstrativo de confiança e fidelidade, como se o enunciatador estivesse, por meio do uso dessa forma e função mencionada, afirmando que agora se encontra em dívida com o enunciatário e que este pode considerá-lo um “amigo” para o pagamento dessa dívida social, instaurada pelo ato pragmático descrito na carta.

Essa relação de fidelidade instaurada pela função dêitica social com os termos “doutor” e “amigo” é fortalecida pelo uso de outros termos com função dêitica social nas cartas em que encontramos o ato de fala “agradecer”, tendo em vista que o uso de termos com caráter honorífico foi considerável nessas cartas, com o uso de “venerável”, “excelentíssimo”, “exímio” e “prezado”, os quais julgamos que funcionou de forma semelhante ao uso de “amigo”, buscando estreitar os laços e criar um efeito de sentido que diminuísse a distância social instaurada pela hierarquia da função dêitica, conforme o exemplo a seguir:

Carta número 5, 2º geração – século XX (1944- 1980)

Família Falcão Agradece| Recebemos a seguinte carta do sr. José da Costa| Falcão:|| <Feira de Santana, 29 de agosto de 1973.|| À <Fôlha do Norte> - Nesta.|| Prezados Senhores:|| Em meu nome e de tôda a família Falcão, apre-|sento a êsse conceituado

jornal e ao seu colunista,| Luiz Rogério Nogueira, os nossos sinceros| agradecimentos, pelo destaque na secção <Vultos No-|táveis de Feira>, edição do dia 11 de agosto, do nosso| inesquecível e saudoso chefe João Marinho Falcão.|| Aproveito a oportunidade, para apresentar a êsse| jornal os nossos votos de pleno êxito na sua brilhante| trajetória, ao tempo em que subscrevo-me, mui| atenciosamente,| JOSÉ DA COSTA FALCÃO.|

Carta ao redator, século XX, 2ª geração de cartas analisadas.

Ainda em relação ao ato de fala “agradecer”, destacamos a ocorrência “coronel”, embora encontrada apenas uma vez, na Carta 1, 1º geração – século XIX (1819 -1854), com esse condicionante pragmático, denota um grau de fidelidade maior instaurado pelo efeito de sentido das coordenadas da função dêitica social, facilitando o surgimento de uma relação de subserviência entre enunciador e enunciatário, aspecto que, em algumas regiões do país, perdura até os dias atuais, marcando uma tradição discursiva no uso da função dêitica social, estabelecendo mudanças e permanências que orientam não apenas as coordenadas dêitica, mas também a conjuntura social.

Quadro 7 - Condicionantes pragmáticos e ocorrências dêiticas

ATOS DE FALA	Ocorrências	Quantidade
Informar/comunicar/ convidar	Senhor	5
	Vossa Excelência	4
	Excelentíssimo	1
	Majestade	1
	Prezado	2
	Coronel/Tenente	2
	Senhor	2
	Doutor	1
	Amigo	5
	Vosmicê/ Você	3

Fonte:
Elaborado

pela autora, 2020.

Outro registro de condicionante pragmático muito comum em nossa análise foi o ato de fala de “informar” e formas semelhantes. Nesses registros, a forma dêitica social mais utilizada foi “senhor”, seguida da forma nominal “amigo” com função dêitica, a fim de buscar uma proximidade na relação social estabelecida. Outro recurso encontrado em contextos com o uso desses condicionantes pragmáticos é a utilização de patentes militares, o que julgamos se dever também ao condicionante do ato de fala “informar” que, em cartas oficiais, por

exemplo, requerem o respeito à hierarquia militar, marcada pelas patentes e utilizada em conjunto com o dêitico *Vossa excelência*, em alguns contextos, demonstrando um outro indício da função dêítica realizada pelas formas nominais que designam patentes militares.

Destacamos que o uso das patentes militares, como já discutimos, cria um efeito de sentido que extrapola o âmbito militar, pois acaba alcançando personalidades civis que recebem a patente de “coronel” de forma popular, com o intuito de demonstrar respeito e honra por aqueles que são chamados assim na comunidade em que vivem.

Ainda, é importante salientar que esse uso também sofre uma consequência histórica e cultural, tendo em vista que, por muito tempo, cargos públicos no Brasil foram ocupados realmente por militares, como a própria Presidência, conforme indicamos anteriormente, favorecendo o uso da associação entre patentes e políticos, por muito tempo. Sobre esse aspecto, esperemos discorrer de forma apropriada na próxima seção em que refletimos sobre os aspectos de permanência e mudança no uso de dêiticos sociais diacronicamente.

Em relação aos condicionantes pragmáticos e ao uso dos dêiticos sociais, podemos apontar que atos de fala orientam o uso de dêiticos sociais em contextos do gênero carta. Indicando que, mesmo com um espaço temporal longo entre as cartas analisadas no corpus, os condicionantes pragmáticos cooperam para um processo de permanência no uso de dêiticos sociais, fortalecendo estruturas hierárquicas na língua que refletem um processo de desigualdade social, dificultando o alcance de conquistas e direitos em um país, cuja sociedade se reconhece como democrática.

Salientamos que outros condicionantes pragmáticos encontrados no corpus analisado, como estratégias de polidez, por exemplo, não marcaram de forma tão relevante as relações pragmáticas entre dêiticos e processos de mudança e permanência linguística averiguados com apoio do suporte das Tradições Discursivas, por isso, optamos por destacar as relações com os atos de fala e a construção diacrônica no uso dos dêiticos sociais.

Na seção seguinte, apresentamos como a construção diacrônica do uso dos dêiticos sociais sofre uma outra alteração a partir de critérios pancrônicos, tais como, culturais, históricos, políticos, religiosos, etc.

5.5 Procedimento sociocultural: traços de mudança e permanência na orientação panlinguística

As regras que regem o processo discursivo da construção de sentidos de texto abarcam elementos linguísticos e ações sociais. As regras do discurso são consideradas por Koch

(2008) reflexos dos comportamentos sociais que reverberam na língua, tornando-se impossível dissociá-las de elementos linguísticos, dos quais destacamos o uso dos dêiticos sociais.

Nesse sentido, os estudos de referenciação, mormente as pesquisas sobre o uso de elementos dêiticos, não podem ignorar a construção discursiva e todo seu contexto para compreender o funcionamento das relações dêiticas, ainda mais, sendo esses elementos, como já mencionamos, operadores linguísticos que marcam processos enunciativos, instaurando a instância discursiva na língua. Dessa forma, torna-se necessário compreender qual a influência das relações estabelecidas nos contextos sociais, culturais e históricos nas relações discursivas no uso dos dêiticos sociais.

Por vezes, essas relações são chamadas de “extralinguísticas”, para nós, são panlinguísticas. No entanto, compreendemos que tais relações não são estabelecidas para além dos limites da linguagem, conforme dar a entender o termo, tendo em vista que defendemos que o uso dos dêiticos sociais sofre influência direta dos contextos de uso, os quais são construídos de maneira imbricada pela linguagem, envolvendo todos os reflexos que essas relações podem interferir nas escolhas e nos hábitos dos falantes.

Além disso, as relações panlinguísticas sofrem influência direta do caráter diacrônico, por isso, a fim de melhor compreendê-las no contexto de uso dos dêiticos sociais, valemo-nos do aporte teórico da Tradição Discursiva, com base em Coseriu (1980, 2006, 2007), Koch (1997, 2008), Oesterreicher (2001, 2008), Kabatek (2001, 2004, 2005), (2001, 2004, 2005) (2009), Rodrigues (2011), Irineu (2014) no intuito de relacionar as relações de mudança e permanência no uso dos dêiticos sociais em uma linha do tempo, que nos leve à compreensão do uso dessas formas em nosso presente.

Algumas dessas relações, como o uso de patentes militares com função dêitica, por exemplo, mencionadas anteriormente, justificam-se com o viés estabelecido pelos estudos diacrônico-discursivos da linguagem, tendo em vista que a permanência no uso de certas patentes com função dêitica não se justificaria pelo contexto panlinguístico atual, encontrando resposta na linha temporal estabelecida pela análise de nosso corpus, que recupera um caráter diacrônico representativo de uma dimensão histórico-social do país.

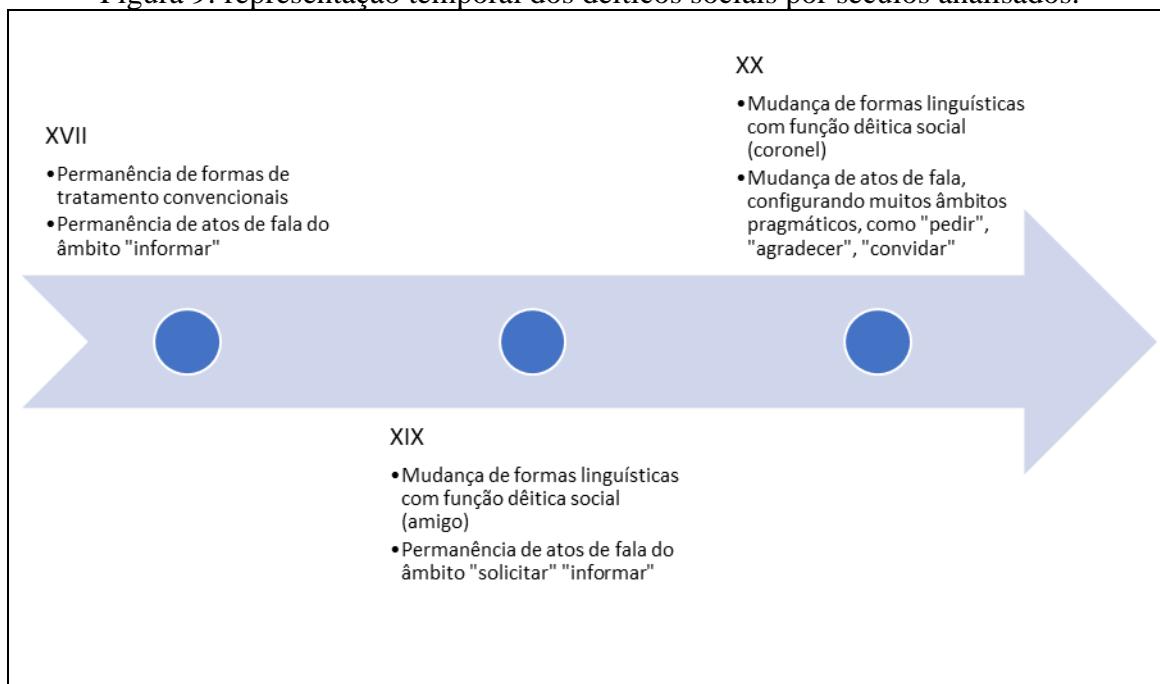
Sob esse aspecto, é importante salientar que a compreensão do uso dos dêiticos sociais, em uma perspectiva diacrônico-discursiva, fortalece o entendimento do reflexo que o uso de formas dêiticas exerce em nossas escolhas como falantes; ademais, as consequências que as marcas panlinguísticas exercem sobre o uso dos dêiticos sociais marcam, inclusive, gêneros textuais, como as próprias cartas, tendo em vista que, ainda hoje, faz parte da

estrutura composicional de uma carta a presença de um vocativo, função sintática exercida por um dêitico social ou, por vezes, por um sintagma que funciona como tal, conforme já demonstramos.

Por todas essas relações estabelecidas entre as marcas panlinguísticas, os dêiticos sociais e os traços de mudança e permanência da Tradição Discursiva, defendemos que o uso dos dêiticos sociais em cartas estabeleceu uma cultura de desigualdade social que reflete o estrato social brasileiro, pois, ao usar formas de tratamento próprias para um grupo social específico, a língua estabelece castas, que, por sua vez, advêm das relações panlinguísticas estabelecidas por anos na sociedade.

A fim de demonstrar como essas relações são marcadas na língua através do tempo, elaboramos a linha temporal a seguir que demonstra a permanência no uso de dêiticos sociais em cartas ao longo do período temporal de três séculos.

Figura 9: representação temporal dos dêiticos sociais por séculos analisados.



Fonte: Elaborado pela autora.

Nessa representação, selecionamos as ocorrências em função dêitica que mais se

repetiram ao longo dos séculos nas análises das cartas. As palavras “Vossa excelência e senhor” em função dêitica nas cartas repetiram a função de demonstrar honra e respeito ao interlocutor, além de, no caso dos sintagmas nominais, imprimirem uma relação de proximidade ou distanciamento social que, muitas vezes, indicava um contexto singular de agradecimento que beira a fidelidade cega, conforme destacamos no exemplar analisado a seguir.

Carta 7, 1º geração – século XIX (1819 – 1854)

Illustrissimo e Excelentissimo **Senhor.**

Soube, *que Vossa Excelencia* chegara do Rio de Janeiro *mu|to* in|fermo; mas *que* ja se acha melhor, o *que mu|to* estimo, e *que|* conciga o seu restabelecimento, e por se achar na sua Fazenda da Lagôa não posso ter a saptisfação de| dar-lhe um a braço. Tendo eu vindo ao Engenho| Periperi para da li voltar ao nosso Jacuipe, fui obri|gado a vir a Cidade e pelo estado de molestia *deminha|* sobrinha, da *qual* fica um pouco melhorada. Aproveito esta occazião para rogar **aVossa Excelência** o obezequio de| instruir-me a respeito de huma emenda do Verguei|ro ao Parecer da Comissão de Requerimentos sobre| o de Antonio Thomas de Oliveira Botelho na ses|são de 25 de *setembro*⁴⁷ do anno passado, ja rezolvido na| Camera dos Deputados em sessão de 8 do mesmo| mês, para abolição de todos os Morgados e Capell|las, e ficara empatada para entrar de novo em| discussão; e qual seja o esperito do Senado a esse res|peito: pois não tendo elle conhecimento das Ins=|tituicoens dos Vinculos, *eque* todos, ou quaze todos fo|rão estabelecidos em bens pertencentes as 3^{as} dos Ins|tituidores, sem prejuizo das heranças dos Coherdei-|ros dos Successores dos Vinculos; e outro fim, *que|* os rendimentos dos bens Vinculados servem de con|servação e augmento dos livres, os *quaes* por falecimento dos| Administradores dos Vinculos são repartidos igu| 1v. almente por seus herdeiros; a lem disso, *que* haven|do dispezas extraordinarias com os Vinculos he| a sua importancia lançada no quinhão dos Suc|cessores delles; talvés, *que* votem pela emenda, sem| attenção a estas circumstancias, e a outras mais, di=|gnas todas de concideração; como sejão: aobriga=|ção de concorrer o Admenistrador de hu) Vinculo para| a sustentação dos Irmaos quando percizem, e se=|ljão pobres: o direito que tem o immediato suc=|cessor de entrar na admenistração do Vinculo *quando|* o actual Admenistrador deixa arruinar-se os be)s,| de *que* elle se compoem finalmente *que* esses bens vem| aficar no numero das Nacionaes, *quando* o Admenis|trador não tem parentes *que* lhe succedão. Por to|dos estes motivos parece, *que* são necessarios, e athe| uteis as Instituicoens de Vinculos de Morgados,| e a conservação dos *que* existem, pelos principios| por *que* os querem extinguir com offença da in viola|bilidade do Direito de Propriedade, fazendo dividir hu)| todo, *que* he administrado por *quem* tem obrigação de o| conservar, e o não pode a lienar por principio ou| cauza alguma Sempre *que* **Vossa Excelência** *queira* occupar-me| em seu serviço me achara pronto com a cordialidade e estil|ma com *que* sou

De Vossa Excelencia|

Amigo Venerador eCriado Obrigado|

Bahia 20 de Janeiro de 1835| Visconde da Torre|

Grifo nosso, 2021.

⁴⁷ No original está grafado “7bro”.

Ademais, destacamos a presença de “amigo”, associado a “coronel” cujo uso no contexto político cultural do século XVIII, é justificado tendo em vista a situação do país, no começo do século, regido por uma Coroa a qual indicava sua representação por Capitánias, muitas vezes, chefiadas por militares (GALVÃO, 2018). Assim, construiu-se uma relação social de respeito e honra ao chefe, dono de terras, a quem os mais pobres e desfavorecidos deviam respeito, embora o país fosse regido pela Coroa Portuguesa, conforme observamos no exemplar a seguir:

Carta 4, 2º geração – século XIX (1855 – 1890)

Amigo coronel

Senti bastante não| ter podido avistar-me com-|sigo, para
conversarmos entre| varios assumptos.|

Aproveito o ensejo| para noticiar-lhe um crime| dado no
lugar - Caldeirão| do Arrôz, ahi pertencente,| afim de Vosmice dar as mais|
energicas providencias, -offi-|-ciando ao Subdelegado| para proceder a
corpo| de delicto e abrindo o| respectivo inquerito.|

Eis o crime: no| dia 9⁴⁸ do corrente, Olympio| Altino de tal,
munido|

Essa relação manteve-se, conquanto o país já fosse uma República, conforme denotam as ocorrências do termo “coronel” em função dêitica social no século XX, fortalecendo nossa tese de que os aspectos panlinguísticos colaboram para a manutenção de uma hierarquia social, marcada, linguisticamente, pelo uso dos dêiticos sociais, como notamos em:

Carta 5, 1º geração – século XX (1909 – 1944)

Illustrissimo e Excelentissimo Major Tenente Coronel

Apresento a *VossaExcelência* o portador desta o Sr. Ca-|dete Tude de Andrade Gomes, que
chegou| da Bahia para seguir para o Sul.|

Elle, tendo dez annos de serviço, e| boas informações na Secretaria da Guerra,|
deseja hum accesso, nomeação de| commissão [etc]|

Rogo a **VossaExcelência corone**| que se digne| protege-lo.|

De *Vossa Excelência*|

Attencioso Amigo obrigadissimoCriado|

Antonio Epaminondas de Mello⁴⁹

29 de abril de 1925

⁴⁸ Rasurado.

⁴⁹ Grafismo.

Com a declaração da independência, o Brasil, embora dependente de Portugal, manteve o regime monárquico (HOLANDA, 1995), por isso, ainda foi comum encontrar o uso do dêitico “majestade”. Apesar disso, à medida que as discussões sobre a proclamação da república aumentavam, o uso de dêiticos como “vossa excelência” também aparecia com mais frequência, indicando que, realmente, os dêiticos sociais sofrem uma interferência direta das relações estabelecidas pelos aspectos panlinguísticos, do tipo que exerce influência sobre as escolhas dos falantes.

A seguir, relacionamos os pontos que sustentam nossa análise (função dêitica social, condicionantes pragmáticos, condicionantes panlinguísticos) com o caráter diacrônico-discursivo da Tradição Discursiva, no intuito de tornar mais didática nossa análise. Frisamos, porém, que o quadro a seguir não tem fins quantitativos, mas qualitativos, por isso, recortamos as ocorrências em função dêitica social, condicionantes pragmáticos e condicionantes panlinguísticos que mais encontramos em nosso corpus.

Quadro 8: Condicionantes panlinguísticos e ocorrências dêiticas

SÉCULO	ATOS DE FALA	SINTAGMAS QUE FUNCIONAM COMO DÊITICOS	SINTAGMAS QUE FUNCIONAM COMO DÊITICOS	ASPECTOS PANLINGUÍSTICOS
XVIII	Pedir; Ordenar; Informar.	Vossa excelência; senhor; vosmicê; Excelentíssimo; Ilustríssimo, majestade.	Doutor; General; coronel; amigo.	Conflitos territoriais; Conflitos com a Coroa Portuguesa; Injustiças sociais; Disputas por escravos; Disputa por capitanias.
XIX	Informar; Pedir; Parabenizar.	Vossa excelência; Senhor; Ilustríssimo; Majestade.	Tenente; amigo; doutor; coronel.	Exploração de riquezas minerais; Relações com a Coroa; Disputas políticas.
XX	Agradecer; Pedir; Informar.	Excelentíssimo; Senhor; Venerável; Caríssimo; Vossa excelência; Exímio.	Doutor; coronel; amigo.	Relações políticas de nepotismo, troca de favores, estratificação social; Reconhecimento da classe médica.

Fonte: Elaborado pela autora, 2020.

No quadro 8, podemos notar a forte relação que os condicionantes panlinguísticos têm com os condicionantes pragmáticos, tendo em vista que estes apresentam, majoritariamente, atos de fala com caráter a “pedir”, “solicitar”, “ordenar”. Em um país, governado por uma monarquia a distância (HOLANDA, 1995), o número de cartas com essas finalidades pragmáticas relaciona-se com o contexto político e social, marcado pela escravidão, pelos conflitos por terra e por riquezas, e, ainda, por injustiças sociais. Assim, em nosso corpus, não foi difícil encontrar cartas descrevendo um retrato caótico de um país sem leis, em que, literalmente, ladrões de galinha, podiam ser apenados com severas punições, para isso, bastava que um cidadão bem relacionado com importantes figuras da região escrevesse ao rei, pedindo, solicitando, uma penalidade forte que servisse de “exemplo” para todos os demais cidadãos, como denota o exemplo a seguir que solicita ao rei a punição para um suposto criminoso, enquanto, na região, não chega um novo magistrado.

Carta 6, 1º geração, século XVIII (1819-1854)

[espaço] [Snr = *Senhor* ?]

] A comp-
tabilidade e escripturação será a mesma *que* ali se praticava, enviando as contas e mappas ao General de São Paulo, dando-se-lhe hum bom Regimento, *que* nunca por elle deve ser alterado, sem immediata Determinação de Sua Magestade no caso de não haver hum Magistrado Supremo, *que* tenha intelligencia e authoridade necessaria para emendar os erros e castigar os abuzos. [espaço] Emquanto não houver esse Magistrado será preciso hum Juiz Conservador com jurisdicção privativa civil e criminal, *que* sirva ao mesmo tempo de Fiscal da Real Fazenda e dos Accionistas.

[espaço] Não hé preciso destruir nada, basta construir o interno adoptando a construção das melhores fornaças e refinós do districto de Roslagg na Provincia de Uplandia na Suecia, *que* produz

[espaço] Domais humilde Sudito,
[espaço] de *Vossa Excelencia*
[espaço] Joam Nunes defreitas

*Excelentissimo Senhor*⁵⁰

No intuito de ter seu pedido acatado pelo rei, o enunciador marcava seu respeito e, ao mesmo tempo, demonstrava seu nível hierárquico na sociedade, utilizando dêiticos sociais, ou mesmo, um substantivo com essa função. Isso fortalece uma tradição discursiva em que

⁵⁰ O endereçamento está registrado no canto inferior esquerdo da página ao lado do texto da carta.

permanece o uso dos dêiticos sociais: marcar posições, por vezes, desiguais na sociedade, em busca de um benefício pessoal, como demonstramos com o exemplo de cartas, cujos atos de fala buscavam “solicitar” algo.

Relações assim continuaram sendo estabelecidas ao longo do período temporal abordado em nossa tese e, conforme o regime político do país se modifica, mudavam também as formas de tratamento mais utilizadas pelos interlocutores em suas comunicações por cartas. Dessa forma, vai apagando-se o uso do pronome “majestade”, fortalecendo-se o uso de “vossa excelência” e “excelentíssimo”, como apontamos no exemplo Carta 5, 1º geração – século XX (1909 – 1944).

Apesar disso, não mudaram tanto os condicionantes pragmáticos, pois verificamos que a permanência em atos de fala de “pedido” permaneceu significativa, porém, mudaram os condicionantes panlinguísticos, em parte, pois, no século XX, com o advento do regime republicano no país, as trocas de favores entre cidadãos mais reconhecidos socialmente permaneceram, conforme denota o mesmo exemplo Carta 5, 1º geração – século XX (1909 – 1944).

Agora, a troca envolvia outra moeda: o voto dos apadrinhados pelos “coronéis” e por seus currais eleitorais. Acreditamos, **com base no que já discurremos nos dados**, que esse é um dos motivos para o não apagamento da forma “coronel” em função dêitica, pois, ainda que o enunciatário não fosse um militar com essa patente, detinha poder político em uma região, fato suficiente para implementar a fidelidade do enunciatário. Podemos comprovar isso a partir do tratamento oferecido ao destinatário da carta a seguir, o grande proprietário de terras baianas Exupério Pinheiro Cangassu⁵¹

Carta 9, 2º geração – século XIX (1855 – 1890)

Amigo Coronel Exuperio|

B. Grande 11 de Janeiro 1890|

Boa saude_ e boas entra-|das do novo anno a V.| e a toda a
Excelentissima Familia _| Matarão a porrete o| Joaquim Dionilho⁵² _, é a-
|quelle homem aleijado da⁵³| mãe braço que ahi foi| ha tempos _ pedir_lhe

⁵¹ Um dos homens mais ricos e influentes do sertão baiano, membro da família Cangassu, Exupério foi capitão da guarda nacional e é considerado o primeiro prefeito da cidade de Serra das Éguas, no alto sertão da Bahia (GALVÃO, p. 86)

⁵² Rasurado.

⁵³ Rasurado.

uma| carta de recommendação| para Sr. Gomes Filho. Os| indícios são
 muito pronun|ciados contra um Silverio|

A respeito da carta mencionada acima, é interessante notar que o destinatário detinha patente de capitão da guarda municipal, no entanto, o enunciador da missiva remete-se ao capitão por “coronel”. Esse fato, para nós é significativo, pois demonstra como as relações hierárquicas de patentes militares permeiam as relações dêiticas no contexto de cartas oficiais, confirmando nossa hipótese de que os dêiticos sociais instauram relações de poder, a partir de hierarquias contruídas com base no caráter autorreferencial dêítico que aponta para um enunciador cujo poder é estabelecido a partir de relações de mudança e permanência diacrônica e fortalecido pela construção de um efeito de sentido que ratifica esse poder na linguagem.

No século XX, o Brasil também já colhia os frutos dos primeiros médicos e advogados formados no país (FRYRE, 2003), fato que fortaleceu o reconhecimento das classes em cartas que demonstravam a gratidão de quem podia ter acesso à medicina ou às leis. Isso popularizou o termo “doutor” também encontrado em muitas cartas desse século, como marcamos no exemplo Carta 6, 2º geração – século XX (1909 – 1944). Fato que marca, novamente, uma relação entre os condicionantes panlinguísticos, os condicionantes pragmáticos, os dêiticos sociais e a permanência de um hábito discursivo, marcado, diacronicamente, pela Tradição discursiva de demonstrar o respeito por quem usa jaleco ou terno com o uso do “doutor” em função dêitica social. Observamos que isso se mantém, ainda hoje, porém, outras pesquisas precisam averiguar mais a fundo essa relação no contexto atual.

Carta 6, 2º geração – século XX (1909 – 1944)

20-12-1910

AO EXMO. SR. DR. MA-CARIO GOMES DE CER-QUEIRA. O abaixo assignado alem | dos innumerados favores que | deve ao mesmo dr. e porque | de outro meio não pode| apresentar a sua gratidão,| prevalece-se das columnas| deste órgão para apresentar| o seu sincero agradecimento| a este distinto e humani-|tario medico, que, ultimamen-|te, com os seus bons servi-|ços e esforços, salvou-me de| passar por um desastrozo| golpe, restabelecendo minha| velha mãe de uma pneumo-|nia aguda pela qual se acha-|va prostada no leito e hoje| acha-se completamente res-|tabelecida.|

Salientamos, por fim, outro aspecto que julgamos importante na análise das cartas e que consideramos relacionado aos condicionantes panlinguísticos: a quase inexistência de ocorrências de pronomes de tratamentos femininos, encontrados apenas em contextos de

cartas pessoais, sem destinatário de origem feminina, como:

Carta 10, 1º geração – século XIX (1819 – 1854)

Rio 16 de Março, 1853|

Jose de Goes|

Recebi pelo vapor Ingles, e pelo Mucury as suas duas ultimas| cartas, e estimei saber, que o seo passeio ao Reconcavo fô-|ra a causa da falta que senti de cartas suas.|

Acho-me ha 4 dias recluso por uma forte carga de| defluxo, agravada por ter sahido no dia 14 à abrir o no-|vo Asylo de Santa Theresa: estou melhor, e não tive febre,| felizmente. Sua Tia fica vigorosa,⁵⁴ e os meninos de Petro-|polis em boa saude: todos se recomendão affectuosamente| a Vosmice á Emilia, e as meninas, e á todos os nossos.|

Nada há de novo. Muita chuva por cá, e por la nenhu-|ma. Estimarei, que venha o meo Sobrinho Jose, embora| acabasse de morrer o Conego Marinho, á cujo Collegio o| destinava: irá para o mesmo, se continuar, como d'antes; se não, para o de Petropolis. Muitas saudades minhas, e da Vis-|condessa ao Chico, á Prima Constança, e meninas, ao Senhor Dr.| Jose, e á **Senhora** Dona Judith. Tão bem saudades ao Innocencio|

Adeos, do seo|

Tio e amigo doCoração|

Miguel

Isso se deve aos condicionantes panlinguísticos que marcam o contexto das cartas analisadas (a maioria direcionada a cargos de poder), e a sociedade brasileira como machista e desigual (FREYRE, 2003), uma vez que a educação escolar era restrita aos homens no Brasil e que as mulheres só conquistaram o direito ao voto e à representatividade política, muitos anos mais tarde, em 1927 (HOLANDA, 1995).

Apesar de nossa análise chegar aos anos de 1980 do século XX, não encontramos nenhuma carta direcionada a uma mulher em cargo público ou outro cargo de relevância em jornais, por exemplo. Refletindo uma realidade ainda presente, dado que as mulheres, até hoje, detêm baixa representatividade na política do país, conquanto já estejam alcançando maior destaque nas instâncias privadas.

Para nós, tanto os condicionantes panlinguísticos, que se relacionavam com episódios

⁵⁴ Manchado.

de disputa por escravos, no século XVIII, quanto a ausência da função dêitica social associada ao sexo feminino aponta para um posicionamento que reflete a manutenção de uma postura discursiva na sociedade brasileira, fortalecendo o racismo, o machismo e processos de desigualdade entre ricos e pobres.

Compactuando com o posicionamento de Koch e Oesterreicher (2007), ao defender que na produção textual mais do que normas da língua é preciso considerar as condições comunicativas dispostas pelos autores, fortalecem-se as palavras de Longhin (2014, p.49): “a prevalência entre certas combinações entre meio e concepção é fortemente dependente de fatores culturais e históricos”. A ausência, em todo período temporal analisado, de cartas oficiais direcionadas a mulheres, negros e pessoas de classes sociais mais simples comprova as palavras de Longhin (2014) e fortalece nosso ponto de vista a favor da compreensão dos elementos dêiticos sociais como mecanismos que direcionam o discurso para um efeito de sentido que confere poder e *status* aos enunciadores do discurso, aliados a traços de mudança e permanência históricos que estabelecem uma tradição discursiva no uso dos dêiticos sociais em contextos pragmáticos específicos, como os atos de fala.

Esses fatos combinados instauram processos de permanência discursiva de relações machistas, racistas e desiguais na sociedade brasileira, refletidas na língua por meio da função dêitica social, que organiza coordenadas marcadas tanto para o discurso do interlocutor quanto do interlocutário, garantindo um caráter autorreferencial a esses elementos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: finalizando um percurso

Quando iniciamos o percurso desta tese, muito foi-nos alertado sobre o caráter desafiador de nossa proposta e projeto de análise. Ao concluirmos nossa análise, precisamos

optar por deixar muitos aspectos interessantes de lado, em um primeiro momento, tendo em vista que o contexto pandêmico atrasou a publicação de parte do *corpus* divulgado pela pesquisa do PHPB. Ainda assim, foi possível apontar dados que indicasse a contretude de nosso principal objetivo: demonstrar como os dêiticos sociais operam de forma autônoma no campo dêitico que instauram, indicando como isso foi se alterando com o tempo. Porém, constatamos muito mais, como demonstramos em nossa análise.

Além de instaurarem o “eu” na cena enunciativa e oferecerem as coordenadas da situação enunciativa, os dêiticos sociais cooperam para a instauração de relações de poder imbricadas na língua, muitas das quais, institucionalizadas pela prototipicidade do gênero, caso das cartas analisadas, bem como de gêneros oficiais que requerem o uso de pronomes de tratamento adequados para a situação discursiva. Isso denota uma marca hierárquica nas relações que, conforme comprovamos, perpassa gerações, mediante relações de mudança e permanência discursiva, instauradas diacronicamente.

Nesse diapasão, os dêiticos sociais sofrem, ainda, com as condições pragmáticas instauradas pela situação enunciativa, pois, de acordo como nossa análise, situações que demandam atos de fala de “pedir”, “solicitar”, por exemplo, empregaram elementos em função dêitica social que marcam a posição social do enunciador e também do enunciatário; além disso, essa circunstância auxilia no caráter autorreferencial dessas formas dêiticas, tendo em vista que, ao se posicionar como “amigo” do enunciatário, o enunciador também se coloca no campo dêitico, permitindo identificar sua posição frente o discurso.

Nesse ponto, também é mister ressaltar o poder dos dêiticos sociais em uso com atos de fala para a construção de uma Tradição Discursiva no uso desses pronomes dêiticos, sendo, muitas vezes, associados a processos de mudança e permanência no uso sempre visando a apontar para enunciatário e enunciador do ato de fala em si, podendo reverberar em relações hierárquicas marcadas pela língua.

Ademais, percebemos que outras formas sintagmáticas podem ocupar a posição de dêitico social, levando à desestabilização da crença de que a função dêitica social é ocupada com exclusividade por pronomes de tratamento, conforme apresentamos no exemplo do termo “amigo”. Para chegarmos a essa conclusão o aporte teórico da Tradição Discursiva foi fundamental, pois ao observamos a linha temporal de uso dos pronomes dêiticos nos gêneros analisados, percebemos que, conforme o contexto econômico e político mudava, processos de mudança e permanência discursiva se alternavam com o uso dos dêiticos sociais.

Defendemos que esse caráter deve ser investigado, ainda mais, não apenas no tocante à função dêitica social, mas em relação aos outros tipos de dêiticos, sobre isso, escrevemos

um outro trabalho⁵⁵ que recomendamos a quem aceitar essa árdua empreitada de estudos sobre a função dêitica.

Acerca dos traços de permanência e mudança da função dêitica, notamos que os condicionantes panlinguísticos exerciam grande influência sobre as escolhas marcadas nas cartas analisadas, além disso, a permanência de formas de tratamento com função dêitica social relacionadas a condicionantes pragmáticos pode demonstrar algumas das razões pelas quais até hoje o uso de pronomes de tratamento é exigência de correspondências oficiais e fator de prototipicidade de alguns gêneros.

Ademais, as relações do caráter panlinguístico com a função dêitica demonstrou mais do que marcas de uma hierarquia social refletida na linguagem; indicou processos de desigualdade e marcas de machismo e racismo imbricadas em relações enunciativas ao longo da história, apontando para um cenário que favorece o jogo de poder entre as classes sociais e classes minoritárias, que não representam a maioria do povo brasileiro.

Esse último resultado de nossa pesquisa requer ainda mais empenho àqueles que se interessarem por esse campo em trabalhos posteriores, tendo em vista a relação do uso dos pronomes dêíticos destacados com faces da análise do discurso, investigação para a qual não houve tempo nesta tese.

Nossas conclusões demonstram um panorama do nosso país, refletido em uma simples ação da língua: o uso da função dêitica social. Isso aponta para a complexidade dos processos enunciativos que a língua utiliza e para como esses processos instauram relações de desigualdade que poderiam ser combatidas por meio da linguagem.

⁵⁵ COLARES, Ana Cátia Silva de Lemos; SOUSA, Maria Margarete Fernandes de. O caráter intertextual dos dêíticos de memória em memes do Facebook. *Revista Linguagem em Foco*, v.12, n.3, 2020. p. 383-404. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/4251>.

REFERÊNCIAS

- APOTHÉLOZ, Denis. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. *In*: CAVALCANTE, Mônica; RODRIGUES, Bernadete; CIULLA, Alena (org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p.53-84.
- ARAÚJO, Júlio César Rosa. **Relendo metodologias (REME):** 10 anos de pesquisa em linguagem e tecnologia na UFMG e na UFC. Relatório de estágio pós-doutoral, 2011.
- ARAÚJO, Inês Lacerda. **Do signo ao discurso:** introdução à filosofia da linguagem. São Paulo: Parábola, 2004.
- AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer:** palavras e ação. Porto Alegre: Artes médicas, 1990.
- BAZERMAN, Charles. **Gêneros textuais, tipificação e interação.** *In*: BAZERMAN, C; DIONISIO, A.; HOFFNAGEL, J. C. (org.). Tradução e adaptação de Judith Chambliss Hoffnagel; Revisão técnica de Ana Regina Vieira *et al.* São Paulo: Cortez, 2005.
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira. **A palavra e a sentença:** estudo introdutório. São Paulo: Parábola, 2011.
- BENVENISTE, Emile. **Problemas de linguística geral I.** Tradução de Maria da Glória Novak; Luiza Neri. V.1. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976.
- BENVENISTE, Emile. **Problemas de linguística geral II.** 2.ed. Tradução de E. Guimarães; M.A. Escobar; R.A.Figueira; V.S. Castro; J.W. Geraldi; I.G.V. Koch. São Paulo: Pontes, 2006.
- BHATIA, Vijay. **Worlds of written discourse a genre-based view.** London: Continuum, 2004.
- BRASIL. Presidência da República. Manual de Redação da Presidência da República. 3 ed. Brasília: Presidência da República, 2020. Disponível em: <https://bit.ly/1noxZwD>. Acesso em: 10/01/2021.
- BRASIL. Decreto nº 9.758, de 11 de abril de 2019. Dispõe sobre a forma de tratamento e de endereçamento nas comunicações com agentes públicos da administração pública federal. **Lex:** Coletânea de Legislação e Jurisprudência, Brasília, v. 48, p. 3-4, 2019. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/decreto/D9758.htm. Acesso em: 11 fev. 2020.
- BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. Politeness: some universals in language in usage. *In*: GODOY, E. **Questions and politeness.** Cambridge: Cambridge University Press, 1978.
- BÜHLER, Karl. (1934) The deictic field of language and deictic words. *In*: JARVELLA, R.J.; KLEIN, W.(ed). **Speech, place and action:** studies in deixis and related topics. New York: John Wiley and Sons, 1982.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. A deixis discursiva. **Revista de Letras,** Fortaleza, v. 1/2, n. 22, p. 47-55, Jan./Dez. 2000.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Expressões indiciais em contextos de uso:** por uma caracterização dos dêiticos discursivos. Recife, 2000. 214 f. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Função discursiva dos elos coesivos e referenciais. *In: Encontro do Celsul*, 5, 2003, Curitiba, p. 1102-1109.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Referenciação:** sobre coisas ditas e não ditas. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os sentidos do texto.** São Paulo: Contexto, 2013.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. **Os processos de referências e suas funções discursivas** – o universo literário dos contos –. 2008.207 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

CARVALHO, Jorge Luís Queiroz. **Tradições discursivas em resenhas acadêmicas:** mudanças e permanências entre os séculos XX e XXI. Fortaleza, 2016. 197 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2002.

CIULLA, Alena. **A referenciação anafórica e dêitica:** com atenção especial para os dêiticos discursivos. Fortaleza, 2002. 90 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2002.

CIULLA, Alena. **Os processos de referências e suas funções discursivas** – o universo literário dos contos –. 2008.207 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

CIULLA, Alena; MARTINS, A. M. Um estudo sobre classificações de tipos dêiticos. **Revista de Letras**, Fortaleza, v.2, n.36, p.78-90, jul./dez. 2017.

CIULLA, Alena. A dêixis: fenômeno referencial ou enunciativo? **Revista Investigações**, Recife, v. 33, n. especial, p. 200-216, 2020.

COSERIU, Eugenio. **Sincronia, diacronia e história:** Rio de Janeiro, Presença, 1979.

COSERIU, Eugenio. **Lições de linguística geral.** Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 1980.

COSERIU, Eugenio. **Lingüística del texto:** introducción a la hermenéutica del sentido. Madrid: ArcoLibros, 2007.

COSTA, Maria Helenice Araújo. Ariel e a noção de acessibilidade referencial: ampliando os limites do discurso. *In: Cavalcante, M. M. et al. Texto e discurso sob múltiplos olhares:* referenciação e outros domínios discursivos. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, 2 v.

COSTA, Maria Helenice Araújo. **Acessibilidade de referentes:** um convite à reflexão. 2007.

213f. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

DIEB, Messias. **A construção do objeto de pesquisa**. Disponível em: <https://prezi.com/qi23xl0eiqzf/a-construcao-do-objeto-de-pesquisa/>. Acesso em: 29 julho de 2016.

FILLMORE, Charles. **Lectures on deixis**. California: CSLI Publications Stanford, [1984]1997.

FONSECA, Fernanda Irene. Dêixis e pragmática linguística. *In*: FARIA, I. H.; PEDRO, E. R., I. DUARTE, I.; GOUVEIA. C. (orgs). **Introdução à Linguística Geral e Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1996, 437-445.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. 48. ed. São Paulo: Global, 2003.

GALVÃO, André Luís Machado. **O coronelismo na Literatura: espaços de poder**. Cruz das Almas: Universidade Federal do Recôncavo Baiano, 2018.

GOMES, Valéria Severina. **Traços de mudança e de permanência em editoriais de jornais pernambucanos: da forma ao sentido**. 2007. 314f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 8ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

GRICE, Paul. Lógica e conversação. *In*: DASCAL, M. (org.). **Fundamentos metodológicos da linguística: Pragmática – problemas, críticas, perspectivas da linguística bibliográfica**. Campinas: Unicamp, 1982.

GOFFMAN, Erving. **Interaction ritual: essas on face-to-face behavior**. Garden city: Anchor doubleday, 1967.

HABERMAS, Jürgen. **A Inclusão do Outro: estudos de teoria política**. São Paulo: Loyola, 2002.

HANKS, Willian. **Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin**. Tradução: Anna Christina Bentes; Marco Antônio Rosa Machado; Marcos Rogério Cintra; Renato C. Rezende. São Paulo: Cortez, 2008.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

IRINEU, Lucineudo Machado. **Latinidade e imagens de si na tradição editorialística do Jornal do Brasil e do Clarín nos séculos XX e XXI: vestígios de mudança e traços de permanência**. 2014. 332 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

KABATEK, Johannes.; JACOB, D. Lengua, texto y cambio lingüístico en la Edad Media iberorrománica. *In*: KABATEK, J.; JACOB, D. **Lengua medieval y tradiciones discursivas en la Península Iberica: descripción gramatical, pragmática histórica, metodología**. Madrid:

Ibero-americana, 2001a, p. 07-18. jun.

KOCH, Peter. Diskurstraditionen: zu ihrem sprachtheoretischen Status und ihrer Dynamik. *In*: FRANK, B.; HAYE, T.; TOPHINKE, D. Gattungen **mittelalterlicher Schriftlichkeit**. Tübingen: Narr, 1997, p. 43–79.

KOCH, Peter. Tradiciones discursivas y cambio lingüístico: el ejemplo del tratamiento *vuestra merced* en español. *In*: KABATEK, J. **Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico**: nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas. Madrid: Vervuert-Iberoamericana, 2008, p. 53-87.

KOCH, Peter; OSTERREICHER. **Lengua hablada en la Romania**: español, francés, italiano. Madrid: Gredos, 2007 [1990].

LAHUD. Michel. **A propósito da noção de dêixis**. São Paulo: Ática, 1979.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LAVARDA, Santa Terezinha Falcade. **O problema dos dêiticos na interação didático-pedagógica e passagem de conteúdos**: a linguagem do professor em sala de aula face aos alunos com deficiência visual. 2008. 133 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2008.

LEAL, Abniza Pontes Barros. **O processo referencial da dêixis**: por uma proposta de recategorização. 2015. 293f. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

LEECH, Geoffrey. **Principles of pragmatics**. London: Longman, 2005.

LEMOS, Ana Cátia Silva de. **Os processos de referenciação dêitica em livros didáticos do Ensino Médio**. 2016. 131 f. Dissertação (mestrado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

LEVINSON, Stephen C. **Pragmática**. Tradução de Luís Carlos Borges; Aníbal Mari São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LONGHIN, Sanderléia Roberta. **Tradições Discursivas**: conceito, história e aquisição. São Paulo: Cortez, 2014.

LOPES, Ana Keyla Carmo. **A natureza multimodal de uma constelação de gêneros cartas**. 2013. 263 f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

LOPES, Célia Regina Santos. Tradição discursiva e mudança no sistema de tratamento do português brasileiro: definindo perfis comportamentais no início do século XX. **Alfa**, São Paulo, v.2, n.55, p. 361-392, 2011.

LYONS, Jonh. **Semântica**. V. 1. Lisboa: Editorial Presença, Ltda., 1977a.

LYONS, Jonh. **Semántica lingüística**: uma introducción. Traducción de Santiago Alcoba. Barcelona: Paidós, 1997.

LYONS, Jonh. **Introdução à linguística teórica**. Tradução de Rosa Virgínia Mattos e Silva; Hélio Pimentel. São Paulo: Companhia editorial, 1979.

MARTINS, Heloísa Helena T. Souza Martins. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, mai/ago. 2004.

MARTINS, Mayara Arruda. **A caracterização dos tipos de dêixis como processos referenciais**. 2019. 142f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2019.

MAINGUENEAU, Dominique. Discurso e análise do discurso. Tradução de Maria Augusta Bastos de Mattos. *In*: SIGNORINI, I (org.). **[Re] Discutir texto, gênero e discurso**. São Paulo: Parábola, 2008.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. *In*: CAVALCANTE, Mônica; RODRIGUES, Bernadete; CIULLA, Alena (org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

OESTERREICHER, Wuff. La 'recontextualización' de los géneros medievales como tarea hermenéutica. *In*: KABATEK, J.; JACOB, D. **Lengua medieval y tradiciones discursivas en la Península Ibérica**: descripción gramatical, pragmática histórica, metodología. Madrid: Ibero-americana, 2001, p. 199-231.

OESTERREICHER, Wuff. Dinámica de estructuras actanciales en los Siglos de Oro: el ejemplo del verbo *encabalar*. *In*: KABATEK, J. **Sintaxis histórica del español y cambio lingüístico**: nuevas perspectivas desde las Tradiciones Discursivas. Madrid: Vervuert-Iberoamericana, 2008, p. 225-248.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea**. São Paulo: Loyola, 1996.

OLIVEIRA, Edelyne Nunes Dinz. **Intergenericidade e encenação argumentativa na construção de sentidos em anúncios publicitários**. 2012. 163f. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Linguística) — Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

PAIVA, Geórgia Maria Feitosa e. **A Polidez lingüística em sala de bate-papo na internet**. 2008. 294 f. Dissertação (mestrado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

PARRET, Herman. **Enunciação e Pragmática**. Campinas: Unicamp, 1988.

PERES, Edenize Ponzo. De "Vossa mercê" a "cê": os processos de uma mudança em curso. **Contextos Linguísticos**, Vitória, n. 1, p. 155-168, out. 2007.

POSSENTI, Sírio. Práticas de escrita como processos de enunciação. *In*: MICHELETTI, Guaraciaba (org.). **Enunciação e gêneros discursivos**. São Paulo: Cortez, 2008, p. 122-132.

RODRIGUES, Maria Coeli Saraiva. **Multimodalidade e tradição discursiva**: um estudo sobre o gênero anúncio publicitário. 2011. 163 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2003.

SANTOS, Boaventura Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 5. ed. São Paulo: cortez, 2008.

SEARLE, Jonh. **Mente, linguagem e sociedade**. Tradução F. Rangel. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte. **História do falar e história da linguística**. Tradução de Fernando Tarallo *et al.* Campinas: EDUNICAMP. (1993).

SILVA, Gustavo Adolfo Pinheiro da. A questão da dêixis: uma retrospectiva. **Idioma**, Rio de Janeiro, v.1, n.23, p.25-35, Jan./Jun. 2003.

SIMÕES, José da Silva / KEWITZ, Verena (2006). **Cartas paulistas dos séculos XVIII e XIX**: uma contribuição para os corpora do PHPB, ed. e org. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP. 12 ago.2006.

SIMÕES, José da Silva; KEWITZ, Verena (2006). **Cartas paulistas dos séculos XVIII e XIX**: uma contribuição para os corpora do PHPB, org. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP. 12 ago.2006.

SIMÕES, José da Silva; KEWITZ, Verena (2006). **Cartas paulistas dos séculos XVIII e XIX**: uma contribuição para os corpora do PHPB, org. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP. 12 ago.2006.

SOUSA, Maria Margarete Fernandes de. **A organização textual-discursiva nos anúncios de turismo no Ceará**. 2005.213f. Tese (doutorado em Linguística). Centro de artes e comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

WALLIN, Cláudia. **Um país sem excelências e mordomias**. São Paulo: Geração, 2014.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução: Regis Barbosa; Karen Elsabe Barbosa. São Paulo: Editora UNB, 2004.

WERNECK, Leonor Sueli. **Referenciação e Ensino**: análise de livros didáticos. Livro eletrônico. Rio de Janeiro: Faculdade das Letras, 2013.

WITTGENSTEIN, Ludwing. **Investigações Filosóficas**. Petrópolis: Vozes, 1994.

ZAVAM, Áurea Sueli. **Por uma abordagem diacrônica dos gêneros do discurso à luz da concepção de Tradição Discursiva**: um estudo com editoriais de jornais. 2009. 420 f. Tese (Doutorado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade

Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

.

ANEXOS – CARTAS ANALISADAS

Século XVIII – cartas do período 1721- 1756 (1º geração) 10 cartas

CARTA 1

C 18 1 Seb 1]

Local: Ilha de São Sebastião

Data: 18 de outubro de 1721

Autor: Manoel Gomes Marzagão

Fonte: Arquivo Histórico do Estado de São Paulo

Fundos: Militares – Militares e Capitão Mór de São Sebastião e Vila Bela – 1721-1819

Referência: C0255 29-1-3

Edição: Simões, José (2005)

Ill[o] Senhor ge
neral⁵⁶

Enselentissimo meu Senhor Emhuma que
vosa emselensia esCreveu aos Senhores
ofisiais da Cama ra do Se na do des ta
vi la vi mos Sua ma ges ta de que deos
*guard*e Ser Ser vi do a m [__?] esta vi la
a Ca ppi ta nia deSa Si da de don dede
ve mos de oge em diante dar Comtas
de to do SoSe dido ne la e Como veio
Ser neSeSario dar parte avosa emSe
len Sia do[Re]paro desta vila ofaso,
foram ossenhores governadores pasa
dos da sidade do Riu de janero ser
vidos em me ocuparem noposto de
sargento mor da ordenansa desta
vila. Com Cuatro Capittaois da orde
nansa pera adefensa desta vila
ede preZente inda estou servindo
por Comfirmasam do emselentisi
mo Senhor [P]ires saldanha [__?]
[qualquer] e Como me parese não terem
ja ni [__?] or ospatententes [sic] que o dito Se
nhor foi servido pasar, aviZo a vosa
emselensia pera dispor oque for ser
vido, eu fiCo sem pre esperando
oCaziois que semeoferesa dos servi
sos de vosa emselensia pera em tu
do o [__?] de ser Como devo. enosoSe
nhor lheporpe[re] avida por largos a
nos pera lhe fazer muitos servisos
eamifabores. [__?] dos [__?] oge
[18] de outubro 1721anos u milde
sudito de vosa emselensia
ManoelGomesmarZagaõ

⁵⁶ Escrito na margem inferior esquerda ao lado do corpo da carta.

CARTA 2

[C 18 1 Seb 2]

Local: São Sebastião

Data: 27 de novembro de 1721

Autor: Manoel Gomes Marzagão

Fonte: Arquivo Histórico do Estado de São Paulo

Fundos: Militares – Militares e Capitão Mór de São Sebastião e Vila Bela – 1721-1819

Referência: C0255 23-1-3

Edição: Simões, José (2005)

[?]

Tendo avizado por varias vezes a *Vossa Excelencia* da chegada de tres navios olandezes no porto desta villa, inthe aopreZente não tenho tido Resposta, e[hoie] que Secontaõ vinte esete doCorrente meti taõ emportunado Com oofisial olandes que veio aterra pormandado doseu Comandante emefes hum protesto dequereicha que Comtra mim, a via defazer poreu lhenaõ Comseder Comprar Refresco para osSeus doentes atroco dosSeus efeitos, eque em nenhuã parte Setinha uZado Comelles, oque aquitinhaõ expremintado, eque não traziaõ *dinheiro* de ni nhuã Sorte para delle Sevalerem, eque Serta mente lhe morreria *muita* jente doente que traZia[o], eque pello amor denos[*so*] Deos lhelargaçe aomenos Seis Rezes para Serremedear, athe poremÇe nabarra deSanctos, eque me queraõ deichar trinta espingardas depenhor, que [d]ella as mandaria buscar ede[Z]empenhar, Com o *dinheiro* que o senhor *Governador* deSanctos lheofereseu emprestarlhe, eporver aS[*uas*] ComtumaZia, eEmquerir oseu di[Z]er detres homen~s que lhe fugio dosSeus navios dizeremme que heraõ depa[Z], eque esta herra oprimeiro porto, que tinhaõ tomado despoiSque deSua terra Sahiraõ, ediZeremme que hera Serto, outra Zerem *muitos* doenteS, eResear Eu *que* deneSeSidade de Sem alguã âsaltada emalgum Sitio honde ouveçegado, honde Eu não poderia Socorrer atempo delhe[ata] kgar oemtento por fiquar i[st]anSia ossitios desta villa, lheaseitei as *tantas* trinta Espingardas pellas Seis Rezes qui lhemandei dar, eCoatro que já lhe tinhaman dado dar, noprinSipio daSua chegada, perlogo mepedirem fiado emquanto tinha Resposta, doaviZo que fis a *Vossa Excelencia*; etambem emquanto me Eu emtrinchirava, eSemeaiuntaçe[m] os moradores, que meapanhou achegada dos dítos ta[õ] Su[bi]ta mente que só meachi, Com oC[*omandante*] daordenança Diog[uo] [de] Escovar Ortis, equinZe homen~s aSistentes nesta Villa

[p.2]

Villa; e[astanta] des ReZes emp[e]rtaraõ Sento eVinteesin
 co mil Reis que pertanto deicharaõ empenhadas as[tantas]
 Espingardas, Sendo CauZo que osditos, não mandem da
 Villa deSanctos odinheiro, para SesastifaZer aosdonos dasRe
 Zes, Seeide faZer pagamento Comasmesmas Espingardas que
 não heide dispor delas athe ahord[e] de *VossaExcelencia*, epllos
 mesmos olandeZes, escrevi aos[?] G[enera] deSanctos Relatan
 dolhe ososedido; [espaço] Tambem lhedou parte a*VossaExcelencia* quem
 não acho deprezente Comnoventa eseis homen~s CapaZes depe
 gar armas, eSó SeSenta, coito armaS defoguo, queCo
 mo são homen~s pobres, não tem possiblidade para
 poder Comprar, eComo he tão neSeSario, V[eia] VoSa
Excelencia Semepode SoCorrer Com armas depe[de]rmiras de
 Sua Magestade que Deos *guarde* para estes moradores, que estão
 Sem ellas, sevalerem delas em Semelhantes oCaZioins;
 Com esta Remeto aos[enbor] g[overnador] deSanctos dous olandeZes dos
 que fugiraõ para Remeter a*VossaExcelencia*, efiqua hum por
 emcapaZ, emuito emfermo dehuã perna que SeEscapar
 Seguirei ahorde de *VossaExcelencia*; Óófisial olandes que
 veio aterra, prometeume desahir fora deste porto
 para odeSanctos aosvinte e nove deste mes, que Como
 estavaõ dando lados, onaõ podiaõ faZer mais breve
 enaõ tenho deque mais aviZar a*VossaExcelencia*, mais que
 esperando muitas oCaSZioins dosServisos deSuaMagestade
 que Deos *guarde* para aellas não faltar, ede*VossaExcelencia* Comode-
 vo São Sebastiam 27 denovembro de1721 annos.
 Umilde eSubdito de*VossaExcelencia*
 [Illmo] Senbor general⁵⁷
 ManoelGomesMarZagaõ

CARTA 3

[C 18 1 Seb 3]

Local: Vila de São Sebastião

Data: 28 de novembro de 1721

Autor: Diogo deEscobar Ortiz, brasileiro

Fonte: Arquivo Histórico do Estado de São Paulo

Fundos: Militares – Militares e Capitão Mór de São Sebastião e Vila Bela – 1721-1819

Referência: C0255 23-1-4

Edição: Simões, José (2005)

Excelentissimo Senbor

Por vezes tem dado o Sargento Mor
 Manoel Gomes Marzagaõ parte a *Vossa*
Excelencia da chegada de tres na
 vios Olandezes, que anchora=

⁵⁷ Escrito no canto inferior esquerdo à margem do corpo da carta.

raõ neste porto desta *Vila que*
 nós tem dado bem *que* enten=
 der: e Como obrigados da ne=
 ceSidade [pruca] força com
que nós achamos se lhes con=
 cedeu a instancia de Repeti=
 das vezes alguãs REzes, por
 termos tempo de nós entrin
 cheyrar, e de se Recolherem
 a esta *Vila* todos os moradores;
 e haver tempo de dar parte a
Vossa Excelença como ditto he. até
 o presente não temos tido Repos=
 ta. eos navios inda ficaõ
 presentes Tambem dou parte a *Vossa*
Excenenca que dando eu REbate aS=
 sim *que* se avistaraõ os navios;
para que acodiSsem todos os mora=
 dores, acodiraõ tambem do=
 us Capitaens das barras, e não
 querendo tomar as minhas
 ordens hia sendo motivo de
 dezuniaõ entre nós: e aSsim

[p.2]

peço a *Vossa Excelenca* seja servido
 mandar-me o Regimento *para* me
 poder Reger, e saber qual he
 a minha obrigaçãõ; por ex=
 cuzar outra tubaçãõ seme=
 lhante: como tambem dou
 parte a *Vossa Excelenca* de como não há
 nesta *vila* huã caixa de guer
 ra, nem huã alabarda; *que*
 huã, e outra Couza mandey
 vir da *Cidade* do Rio de Janero;
 e importou vinte, e quatro
 mil Reis; e se sua Magestade *que*
 Deos *guarde* dá facultade, *para que*
 de sua Real fazenda se dé es=
 ta ajuda de custo com or=
 dem de *Vossa Excenlenca* serey pago.
 Ficando sempre muito prom=
 pto *para* oServiço de sua Ma=
 gestade *que* Deos *guarde* e de *Vossa Ex*=
celenca Vila de *SamSebastiam* Hoje
 28 de Novembro de 1721
 annos.
 Soldado de *Vossa Excelenca*
 Diogo deEscobar Ortiz

DeDiogoEscobarOrtisdeSamSebastiam⁵⁸

CARTA 4

[C 18 1 Seb 6]

Local: Ilha de São Sebastião

Data: 1.º de dezembro de 1722

Autor: Salvador Afonso de Medeiros Preto, **português**, conforme reconhece em C0255 23-1-27 [imagem 638] de 11.06.1726

Fonte: Arquivo Histórico do Estado de São Paulo

Fundos: Militares – Militares e Capitão Mór de São Sebastião e Vila Bela – 1721-1819

Referência: C0255 23-1-11

Edição: Simões, José (2005)

Excelentíssimo Senhor

Dou parte avossa *Excelencia* que chegando Joam *Gonçalvez* meu
cunhado aesta villa com huã *pitiSsam*, despacha
da por *vossa Excelencia* Sobre huã contenda *que* tem com Ma
noel deAzevedo Sobre huã negra escrava, cuya
pitiSsam mandou *vossa Excelencia* aoSargento mor Manoel Gom
es MarZagaõ para fazer emtregar anegra amolher dodi
to Joam *Gonçalvez* Coñstandolhe Ser verdade oque ale
gava apitiSsam, eu empeSsoa fuy acaza dodito Sargento
mor apresentarlhe apitiSsam, epo[s? - corroído] odespacho que
vossa Excelencia lá vera, mas antes odito Sargento mor eSeu
filho Thome Gomes Juis ordinario por cuja orde dodito
Juis Setirou anegra dopoder deJoam *Gonçalvez* deZenpa
rando amolher dodito Joaõ *Gonçalvez* e Seus filhinhos
que não poSsuem outro bem mas *que* adita negra, e
tiveraõ emSua caza coatro meZes SirvimdoSse de
lla esendo omesmo Juis despuZitario dadita negra;
Só afim dequererem comprar adita negra, [espaço]
[espaço] O dito Sargento mor vendo apitição edespacho de
vossa Excelencia mandou chamar aManoel deAZEvedo elhepidio
fiZeSse Seu procurador, ecomo assim ofes elogio deu
Contra Joaõ *Gonçalvez* huã querela para lhetapar osportos [por]
levado Sua em teada Com Sigo pello dito Ma
noel deAzevedo não viver com Sua molher como =
Deos manda, Ecomo odito Sargento mor eSeu filho Thome
Gomes Sam adverSarios do dito Joaõ *Gonçalvez* lhe cauZaõ
todo omal, *que* podem faZer tendo odito Joaõ *Gonçalvez* muita Re
Zaõ eManoel deAZEvedo nenhuma pois não tem ti
tulos por donde lhepertença anegra enem vivia o dito co
m Sua mulher que aRogos della epor Seus despreZa
da do marido alevou Joaõ *Gonçalvez* padrao dadita para a
Vila demogi aonde tem Seus parentes, eodito Joaõ

[p. 2] Joaõ *Gonçalvez* alevou deSua caZa aonde estava averia
Seis meZes vivendo com Sua May e Seupadrao Señ
omarido emtodo este tempo faZer cauZo della e
nem Ser capas para Sostentar, enesta forma alevou

⁵⁸ Remetente no verso.

Joaõ *Gonçalvez* enaõ deCaza dodito Seu marido Co
 mo naquerela diZem Sendo tudo falSso nadita qu
 erela, Sendo o dito Sargento mor autor della e
 Seu filho Juis [corroído] aquerela mandando cha
 mar testemunhas *que* naõ Sabem deste particular
 Sô afim defazerem mal aeste pobre pellos ditos lhe
 querem mal, etanto assim que Sô afim deoquererem
 prender enquanto Setirava aquerela mandou odito
 Sargento mor hû ajudante anotificar aJoaõ *Gonçalvez* *aque*
 naõ partiSse para eSsa cidade athe Sua orde etimido⁵⁹ da
 prizaõ que lhequeriaõ fazer taõ emyusta partio contra
 vontade dodito a valerçe de *vossa Excelencia* etudo *quanto avossa Excelencia*
 Relato he verdade, [espaço]
 [espaço] *Vossa Excelencia* como Pay dos pobres podepor osolhos
 neSse pobre deChristo pois naõ tem outro RecurSSo
 n[em Re]medio mas*que* opatroSsinio de *vossa Excelencia* etaõ
 bem pode *vossaExcelencia* por osolhos nesta terra por ServiSso
 deDeos, Eeu ficando Sempre prostrado aospes de *vossa Excelencia*
 como umilde criado devossa*Excelencia* eReal baSsallo,
 Deos *Guarde avossa Excelencia* por felisSes annos para meu emparo
 ilha deSaõ Sebastiam hoie oprimeiro dedezembro de1722 *años*
 [espaço] Servo menor de *vossa Excelencia*
 [espaço] +
 [espaço] Salvador Afonso demederos pretto⁶⁰

CARTA 5

[C 18 1 Seb 7]

Local: Ilha de São Sebastião

Data: 3 de dezembro de 1722

Autor: Salvador Afonso de Medeiros Pretto, **português**, conforme reconhece em C0255 23-1-27

Fonte: Arquivo Histórico do Estado de São Paulo

Fundos: Militares – Militares e Capitão Mór de São Sebastião e Vila Bela – 1721-1819

Referência: C0255 23-1-12

Edição: Simões, José (2005)

Excelentíssimo Senhor

Avera oito meZes quefuy aeSsa cidade deSam paulo
 abejar ospes *avossaExcelencia* eavalerme doSeupatroSsinio
 pois foi NoSsoSenhor Servido traZer *avossaExcelencia* aeSsa
 capitania para oprimir tantas inSolencias eainysti
 Sas *que* nella SefaZia aospobres, emomesmo tempo
 mety *avossaExcelencia* huã pitiSsam Sobre aminha *Companhia*
 doque *vossaExcelencia* pos por despacho *que* oSargento mor Mano
 el Gomes MarZagam em formaSse donumero
 dos Soldados *que* tem oCappitam Diogo dees covar na
 Sua *Companhia* eoSargento mor pos aemformaSsaõ
 que eu Remeti *avossaExcelencia* em carta fulada e
 nadita carta Relatey toda averdade doque a

⁵⁹ Observar que poderia ser trocado por um gerúndio, “*etemendo...*”

⁶⁰ O punho da assinatura, inseguro e irregular na horizontalidade, é diferente punho da carta, que apresenta regularidade na horizontalidade e letra mais grossa que a da assinatura.

via, caRemeti dentro emoutra Carta aopadre
 Reitor Antonio Aranha doColeyo desta cidade para que
 damaõ dodito padre foSse adevossaExcelencia ecomo a
 the aoprezente naõ tenha vindo RecurSso devossaExcelencia
 esta isto noar nem tenho feito ofiSsiais para am
 inha Companhia por esperar aorde devossaExcelencia Seme
 compete osfilhos defora caZados emoradores na
 terra pois aqui naõ hay outros frausteros somentes
 paSsageramentes, eaSsim estou eu eelles esper
 ando oRecurSso devossaExcelencia para faZer nomeaSsaõ
 deofiSsiais para aminha Companhia [espaço]
 Tambem tive notiSsia em como vossaExcelencia foi
 Servido mandar hû Regimento para oscabos deguerra
 Saberem como Seandam R[eg]ler, oqual eu ainda
 não vy mas tive notiSsia que tinha chegado
 eSefes camera Sobre iSso enaõ Sey Sefoi mas
 alguã or dem devossaExcelencia que sendo eu ofiSsial

[p. 2] OfiSsial da camera afiZeraõ Sem medar par
 te, etambem Sefalou em Capítam mor que nam
 sey Semandam nomeaSsam avossa Excelencia enaõ
 Sey quem he aoque nomeam para Capítam mor, mas Se[m]
 tenho bo[t]o neste particullar digo como cris
 tam ecomo leal baSsalõ que SeacaZo osmeus
 parSeros que com migo Servem faZem aVossa
 Excelencia nomeaSsa[corróido] emoSargento mor ouSeu filho
 Thome gomes, he com[te]mo[r] dosditos, epara oCupar
 odito posto nomeo avossaExcelencia aDiogo Francisco
 debrito filho depertugal homem Republicano
 eprudente, eya oCupou oposto deCappítam nalgũs
 tenpos eSeouve com muita prudencia, eZelo no
 ServiSso deSuaMagestade queDeos Guarde etera de cor
 enta annos deidade; ou Pedro diasRapoZo, ou
 oCappítam Diogo des covar, todos tres homes, pruden
 tes eRicos bem quistos dopovo, eos dos filhos desta
 terra, eDiogo Francisco caZado emorador Vossa Excelencia
 mandara oque for Servido aquem Deos Guarde
 por filiSses annos para noSso emparo ilha
 deSamSebastiam 3 de deZembro de1722 annos
 [espaço] Servo menor de vossaExcelencia
 [espaço] +
 [espaço] Salvador Afonso demederos pretto⁶¹

CARTA 6

[C 18 1 Seb 15]

Local: Vila de São Sebastião

Data: 29 de outubro de 1725

Autor: Joam Nunes de Freitas, brasileiro, possivelmente natural de São Sebastião, 40 anos em 1723, segundo lista de

⁶¹ O punho da assinatura, inseguro e irregular na horizontalidade, é diferente punho da carta, que apresenta regularidade na horizontalidade e letra mais grossa que a da assinatura.

soldados

Fonte: Arquivo Histórico do Estado de São Paulo

Fundos: Militares – Militares e Capitão Mór de São Sebastião e Vila Bela – 1721-1819

Referência: C0255 23-1-24

Edição: Simões, José (2005)

[espaço] [Snr = *Senhor* ?]

Movendoçe nesta villa em meu Juizo
 huã Contenda deCauza Sivel entre
 partes Agravou demim huã dellas *para*
 omeo ouvidor Geral etratando de
 Seus papeis *para* seguir Seo agravo
 Cuja *parte* estava preZa naCadea
 desta Villa, empenhandoçe neste
 negocio oesCrivaõ daCamara Thome
 gomes mar Zagaõ Com noqu[___?rasurado]aSsj
 dores Breadores eproCurador ejun
 tos naCaza doComçelho meman
 daraõ xamar *para* prezidir nella,
 preguntandolhes eu, Sehera al
 guã ordem ouCervico deSua Magestade
que Deos guarde Responderaõme, oque
vossaExcelencia nessas Duas Certidoins verâ
que asmandej paçar pellos oficiaes de
 Justiça *que* *presentemente* Seaxaraõ ene
 las axará *VossaExcelencia* opouco Respeito
 que ossojeitos Custumaõ fazer das
 JustiSsas deSua Magestade a sombra
 dos do dito EsCrivaõ daCamara:
 no *seguinte* Dia xegou depaçajem aes
 ta Vila oDoutor ouvidor da Villa
 de parnagoa, Antonio Alvarez [Lanhos]
 peixot[a], *que muito* estimej tanto por
 me a Com Selhar noCazo presente
 Como emoutras Couzas dejudicatura
 pois estamos faltos denotiSsia
 por naõ aver aprovado nesta
 terra oqual *muito* estranhou –

[p. 2] [espaço] [Snr = *Senhor* ?]

Emeperguntou Seos avia autuado
que esteCazo, hera huã injuria pu
 blica que seavia feito ajustiSsa
 aConcelhandome, osmandaçe Sitar
para huã Auto oqual taõ bem Reme
 to a*VossaExcelencia* otresLado delle efico ne
 Sa exzecuçaõ Se *Vossa Excelencia* naõ man
 dar oContraio tao bem dou *parte* ao
 Doutor Ouvidor Jeral eCorreje
 dor desta ComarCa porque em tudo

he minha vontade aSertar, efazer
 justissa, *Vossa Excelencia* a*quem* devemos ReCoRer
 nos Como Juiz Retisimo ponha osho
 lhos em Semelhantes dezaCatos que
 Sefazem aJustiSsa, nesta terra
 eSso assi, averâ Algum Respeito;
 Cuja pessoa *guarde* Deus por fillices
 Annos *para* amparo evalimento da
 JustiSsa desta *Vila* de São *Sebastiam*
 29 de outubro de1725

[espaço] Domais humilde Sudito,
 [espaço] de *Vossa Excelencia*
 [espaço] Joam Nunes defreitas

*Excelentissimo Senbor*⁶²

CARTA 7

[C 18 1 Seb 16]

Local: São Sebastião

Data: 17 de fevereiro de 1726

Autor: Manoel Gomes Marzagão

Fonte: Arquivo Histórico do Estado de São Paulo

Fundos: Militares – Militares e Capitão Mór de São Sebastião e Vila Bela – 1721-1819

Referência: C0255 23-1-25

Edição: Simões, José (2005)

Excelentissimo Senbor

Hontem *que* Se Contaraõ dezaseizdeste prezente mês
 ReSseby huã de*VossaExcelencia* feyta a vintede Ju
 nho de 1725 em cloza nella huã p[e]tição
que hum morador desta *Villa* por nome João Coelho
 avia apresentado a*VossaExcelencia*, elogo tratey da ex
 ecução *que Vossa Excelencia* nella meordena, porem *para* fazer
 Com aSerteza *que Vossa Excelencia* me manda proucreya
 devaSsa naqual sô duas testemunhas o tinhaõ Cul
 pado Sem Serteza devista Senaõ huã noticia in
 Serta, efrivola, por Cuja Cauzafoy pernunciado, e
 Com a estada do ouvidor Geral nesta *Vila* sepos
 Emlivramento Com perdaõ daparte João Coelho
 por Saber de Serta Siencia não Ser oFrancisco
 Xavier odeliquente *que quando* apresentou a*petição*
 Suppunha, eSem embargo diSso lhe torney a*pergun*
 tar Se indo Sequeyxava delhe Respondeume *que*
 não porque emtendia não Ser oditto o malfeytor;
 enestes termos não fiz a*execução* por me Serti
 ficar dainocencia [ea]parte deoculpar. eesta verdade

⁶² O endereçamento está registrado no canto inferior esquerdo da página ao lado do texto da carta.

af[↑i]rmo a *Vossa Excelencia* Sendome digno de atodo tempo Ser
 Serto, enaõ somente deste *particular* Como em todos *que Vossa Excelencia*
 for Servido fazerme ahonra emfore Deus
guarde a Vossa Excelencia felices, edilatados annos Sam Sebastiam
 [aos]17 deFevereiro de1726*annos*
 [espaço] De *Vossa Excelencia*
 [espaço] Humilde Subditto
 [espaço] Manoel Gomes ma[r]Zagaõ

CARTA 8

[C 18 1 Seb 17]

Local: Ilha de São Sebastião

Data: 11 de junho de 1726

Autor: Salvador Afonso de Medeiros Pretto, **português**, segundo informa o próprio autor nesta carta.

Fonte: Arquivo Histórico do Estado de São Paulo

Fundos: Militares – Militares e Capitão Mór de São Sebastião e Vila Bela – 1721-1819

Referência: C0255 23-1-27

Edição: Simões, José (2005)

Excelentíssimo Senbor

Como eu naõ tenho outro Amparo, abaixo deDeos mais
 doque ReCorrerme aopatroSsinio de *Vossa Excelencia* espero men
 am deZenparara, Como verdadeiro ,CeZere, pois te[nho] [tan]
 ta Rezaõ eJustiSsa, *que* pondo *Vossa Excelencia* osolhos, nella ma
 ndara oquefor Servido, em Como leal, vaSsalo, **obe**
 deSser emtudo, [espaço] Emomes deMarço paSsado chegou =
 huã portaria de *Vossa Excelencia* a favor doCapitam Bertholomeo pais
 deAbreu, *para* que eu emtreagaSse huñs cariyos, que
 Estam em minha administração, *para* oMes escolhido, e
 por autoridade de JustiSsa, edespois detriminado por
Vossa Excelencia osquais logo emtreguey Sem entepor ovigor
 dos despachos, que de *Vossa Excelencia* tenho emmeu favor, Ere
 Correndome a *Vossa Excelencia* foy Servido mandar que naõ
 osemtreque athe Ser com venSsido por JustiSsa, e a
 Sim metornej aempoSsar delles, evivia mais SoSe
 gado, tanto pellos despachos de *Vossa Excelencia* Como tambem
 porter tudo JudiSsial mente, edepreZente chegou outro
 despacho de *Vossa Excelencia* a favor dodito Capitam Bertholomeo
 pais, *para* entregar osCarijos, emandou oSargento Mor
 Manoel Gomes, ea Judante, aomeu Sitio aoque Respon
 dy emostrej odespacho de *Vossa Excelencia* aonde manda, *que*
 naõ emtreque Sem Ser Com vemSido por JustiSsa, e fia
 do⁶³ niSso naõ em treguej naõ por Rebelde *que* mandando
Vossa Excelencia oContrario estouprompto *para* obedeSser em tudo
 oque *Vossa Excelencia* mandar; Eu naõ vou aos peis de *Vossa Excelencia*
 Como Já otenho feito duas veZes, nem fuy estes dias
 que eSse hera omeu DeZejo por estar em fermo que
 ando tomando SalSsa, mas Remeto aomeo procu

⁶³ Obserar o paralelismo de –do com –ndo.

rador *para que* ofereSsa a *Vossa Excelencia* os meus documentos

[p. 2] DeCumentos que tudo tenho justificado, Como *Vossa Excelencia* vera t[an]to amorte domeu esCravo, que Baltezar dequadros degodoy, ou BalteZar velho, como agora Sechama, mo rador navilla de[utu], mandou matar, edaestima ção evalia, *que*era odito esCravo, easperdas edanos *que* meCauZou, com Sua morte ehû tiro que em mim Sedeu tudo *por* ôdio eemveja, *por* cuja cauZa me desterrej *para* ilha deSam Çebasíam⁶⁴ Como coñsta dehuã Sertidaõ do vigario davara damesma villa deutu, yu rada aos Santos Evangelhos, eSer⁶⁵ odito quadros = homem Rego enaõ aver justiSsa que naquelle ten po pudeSse Comelle edeSeis testemunhas de vista aperpetua [Rey]memoria, *que* viraõ ReSse[y]er eu este dano; [espaço] EosCarijos que eraõ da administraçã dodito BalteZar velho queSam tres bem mofinos quehû atenpos *que* faleSseo, vieramme buscar aesta villa donde estava eu morador aviaõ dois annos Enaõ nos f[u]j furtar autû, nem em duZilos, Como naspetiSsoiñs que apreZentaõ a *Vossa Excelencia* metrataõ todas falças, pois eu tenho tudo justificado yudi çialmente, oque tudo ofereSso a *Vossa Excelencia* eos que me preSeguem negando averdade e[vl]t]rejando meu Credito eaminha peSsoa, Sendo eu homem onrrado efaZendome gastar com minhas andadas, eCorrijos *que* estou botando pagos apuro *dinheiro* oRemedio deSete filhos *que* tenho, edestroSsado dosbeiñs. dafurtuna *por* esta CauZa que medeu BalteZar velho deperda

[p. 3] Deperda aSima dedoZemilCruZados, edevendo euperSiguir lo alle, perSegueme elle amim, que Senaquele tempo estivera *Vossa Excelencia* Já neSsa cidade nem eu teria tantaperda nem elle teria tal atrevimento eanove annos que So Sedeu-este caZo, eSenaõ fora estarem asduas negras caZadas = Comosmeus esCravos, que oviZitador estando emviZi ta osCaZou, pellos achar com cuvinados, comtra minha vontadeComoCoñsta dehuã Sertidaõ doparriCo destavila que Junto ofereSso comosmais decumentos que SeiSso naõ foSse aReficar odano que Seme ReZultara dealguã fuga dos esCravos, vindoSse apartado das molheres Larg ara mãõ deste enegocio eeu delles naõ tenho ServiSso pois vivem Como forros, elibertos, eeu gastando minha po breZa, epadeSsendo cadaora tantos Sultos, ea *Vossa Excelencia* moles tia defalar tantas veZes neste negocio que Já mepejo de *Vossa Excelencia* mais aneSseSsidade meobriga [espaço] *Vossa Excelencia* Com Pay dospobres mandara neste partiçular oque for Servido, pois athe agora meperSigio BalteZar velho

⁶⁴ O autor Sebastião diz ter mudado de Itú para São Sebastião porque lá se sentia perseguido por Baltazar Velho que lhe matou um escravo e lhe deu um tiro.

⁶⁵ Observar o paralelismo da forma [infinito] com -ndo e -do.

E agora me persegue Bertholameo pais *que* buscam todos os meios *para* se saírem com a sua *por* serem parentes e filhos da terra, e eu ser filho do Reino, e tudo me vão aniquilar, e não tenho *por* mim namas *que* a Deus como verdadeiro Juiz, e o Emparo de *Vossa Excelencia* E deos *guarde a Vossa Excelencia por* felizes annos *para* emparo dos aflitos ilhade Sam Sebastião 11 de Junho de 1716 annos
 [espaço] O milde Servo de *Vossa Excelencia* prostrado a seus peis
 [espaço] Salvador Affonso de medeiros [Preto]

CARTA 9

[C 18 1 Seb 18]

Local: Vila de São Sebastião

Data: 16 de julho de 1733

Autor: Manoel Alvarez de Moraes, natural de São Sebastião, 34 anos, nascido em 1699, segundo lista de soldados

Fonte: Arquivo Histórico do Estado de São Paulo

Fundos: Militares – Militares e Capitão Mór de São Sebastião e Vila Bela – 1721-1819

Referência: C0255 23-1-31

Edição: Simões, José (2005)

Recebida em 23 de julho de 1733 annos⁶⁶*Excelentíssimo Senhor*

Fuy a estes matos abotar a RoSsa *para* com os mantimentos examinalos *que* sem embargo hê perto: *porque* em hum dia me recolhy, com tudo melhor Serâ tellos *para* a deligencia mais distante *que* pertendo fazer onde tenho esperanças de achar couza de conveniencia, e como sô me demorey emquanto botey a RoSsada por me apressar huâ Romaria condicional ao *Senhor* Bom Jezu de Hýguappe de ir ter La a Sua festa deste anno por cauza daquela terrivel enfermidade de minha conSorte, e nestes mezes passados não poder entrar por cauza de muitas chuvas, e algumas opressões urgentes, não pude fazer com esta brevidade algumas experiencias, e sô em hum buraco velho mandey tirar eSsas [faCulhinhos ?] *para Vossa Excelencia* Ser servido ver aqualidade do ouro⁶⁷; e como gasta sem tres escravos tres dias *para* tirarem eSsa lemitação, inda não tem conta, mas onde há eSse he factível aver alguma parte *que* a]a] e sô difficulto *que* se aRoSsada por ser perto da Serra onde he comum chover muito, e eu o experimentey.
 [espaço] Aos quatro de Junho tomey posse do posto de Sargento Mor das Infantarias da ordenança dos moradores desta Villa por merce de *Vossa Excelencia*, e não tenho feyto passar mostra por estarem duas companhias sem cappa-

⁶⁶ Escrito por outro punho.⁶⁷ Trata da busca pelo ouro.

ins, emais officiaes, e como tenho noticia levava o Doutor ouvi
dor Geral nomeados por hordem de *Vossa Excelencia* os cappita
ins, tenho lhes advertido proucurem Suas patentes com
[espaço] petição

[p. 2] Petição, eos Ajudantes comfirmaçoins das Suas, e
os Alferes, eSargentos de Seus numeramentos para Se
formarem as companhias *que* hã, e fazer lista para
eu emviar a *Vossa Excelencia* Sendo assim Servido, e de
Zejo Saber avontade de *Vossa Excelencia* para assim executar
porque tanto para o Serviço de Sua Magestade *que* Deus *guarde* como
de *Vossa Excelencia* estou com minha vontade offerecida
prompta, e humilde. [espaço]
[espaço] Deus *guarde* a *Vossa Excelencia* dilatados, efeli
ces annos para amparo desta Capitania, e Conforme *Vossa*
Excelencia appteSse. Villa de *Sam Sebastiam* 16 de Ju
lho de 1733 annos. [espaço]
[espaço] De *Vossa Excelencia*
[espaço] Humilde Subdito

[espaço] Manoel Alvarez de Moraes

CARTA 10

[C 18 1 Seb 19]

Local: São Sebastião

Data: 14 de setembro de 1756

Autor: Manoel Alvarez de Moraes, natural de São Sebastião, 34 anos, nascido em 1699, segundo listga de soldados

Fonte: Arquivo Histórico do Estado de São Paulo

Fundos: Militares – Militares e Capitão Mór de São Sebastião e Vila Bela – 1721-1819

Referência: C0255 23-1-35

Edição: Simões, José (2005)

Excelentíssimo Senhor Conde General

Por avizo *que* tive de minha consorte acharse *muito* mal para
morrer sahý dos Matos Sem ter achado Ribeiro de ouro de ma
yor conveniencia *que* o antigo, e deyxey continoando-se com
as mesmas experiencias, para em ella melhorando logo tornar;
porem como a emfermidade foSse em tal aumento *que* por ora
se lhe não julga avida prohybio-me ohir, e mandey Recolher
os *que* la tinha deyxado, os quais chegaraõ-me sem effey-
to de melhor noticia. [espaço]
[espaço] Pello dezerto de Remedios humanos nesta ter
ra, eestar eSsa *Vila* infestada de bixigas Semepreciza le-
var aditta emferma a Goratinguetã emproucura de
Domingos Rodrigues por me dizerem hê de bom com
ceyto, quando Deus permitta dar-lhe mais alguns
dias de vida fazendo termo amolestia *que* mais prompta
mente amata para paSsar o caminho porque Sam duas quey

xas; e como não posso conseguir Sem facultade de Vossa
 Excelencia peço seja Vossa Excelencia servido permittirme attenden[sic]
 a neSsecidade em que me acho. [espaço]
 [espaço] Deus guarde a Vossa Excelencia felices annos, edilatados.
 Sam Sebastiam 14 de Setembro de 1734 annos
 [espaço] De Vossa Excelencia
 [espaço] Humilde Subdito
 [espaço] Manoel Alvarez de Moraes

Século XVIII – cartas do período 1757 – 1792 (2º geração) 09 cartas

CARTA 1

[C 18 2 Seb 20]

Local: Vila de São Sebastião

Data: 22 de agosto de 1767

Autor: Julião de Moura Negrão, brasileiro, natural de São Sebastião

Fonte: Arquivo Histórico do Estado de São Paulo

Fundos: Militares – Militares e Capitão Mór de São Sebastião e Vila Bela – 1721-1819

Referência: C0255 23-1-35-A e 23-1-35-B

Edição: Simões, José (2005)

Senhor Sargento Mór Manoel Miz.[?] dos Santos

[P. ?] aordem de vossamerce para paSsar mostra dos moradores des-
 ta Vila pertencente as ordenanSsas, ehum dia antes dereceber
 ade vossamerce já tinha recebido huma do Illustrissímo Excelentíssimo Senhor General donde
meordenava o mesmo para que paSsa[c]e adita mostra: [espaço] Tenho dado o **cum**
primento adita **ordem** paSsando mostra as ditas Companhias, don-
 de entraram Brancos, Mulatos, Pretos e uriundos; advirtindo
 que Cada hum estam emSuas Companhias, as dos Brancos
 Sam tres Companhias, aCompanhia doCapitam Manoel Gomes deAr.o
 aCompanhiadoCapitam Joas deAguiar [D]altara, eaCompanhia desta
 villa está Sem Capitam Nem Alferes, eoque a R[ê ou i ?]ge hê –
 oSargento deNumero [D]oSe [F]elis; enos fins das Companhias
 acharâ vossamerce onumero dos Soldados, eas esquadras de 14 [__es?]
 15 homeiãs, tanto dos que tem Armas Como osque Não tem
 aCompanhia dos Mullatos, ados pretos tambem vam numera
 das, eestes estam todos promptos Com Seus MoSsos, eSófi-
 caram defora todos aqueles moradores que morão nas Prayas
 chamadas Camburihy, Praya dabolea, ejuquihy, eestes
 ditos moradores Sempre Sealistaraõ Nesta Companhia davila; ecâ
 Sedezobrigam, epagam Dizimos, eagora Nesta mostra não vie=
 ram porque oCapitam daBertioga Simaõ da veyga ospuchou para a-
 Sua Companhia enaõ Sey que Rezaõ terâ para [iSto ?] [espaço] Vejo vossamerce dizer-
 me que faça nomeaSSaõ NaspeSsoas mais idoneas para oCupar
 os Lugares que estam vagos; eSa nomeaSSam já afizemos emCamera⁶⁸
 efoi Remetida para aSeCretaria do Governo, Más meparece que
 alguiãs dos Nomeados tem paSsado para Auxiliares, eComo vossamerce
 mepede faça nomeaSSam, vay nece papel emcluzo que me pa-
 rece Sam os mais Capazes que Seacham para Servirem deCapitam eAl-

⁶⁸ O último acento do último [a] foi riscado.

feres destas villas, eestes nomeados Sam de ordenança, efaço oque
vossamerce meordena por medizer tem ordem de Sua *Excellencia* que mepare
 ce esta nomeação ou vera descer em Camera. [espaço]
 [espaço] Oedital *que vossamerce* memandou passado **aordem** do *Illuistrissimo*
eExcelentissimo Senbor General logo mandeiyo fixar *aque* veyo *para* es
 ta *Vila*; e *vay* Certidão do *Sargento* que afixaou, ea *Carta* –

[p. 2] Ea *Carta que* veyo *para* o *Capitam Mór* da –
 villa de Ubatuba aentregyey ao *Sargento Mór*
 Manoel Joam, pidindolhe Recibo deume
 e *SaCarta*, dizendomeque dentro hia o Recibo.

[espaço] A *carta em* cluza emque eu da
 va parte *vossamerce a vossamerce* das *Trinxeyras* já fes duas
 [a *Ribadas?*] e *por* mais que tenho falado não há
 emmenda eela *vayce* queimando. [espaço]

Estimarey desfrute *vossamerce* aquela *Saude*
que dezeja elhedezejo, ememande Emque o[___iroa ?]
que me tem a *Sua* ordem. [espaço] Deos *Guarde* a *vossamerce*
muitos annos Vila de Sam Sebastiam 22 de
 Agosto de1767

[espaço] De *vossamerce*
 [espaço] *Muito amante venerador*
 [espaço] Juliam deMoura Negram⁶⁹

Sieu Sobece osque⁷⁰
 danaõ astrinxeyras já es
 tariam preSos eSeriam
 Castigados.

[p. 3] NomeaSam de *Cappitam*
 eAlferes *para* Companhia desta villa
 emlugar do *Cappitam* Manoel Lopes
 edoAlferes Bento Luis *que* paSsaram
para Auxiliar. [espaço]

[espaço] Para *Capitam*

OS[*olda?*]do Clemente Paes Per[*eir ?*]a
 Joam Correa Marzagam
 Amaro Alvarez da So[*uzã ?*] Cruz

[espaço] Para Alferes
 Domingos Lopes deAzevedo
 Manoel Pinheiro deSantaAnna
 Bartolomeu Gonçalvez Alvarez [ou Alvez ?]

⁶⁹ Punho da firma diferente do punho da carta.

⁷⁰ *Post scriptum* registrado ao lado do desfecho da carta, no canto inferior esquerdo da página, abaixo da data.

[espaço] Juliam de Moura Negram⁷¹

CARTA 2

[C 18 2 Seb 21]

Local: Ilha de São Sebastião

Data: 7 de agosto de 1783

Autor: Manoel Correa de Mesquita

Fonte: Arquivo Histórico do Estado de São Paulo

Fundos: Militares – Militares e Capitão Mór de São Sebastião e Vila Bela – 1721-1819

Referência: C0255 23-1-46

Edição: Simões, José (2005)

Illustríssimo e Excelentíssimo Senhor.

[espaço] Na Recluta *que* por ordem de *Vossa Excelencia* Remeti, foi incluído Jozê Joaquim homem trabalhador, e jornaleiro conhecido para todo o braçal serviço, *que* seu Soubêra padecia molestia, certamente onã mandava, a qual ocultaria pello emterença delhenaõ negarem Servis sos; Emlugar deste, e observancia da ordem de *Vossa Excelencia* de 2 de Julho, *que* aRecebi a 22 do dito mês, vai Antonio de crasto, filho de Joaõ de Crasto, natural emorador desta *Vila*, e da ordenança dellas. [espaço] [espaço] Taõbem Remeto a Manuel Vicente, filho de Vicente Rodriguez – daqui natural emorador, / este Illustríssimo Senhor / hé Soldado auxilliar, por rem como percebo ser o animo de *Vossa Excelencia* fixo no bem, e aumento das Republicas desta Cappitania, e procura de dissipar os pernesiosos a ella, chamandoos para o emprego Mellitar, onde comadiSSiplina, mudem decostumes; nesta emtelligencia ouveme com Sebbastiaõ *Francizco* de Oliveira Cappitaõ de auxiliares e do dito soldado, e compermição deste fis prender o dito soldado. [espaço]

[espaço] Acauza deste procedimento hê, por ter acerteza de tal Manuel vicente ter desonestado a hua pobre moça, evendoa sem forças e amparo, e tem abandonado; e por *que* a Mãe da tal moça pretende querrelar pello facto elleivozia, e surdirem outras, e perturbaçoins aeste Republica, por evitarlas, tomei este espediente, e na emtelligencia desermas util ao Real Serviço, evitando criminozos dos quais Senão Serve *Deos*, nem Sua Magestade. [espaço] E querendo *Vossa Excelencia* por os benignos olhos nesta cauza, pode como Senhor, **mandar** *que* o tal prezo pague a divida, e na Reincidencia, Sirva a El Rei. [espaço]

[espaço] Remeto mais ao dezertor Domingos da ReSurreição e observancia da ordem de *Vossa Excelencia* de 7 do passado e Recebida aos 14. Este Soldado *Excelentíssimo* Senhor foi daqui Reclutado Sendo cazado, por obter feito como os movimentos de passada guerra, e depois devoltar do Sul, e para aqui vir com licença nunca se ocultou, e sempre viveo com Sua mulher e filhos; temme Rogado *que* em todo movimento Respectivel aos voluntarios Reais licenciados, elle estava pronto, e naõ percizava serprezo; por em como *Vossa Excelencia* me ordena os remetta Seguros, aSSim ofaço. Sei mais *que* todo o Seu fitto hera em adquirir algumas patacas para o seu tratamento na Praça. [espaço]

[espaço] Os Soldados Jozê Floriano, e Ignacio Lourenço, Se

guiraõ aderrota dosmais dezertores para odestrito do Rio de Janeiro, onde semeem forma existem, huñs namesma Cidade, outros pellos contornos. [espaço] Tive noticia de dezertor Joaõ Mendes do Prado Ser visto neste destrito, fis as percizas delig encias para oprender balRoando aquellas partes suspeittozas, naõ foi achado. [espaço]

[p. 2] Nem obrei outro procedimento por naõ ter verdadeira certeza dos auciliares; etaõ bem aver, Seo facelitto a continuar as vindas the colherlo; como taõ bem aos mais, cazo venhaõ. [espaço] Aminha vontade eobediencia fica pronta **asordeins** – de *Vossa Excelencia* acua Illustrẽ peSsoa fico Rogando a Deos guarde por fellices annos para amparo desta Cappitania, e com sola çãõ dos Subditos. [espaço] *Ilba deSam Sebbastiam* 7 de Agosto de 1783 annos

[espaço] De *Vossa Excelencia*

[espaço] omais umilde eobedientesubdito

[espaço] Manoel Correa de Mesquita

CARTA 3

[C 18 2 Seb 22]

Local: Matos das Pedras Brancas

Data: 11 de junho de 1785

Autor: Francisco Bicudo de Britto, talvez brasileiro, natural de Parnaíba, descendente do bandeirante João Bicudo de Brito

Fonte: Arquivo Histórico do Estado de São Paulo

Fundos: Militares – Militares e Capitão Mór de São Sebastião e Vila Bela – 1721-1819

Referência: C0255 23-1-51

Edição: Simões, José (2005)

Illustrissimo eExcelentissimo Senhor

Sendome preSizo Saber donde adeder adeviZaõ domeu destrito, Com oCapitam Mor deSaõ Sebastiaõ, faSo= **espedir** por proprio esta avossa *Excelencia* para que **me faSa merce** = destinar destrito para eumesaberaver neste laburiozo trabalho emque ando Rompendo esteSertaõ Com aes= trada naforma que *vossa Excelencia* madetreminou; eCo= mo opiCador me aSegura estar para Câ daSerra alguâ distanSia parage mais alta que aSerra donde de viraõSe as agoas; pareSendo ser de JustiSa aquela de paraibuna, aestrema dos noSos destritos; eComo Sem Sem Ser este asento feito nolugar do agrado devossa *Excelencia* puriSo, epara mesaber aver nesta obra dezejeõ aonRa deque *vossa Excelencia* medeSida esta duvida pelomesmo por tador desta. Eu axome Já ComSeteLeoas emeia deestrada feita, e Com tinuando sem SoSego para dianteC[S –sobrescrito]om forme oquemedis o meu piCador que emthe as deviZõis das agoas, ainda ave rá de dis tanSia tres Legoas, eque deSerta altura para diante

tudo Saõ terras inutil; edis o *dito* picador que achou boa
 Saida *para* aSerra, elogo que sairão os*ditos* meus picadores
 fis aviZo ao *dito* Capitam mor *para* ele entrar delá ComoCaminho
 qui eu não per tendo sair des tes matos Sem Com Cluir oque
 me pertenSer, não mandando oContrario *vossa Excelencia* que Deos *guarde*
 Com Saude *muitos* annos matos das pedras brancas a11 deJunho
 de1785 [espaço] *Devossa Excelencia*
 [espaço] omais humilde Sudito
 [espaço] [FRan ?]cisco Bicudo deBritto

CARTA 4

C 18 2 BAN 1]

Local: Freguesia de Jaguari

Data: 29 de setembro de 1790

Autor: Lourenço Franco Bueno

Fonte: Arquivo Histórico do Estado de São Paulo

Fundos: Militares Comandantes Cap. Mór de Bragança, Atibaia e Nazaré, 1723-1822

Referência: C00262 30-1-9

Edição: Simões, José (2005)

Senhor Capitam Mor Francisco daSilveira Franco

Veyo **queixarce** Jozé Pires doPrado dePedro
Alvarez Domingues por este dispoticamente tirarlhe doSeo
 xiqueiro dous porcos deduas aRobas depezo, que
 isto mesmo meSertificaõ Gonçalo Pereira, Americo Rodriguez,
 Manoel Lopes, Lucianno Rodriguez, estes Coatroforaõ osque
 tiraõ os dous Capados por mandado dodito Pedro Alvarez
 Domingues, naquella oCaziaõ emque *vossamerce medetermi*
 nou mandaçe preparar trinta Capados Capazes
 deirem aLixboa, equè os RemeteSse aoTenente [Elesbaõ Francisco ?]
 va[s.] por esta **ordem** determinei Senotificaçe os
 donos dosprocos *para que*aprontaSem, elevaSem os –
 mesmos donos emtregar aodito Tenente porem odito
 Pedro Alvarez Domingues pella Sua mâ Conduta foi ti-
 rar dispotecamente os[s?]ditos dous Capados eLevou aSua
 Caza, elá ostroCou Com dous leitains *que* odito Tenente
 Regeitou eSses dous por *muito* indignos, eComo che
 gaSeme asqueixas dodito Jozê Pieres *aminha* prezença
 daviolencia *que*, lhe tinha feito, quis mandar
 pagar pello *que* meSertificavaõ aditas [Testada ou Testemunha?] hi[ra – sobrescrito ao rasurado]
 deRezaõ, foi odito Pedro Alvarez aSentar praça na
 Companhia doCapitam Antonio Goncalvez assim deSeizentar
 depagar, efugir daminha Comendancia *para* onaõ
 obrigar aSatisfazer *que* hera licito, eComo o
 dito Jozê Pires hê homem pobre Carregado defa
 milia acho *muito* justo aque *vossamerce* oatenda Com

[p. 2] Acus tumada Retidaõ *para* Com todos. Deos *Guarde*

avossamerce felismente freguecia deJagoary 29 de 7[setem]bro de
1790 [espaço]

[espaço] Devossamerce
[espaço] obediente Subdito muito Seo [alento ?] venerador

[espaço] Lourenco Franco Bueno

CARTA 5

[C 18 2 BAN 4]

Local: Atibaia

Data: 12 de abril de 17[9 ou 2]5

Autor: Francisco da Silveira Franco, brasileiro, genealogia identificada acima

Fonte: Arquivo Histórico do Estado de São Paulo

Fundos: Militares Comandantes Cap. Mór de Bragança, Atibaia e Nazaré, 1723-1822

Referência: C00262 30-1-14

Edição: Simões, José (2005)

Illustrissimo eExcelentissimo Senhor

Pellas 9 oras danoute 26 deste mes Semeveyo –
dar parte que nesta villa andava hû Sugeito
tomado dabebida movendo pendencia ed
ndo porretadas pellas Ruas; pelo que omã
dei ReColher aCadea athe ReCuperar oSeu
Juizo: a Sim que Se incontrou om os=
exeCutores daminha **ordem** Logo Searmou
Com oporrete eentrou aDezafialos epar=
tindo estes Sobre elle este Sepos em=
fuga onde para oSogei tarem lhe deraõ
Alguas bordoadas das Coais edaqueda
que [__?]eu no xaõ aConteSeu ficar com
acara maxucada e Com hû leve feri=
mento dopau feito por hû que oencon
trou por diante oSugeito desta forma
oConduziraõ aCadea da qual **mandei** Sol-
tar na Seguinte manhã por ja estar Resti
tuido aoSeu juizo prezumindo Ser mo
rador deste destrito despois deSolto em
trou afazer Requerimentos ao Juis para lhe
mandar tomar fê das feridas Requeren
do Contra aqueles por quem **mandei** prender

[p. 2] Prender: neste ponto hê que tive pleno Co=
nhecimento deque elle não hê deste termo
eque não hê esta *primeira* dezordem que tem
feito eas Sicatrizes que tem pela
CabeSa Saõ bons Sinais doSeu mao

proSedimentos e por iSo o tornei amandar
 prender *para* me apresentar doCumentos pelos
 quais mostraSe Ser liberto pois hê
 negro ealem disto *para* meapresentar
 oSeu paSaporte eComo nada disto
 cumprio, por iSo o**Remeto** preZo aVossa
 Excelencia naforma das ordeins *que* me
 tem dado aRespeito deSeme lhantes bo=
 lantes *que* SeServem nas terras *para*
 fazerem deZordens, eSefazerem Sus
 peitozos nos Roubos que Continuadamente
 aConteSem *Deos* guarde avossaExcelencia Com
 Saude e fidelidades Atibaia aos 12 de
 Abril de 1725 annos.

[espaço] Devossa Excelencia
 [espaço] o mais humilde venerador ?
 [espaço] Francisco daSilveira Franco

CARTA 6

[C 18 2 Gen 3]

Local: Santos ?

Data: 15 de março de 1766

Autor: Dom Luis Antonio de Souza [*Botelho e Mourão ?*], governador da Capitania de São Paulo de 1765 a 1775

Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo – C00230 – Cartas, Título de Sesmarias dos Cap. Gerais

Referência: C00230 – 4-5-30

Edição: Simões, José (2005)

Aqui meveyo fallar Joaõ Pedrozo Leme,
Rogandome, oquezeSse favorecer, naExecuçãõ que lhe
 fazia Joaõ Domingos [m.or] neSsa Villa; eComo Se
 faz esta **Suplica** digna deatençaõ, porquanto aeste
 Sugeitto, Selheestaõ devendo *pela* fazenda Real ma[corroído]
quantia, ecomefeito athê anãõ Cobrar, Sem[?] pode
 rá Remir, hê [por iSso – rasurado] *que* Vossamerce *quem* patorcinar aeSse
 Sugeito fazendo, Com*que* Selheespere, e*que* onaõ
 aflijas, *por* *aquelle* tempo *que* for neceSsario, segunda-feira
 randose Sempre adivida, poiz aminha in
 tençaõ hê que ninguem perca oSeu Dinheiro.

[espaço] Esperodever aVossamerce *que* [de providencia – rasurado]
 aistoemuitas oCazio~es delhedar gosto *Deos* guarde avossamerce
 muitos annos. S[antos?] 15 de Marco 1766

[espaço] DeVossamerce

[espaço] Seumuito Venerador eobzequioxo

[espaço] Dom Luis AntoniodeSouza

Senhor Capitam mor Antonio Correa

ELemosLeite

CARTA 7

[C 18 2 Gen 4]

Local: Carapicuíba

Data: 14 de junho de 1792

Autor: Pedro Jozé Francisco de Andrade [?]

Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo – C00230 – Cartas, Título de Sesmarias dos Cap. Gerais

Referência: C00230 – 4-12-28

Edição: Simões, José (2005)

Senhor SaCratario Joze Romaõ [Sevro]⁷²

Muito meu venerado Senhor por esta vou aos Seus Reverentes pes
/ Como aos demeo Paÿ / a Rogarlhe mequeira **des Culpar** do emfado
que o meo *Illustrissimo* Senhor teve [*naminba*] Ignoransia de dar eu aportaria
a o Capitam Mor pois Como os Indios estavaõ dispersos por varios
destritos adonde Se apresento[*se*] a[*dita*] fazer em Reconduzir os ditos
Indios Ignorando oestilo. edo defeito ede todos os mais que tenho
tido peso milhares deperdaõ o eu a[*in*]d[*a*] andar molesto do pe e daRe
pitisaõ d[*a*]s tonteiras dam[*inba*] Cavesa Logo teria hido ReColher
a[*dita*] a ese Patriso cofreserme a todo o Suplisio que eu mereser
oque agora ofaso pelo Thomas.

[espaço] E não Sesando ainda a[*minba*] matraca

[D]a em Cluza vera oque mepede hû homem⁷³ que me

Serbiu nos meos prinsipios e hoje meu Conp[*adr*]e e Se hi[s]o puder Ser

Sem ominimo em Comodo dezejo fique naSua *Licencas*⁷⁴

[espaço] Estimarei que *vossa* *Senhoria* pase muito bem deSaude

e que Sesirva dam[*inba*] fiel es Cra vi daõ [espaço] CarapeCuhiva 14 de

Junho de1792

Devossa *Senhoria* omais o bedi ente

dos Seu es Cravos

Pedro Joze *Francizco* deAndrade

CARTA 8

[C 18 2 Gen 5]

Local: São Paulo

Data: 28 de janeiro 1775

Autor: João Pessanha Falcão

Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo – C00230 – Cartas, Título de Sesmarias dos Cap. Gerais

Referência: C00230 – 4-3-2

Edição: Simões, José (2005)

caSsado em[?] deAgosto de1775

porbastar hú so noBairro de

Saõ Bernardo que hé Ignacio Joze

deMoraes

João Pessanha Falcão

Fazendeiro Mór da Bulla daSanta Cruzada na Capitania eBispado

deSaõPaulo pelo Em[*inentiss*]mo eReverendissimo Senhor Dom Joaõ da Cunha, Cardeal da

Sancta Igreja deRoma doConselho de Estado deSua Magestade Fidelissima, que Deos guarde Ar-

cebispo de Evora, Regedor da Caza da Supplicação, Inquizidor Geral,

eComiSsario Geral Apostolico daBulla da*Sancta*Cruzada nôs Reinos, e

Senhorios dePortugal &[*etc?*]

[espaço]

Faço saber, que tendo ahonróza informaçãõ da boa consciencia, everdade

⁷² Talvez [Silveira]

⁷³ O “m” final em [homem] apresenta correção

⁷⁴ O “s” final foi rasurado.

de João de Olivera Prestes, e confiádo do seu zêlo, *que* no serviço de Deos (peladistribuição das Bullas da Sancta Cruzada) e de Sua Magestade Fidelíssima Deos *guarde*; acreditará o seu procedimento: Heipor bem deo apresentar Thezoureiro Moenor da Igreja de Saõ Caetano do Bairro de Tujucuçu dos Monges do Patriarcha Saõ Bento do Mosteiro desta Cidade, na qual Igreja o Reverendíssimo Padre Dom Abbade por si, e seus Subditos administra os Sacraments aos seus freguezes, escravos, e comnsaes, estendendo-se ozêlo da Sua caridade empraticar omêsmo comtôdos os moradôres, dehû, e outro sexo, dodito Bairro de Saõ Caetano paracujo beneficio espirictual, ebem das Almas, conseguem Licença do Reverendo Padre Cura, de quem Saõ freguezes, e pelas grandes distancias se proveitaõ, para satisfazerem os preceitos da Quarésma, do Sacramentos, *que* se administraõ na dita Igreja do Bairro de Saõ Caetano, *que* se estende até o Bairro de Ca[h]aguaçu, Pilar, e Penha, *que* comprehende hû muito avultado numero de fieis, *que* devem ser soccorridos dos thezoureiros da Bullada Cruzada parase aproveitam tão bem, porsuffragio das Almas do Purgatório, da Bullade Defunctos, e por utilidade própria da Bullade Composição; enesta Igreja de Saõ Caetano servirá semordenadoalgû nafórmadas Reaes Ordens; por gozar dos grandes Privilegios, *que* de Real Grandeza de Sua Magestade

[p. 2] Fidelíssima tem concedido aos Thezoureiros Menóres das Cidades, Villas, Freguezias e Capellas [Si]tias, onde compermissaõ do Ordinário se administraõ os Sacramentos, o *que* tudo se con[t]em nos ditos Privilégios, d[a] todos em 27 de 9[novem]bro de 1759, assignados pelo Em[inentiss]mo Senhor Cardeal da Cunha Comissario Geral Apostolico da Cruzada, *que* comesta lhe entregamos para *que* delles tenha conhecimento, e gozar delles odito Thezoureiro Menor do Bairro de Cahaguaçu, Pilar, e Penha, na Igreja de Saõ Caetano já referida; e será obrigado aguardar no ssas ordens, e instrucçoens, tendentes, e dirigidas aboa administração, e arranchamento da dita Bulla, de cujo producto nõs dará conta por entrada e sahida; e por firmeza de tudo lhe mandamos pa ssar aprezenete Apresentação, por nõs só m[ente] assignada. Saõ Paulo, e de Janeiro 28 de 1773
[espaço] João PeSSanha Falcaõ

CARTA 9

[C 18 2 Gen 6]

Local: ?

Data: 30 de julho de 1775

Autor: Alexandre Barreto

Fonte: Arquivo do Estado de São Paulo – C00230 – Cartas, Título de Sesmarias dos Cap. Gerais

Referência: C00230 – 4-3-4-?

Edição: Simões, José (2005)

Illustríssimo Excelentíssimo Senhor

Obedecendo ovenerando despacho de Vossa Excelencia fi[s] toda adeligencia poS= sivel para informar avossa Excelencia pella minha propria mão, como do= **mesmo informe** Seve, mas não pude continuar pella debilidade Comque meacho doente em Cama: Não há duvida Seachaõ mais Thezoureiroz da Bulla nobayrro domeo destricto que Saõ João de Godoy, e Seo Irmaõ Antonio Goncalves; e João de Oliveira; mas taõ bem Seachaõ nom mesmo destricto Sinco Capellaz, huas mais frequentadas, e outras

quasi esquecidas. Si *Vossa Excelencia* Sedignar e for Servido aque no *dito* Bay-
 rro Só fique hû TheSoureiro, que meperSuado he *mu*ito Sufficiente
 para administração da *ita* Bulla por viverem os *ditos* TheSoureiros perto
 hûnz dos outroz em tal Cazo o *Supplicante* he o mais Sufficiente entre
 os outroz, tanto pella Sua conhecida verdade, como pella agilidade
 que lhe aSiste para o tal Ministerio pelloque não expr[i]mentará
 a *ita* Bula de minuição em Seo Rendimento, o *Supplicante* he da Ordenança
 eos *Supplicados* São Soldados Auxiliares, que podem Servir a *Sua Magestade*
 de outra utilidade; he o *que* poSso informar a *Vossa Excelencia* com verda
 de, que mandará o *que* for Servido: hoje 30 de Julho de 1775
 De *Vossa Excelencia*
 o mais o milde criado
 Alexandre Barreto

Ignacio Jozede Moraes⁷⁵
 do Bairro de São Bernardo
 fica Manposteiro das
 Bulla, eca Ssado[r]. An[to]nio
 Gonçalvez Cardozo, João de oli
 veira Prestes, e João Rego
 Rodrigues Caldeira

Século XIX – cartas do período 1819 – 1854 (1ª geração) 10 cartas

CARTA 1

[C 19 2 MRI 1]

Remetente: João Tibiriçá Piratininga

Data: 8 de março de 1819

Local: Paris

Fonte: Museu Republicano de Itú

Código: Coleção Clube Republicano – Padre Miguel Correa Pacheco

Imagem de CD-ROM: 916-918

Editor: SIMÕES, José (2006)

Paris 3 de Fevereiro de 1819

Primo Miguel

Recebi e entreguei ao Cavaillé Coll
 evi[] a letra de quinzemil duzen-
 tos e sessenta e dous francos *que* me
 remetteo *para* o pagamento do orgão
 e espero logo receber segundo o *que* me
 diz, o restante *para* completar o paga-
 mento do *dito* orgão, *que* ja hoji [rasurado] deve
 partir do Havre, onde ja se achava
 a mais de 1 mes a espera do paga-

⁷⁵ Nota escrita por outro punho e com outra tinta no canto inferior esquerdo da página.

mento com o *qual* o Cavaille Coll contava segundo sua carta de encomenda. Sua lembrança de demo[rar] a remessa de fundos não foi feliz *porque* veio por me em embarços. Julgando *que* o primo não faltaria e querendo servilo melhor disse ao Cavaille *que* me perguntou se podia desmontar o orgão, *que* o podia *porque* a encomenda era de gente [oeria], e querendo ainda dar disto uma prova e melhor *mesmo* interpretar o seo entusiastico desejo [p. 2] disse *que* podia mesmo encaixotal-o *para* partir em principio de janeiro logo *que* fosse pago, com contava, *que* [s]eria segundo sua carta. Com a demora annunciada em sua 3.a carta fiquei mentiroso, mas felismente [___?] [___?] sua lettra de 3mil francos de *que* podia dispor por algum tempo hé *que* chegasse os seos fundos pudesoccegar o homem dando lhe á apesar de elle ter tido a delicadesa de diser me *que* não precisava. Elle logo foi mais longe e me disse *quese* eu quisesse *que* remeteria o orgão ja encaixotado *para* o Havre, onde estaria melhor resguardado *que* em casa delle, e *que* logo *que* chegassem os fundos podia partir; disse *que* sim, e ele o fez me disendo logo *que* recebeo os 15,26[___?] francos *que* era melhor fazer partir o orgão *para* seo destino, ao *que* annui ficando responsavel pelo *que* falta ainda, apesar de elle o não exigir. Assim la vai o orgão e espero portodo este mes receber [p. 3] os fundos *que* faltaõ e liquidar este negocio a satisfacção do constructor *que* foi taõ cavalheiro comigo nem conhecer me.

Resta-me desejar-lhe bom anno novo *que* logo tenha o praser de receber o seo suspirado orgão e *que* o ache conforme seos desejos.

O orgão foi frete a pagar e dirigido ao [Senhor] Zeca Pedro *que* o deve tirar da Alfandega e remetterlh'o, satisfasendo o primo das dispesas.

Como sempre aqui tem as suas ordens.

Seo primo eaffectuoso amigo
Joaõ Tibiriçá Piratininga

C 19 2 MRI 2]

Remetente: Gabriel Piza

Data: 25 de janeiro de 1889

Local: Pirassununga

Fonte: Museu Republicano de Itú

Código: MR – 453 - Cartas para Paulino de Lima, chefe republicano nascido em Itu

Imagem de CD-ROM: 867-870

Editor: SIMÕES, José (2006)

CARTA 2

Pirassununga, Junho 24. 1889

Amigo e Sr. Paulino de Lima.

Estive no Rio de Janeiro em Maio de 1887 e agora acabo de lá estar varios dias. Nunca pensei que a idéa republicana fisesse um progresso taõ espantoso em dois annos! A população fluminense está perfeitamente preparada para o advento da republica. Ella quer, póde e hade proclamar-a muito antes do que esperavamos mais audaciosos republicanos.

A idéa está triumphante em quasi todas as consciencias. desde as altas camadas, [p. 2] da aristocracia intellectual e org[en]taria até as classes modestas e activas do proletariado.

Fala-se, discute-se e espera-se a republica como um facto proximo, natural, infallivel – que se dará] sem conflicto – sob os applausos quasi unanimes da população.

A attitude do Conselheiro Prado veio dar mais um golpe terrivel nos poucos retardatarios – que aindam esperavam ver a monarchia por varios annos.

Chamando os conservadores de SaõPaulo á postos fora o combate pela federacão, elle dá na monarchia o tiro de honra [p. 3] como o dêo na escravidão na reuniaõ famosa de 15 de Dzembro de 1887 –

Dizem todos com convicção e sinceridade que a marcha da idéa republicana está se operando com maior rapides do que a do abolicio=

nismo – realizando-se assim o pensamento do illustre Cotegipe :- que a eliminação do throno seria muito mais facil do que a da escravidão.

Todas as resistencias ao advento da republica se estam dissipando, e o proprio Nabuco, extremo defenso do Throno de Izabel, já se declara abatido e desanimado, receando que o gabinete Affonso Celso seja o ultimo da monarchia!

[p. 4] É preciso fazer com que os conservadores dáhi concorram ao congresso federal de 14 de Julho em *SaõPaulo* – para que os chefes locais se convençam, ouvindo o oraculo da uniaõ conservadora, que é tempo de deixar passar em triumpho o carro da republica.

Estive com o Padre João Manuel, meo velho conhecido, e elle mostrou-se penhorado com a sua carta – Adêos – Até breve – ou até a proclamação da republica. Novas recommendaçoes á *Excellentissima Senhora* e disponha sempre

do amigo obrigado
Gabriel Piza

CARTA 3

C 19 2 MRI 3]

Remetente: Glicerio

Data: 15 de junho de 1885

Local: Campinas

Fonte: Museu Republicano de Itú

Código: PM Cp32 P6 - 02 VF – 33-Série: Correspondência recebida por Prudente de Moraes

Imagem de CD-ROM: 985

Editor: SIMÕES, José (2006)

F. GLICERIO
CAMPINAS⁷⁶

⁷⁶ Texto impresso em papel timbrado.

Campinas 15 de Junho 1885

Prudente.

Rio Janeiro

Respondo atua carta datada de 10. Li o teu discurso em sua integra, egostei ex= trocaordinariamente? [e esta a impressão geral. [espaço] Agora é tempo de vossês irem levantando a diapason republicano nos discursos. [espaço] Não deixem de apresentar na occazião opportuna, emenda re= duzindo a lista civil do Imperador, e supprim[indo] a datação da Impe= ratirz eoutras pessoas da Famillia Imperial. [espaço] Notem, isto é essencial, sob pena de vossês ficarem [com lesoutres]. No orçamento da Despeza, vossês podem cortar largo, não esquecendo padres, egrejas, diplomatas etc etc. Adeus eate sempre.

Teu amigo [Francisco] Glicerio [de Cerqueira Leite]

CARTA 4

[C 19 2 MRI 4]

Remetente: Glicerio

Data: 7 de junho de 1885

Local: Campinas

Fonte: Museu Republicano de Itú

Código: PM Cp31 P6 - 02 VF - 33-Série: Correspondência recebida por Prudente de Moraes

Imagem de CD-ROM: 994-996

Editor: SIMÕES, José (2006)

F. GLICERIO

CAMPINAS⁷⁷

Campinas 7 Junho 1885.

Prudente.

Rio.

Parabens pelos teus discursos. Se sou= besses do juizo que se fórma na [pro]= [y]in[ci] a do teu espirito, quer entre amigos politicos, quer entre adversarios, es= tarias pago dos teus sacrificios. Não é b[e]m dizer[se] isso, porque vossês dão na radiação; mas emfim re= produzo o sentir geral. Vamos [ao] 1.o districto a [ellev]ar, com aquela metaphisica que nunca hade se accabar, de= clarou na Provincia que não é mæo candidato, como se o nosso regimem de candidaturas tivesse assim retrograda=

⁷⁷ Texto impresso em papel timbrado.

do aos antigos tempos. Mas emfim
vá tudo isso em conta d'aquella
grande sinceridade paulista.

[p. 2] aPaulino eoutras influencias do districto
emque eu me tenho enten[der], [todos fazem]
questão de no[me] do [Moraes], epor-
tanto deve tel-as sorprendido muito
a declaração. [espaço] oCezario ja me es-
creveu perguntando o que [se] f[a]z, e das
outras pontes do districto a mesma per-
gunta se mefaz. [espaço] Eu tenho respon-
dido que, sem ouvir vossê, não
aconselho nada. [espaço] A meu ver deve
ir oCezario, na hipotheze de vossê não de-
morar o [Moraes] de propozito de abstenção
emque está. [espaço] Mas temo que a aprezen=
tação do Cezario pelo dito, lhe prejudique
na pretensão que elle alimenta de sercandi-
dato ageral pela 4.o; porquanto, não é isso-
favoravel que ocandidato a provincial
pela4.o, que póde ser o Miranda Azevedo,
queira tambem ser candidato ageral.
Eu não posso ser pe[_~]do porque estou resol-
vido afazer Carreira no 5.o, eportanto
nunca mais a[rredo] um passo

[p. 3] dáli: Portanto vosse pense no caso e me
escreva, notando que me persuado que o
Cezario deseja e quer ser deputado f[eder][al]
pelo d[istrict]o.

Parto amanhã ou depois para aLimeira, a en=
tenderme com os amigos sobre o tal Con-
gresso dedistricto que elles alittractão de
fundar, independente do Congresso e da
[D]. Permanente. A proposito disto, quem
não tem muito proposito, [ru_nio] [se] a C.
Permanente [a] deliberou enviar m
ao districto encaminhar a instituição,
que é boa, mas dep[.o] de modificada
no sentido m[.o] dependento dos poderes
Centraes. [espaço] Diga tambem sobre
este assumpto.

Adeus e ate sempre

Teu amigo

Francisco Glicerio

CARTA_5

[C 19 2 MRI 5]

Remetente: Glicerio

Data: 6 de julho de 1885.

Local: Campinas

Fonte: Museu Republicano de Itú

Código: PM Cp36 P6 - 02 VF - 33-Série: Correspondência recebida por Prudente de Moraes

Imagem de CD-ROM: 1004

Editor: SIMÕES, José (2006)

F. GLICERIO
CAMPINAS⁷⁸

Campinas 6 Julho 1885.

Prudente.

Riodejaneiro

É a primeira vez que pego na
na [sic] pena para escreverte, contrariado.

A tua annunciada retirada da
representação de partido, foi para mim
um verdadeiro desencanto. [espaço] Quem te subs-
tituirá no teu posto, Prudente? Só tens
um successor certo no *dito* districto: é a der=
rota de nosso partido.

Se vossê estivesse bem convencido, de enthu=
siasmo, da segurança, de orgulho,
que teu nome levanta n'aquelle districto,
se comprehendesses que teu nome é uma
garantia para o partido na pro=
vincia, não pensarias em tomar se=
melhante attitude. [espaço] Como teu amigo
leal -, e *muito* leal *companheiro* ainda
peço te que não fallemes mais
nisso. Pelo menos, dê me a sertesã
[p. 2] de que não trabalho em vão pela Re=
publica.

[espaço]
quanto a eleição provincial, do *dito* dis=
tricto virão indicados: 1.o Prudente, 2.o
Cezario, 3.o o Miranda Azevedo. Man=
de ate odia 15 de Agosto a tua excu=
sa a Comissão Permanente, que
tudo sahira amedida dos teus desejos
Tranquilise=se, vosse eo Ferraz virão
indicados somente por homenagem,
pois bem avaliamos o transtorno que
a provincial iria causar a voses, so=
bretudo tirandolhes o tempo prec[s corrigido]izo
para estudos parlamentares, durante
as ferias.

Em tempo escreverei sobre a transação do
4.o com o *dito*, mas por enquanto não con=
vem fallar por aqui, e menos escrever,
basta que vossês ahi fallem com fran=
queza, que é *para* a causa partir dos
conservadores d'aqui, por sugestões do
[p. 3] Prado e de outros deputados.
Depois que o Delfino fallou, ficou provado

⁷⁸ Texto impresso em papel timbrado.

que São Paulo nunca foi tão bem representa-
da como agora.
Adeus e ate sempre

Teu amigo
[Francisco] Glicerio

CARTA 6

Rio, 8 de Dezembro de 1853.

Excelentissimo Amigo e Sr. Conselheiro,

Esta politica cada vez se embrulha mais. É tudo balburdia, e ninguem sa-be com quem está. O Saldanha, que apoiou o gabinete até ser servido, fez-lhe todos os dias uma careta mais feia.

O Octavio é mais magico. Quando mor-de assopra logo. Com quem estarão elles na camara? Provavelmente com os exaltados, embora affectem ainda o contrario. O que é mais para admirar é a conducta do Cansansão. Desconfio que está fazendo agora ao Olinda, o mesmo que fez a *Vossa Excelência* em relação ao Rio Grande.

Parece que apoia surdamente a elei-ção

1v.

do Urbano, e combate a do Feitosa, o que é questão quasi vital para os progressistas de Pernambuco. Que alcance pode ter para elle o triumpho do Urbano e dos exaltados, e a derrota do Paes Barreto e dos seus?

Provavelmente nenhum, e é justamente nisto que está o principal defeito do Cansansão para quem as pessoas valem mais do que os principios.

O Jacobina esmurrou em pleno dia o Firmino, por causa das descomposturas do Constitucional. Tem sido um caso feio, e de que o Firmino saiu bastante enxovalhado, por que dizem todos que apanhou cobardemente. 2r.

O imperador saiu ha dias na Nitheroy, com a qual está-se fazendo aqui tanto barulho quanto fizeram os portuguezes com a rua Bertholomeu Zé Dias, como a chamavam os gaiatos. Disseram os jornaes que o rei foi fazer certos estudos nas costas da provincia! Por isto é que muita gente o chama Charlatão. Isto faz-me lembrar o celebre espicha de que tanto se doeu o Monte-Alverne.

Desejo-lhe saúde e venturas. O que não desejo é que mantenha o seu proposito de deixar a politica militante.

Recommendações do Julio e da mulher, e do Alfredo. As mesmas,
quem muito gratas, do De *Vossa Excelência*
amigo attencioso e vosso criado

Adolpho de Barros

CARTA 7

Rio, 25 de junho de 1853

Excelentissimo Amigo Sr. Conselheiro,|

Tive o prazer de receber sua presada| carta de 24 do passado, centindo entretanto os pade|cimentos que lhe trouxeram a operação, da qual| o desejo restabelecido.| Depois da dissolução, a politica esta em| treguas ou em incubação. Os candidatos fervem.| É um nunca acabar. Como toda a partilha,| essa gera agravos e descontentamentos. O elemento| liberal é tão insassível e tão exigente!! Até| entre os proprios liberaes lavra alguma discordia;| e o Ottoni com os mais membros do directorio sof-|frem opposição da facha radical, a Actualidade,| cujo director, Flavio Famise, não entrou na chapa| organizada pelos chefes. Em Pernambuco,| tambem algum descontentamento tem apparecido da| parte dos mais impacientes, com os quaes talvez ve-|nha a fazer côro o Netto, que lá foi em busca| de votos. Todavia não ha por ora causa que| inspire receios para já.|

Tivemos ultimamente uma contradansa|lv.no corpo diplomatico, que já deve ser ahi conhecida.|

Diz-se, e parece que com algum fundamento,| que a cousa não pára ahi, e que outros actos| da mesma natureza estão realizados tanto no corpo| diplomatico, como no consular. Até já se indicam| nomes dos demittidos, nomeados, retirados, etc|

A policia da côrte foi toda mudada. Os novos| nomeados não todos pouco vistos em politica, o que| até certo ponto pode ser sensato.|

Do Jiji nada lhe posso dizer desta vez, por| que ha dias não o vejo, e agora tenho occasião pa|ra deplorar esta *minha* falta, de que vou reunir me| qualquer dia destes.|

Desejo-lhe melhor saúde, e todas as pros-|peridades que se podem ter fora da patria e da| familia.|

Esquecia-me de falar-lhe no escriptorio.| Tambem bem pudéra deixar de faze-lo, visto que| nada ha de novo.|

Do que não me esqueço nunca é de que| sou|

De *Vossa Excelência*|

Amigo attencioso obsequioso Criado|

Adolpho de Barros|

CARTA 8

Excelentissimo Amigo,|

O deputado Pereira de| Brito, de Pernambuco, pediu-me| que lhe entregasse o officio| junto interessando-me ao| mesmo tempo pelo seu benigno| acolhimento.|

Remettendo-lhe o mencionado| officio, rogo-lhe que conducenda| com o *Doutor* Brito, pois que é justo| o que elle pede._|

A vinda do Dr. Moraes| a esta Corte, daonde já|
 1v.
 regressou uma vez doente, pode| ser dispensada, e é tambem| o que lhe peço. _ |
 Como sempre|

Seu amigo e collega ___|

A. C. Sá e Albuquerque⁷⁹

CARTA 9

Côrte 2 de Outubro de 1853 _|

Illustrissimo e Excelentissimo Sr. Conselheiro Angelo Muniz da Silva Ferraz|

Apresento a *VossaExcelência* o portador desta o Sr. Ca-|dete Tude de Andrade
 Gomes, que chegou| da Bahia para seguir para o Sul.|
 Elle, tendo dez annos de serviço, e| boas informações na Secretaria da Guerra,|
 deseja hum accesso, nomeação de| commissão [etc]|
 Rogo a *VossaExcelência* que se digne| protege-lo.|

De *Vossa Excelência*|

Attencioso Amigo obrigadissimoCriado|

Antonio Epaminondas de Mello⁸⁰

CARTA 10

Illustrissimo Excelentissimo Sr. Conselheiro Angelo Mu-|niz da Silva Ferraz.|

Pelos jornaes da corte fui sabe-|dor do regresso de *VossaExcelência* ao lar
 domes-|tico, - pelo que o felicito, estimando| fosse sempre bem pela europa, e
 en-|contrasse toda nobre familia de vigorosa| saude.|
 Sem outro assumpto, disponha| *VossaExcelência* com toda franqueza de quem se
 con-|fessa ser|
 De *VossaExcelência*|
 Amigo muito obrigado e criado|

Antonio Estevão Bitancourt Silva⁸¹

RioGrande, 3 de Maio 54.|

⁷⁹ Grafismo.

⁸⁰ Grafismo.

⁸¹ Grafismo.

Século XIX – cartas do período 1855 – 1890 (2º geração) 10 cartas

CARTA 1

Illustrissimos Excelentissimos Senhores |

Trasendo eu um pleito com Domingos Jose | Martins e sua mai, a respeito da servidão que | tenho como proprietario de uma caza sita a | ladeira de São Miguel para a rua da Valla, | cuja servidão pertende obstar o dito Domin | gos Jozé Martins, obtendo da Camara li- | cença para levantar um muro no fundo da sua | propriedade, com o qual fica de todo privada | a dita serventia, e de menos valor as propri- | edades, por que não podem os moradores go- | zar os quintaes e serventia que tem para a dita | rua da Valla, cheguei a um accordo com o | procurador do dito Martins para terminar a | questão, perdendo eu as custas que todas vem | pesar sobre mim, deixando uma asinhaga que | nos dê a serventia, com tanto que os propieta | rios fação o muro em frente dos seus fundos | e como esta Santa Caza possui alli uma pro- | priedade que tão bem tem servidão que vem | a perder, vou por isso saber de Vossas Excelencias se que- | rem annuir a isto, que estou convencido ser | de summa utilidade, a fim de não espormonos | a uma decisão, pela qual venha-mos a per[der] ||| servidão. | Espero merecer de Vossas Excelencias resposta afim | de poder ultimar o dito accordo permitti a di- | ta a sinhaga, sendo esta feixada com um | portão que tenha tantas chaves quantas as | propriedades, a fim de vedar-se amonturei |

Deus Guarde a Vossas Excelencias | Bahia 2 de Janeiro de 1860 |

CARTA 2

Mordomia do Campo Santo da Bahia 5 de Janeiro | de 1862 |

Illustrissimo Senhor |

Sendo agora conveniente para facilitar | o ensino dos burros confiados para | o Campo Santo que Vossa Senhoria tenha a | bondade de dispensar o prêto Elesbão, | que é bolieiro, mas hoje se acha | fora do Campo Santo, vou pedir a | Vossa Senhoria para o remetter para o dito | Campo, podendo ser substituido por | um outro, se Vossa Senhoria assim julgar | conveniente |

Deus Guarde a Vossa Senhoria |

Illustrissimo Senhor Doutor Evaristo Ladisláo e Silva | Escrivão da Meza da casa | da Santa Misericordia |

Francisco Pereira de Aguiar |
Mordomo do Campo Santo

CARTA 3

Repartição da Policia da Bahia 5 de Janeiro de 1862 |

1ª Secção
Numero 54 |

Illustrissimo Senhor |

Em resposta ao officio de *Vossa Senhoria* dactado de hontem, re= | lativamente a continuar o fornecimento de alimen- | tos aos presos pobres à ser feito pela Santa Casa, te- | nho à diser- lhe, para sua sciencia, que a decisão | deffinitiva e celebração do contracto sobre o mes- | mo fornecimento está dependente de intelligen- | cia, que ainda devo ter com o Irmão Thesoureiro | d'essa Irmandade – Francisco Sampaio Vian- | na, depois do que communicarei a *Vossa Senhoria* a deci- | são que houver à similhante respeito | Entretanto envio à *Vossa Senhoria*, para seu conhecimento, | a respectiva Tabella dos generos, e sua êmpor- | tancia, que á cada um preso teem de ser for- | necidos, durante a semana, ficando assim satis= | feita a ultima parte do dicto seu officio |

Deus |||

Deus Guarde a *Vossa Senhoria* |

Illustrissimo Senhor Doutor Evaristo Ladisláo e Silva, | Escrivão da Santa Casa da Misericordia |

O Chefe de Policia |
Agostinho Luis da Gama

CARTA 4

Illustrissimo Senhor |

Na noite do dia 25 do mez de Dezembro | proximo passado nesta Villa do Camamu, | foi me noticiado por diversas pessoas, a- | a um só tempo, *que* se achava na rua | desta mesma Villa um menino re- | cennassido só, e ao dezamparo, exposto | a ser tragado pelos Cães; a vista pois | deste miserando quando, eu como Sub- | delegado, encarregado do expediente da Delega- | cia, fui ter a dita rua, e lugar e achei | com efeito o dito menino só, ao dezampa- | nú, e chorando, sem haver *quem* o- | soccorresse, *por* tanto mandei-o con- | duzir *para* minha residencia, e dei lhe | imediatamente uma ama *para* ama- | mentar, *aque* tem feito até hoje, cuja | ama é esta *que* conduz o dito menino, | que presente se acha, acompanhã- | do a este meo officio, e passando logo, | e logo a dar as providencias necessa- | rias e endugar, e pesquisar *quem* fosse | a infeliz mai deste infeliz me- | nino, não mefoi possivel obter a- | menor noticia, apezar *damuita* deli- ||| deligencia que fiz; *por* tanto resolvi | enviallo *para* a Santa Caza da mi- | zericordia da Bahia, o *que* com efeito | o fasso *por* meio deste, e *Vossa Senhoria* *por* mizeri- | cordia o queira aceitar pelo amor de- | Deos, visto não ter este infeliz Pai | nem Mai, e ser est[...] o unico recurso | *que* á para estes infelizes. Sciente- | fico a *Vossa Senhoria* *que* este menino já foi so- | lenimente Baptizado *por* *minha* determi- | nação nesta mesma Villa do Ca- | mamu e teve o nome de Mano- | el Deus Guarde a *Vossa Senhoria*.
Subdelegacia em | Camamu 9 de Janeiro de 1860 |

Illustrissimo Senhor Provedor da Santa | Caza da Miziricordia | da Provincia da Bahia |

João Teixeira Barbosa |
Subdelegado encarregado do expediente da Delegacia

CARTA 5

Palacio do Governo da Bahia 14 de Janeiro de

1873¹⁷³ |

1º secção |

Communico a *Vossa Senhoria*, para seu conhecimento, | e em resposta ao seu Offício de 12 do corrente, | que acabo de expedir ordem á Directoria da | Junta de Engenheiros, para que sejam for- | necidos, por emprestimo, a essa *Santa Casa*, | pelo Encarregado das obras da Cadeia da | Conceição, oito carrinhos de mão dos maio- | res que alli existirem, conforme requisitou | *Vossa Senhoria* em seu referido Offício |

Deos Guarde a *Vossa Senhoria* |*Antonio Coelho* de Sá e Albuquerque |Illustrissimo Provedor da *Santa Casa* | de Misericordia d'esta Cidade

CARTA 6

Illustrissimo Senhor |

Hoje verbalmente participei a *Vossa Senhoria* da ausen- | cia do africano livre Justino Catu[.]a pe- | queno. |

Acabo n'este instante de saber *que* elle | se fôra abrigar ao hospital, *que* parece | estar sendo o refugium precatorum dos | pretos do estabellecimento, *que* não encon- | trando em mim apoio nem condescen- | dencia, e sim toda a severidade compativel | e neceSsaria *para* manter a ordem e regu- | laridade do serviço, *que* repelle a inercia, | fogem, usando de invectivas de toda | a especie, *para* se fazerem acreditar e | conSeguir seus fins. |

Sendo eu o unico responSavel pela | ordem e disciplina dos escravos e afri- | canos ao serviço do estabellecimento, pare- | ce *que* devo achar como tenho sem- | pre achado e ainda hoje espero to= | do apoio e força *para* conter *semelhantes* in- | dividuos, *que* se não querem prestar | nas condições devidas ao serviço e ||| eu tenho *por* dever contel-os e obri- | gal-os a cumprirem seos deveres | sob minha vigilancia e responSa- | bilidade. |

Esse africano embedando-se¹⁷⁵ hon - | tem exceSsivamente *pelo que* o mandei re= | colher *para* evitar algum exceSso apro- | veitando a occasião em *que* converSava | com o meo *amigo* Tenente Coronel Mudin, evadio-se | e foi recolher-se ao hospital. |

Este exemplo repetido é terrivel; | outros quererão imitar e o estabelle- | cimento pecerá sem braços e eu sem | poder dar conta do oneroso encargo | *que* me pesa *pela* honrosa confiança | de *Vossa Senhoria* e da Meza respectavel. |

Já officiei ao Irmão Mordomo recla- | mando a devolução desse africano, | e o mesmo requesito a *Vossa Senhoria* *para* não fa- | zer *que* cresca eSse germen de inSu- | bordinação *que* deve ser cortado | pela raiz *para* que não progrida ||| em detrimento do serviço da casa. | *Vossa Senhoria* apreciando devidamente *quanto* im- | porta atachar um mal a prin- | cipio, dará a devida atenção | a esta *minha* reclamação. |

Deus Guarde a *Vossa Senhoria* Campo Santo 28 de | Janeiro de 1883

Illustrissimo Senhor Provedor da Casa | da Santa Misericordia |

¹⁷³ Carta com brasão.¹⁷⁵ Provavelmente, de acordo com o contexto, o escrivão deve ter subtraído a sílaba -be do verbo embebedar

< [?] Almeida [?] > |
 Capelão e Administrador

CARTA 7

Illustrissimo Senhor Provedor da Casa da Santa *Misericordia* |

Diz Maria Carolina da Transfiguração | de Christo, moradora á rua do Cabeça, freguesia | de São Pedro que desejando tomar pr'a sua com= | panhia afim de educar moral, e relegiosamente, | a crioulinha Paula que esteve em casa do | ex= Chefe de Policia *Doutor* Freitas Henriques, | filha d'Africana livre Jeronyma do serviço | do Hospital da Caridade, sendo isto a seo | pedido e tambem vontade da *Supplicante*, que | offerece como seo fiador, ou testemunha de | abonação, o cidadão Jacintho José Pinheiro, | e como para isto seja mister a permissão de | *Vossa Senhoria*, vem a *Supplicante* respeitosamente |

Pede a Vossa Senhoria se sirva | conceder o que requer |

E *Receberá Merce* |

Arougo da *Supplicante*_
 < Jozé Xavier de Oliveira >

Remetto ao noSso Irmão Mordomo do Hospital | para informar quer á cerca da concessão, | quer a respeito do fiador afferido - |
Bahia 28 de Janeiro de 1884 |

CARTA 8

Santa Casa da Misericordia | de Nazareth em 8 de Fevereiro de 1887|

Nº 3

Illustrissimos Senhores |

A Mesa da Santa Casa da Misericordia desta Cidade, | novamente eleita, tem a satisfação de communicar | a *Vossas Senhorias*, que no 1º do corrente tomou posse e entrou | na administração deste Pio Estabellimento, asse- | gurando a *Vossas Senhorias*, que envidará todos os seos ex- | forços para cumprir tão honroso dever, e para cujo | desempenho espera igualmente o apoio e protecção de | *Vossas Senhorias* |
 A Mesa aproveita a occasião para protestar | a *Vossas Senhorias* a sua mais subida consideração e estima |

Déos Guarde a *Vossas Senhorias* |

Illustrissimos Senhores Provedor e Mesarios da Santa | Casa da Misericordia da Bahia |

Manuel Teixeira de Carvalho Silva *Provedor* |
 Manoel Joaquim Corrêa Sousa *Secretario* |
Padre Jacintho Jose Linhares de Barros P geral |||
Antonio Jose d'Abreo *Tesoureiro* |
Padre José Joaquim de Andrade |
 Rodrigo Pereira de Oliveira |
 Candido Jose Barbosa |
 João Francisco dos Santos Andrade |
 Felisberto Rabelo [?] Junior |

Joze Leal Cardoso |
 Joao Damasceno Alvares Barata |
 Manoel Pedro de Resende

CARTA 9

Illustrissimo Senhor |

Apparecendo na porta da Igreja | de *Nossa Senhora* da Piedade o cadaver | de uma menina
 recém-nascida, a bem | da humanidade, vou solicitar de *Vossa Senhoria* | o meio de a faser
 conduzir d'alli *para* | o semiterio. |

Deos Guarde a *Vossa Senhoria* |

Bahia e Subdelegacia da Freguezia | de *São Pedro* 12 de *Fevereiro* de 1883 |

Illustrissimo Senhor Provedor da Casa | da Santa Mizericordia |

Thomas Teixeira da Cunha |

Subdelegado em exercício

CARTA 10

Secretaria da Policia da Bahia 31 de Março de 1890¹⁸⁵ |

1ª **Secção** |

Illustrissimo Senhor |

Não havendo força de Policia, pedi a Pre- | sidencia para ordenar, *que* a Tropa de | Linha desse
 as 12 Praças por *Vossa Senhoria* requi- | sitadas para manterem o socego duran- | te o tragecto
 da Procissão dos Fogaréos, | na noite de 5ª *feira Santa*; o que commu- | nico a *Vossa Senhoria*
 em resposta á seo officio des- | ta data. |

Deos Guarde á *Vossa Senhoria* |

Illustrissimo Senhor Provedor da *Santa Caza* da Mizericordia |

Século XX – cartas do período 1909 – 1944 (1 geração) 10 cartas

CARTA 1

Itapetininga, 10 de Abril de 1909

Excelentíssimo Amigo e Veneravel Doutor Washington

Saudações cordiaes

Agradeço-lhe extremamente

a finesa que fez-me, conver_

sando com o *Excelentíssimo Veneravel Doutor* Lins⁸²,

sobre a nomeação do *Doutor*

Mario Rolim Telles⁸³, para pro_

¹⁸⁵ Carta com brasão

⁸² Possivelmente referência a Albuquerque Lins, então Presidente do Estado de São Paulo. Nesa época, Washington Luís era Secretário de Justiça do Estado de São Paulo.

⁸³ Doutor Mário Rolim Telles, cafeicultor e político ligado à família Prestes. Foi secretário da Fazenda durante o governo de Julio Prestes em São Paulo (1927-1930) e Presidente da Sociedade Rural Brasileira entre 1951 e 1953.

motor publico desta cida_
 de, caso o *Doutor* Castorino⁸⁴ se_
 ja removido, conforme de_
 seja, para *São Bento do Sapu*
 cahy. Estimei saber que o
Veneravel Doutor Lins acolheu bem a
 pretenção do *Doutor* Mario, que
 é filho do finado Ministro
 do Tribunal, digo, neto do
 [p.2] finado Ministro do Tribu_
 nal de Jusitiça *Doutor* José
 Rolim de Oliveira Ayres⁸⁵.
 Aguarda as suas or_
 dens quem <se> presa ser
 com muita estima
 e apreço

Seu
Amigo Affectuoso Obrigadíssimo

CARTA 2

Itapetininga, 19 de janeiro de 1910
Excelentíssimo Amigo Veneravel Doutor Washington Luis

Cumprimentos affectuosos

Si o *Excelentíssimo Amigo* quiser autorisar
 o subdelegado de Gramadinho⁸⁶, dis -
 tricto policial deste municipio,
 a alugar, alli, uma casa para
 servir de posto policial, prestará
 mais um serviço a nossa causa, pois
 que temos naquelle districto um
 grande numero de eleitores, e, oche_
 fe está muito interessado nesse
 grande melhoramento, que, não
 excederá de 25 \$ mensaes .

___ Permitta-me que lhe apresente
 [p.2] apresente uma carta intima do
 nosso bom correligionario *Coronel* Corne_
 lio Vieira⁸⁷, submettendo-a ao seu re_

http://www.imprensaoficial.com.br/PortalIO/DO/GatewayPDF.aspx?link=/1928/diario%20oficial/dezembro/29/pag_9733_40A2OI3O51V38eD7RDV3TPB2BF9.pdf;

http://www.srb.org.br/noticias/article.php?article_id=4241. Acessos em jul/2015.

⁸⁴ Provável referência a Castorino Gomes Ribeiro, que foi prefeito de São Bento do Sapucaí (SP) entre 1964 e 1967. Fonte: <http://www.saobentodosapucaia.sp.gov.br/ex-prefeitos/>. Acesso jul/2015.

⁸⁵ Doutor José Rolim de Oliveira Ayres, Ministro do Tribunal de Justiça. Citado como juiz de direito na cidade de Itu. Fontes: <http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1895/lei-327-13.07.1895.html> e http://obrasraras.sibi.usp.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/5792/A_Cidade_de_Ytu_ano1_n17_1893.pdf?sequence=1. Acesso em jul/2015.

⁸⁶ Distrito de Itapetininga, criado pela Lei Estadual n.º 1.410, de 30-12-1913 e anexado ao município de Itapetininga. Fonte: www.cidades.ibge.gov.br. Acesso jul/2015.

conhecido critério.
 ___ Dom Lucio⁸⁸, Bispo de Botucatu, in -
 teressando-se pelo Doutor Leite Moraes⁸⁹,
 delegado de Campos Novos Par[a]napanema⁹⁰
 deseja sua remoção para comar_
 ca de classe superior. Será possível?

Sempre seu
 Amigo Obrigadissimo

Fernando Prestes

CARTA 3

GABI
 NETE

GABI
 NETE

DO

S. Paulo, 21 de Junho de 1911⁹¹

~~Presidente do Estado~~

92

5

Ao seu Excelentissimo Amigo e Veneravel
 Doutor Washington Luis ,
 Fernando Prestes
 tem o prazer de apresen_
 tar o Excelentissimo Veneravel Doutor Ascanio
 Villas-Bôas⁹³

10

Itapetininga, 1.º de Julho de 1911

Presado Amigo e Veneravel Doutor Washington

⁸⁷ Cornélio Vieira de Camargo, político de Tatuí, colaborou com a elevação de Cesário Lange (município paulista, próximo a Tatuí e Botucatu) a Distrito de Paz de Tatuí em 1908. Fonte: www.cidades.ibge.gov.br, na seção sobre Cesário Lange. Acesso jul/2015.

⁸⁸ Dom Lúcio Antunes de Sousa (1863 - 1923) foi o primeiro bispo da diocese de Botucatu – SP. Fontes: https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%BAcio_Antunes_de_Sousa e <http://www.abhr.org.br/wp-content/uploads/2008/12/aquino-mauricio-de.pdf>. Acesso em jul/2015.

⁸⁹ Não foram encontrados dados sobre essa pessoa.

⁹⁰ Campos Novos de Parapanema, emancipada de Santa Cruz do Rio Pardo em 1885, atualmente Campos Novos Paulistas, é um município paulista próximo às cidades de Assis e Marília. Fonte: www.cidades.ibge.gov.br. Acesso jul/2015.

⁹¹ Os itens preenchidos à caneta são: “21”, “Junho” e “11”. O restante compõe o cabeçalho impresso no papel, identificado também com fonte distinta da utilizada para a edição do texto.

⁹² Parte impressa no papel. O título de “Presidente do Estado” foi riscado pelo próprio missivista.

⁹³ Doutor Ascanio Villas-Boas, médico sanitário, é mencionado no Diário Oficial do Estado de São Paulo como Inspetor Sanitário, em 11/03/1911 e no artigo de Dorsch (2014: 172).

Fontes: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-30012009-174833/publico/AFONSO_CARLOS_NEVES.pdf e <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/3722755/pg-1047-diario-oficial-diario-oficial-do-estado-de-sao-paulo-dosp-de-11-03-1911> Acesso em jul/2015.

Saudades

Peço-lhe que não se es_
 queça , desta ves, do *Doutor*
 Arthur Mihich⁹⁴. Rogo _
 lhe a finesa de falar
 a respeito ao nosso *Excelentissimo*
Amigo Veneravel Doutor Lins.
 Não sou mais extenso
 por desconfiar da serie_
 dade do correio.
 Aguarda as suas ordens
 quem é com muita esti_
 ma e affecto seu Amigo *Obrigadissimo*

CARTA 5

Meu Caro Doutor Washington
 29-1 – 913

Muitas saudades

Sei que Amigos querem
 votar no⁹⁵ meu nome
 para senador. Não sou
 candidato. Passei aquelle
 telegramma para o “Correio”
 no momento em que li a
 noticia da previa do 4º dis_
 tricto. Aos amigos que me
 consultam aconselho que
 suffragem integralmente
 a chapa apresentada pela
 Commissão Directora.
 [p.2] Não obstante receio in_
 trigas supervinientes. Lem_
 bra-me da fabula do lobo
 e do cordeiro.
 Ao espirito esclarecido
 e ao criterio do Amigo
 consulto si devo tornar
 publica a declaração que
 junto á esta. Si assim

⁹⁴ Doutor Arthur Mihich, mencionado no Diário Oficial do Estado de São Paulo como promotor público da comarca de Tatuí em 16/12/1909 e em 29/03/1910. Fontes: <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/3686228/pg-948-diario-oficial-diario-oficial-do-estado-de-sao-paulo-dosp-de-29-03-1910> e <http://www.jusbrasil.com.br/diarios/3734136/pg-3815-diario-oficial-diario-oficial-do-estado-de-sao-paulo-dosp-de-16-12-1909>. É também mencionado como Juiz da Comarca de Santa Cruz do Rio Pardo no Blog de Celso e Junko Sato Prado dedicado à história da cidade. Fonte: <http://satoprado-ebook.blogspot.com.br/2013/07/presbiterianismo-o-advento-republicano.html>. Todos os acessos em jul/2015.

⁹⁵ A letra "n" foi inserida por cima de outra não identificada precisamente, podendo ser "a" ou "c", por exemplo, dado o traçado.

entender rogo-lhe pu_
 blical-a.
 Julio e Camargo⁹⁶ andam
 em excursão eleitoral
 Aceite um abraço sau_
 doso do Amigo *Affecuoso* *Obrigadissimo*
 Fernando Prestes

CARTA 6

Itapetininga, 18 de Agosto de 1919

Carissimo Amigo *Doutor* Washington

Saudades

Conforme oque prometti-lhe, junto
 a esta os dados fornecidos pelo *Doutor* Derby⁹⁷,
 em 1899, sobre a velha questão de limites
 entre os Estados de São Paulo e Paraná, o
 que deve ser cópia de documentos exis_
 tentes no archivo da Commissão Geo-
 graphica, deste Estado, portanto, sem
 valor algum. Não obstante vou dar-lhe
 o incommodo de lel-os.

Aqui cheguei hontem com os ouvidos
washingtenticados⁹⁸ de tanto ouvir o seu
 nome em todo o percurso da Sorocaba_
 na, e, ainda mais aqui onde o conten_
 tamento foi geral e effusivos os applau_
 [p.2] applausos pela acção energica e decisi_
 va do benemerito Presidente do Estado e
 nosso grande Amigo *Doutor* Altino⁹⁹.

Como sempre aguardo as suas
 Ordens

Ovelho Amigo *Affectuoso* *Obrigadissimo*

Fernando Prestes

⁹⁶ Pelo tratamento informal, é possível que Camargo seja Fernando Camargo Prestes, sobrinho do Coronel Fernando Prestes. Fonte: <https://julioprestes.wordpress.com/fotos-do-arquivo-particular-ricardo-della-rosa/> Acesso jul/2015.

⁹⁷ Orville Adalbert Derby (1851-1915) foi um geólogo e geógrafo norte-americano naturalizado brasileiro, convidado para participar da Comissão Geográfica e Geológica do Império em 1875 e em 1886 foi responsável pela chefia da mesma Comissão no Estado de São Paulo. Transferiu acervo especializado ao Museu Nacional do Rio de Janeiro, organizando as coleções de mineralogia e paleontologia da instituição. Derby fez importantes trabalhos básicos de geologia na Bacia do Paraná, nos anos de 1879 e 1883. Fontes: https://pt.wikipedia.org/wiki/Orville_Derby; http://200.144.182.66/memoria/por/pessoa/499-Orville_Adalbert_Derby; Acesso jul/2015.

⁹⁸ Outra possível leitura: *washingtontisados*, visto que o traçado de "s" e "c" deste missivista é muito semelhante.
⁹⁹ Referência a Altino Arantes Marques (1876-1965), 10º. Presidente do Estado de São Paulo entre 1916 e 1920, tendo sido sucedido por Washington Luís. Fontes: https://pt.wikipedia.org/wiki/Altino_Arantes; <http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1918/decreto-2893-02.01.1918.html>. Acesso jul/2015.

Coronel Agenor de Camargo

CARTA 7

Sociedade Rural Brasileira

Número São Paulo, 16 de Maio de 1921³⁹

5

Excelentíssimo Senhor Presidente do
ESTADO DE SÃO PAULO

10 SÃO PAULO

Temos a honra de commnicar a *Vossa Excelência* que, pela eleição realizada em Assembleia Geral ordinaria, para esse fim reunida, ficou constituída a Directoria desta Sociedade, para o biennio de 1921/22, pela seguinte forma:

DIRECTORIA:

Doutor Paulo de Moraes Barros-----Presidente
Martinho da Silva Prado-----Vice-Presidente
20 Luiz Bueno de Miranda-----1º Secretario
Bento de Abreu Sampaio Vidal-----2º Secretario
Doutor Eduardo da Fonseca Cotching-----1º Thesoureiro
H. O. Bernsau-----2º Thesoureiro

CONSELHO DELIBERATIVO:

25 Doutor Henrique de Souza Queiroz 40
Coronel Arthur Diederichsen
Antonio M. Alves de Lima
Carlos Leoncio de Magalhães

CARTA 8

Itapetininga, 3 de Fevereiro de 1924

100

Excelentíssimo Amigo e Senhor Doutor Washington Luis

101

102

Cumprimento cordeal e affectuosa_
mente o *Excelentissimo* Amigo.
Vejo, pelas noticias dos jornaes,
que o movimento politico vai
se operando sem grandes emba_
raços para a administra_
ção, que vai attingindo o a<c>caso

¹⁰⁰ Anotações de WL em lápis azul: “Guarda-mór, sogro do | *Doutor* Manoel Hypolito | São Sebastião.”

¹⁰¹ Anotações de WL em lápis vermelho: “Leopoldo Fiscal d. C. teleg. a | Ubatuba e Paraty.”

¹⁰² Posição aproximada do carimbo. Na periferia da marca, na parte superior, lê-se “GABINETE DO PRESIDENTE” e na inferior “ESTADO DE S. PAULO”. No centro, parcialmente apagada está a inscrição “RESPONDIDO”, e acima dela provavelmente estaria a data de recebimento da correspondência, mas este registro está ilegível.

com brilhos de aurora.
 Constando-me que foram creados
oito lugares de fiscaes de contas
 assignadas, tomo a liberdade de
 pedir-lhe a finesa de indicar, para
 exercer um desses cargos, o professor
 José Prestes de Albuquerque¹⁰³,
 que devido a bondade do *Excelentissimo* Amigo
 [p.2] Amigo, é actualmente inspector
 escolar nesta Capital, cargo
 que deixará si for nomeado
 fiscal federal.

Não me parecendo bem fazer
 pedidos desta ordem a outra
 pessoa é que tomo a liberdade
 de de¹⁰⁴ incommodar o presado Amigo.

Aguarda as suas ordens
 quem é com velha estima
 e alto apreço Amigo extre_
 mamente grato e cordialmen_
 te reconhecido

CARTA 9

Estado/Cidade: BA/ Feira de Santana

Tipo de Texto: Carta de Redator

Título do Jornal: Folha do Norte

Data/Edição: Feira de Santana, 25 de Dezembro de 1909, p.01

Fonte/Cota: Biblioteca do Museu Casa do Sertão/UEFS

E' mentira | A “Folha do Norte” em | tempo algum disse, pelas | suas
 columnas, que o “*ma-|tadouro* desta cidade *é fru-|cto da transacta adminis-
 |tração*, conforme affirma | capciosamente a [...]ciosa¹⁰⁵ | gazetilha “O
 Municipio” de | 18 do corrente.|| O publico que procure ler | o artigo
 “Matadouro, Cepo | e Machado”, publicado no | numero 13 da “Folha do
 Norte”, de 11 do fluente, | que ha de encontrar o se-|guinte periodo, quando se
 re-|fere ao matadouro: “*Predio | innegavelmente de valor, de | optima
 topographia e boa | edificação* FRUCTO DE | TRANSACTA ADMINIS-
 |TRAÇÃO, etc.|| Quando se diz DE | TRAN-|SACTA
 ADMINISTR<A>ÇÃO | — quer se dizer de | adminis-|trações passadas,
 sem que | se especialise ou se determi-|ne qual das passadas admi-|nistrações,
 que nos legou | esse predio de valor, de | optima topographia e boa |
 edificação.|| Ainda assim, os taes srs. | d’ “O Municipio”, dizem que | sabem
 portuguez, quando | nem ao menos conhecem a | grammatica.|| Ora, srs.
 beocios procu-|rem um outro meio de con-|testar; não mintão, porque a |
 mentira alem de condemna-|vel é horripilante. |

¹⁰³ Provável referência a seu filho. Fonte: <https://julioprestes.wordpress.com/descendentes-do-coronel-prestes-e-de-julio-prestes-2/>. Acessos em 2014 e 2015.

¹⁰⁴ O missivista repete a preposição “de”.

¹⁰⁵ Mancha.

CARTA 10

Estado/Cidade: BA/ Feira de Santana

Tipo de Texto: Carta de Leitor

Título do Jornal: Folha do Norte

Data/Edição: Feira de Santana, 31 de Maio de 1930, p.04

Fonte/Cota: Biblioteca do Museu Casa do Sertão/UEFS

Agradecimento | Cumpri-me o grande dever | de vir pela imprensa agradecer | ao humanitario clinico, Exmo. | Sr. Dr. João Campos de Oli- | veira, meu medico em Tan- | quinho, os cuidados e desvel- | los a mim despensados sob a | sua orientação medica, sendo | incansavel em procurar com- | bater o mal de que fui ata- | cado. || Graças a Deus e á sciencia | desse medico acho-me fora de | perigo, apresentando a este, a | minha perenne gratidão. || *Eradilho Moreira de Freitas.* || Tanquinho, 31 de Maio de | 1930. | 2777—1—1

Século XX – cartas do período 1945 -1980 (2ª geração) 10 cartas

Carta 1

Estado/Cidade: BA/Feira de Santana

Tipo de texto: Carta de Redator

Título do jornal: Folha do Norte,

Data/Edição: Feira de Santana, 13 de janeiro de 1951, p.01

Fonte/Cota: Biblioteca do Museu Casa do Sertão

Revista do Globo | Agradecemos a oferta que | nos foi feita de dois exempla | res da <<Revista do Globo>>, pelo | sr. A. Gonçalves de Souza, es- | tabelecido nesta cidade, com es- | critorio de representação, á rua | Sales Barbosa, 26, 1.º s. 3, re- | presentante exclusivo, nesta ur- | be, da Revista do Globo, Mis- | terio Maganize, Tricots de Pa- | ris e Moda de Paris. || A <<Revista do Globo>>, quin- | zenário ilustrado, é uma grande | revista e está colocada entre | as grandes publicações do ge- | nero no país. |

Carta 2

Estado/Cidade: BA/Feira de Santana

Tipo de texto: Carta de Leitor

Título do jornal: Folha do Norte,

Data/Edição: Feira de Santana, 17 de fevereiro de 1951, p.04

Fonte/Cota: Biblioteca do Museu Casa do Sertão

Declaração | Era desejo meu que tivesse | apuração regular o rumoroso | caso do <<bilhete perdido>> afim | de que ficasse patenteada a | verdade. O **Sr.** Olival Cardoso de | Oliveira, porem, abandonou e | desistiu de prosseguir na queixa | crime que apresentou. Ha de | ter compreendido, certamente, | de que havia engano na infor- | mação que lhe foi prestada, | diante da série de contradições | dos autores do caso e da ajuda | mais que suspeita de pessoas | acostumadas a pegar em qual- | quer instrumento de trabalho. | Mas, se o engano é natural, de- | vo confessar que nobre é o pro- | cedimento daquele que reconhe- | ce, em tempo, o seu erro. || Quero, nesta oportunidade, | agradecer a todos os que es- | pontaneamente me prestaram a | sua solidariedade e manifesta- | ram repulsa á sórdia acusação | de que fui vitima, estendendo o | meu agradecimento ás dezenas | de¹⁰⁶ pessoas, das mais destaca | das¹⁰⁷ da sociedade desta grande | Cidade¹⁰⁸, que se prontificaram a | esclarecer a verdade, e ás que | se¹⁰⁹ recusaram a depor em falso, | vencendo estas a influência dos | pedidos e a tentação das pro- | messas. || Feira de Santana, 14 de Fe- | vereiro de 1951. || *Antonio Bispo dos Santos* | (Firma reconhecida no Tabe- | lionato Boaventura). | N. 1011-1-1-P.

3

Carta 3

Estado/Cidade: BA/Feira de Santana

Tipo de texto: Carta de Leitor

Título do jornal: Folha do Norte

Data/Edição: Feira de Santana, 30 de junho de 1951, p.04

Fonte/Cota: Biblioteca do Museu Casa do Sertão

Carta á redação | **Sr.** Redator || Peço a **v.s.** publicar estes | versinhos da minha lavra, que | os fiz para me distrair. Estou | sendo limpado pelo jogo do bi- | cho. Não sei escrever a maqui- | na, mas pedi a um amigo que | me fez o favor. || Depois da publicação apare- | cerei aí para agradecer a pu- | blicação e conte com a minha | simpatia e dos meus colegas | de trabalho. || *Morra o Jogo do Bicho!* | *Viva a Feira.* || 25 de junho de 1951. | *João Rosas da Silva* | *Oficial de Pedreiro* || N.R. – Para a publicação dos | versos é necessario que o seu | autor venha á nossa redação. |

Carta 4

Estado/Cidade: BA/Feira de Santana

Tipo de texto: Carta de Leitor

Título do jornal: Folha do Norte

Data/Edição: Feira de Santana, 27 de outubro de 1951, p.04

Fonte/Cota: Biblioteca do Museu Casa do Sertão

CARTA ABERTA | **Ilmo. Snr. Dr.** | *Mario Borges de Souza* | **NESTA.** | **Ilustrissimo Senhor** || Li na <FOLHA DO NORTE> n. 2.206, edição de 20 deste, | o telegrama que em nome dos trabalhistas e trabalhadores Fei- | renses, foi transmitido ao **Exmo. Snr. Dr.** Governador do

¹⁰⁶ Parcialmente apagado.

¹⁰⁷ Parcialmente apagado.

¹⁰⁸ Parcialmente apagado.

¹⁰⁹ Parcialmente apagado.

Esta-|do, protestando contra a exoneração do Dr. Lourival Pimenta| Bastos, do cargo de Diretor da Escola Normal e Ginasio Esta-|dual, desta, e com tristesa deparei-me com o seu nome assina-|do em primeiro lugar como autor intelectual e responsavel pelo| mesmo.|| Digo com tristeza porque sempre o tive em conta de um| mção educado, culto e in-subserviente.|| Lamento ainda que o educadissimo **Dr. Mario Borges de| Souza**, cultissimo como é, uzasse de termos tão deselegantes,| para afirmar no seu capcioso arengado, que a exoneração do| **Dr. Lourival Pimenta Bastos** do cargo acima referido, fôsse mo-|tivada por <uma mesquinha vingança politico-pessoal>, - aliás| uma bonita frase, - quando em verdade tal não aconteceu.|| Houvesse **V. Sa.**, antes do seu irrefletido servilismo, pro-|curado informar-se melhor dos¹¹⁰ fatos que precederam a exone-|ração em apreço- do que estou certo não ignorar, de vez que é| sinatario em varios telegramas referentes ao caso - teria certa-|mente inteirado-se dos motivos, bastantes, para a medida ado-|tada pelo **Exmo. Snr. Dr.** Secretario da Educação, independente-|mente do pedido que lhe fôra dirigido pelo demissionario.||

De posse dos documentos a que me refiro e ainda infor-|mado do movimento hostile, tramado contra a sua pessôa e do| **Exmo. Snr. Governador** do Estado, publicado no <ESTADO DA BAHIA> de 18/10, por despacho telefonico do seu corresponden-|te aqui, **S. Sa.** somente o demitio quando a pedido.|| Como pois **V. Sa.** afirmar ser o áto do **Exmo. Snr. Dr. Se-|cretario da Educação** uma baixa e mesquinha vingança politico-|pessoal?|| Foi ou não o **Dr. Lourival Pimenta Bastos** quem solicitou,| por escrito, a sua exoneração?|| Se verdadeiras as minhas ponderações, em torno do caso,| somente uma cousa se deprende da sua indelicadeza, da sua| deseducação, da sua falta de cultura, atacando, injustamente, os| brios de um cidadão honesto, educado e culto como seja, sem| favor, o atual Secretario da Educação, **Dr. Dorival Passos**, ates-|tando, assim, de publico, a quanto pode atingir a sua levianda-|de, a sua subserviencia, do que tanto me compadeço.|| Eis aí, pois, **Snr. Dr. Mario Borges de Souza**, as explicações| que me cabe dar em tôrno do rumoroso caso da exoneração do| **Dr. Dourival Pimenta Bastos** e a devolução que lhe faço, direta-|mente, dos insultos dirigidos á pessôa do **Dr. Dorival Passos**, de| quem muito me preso de ser amigo e parente.|| Prometendo voltar, se preciso, assino-me cordialmente,| *Aurelino Passos*|| Feira de Santana, 26/10/51| N. 2353 – 1 – 1|

Carta 5

Estado/Cidade: BA/Feira de Santana

Tipo de texto: Carta de Leitor

Título do jornal: Folha do Norte

Data/Edição: Feira de Santana, 10 de janeiro de 1953, p.04

Fonte/Cota: Biblioteca do Museu Casa do Sertão

Em defesa dos traba-|lhadores do D.N.E.R. O vereador Trabalhista Clau-|demiro Camp<os> Suzart diri-|g<i>u ao Presidente Vargas, o| seguinte telegrama:| **Exmo. Sr. Dr. Getulio Vargas| DD. Presidente da Republica| Rio|| Trabalhadores vg | Departa-|mento Nacional Estrada Roda-|gem sediado nesta municipio| Feira vg indecizos sobre Abono| de Emergencia vg que não | re-|ceberam até presente data vg| veem meu intermedio solicitar| Vossencia se digne informar| se foram tambem beneficiados| vg pois vg confiam vosso bene-|mérito espírito de amparo soci-|al pt Fraternalmente vg aguar-|darei vossas ordens pt *Claude-|miro Campos Suzart* vg Vere-|dor Petebista pt|| N. 2872 – 1-1-P. |**

¹¹⁰ Parcialmente apagado.

Carta 6

Estado/Cidade: BA/Feira de Santana

Tipo de texto: Carta de Leitor

Título do Jornal: Folha do Norte

Data/Edição: Feira de Santana, 05 de abril de 1958, p.04

Fonte/Cota: Biblioteca do Museu Casa do Sertão

ELEITOR: Quando **você** escolhe alguma coisa para si, tenho certeza, escolhe sempre o melhor. Se você vai adquirir um objeto qualquer para seu uso, tenho certeza, dentro das suas possibilidades, você escolherá uma marca que você conheça, uma marca que por si mesma se recomende, que desde o seu nascimento venha provando bem, enfim, uma marca boa que faça jus ao dinheiro que você gasta para adquiri-la. Quando você procura um médico, a sua escolha não recae sobre um médico que receba com sorrisos e que se-lja todo amabilidades, tenho certeza, de que quando você o procura, escolhe aquele que você acha melhor, mais capaz, aquele tendo prestado serviços á coletividade, possa merecer a sua confiança. Quando você necessita dos serviços de um advoga-do, sua escolha¹¹¹ recae no profissional que possa resolver o seu problema, você não escolhe um advogado que seja to-do sorrisos, embora incapaz e desonesto. Assim como o objeto para seu uso, o médico, o ad-vogado que você, baseado em informações, escolhe o me-lhor, porque você não não aplica este mesmo raciocinio na escolha do homem que vai dirigir os destinos de sua terra?

Porque você não abandona essa idéia de que homem ideal para governar sua cidade, seja o homem sorriso? Se-lja o homem que vive a engana-lo com promessas irrealiza-veis? Porque você não abandona a idéia de que o homem ideal seja aquele que, estando no governo, tira do povo para dar a você, quando ele tem obrigação de dar é ao povo, porque dando ao povo, ele dá a você que é o povo? Porque você não abandona a idéia de que o homem ideal seja aquele que, no govêrno, tendo obrigação de realizar alguma coisa com o dinheiro que o povo paga e realizando, ainda gasta o dinheiro do povo em festas para dizer que fez, visando sua propagan-da pessoal, quando ele devia esperar o nosso ap<l>auso? Porque? Se ele foi para este ou aquêle cargo para traba-lhar e não para aproveitar-se do cargo para distribuir fa-vores a determinadas pessoas visando o seu benefício pes-soal?

O homem ideal, **eleitor**, não é esse. O homem ideal é aquele que trabalha ou trabalhou pela sua terra, pelo seu povo, dando-lhes alguma coisa, visando unicamente o bene-fício da coletividade. É aquele que realiza, trabalha e es-pera que o povo dê o seu aplauso e não aquele que, mes-mo realizando alguma coisa, gasta o nosso dinheiro com fanfarras para vangloriar-se daquilo que ele tinha por obri-gação fazer. Tenha medo desse homem. Esse é como aquele que quando tomou cem cruzeiros emprestados não disse a nin-guem, porem, no dia em que pagou disse aos quatro can-tos – Paguei cem cruzeiros. Ora, eleitor, este homem não fez mais do que cumprir a sua obrigação. Tenha medo desse homem. Tenha medo porque se ele fez tanta propaganda quando pagou cem cruzeiros, tal-vez queira, com a propaganda, conquistar nossa confiança, para tomar mil cruzeiros e não pagar. Eleitor! Votar

¹¹¹ Parcialmente apagado.

significa escolher e quando você es-|colher prefira o homem que trabalha em benefício da cole-|tividade.|| V.M.|

Carta 7

Estado/Cidade: BA/Feira de Santana

Tipo de texto: Carta de Leitor

Título do Jornal: Folha do Norte

Data/Edição: Feira de Santana, 03 de maio de 1960, p.04

Fonte/Cota: Biblioteca do Museu Casa do Sertão

Difamadores, Fuxiqueiros e Mentirosos A respeito de uma publicação no Diário de No-|tícias do dia 24 de abril a respeito de uma certa **senho-|rita** Ana Lúcia Rocha, digo o seguinte: que esta môça| não é minha filha como dizem e não a conheço. Pessoas| inescrupulosas de baixo padrão social difamadoras da| vida alheia, inclusive um certo Salão de Beleza cheio de| desocupadas, e malandros de gravatas desocupados, que| ficam em esquinas e pontos de carros de praça, esque-|cendo seus antecedentes, andam difamando minha filha| que todos a conhece bem de perto e sabem que o nome| não é o publicado, sabem muito bem que a mesma não| pratica certos atos dessa natureza, portanto peço aos| linguarudos que preste bem a atenção nos seus fami-|liares que talvez pratique atos dessa natureza, e não| minha filha que é pessoa honesta como todo povo desta| terra bem conhece. Caso seja necessário tenho a foto-|grafia da referida **senhorita** e Volks á qual foi hóspede| de pessoas de destaque nesta cidade na Micareta para| publicá-la se possível.||

Justifique primeiro para não caluniar uma pessoa| idônea, se soubesse de onde partiu chamaria a respon-|sabilidade para ver de perto a cara dêsse ou dessa ca-|nalha e processá-los como crime de injúria, onde só| partiria de uma língua pôdre ou um cretino sem escri-|pulo. A polícia conhece perfeitamente a **senhorita** que| praticou o ato e foi detida.|| (Ass.) *Dílon Rocha* – Av. Sete, 388 – Fone 2 – 1711.|| (Firma reconhecida pelo Tabelião Antônio Manoel| de Araújo).|| N. 5902-1-1|

Carta 8

Estado/Cidade: BA/Feira de Santana

Tipo de texto: Carta de Leitor

Título do Jornal: Folha do Norte

Data/Edição: Feira de Santana, 28 de maio de 1960, p.04

Fonte/Cota: Biblioteca do Museu Casa do Sertão

Agradecimento *Continuação da 1ª Página* Cartas:|| Feira de Santana, 26 de maio| de 1960.|| **Exmo. e prezado Amigo Cel.** Servílio Carneiro.|| Meus saudaes.|| Ausente, não pude levar-|he,| em pessoa, as minha felicita-|ções por motivo do seu feliz| natalicio, ocorrido em data de| 24 do corrente mês.|| Pelo que, suprimo, agora, a| falta de todo involuntária, ve-|nho expressar-lhe os meus mais| sinceros votos de felicidades e| de longa existência, com o que| me associo a todos aqueles que| vêm no Exmo. Amigo um dos| homens mais dignos desta

ter-|ra, merecedor, portanto, das| bênçãos divinas.|| Com minhas homenagens à| Exma. Família, subscrevo-me| mui sinceramente,| amigo e constante admirador.|| *Cel. Alfredo Coelho de Souza*| (Rua Barão de Cotegipe, n.877)|

Carta 9

Estado/Cidade: BA/Feira de Santana

Tipo de texto: Carta de Leitor

Título do Jornal: Folha do Norte

Data/Edição: Feira de Santana, 01 de setembro de 1973, p.01

Fonte/Cota: Biblioteca do Museu Casa do Sertão

Família Falcão Agradece| Recebemos a seguinte carta do **sr. José da Costa| Falcão:**|| <Feira de Santana, 29 de agosto de 1973.|| À <Fôlha do Norte> - Nesta.|| **Prezados Senhores:**|| Em meu nome e de tôda a família Falcão, apre-|sento a êsse conceituado jornal e ao seu colunista, Luiz Rogério Nogueira, os nossos sinceros| agradecimentos, pelo destaque na secção <Vultos No-|táveis de Feira>, edição do dia 11 de agosto, do nosso| inesquecível e saudoso chefe João Marinho Falcão.|| Aproveito a oportunidade, para apresentar a êsse| jornal os nossos votos de pleno êxito na sua brilhante| trajetoria, ao tempo em que subscrevo-me, mui| atenciosamente,| JOSÉ DA COSTA FALCÃO. |

Carta 10

Estado/Cidade: BA/Feira de Santana

Tipo de texto: Carta de Leitor

Título do Jornal: Folha do Norte

Data/Edição: Feira de Santana, 13 de outubro de 1973, p.06

Fonte/Cota: Biblioteca do Museu Casa do Sertão

União dos Vereado-|res do Brasil| Recebemos, do **Sr. Ewerton Valadares, Presi-|dente do Conselho de Representantes do Estado| da Bahia da União dos Vereadores do Brasil, carta| em que nos comunica a inauguração daquele órgão,| que funciona em Salvador, na Rua Chile nº 29,| sala 202.|| Na carta são arroladas as seguintes finali-|dades da União dos Vereadores do Brasil: || Congraçamento de todos os Vereadores às| Câmaras do país, visando, principalmente, a desen-|volver o espirito associativo entre as represen-|tações populares que militam nas Câmaras; reali-|zar, permanentemente, estudos dos problemas so-|ciais e econômicos das comunas brasileiras; es-|quematizar programas contendo soluções com pro-|jeção local, regional ou nacional; trocar infor-|mações sobre experiências administrativas e le-|gislativas, recomendar a execução de medidas de| ordem geral, visando ao aprimoramento das normas| democráticas; defender, de maneira afetiva, através| de todos os meios disponiveis, a manutenção do| regime representativo e do sistema federativo; di-|fundir e incentivar o espirito municipalista, visando| a revitalização das comunas brasileiras; defender| as reivindicações dos municípios brasileiros, face| a distribuição das rendas nacionais; o restabeleci-|mento da remuneração para os Vereadores de| todo o Brasil e realização anual de**

Congressos| nas capitais dos Estados.|| A U.V.B, tem responsabilidade jurídica e os| seus
sócios não respondem individualmente, nem| subsidiariamente, pelas responsabilidades que
assu-|mir.|